

APARECIDA MAZÃO
JULIANA ESPERANÇA FERRINI

MANUAL DO
PROFESSOR

**CIÊNCIAS
HUMANAS**
E SOCIAIS APLICADAS

PROJETO

NA ESCOLA
E NA COMUNIDADE

PROJETOS INTEGRADORES

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

CÓDIGO DA COLEÇÃO
0089P21508
PNLD 2021 - Objeto 1
Material de divulgação
Versão submetida à avaliação

VOLUME ÚNICO
ENSINO MÉDIO
Área do Conhecimento:
CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS

FTD

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

MANUAL DO
PROFESSOR

Projeto Integrador

NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

PROJETOS INTEGRADORES



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

VOLUME ÚNICO
ENSINO MÉDIO

Área do Conhecimento:
CIÊNCIAS HUMANAS
E SOCIAIS APLICADAS

FTD

1ª edição
São Paulo – 2020

APARECIDA MAZÃO

Especialista em Arte na Educação
pela Universidade de São Paulo (USP).

Licenciada em Geografia pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC-SP).

Professora da rede particular de ensino de São Paulo.

JULIANA ESPERANÇA FERRINI

Mestre em Ensino de História pela Universidade
Federal de São Paulo (Unifesp).

Pós-graduada em Fundamentos da Cultura
e das Artes pela Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

Licenciada em História pela Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

Professora das redes pública e particular de ensino
de São Paulo.

Direção-geral Ricardo Tavares de Oliveira**Direção editorial adjunta** Luiz Tonolli**Gerência editorial** Flávia Renata Pereira de Almeida Fugita**Edição** João Carlos Ribeiro Junior (coordenação)

Carlos Zanchetta, Carolina Bussolaro Marciano, Luis Gustavo Reis,

Maiza Garcia Barrientos Agunzi, Renata Paiva Cesar,

Rosane Cristina Thahira, Tatiana Gregório

Preparação/Revisão Lilian Semenichin (coordenação)

Daniela Pinheiro, Evelize Bernardes, Felipe Bio, Rita Lopes,

Veridiana Maenaka

Gerência de produção e arte Ricardo Borges**Coordenação de criação** Daniela Máximo**Projeto gráfico** Sergio Cândido**Imagem de capa** Lukas Gojda/Shutterstock.com, stockphoto-graf/

Shutterstock.com

Supervisão de produção e arte Vinicius Fernandes**Edição de arte** Alexandre Tallarico, Juliana Signal,

Marcelo Saccomann (assist.)

Diagramação Ilê comunicação**Coordenação de imagens e textos** Elaine Bueno**Licenciamento de textos** Bárbara Clara, Érica Brambila**Iconografia** Alessandra Pereira, Priscilla Liberato Narciso**Ilustrações** Adilson Secco, André Vazzios, Carlos Caminha, Fabio

Eugenio, Hector Gomez, Rafael Sica, Ricardo Sasakiw, Rogério Borges

Cartografia Allmaps**Tratamento de imagens** Ana Isabela Pithan Maraschin**Supervisão de arquivos** Sílvia Regina E. Almeida**Coordenação de eficiência e analytics** Marcelo Henrique Ferreira Fontes**Direção de operações e produção gráfica** Reginaldo Soares Damasceno**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mazão, Aparecida

+Ação-na escola e na comunidade : projetos

integradores : área do conhecimento : ciências

humanas e sociais aplicadas : volume único :

ensino médio / Aparecida Mazão, Juliana Esperança

Ferrini. – 1. ed. – São Paulo : FTD, 2020.

ISBN 978-85-96-02758-8 (aluno)

ISBN 978-85-96-02759-5 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências

sociais (Ensino médio) I. Ferrini, Juliana Esperança.

II. Título.

20-33667

CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio

373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida: Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610
de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados à**EDITORA FTD.**

Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. 0800 772 2300

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

www.ftd.com.br

central.relacionamento@ftd.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas
deste livro foram produzidas com fibras
obtidas de árvores de florestas plantadas,
com origem certificada.

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD

CNPJ 61.186.490/0016-33

Avenida Antonio Bardella, 300

Guarulhos-SP – CEP 07220-020

Tel. (11) 3545-8600 e Fax (11) 2412-5375



APRESENTAÇÃO

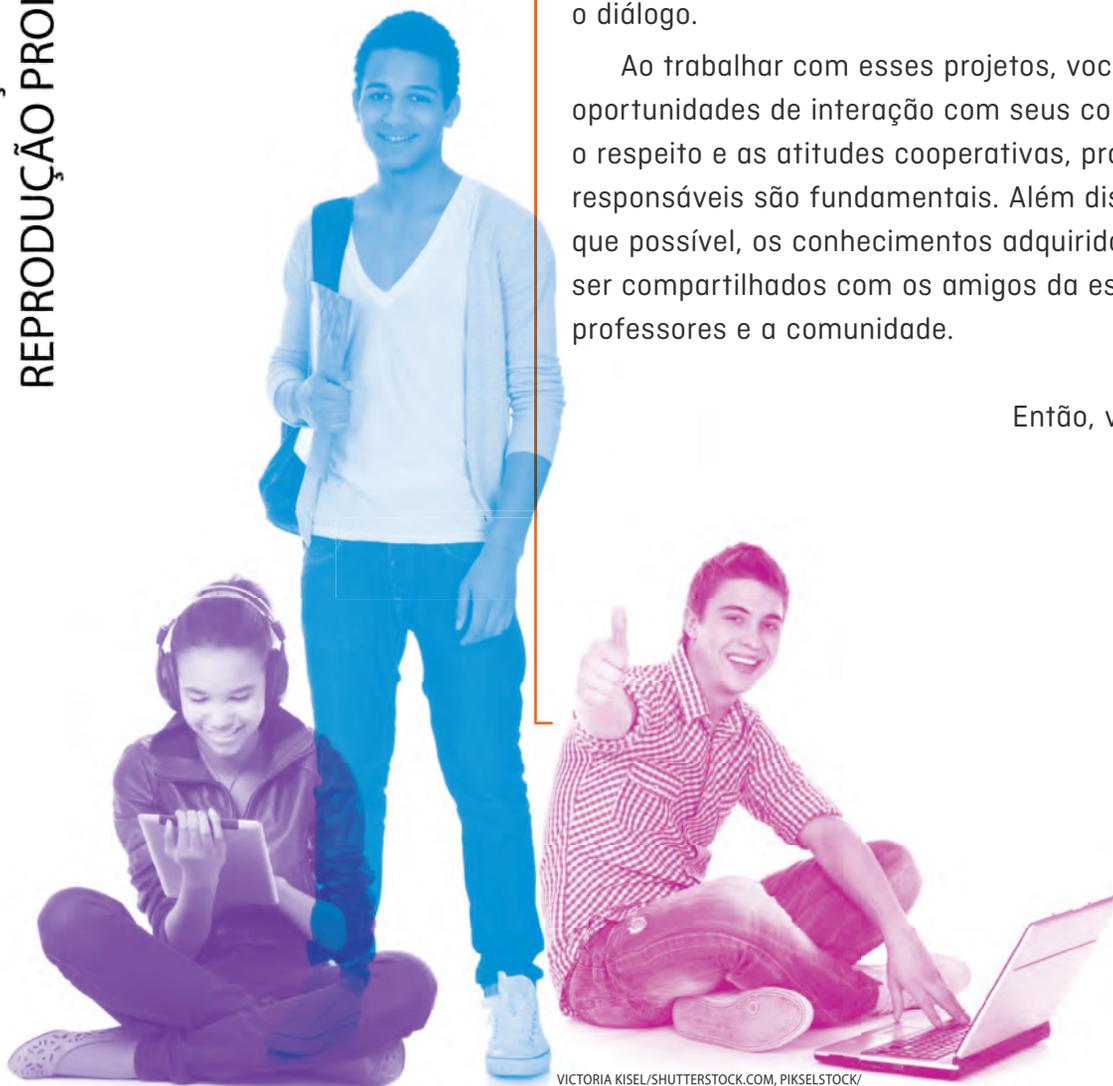
Caro estudante,

Os Projetos Integradores deste livro permitem a mobilização e a articulação de conhecimentos dos quatro componentes curriculares da área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, que são a **História**, a **Geografia**, a **Sociologia** e a **Filosofia**.

Nesta obra convidamos você a trilhar percursos de aprendizagens. Para isso, sugerimos experiências investigativas que envolvem a observação, a coleta e seleção de informações e a reflexão, que são caminhos pelos quais você poderá explorar temas relevantes com criatividade e autonomia, além de exercitar a empatia e o diálogo.

Ao trabalhar com esses projetos, você terá diversas oportunidades de interação com seus colegas, nas quais o respeito e as atitudes cooperativas, propositivas e responsáveis são fundamentais. Além disso, sempre que possível, os conhecimentos adquiridos devem ser compartilhados com os amigos da escola, os professores e a comunidade.

Então, vamos começar?



Nesta obra da área de **CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS**, você encontrará seis Projetos Integradores. Nos títulos de cada um deles, há a indicação da temática e um questionamento que orientam todo o desenvolvimento dos trabalhos.

Espera-se que você e seus colegas, ao final de cada projeto, elaborem um produto final que tenha relação com o tema sugerido. Nesses seis percursos, vocês serão encorajados a trabalhar em grupo e a realizar uma série de atividades, inclusive de caráter investigativo.

Considerando que o questionamento tem origem em situações reais que podem contribuir para o desenvolvimento de todos, é importante compartilhar o produto final com a comunidade escolar (estudantes, professores, funcionários da escola, pais e responsáveis, entre outros) ou com a comunidade externa à escola.

O trabalho com Projetos Integradores possibilita a mobilização de competências gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e de competências específicas e habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.



Cada Projeto Integrador da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas atende a um dos seguintes temas integradores:

- **STEAM** (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática): favorece práticas e investigações interdisciplinares fundamentadas no pensamento científico e que estimulam a criatividade, a inventividade e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para resolver problemas reais.
- **PROTAGONISMO JUVENIL**: promove estudos que tratam das culturas juvenis e possibilitam a elaboração de manifestações culturais e artísticas que habilitam a uma participação ativa em perspectiva cidadã.
- **MIDIAEDUCAÇÃO**: estimula ações investigativas que oferecem a oportunidade de conhecer informações sobre as diversas mídias contemporâneas. Além disso, os projetos propiciam a oportunidade de exercitar a imaginação e a criatividade produzindo mídias.
- **MEDIAÇÃO DE CONFLITOS**: provoca experiências que proporcionam a reflexão e a ação individual e coletiva na busca da conciliação dos conflitos inerentes à vida em sociedade.

Dessa forma, os Projetos Integradores auxiliarão em sua formação cidadã, incentivando o desenvolvimento de habilidades necessários para a convivência em sociedade no século XXI, como a criatividade, a autonomia, a responsabilidade, o pensamento crítico e a colaboração, de forma a permitir que você se torne protagonista do seu aprendizado.

Vamos conhecer como seu livro está organizado?

Os projetos desta obra se iniciam com uma **ABERTURA** e a **VISÃO GERAL DO PROJETO**. Em seguida, eles se organizam em três etapas:

ETAPA
1
VAMOS COMEÇAR

ETAPA
2
SABER E FAZER

ETAPA
3
PARA FINALIZAR

CONHEÇA SEU LIVRO

Abertura

Nestas páginas, você encontrará o tema, a pergunta-chave e uma apresentação do projeto, destacando a sua relevância.

Visão geral do projeto

Nestas páginas são apresentadas informações gerais sobre o projeto: título, tema integrador, objetivo, justificativa, competências gerais, específicas e habilidades da BNCC que serão mobilizadas durante as investigações, além da indicação de materiais sugeridos para a elaboração das propostas desenvolvidas. Consta também um resumo do que será produzido em cada uma das três etapas de desenvolvimento dos Projetos Integradores.

INÍCIO

Atividades

Ao longo dos projetos, você encontrará propostas de atividades individuais e coletivas que trabalham e ampliam os conteúdos abordados.

Ícone das atividades em grupo:  EM GRUPO

Organizando os trabalhos

Orientações e dicas para a realização dos trabalhos nas próximas etapas.

ETAPA 1

VAMOS COMEÇAR

Esta etapa busca sensibilizar e apresentar o tema e a proposta da investigação que será desenvolvida no projeto.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA





ETAPA 2 SABER E FAZER

Nesta etapa diferentes informações relacionadas à temática e ao questionamento propostos no projeto são apresentadas. O conhecimento adquirido ao longo do desenvolvimento desta etapa será essencial para a elaboração do produto final.

Produto final

Neste momento são apresentadas as orientações necessárias para a elaboração do produto final.



Autoavaliação

Sugerimos, neste momento, dois quadros para autoavaliação: o primeiro possibilita avaliar as atitudes e posturas; o segundo, avaliar as ações desenvolvidas durante todo o processo de investigação proposto no Projeto Integrador.



ETAPA 3 PARA FINALIZAR

Esta etapa é composta por dois momentos distintos: Produto final e Autoavaliação.



SUMÁRIO

PROJETO

1

Sustentabilidade: que ações contribuem?

STEAM

Visão geral do projeto	12	População mundial e concentração urbana	24
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	14	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	36
Engajamento: jovens e ações sustentáveis	14	Elaboração: proposta de ação sustentável e mostra de projetos	36
Exploração: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável	16	Sustentabilidade: que ações contribuem?	38
Sustentabilidade: que ações contribuem?	18	Autoavaliação	40
> ETAPA 2. SABER E FAZER	20		
Sustentabilidade: ideias e iniciativas	20		

PROJETO

2

Escravidão: somos livres?

PROTAGONISMO JUVENIL

Visão geral do projeto	44	Trabalho análogo ao escravo	64
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	46	Cordel da princesa guerreira	66
Escravidar: da Antiguidade aos nossos dias	48	Memória: resistência e luta pela dignidade	68
Investigação: escravidão e trabalho análogo	50	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	70
> ETAPA 2. SABER E FAZER	52	Sarau: somos livres?	70
Escravidão: crime na história da humanidade	52	A organização do sarau	71
Trabalho, escravidão e liberdade	60	Autoavaliação	72

PROJETO

3

Refugiados: como vivem no Brasil?

MÍDIA EDUCAÇÃO

Visão geral do projeto	76	Pesquisa: refugiados no Brasil	94
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	78	Quem acolhe e ampara os refugiados?	96
Olhares sobre os refugiados	78	Uma vida melhor no Brasil?	98
Uma dinâmica mundial	80	Relatos do refúgio	100
Painel: Refugiados: como vivem no Brasil?	82	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	102
> ETAPA 2. SABER E FAZER	84	Produção de painel	102
Fragilidade política e social	84	Planejamento do painel	102
Migrações, refúgio e apatridia	86	Organização e produção do painel	103
Migração: direito humano	88	Autoavaliação	104
Breve história do refúgio	92		

PROJETO
4

Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Visão geral do projeto	108	Jovem: educação e mercado de trabalho.....	120
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	110	Jovens: lazer.....	124
Nossos direitos: por que precisamos conhecer?.....	110	Jovens que lutam pelos seus direitos.....	126
Ser jovem é.....	112	Estatuto da Juventude.....	128
Investigando o Estatuto da Juventude.....	115	Seminário: Estatuto da Juventude.....	130
> ETAPA 2. SABER E FAZER	116	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	132
Linha do tempo: direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens.....	116	Roda de conversa: direitos da juventude.....	132
População jovem no Brasil.....	118	Sujeitos de direitos.....	135
		Autoavaliação.....	136

PROJETO
5

Rádio: como envolver a comunidade?

MÍDIA EDUCAÇÃO

Visão geral do projeto	140	O rádio e o futebol.....	154
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	142	Rádio: a internet e as plataformas.....	156
Web rádios e a participação de ouvintes.....	142	Educomunicação.....	158
Rádio: quem foi o inventor?.....	144	Educomunicação: expressão para a comunidade..	160
O rádio: a investigação.....	146	As rádios comunitárias.....	161
Organizar uma programação para a comunidade escolar.....	148	Rádios: experiências bem-sucedidas.....	164
> ETAPA 2. SABER E FAZER	150	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	166
Rádio: quem são os ouvintes?.....	150	Programa de rádio: como envolver a comunidade?....	166
		Autoavaliação.....	168

PROJETO
6

Povos e comunidades tradicionais: quem são?

PROTAGONISMO JUVENIL

Visão geral do projeto	172	Direitos dos povos e das comunidades tradicionais.....	186
> ETAPA 1. VAMOS COMEÇAR	174	Os jovens dos povos e das comunidades tradicionais.....	194
Representando os povos tradicionais.....	174	Desenhando o mapa do Brasil.....	196
Território: vida.....	176	> ETAPA 3. PARA FINALIZAR	198
Povos tradicionais: vamos localizar?.....	178	Mapa pictórico: povos e comunidades tradicionais..	198
Mapeando a pluralidade.....	181	Mapa pictórico: como elaborar.....	198
> ETAPA 2. SABER E FAZER	182	Avaliação.....	199
Povos e comunidades tradicionais.....	182	Autoavaliação.....	200
Os povos tradicionais e seus territórios.....	184		

> COMPETÊNCIAS E HABILIDADES CIDADAS NESTA OBRA	202
---	-----

> REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS	204
---	-----



Ilustração representando a integração entre diferentes seres da Terra.

> PROJETO

Sustentabilidade: que ações contribuem?

Educar para outro mundo possível é educar para viver em rede, para uma relação sustentável com todos os seres da Terra, sejam eles humanos ou não. É educar para viver com harmonia no planeta, ampliando nossa compreensão da Terra e do Universo. É, enfim, educar para o compromisso com a responsabilidade sustentável, que pressupõe um novo paradigma, um paradigma sistêmico.

No projeto **Sustentabilidade: que ações contribuem?**, exploramos conceitos de sustentabilidade e evidenciamos propostas e práticas que contribuem para uma vida sustentável.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** SUSTENTABILIDADE: QUE AÇÕES CONTRIBUEM?

> **TEMA INTEGRADOR:** STEAM

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar as iniciativas sustentáveis que ocorrem na cidade ou na comunidade com o objetivo de refletir sobre princípios, valores e ações que contribuem para entender o conceito de sustentabilidade e para fomentar a corresponsabilidade na preservação dos recursos naturais.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

As iniciativas de sustentabilidade podem ser dirigidas a diferentes âmbitos – ambiental, social, econômico etc. –, tendo a cooperação como base para concretizar essas propostas. Um dos focos deste projeto é incentivar a reflexão sobre propostas para cidades ou comunidades que contribuam para aumentar a urbanização inclusiva e sustentável e a capacidade para o planejamento e a gestão participativa, integrada e sustentável dos assentamentos humanos. O projeto objetiva motivar uma proposta de ação sustentável que possa contribuir com os desafios locais e globais.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 1 2 5 7 e 10

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Elaborar proposta de ação sustentável para a cidade ou comunidade e selecionar a forma de apresentar o trabalho para responder à pergunta-chave **Sustentabilidade: que ações contribuem?**

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

ETAPA 1

Conhecer aspectos do tema **Sustentabilidade: que ações contribuem?** e como ele será desenvolvido. Identificar em um texto o desenvolvimento de um projeto concebido por uma jovem brasileira e investigar cientistas mulheres que desenvolveram projetos e ações sustentáveis. Analisar concepções e construir definições de desenvolvimento sustentável e produzir lista das ações sustentáveis.

> COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS103 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS106 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS301 (relacionada à competência específica 3)
- EM13CHS404 (relacionada à competência específica 4)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.

> MATERIAIS SUGERIDOS:

Etapa 1

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 3

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.
- Materiais relacionados à forma selecionada pelo grupo para apresentar o trabalho, que pode ser maquete ou croqui, pôsteres ou apresentações em *slides*.

ETAPA 2

Selecionar ideias e iniciativas sustentáveis para a elaboração da proposta de ação sustentável na sua cidade ou comunidade. Reconhecer a importância da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Compreender os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e identificar informações que se relacionam com a proposta sustentável que está sendo produzida pelo seu grupo de trabalho.

ETAPA 3

Elaborar proposta de ação sustentável para a cidade ou comunidade, refletir e conversar sobre os projetos apresentados pelos colegas e elaborar respostas para a pergunta-chave **Sustentabilidade: que ações contribuem?**

ETAPA

1

VAMOS COMEÇAR

Engajamento: jovens e ações sustentáveis

Leiam a reportagem a seguir sobre a primeira brasileira a ganhar o prêmio Jovens Campeões da Terra, da ONU. Vamos conhecer o projeto desenvolvido por ela?

Em 2013, a então estudante do ensino médio Anna Luisa Beserra viu um cartaz sobre uma premiação científica na escola onde estudava, em Salvador (BA), e decidiu participar. Era a 23ª edição do Prêmio Jovem Cientista, iniciativa de fomento à ciência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). “Eu me interessei e essa foi a minha grande oportunidade”, lembra Anna, hoje com 22 anos.

Aos 15, ela bolou um plano para resolver o problema da falta de água potável para a população da região rural do semiárido da Bahia. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), mais de 2 bilhões de pessoas sofrem com doenças por não ter acesso à água potável no mundo, sendo 10 milhões só no semiárido brasileiro. Mais de 1,4 milhão das famílias dessa região possuem cisterna (tecnologia usada mundialmente para armazenar água de chuva), porém a água não é própria para consumo.

Anna Luisa começou por onde qualquer garota da sua idade começaria: pesquisando no Google. “Acabei chegando no Sódís, metodologia muito usada em países da África”, explica em entrevista à [revista] **Tpm**. Com a técnica, a água da chuva armazenada pelas cisternas é transferida para garrafas PET. Após a exposição à radiação solar por um período que pode variar de 6 a 48 horas, a água da cisterna se torna potável.

“Essa metodologia é a mais simples possível, mas possui algumas limitações que impedem que ela seja mais difundida”, observa Anna. “A primeira é a capacidade: cada garrafa só comporta 2 litros. A segunda é o tempo, que é o principal obstáculo, porque não tem um indicador de quando a água estará pronta para consumo [...]”

[...]

No curso de Biotecnologia, ela [...] conheceu colegas de outras disciplinas que se juntaram ao projeto, solucionando os problemas levantados. As garrafas PET foram substituídas por um recipiente com capacidade para 10 litros. Além disso um *timer* foi desenvolvido para avisar quando a água está pronta para o consumo. “Conseguimos resolver esses problemas e mais os outros de forma que continuasse acessível. A instalação leva só 15 minutos”, orgulha-se. [...]

Foi aí que ela fundou a Safe Drink Water For All, empresa que “usa tecnologias hídricas para mudar vidas”, e começou a implantar o piloto do Aqualuz em algumas casas. A fase inicial do projeto levou o equipamento para 56 famílias em 5 estados: Bahia, Alagoas, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

“O impacto não vem quando a gente implementa o Aqualuz, ele vem quando a gente volta para a família e vê que ao longo do tempo elas continuaram [sic] usando o equipamento”, diz Anna. “Essa é a melhor parte. A gente já ouviu *feedbacks* de famílias em que os filhos ficavam doentes e não iam para a escola por causa da água contaminada, e isso não acontece mais. O maior retorno que a gente pode ter são essas notícias, saber que o Aqualuz está realmente salvando vidas”, continua.

Uma contagem no *site* da Safe Drink Water For All indica que até agora já foram 44 milhões de copos de água tratados pelo Aqualuz. Em setembro deste ano [2019], o projeto foi o vencedor para a América Latina e Caribe do Prêmio Jovens da Terra, da ONU, que reconhece projetos ambientais de empreendedores de 18 a 30 anos do mundo todo. [...]

Com o valor do prêmio, Anna pretende levar o Aqualuz para mais famílias. “A gente vai melhorar a tecnologia, fazer mais testes e implementá-la no máximo de famílias possível. Até o fim deste ano, serão mais 200 e nossa meta para o ano que vem é escalar para a África”, diz. [...]

GUARATTO, Natalia. Copo meio cheio. **TPM**, 9 dez. 2019. Disponível em:

<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-anna-luisa-beserra-brasileira-premiada-na-onu-por-levar-agua-para-comunidades-rurais>.

Acesso em: 17 dez. 2019.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Após a leitura do texto, compartilhem informações sobre a trajetória do desenvolvimento do projeto Aqualuz desenvolvido pela jovem cientista.
2. Como essa iniciativa pode mostrar sua relevância como projeto sustentável?
3. Investiguem, em jornais, revistas ou *sites* da internet, o Prêmio Jovem Cientista, iniciativa de fomento à ciência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e o Prêmio Jovens da Terra, da ONU, e descrevam:
 - os principais objetivos das premiações;
 - as propostas apresentadas nos prêmios relacionadas com ações sustentáveis.
 Compartilhem os resultados e conversem sobre as ações que mais se destacaram.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO



Leiam, a seguir, outro trecho da reportagem.

[...] Anna também tem uma missão pessoal de inspirar mais mulheres a fazerem carreira na ciência. No mês passado, ela recebeu o prêmio Mude o Mundo Como Uma Garota, organizado pela iniciativa Força Meninas, e palestrou para uma plateia de garotas e adolescentes em São Paulo. “Quando conto um pouco da minha história, a minha mensagem é para inspirar, para aumentar o número de mulheres cientistas no Brasil e no mundo [...]”.

GUARATTO, Natalia. Copo meio cheio. **TPM**, 9 dez. 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-anna-luisa-beserra-brasileira-premiada-na-onu-por-levar-agua-para-comunidades-rurais>. Acesso em: 17 dez. 2019.

Investiguem na internet e conversem sobre cientistas mulheres, que, como Anna Luisa, desenvolvem projetos e ações sustentáveis ou estimulam o engajamento social no Brasil e no mundo.

Exploração: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável

No documento **Nosso Futuro Comum**, da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, publicado em 1987, a sustentabilidade está diretamente relacionada à urgência de desenvolver mecanismos para atender às necessidades humanas do presente sem comprometer as gerações futuras. Nesse documento, os conceitos de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável são expandidos, com base no tripé que associa prosperidade econômica, qualidade ambiental e justiça social, como ilustrado no esquema a seguir.

O desenvolvimento sustentável apoia-se também em outras bases. Vamos conhecê-las?

É pautada pela conservação da biodiversidade, das vegetações e florestas dos diferentes biomas, assim como de seus habitats. Pressupõe a valorização das diferentes espécies e dos ciclos naturais, a importância da água e, portanto, a proteção dos ecossistemas, restaurando a sua integridade. O tema de mudanças climáticas adquiriu sentido de urgência diante das catástrofes ambientais ocorridas em várias regiões do planeta e dos dados científicos divulgados por diversos organismos internacionais.

Amplia o conceito de necessidades básicas para considerar a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas e dos territórios, de modo a garantir a promoção do desenvolvimento e dos direitos humanos. A erradicação da pobreza, a equidade e a justiça social tornam-se imperativos de uma nova ética. [...]

Traduz não apenas uma concepção de economia verde como também o desenvolvimento de novos parâmetros que levem em conta os recursos naturais, os ciclos de vida, os limites do ecossistema, o consumo consciente e todas as dimensões da sustentabilidade. O eixo das atividades econômicas desloca-se para incluir uma competição cooperativa. [...]



Ambiental



Social



Sustentabilidade



Econômica

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Releiam os trechos que discorrem sobre os princípios de sustentabilidade e de desenvolvimento sustentável. Descrevam como a ampliação do conceito de sustentabilidade pode contribuir com as iniciativas sustentáveis.
2. Na opinião de vocês, para construir um mundo sustentável, precisamos priorizar um dos âmbitos de atuação ou agir de forma integrada em todos eles? Justifiquem sua resposta.
3. O desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz parte de nosso cotidiano. Vocês sabem o que ela significa? Produzam uma definição para o conceito.

Busca o fortalecimento da democracia, da resolução de conflitos, da paz e da cidadania. A gestão política, na lógica sustentável, deve envolver ainda transparência, prestação de contas e participação inclusiva.

Além do diálogo, abarca o respeito à diversidade cultural e ao pluralismo, a defesa de um ambiente natural e social que garanta a dignidade humana e o bem-estar espiritual, assegurando a equidade de gênero, a deferência às etnias e [...] a valorização das populações tradicionais.

ADILSON SECCO / 2020

Proposta de ação sustentável na cidade

Investiguem e produzam coletivamente uma lista das ações sustentáveis que ocorrem na sua cidade ou comunidade. Identifiquem em qual âmbito elas mais se destacam: ambiental, social, econômico, político ou cultural. Para a atividade, levem em consideração que, em muitas situações, os âmbitos ou as esferas ambientais se sobrepõem.



Política



Cultural

Sustentabilidade: que ações contribuem?

A reportagem que lemos (p. **14-15**) e o esquema dos âmbitos da sustentabilidade (p. **16-17**) marcam o início de nossa investigação.

A nossa proposta é investigar e explorar as iniciativas que contribuem com a tomada de consciência sobre a sustentabilidade e a preservação nos âmbitos ambiental, social, econômico, político e cultural. Para isso, investigaremos iniciativas desse tipo em nossa comunidade e/ou cidade, sejam as ocorridas no passado, sejam as que estejam ocorrendo. Com base nelas, organizaremos uma mostra de propostas de ações sustentáveis.

Observem como representamos os momentos que já percorremos e os que vamos percorrer para a produção dessa investigação.



PUN PHOTO/SHUTTERSTOCK.COM, EDITORIA DE ARTE/2020

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Para iniciarmos a elaboração do projeto, sugerimos que vocês se organizem em grupos de trabalho de 3 a 5 pessoas. Leiam as orientações a seguir.

Retomem a lista de ações sustentáveis produzida na atividade de exploração da página 17 e selecionem uma delas, que será o tema para a elaboração do produto final a ser desenvolvido neste projeto.

Após a escolha dos temas relacionados a ações sustentáveis que ocorrem em sua cidade ou comunidade, elaborem hipóteses levando em consideração o produto final que vão elaborar e a pergunta-chave deste projeto: **Sustentabilidade: que ações contribuem?**

Certamente, vocês já devem ter elaborado hipóteses em estudos em todas as áreas do conhecimento. Vamos trilhar juntos o caminho deste projeto para elaborarmos questionamentos desafiadores, como:

- Por que ou como as ações sustentáveis são fundamentais para o planeta e para os seres que nele vivem?
- O que é uma ação sustentável relevante para a sociedade? E para vocês?

Focados na investigação de uma ação sustentável que ocorreu ou ocorre em nossa cidade ou comunidade, ampliem o estudo elaborando outras perguntas que possam ajudar a organizar e planejar a coleta, a análise e a interpretação de dados e das informações fornecidas pela investigação.

Durante cada momento proposto para a investigação, foram apresentados textos e atividades para vocês adquirirem e ampliarem conhecimentos sobre a sustentabilidade.

As atividades inseridas na **Proposta de ação sustentável na cidade** propiciam situações específicas de investigação. É importante que vocês se concentrem no tema e na proposta do grupo.

O produto final deste projeto é a organização de uma mostra com os trabalhos elaborados pelos grupos sobre ações sustentáveis existentes na comunidade ou cidade de vocês. Os trabalhos poderão ser apresentados em pôsteres, *slides*, maquete ou croqui.

- a) Para a seleção, é necessário definir previamente o tema e coletar todos os dados necessários para a investigação; dessa maneira, vocês conseguirão determinar melhor qual é a forma mais adequada ao tema escolhido.
- b) Após as apresentações, possibilitem um momento de reflexão sobre as propostas, argumentações e conclusões obtidas sobre as ações e transformações sustentáveis propostas neste projeto.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

ETAPA

2

SABER E FAZER



Sustentabilidade: ideias e iniciativas

Depois de todas as nossas conversas, certamente a sustentabilidade já se tornou um conceito mais amplo para vocês.

Vamos conhecer, nas próximas páginas, como diferentes áreas do conhecimento tratam dos temas da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável.

[...] Oficialmente o conceito desenvolvimento sustentável foi usado pela primeira vez na Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979. Foi assumido pelos governos e pelos organismos multilaterais a partir de 1987 quando, depois de quase mil dias de reuniões de especialistas convocados pela ONU sob a coordenação da primeira-ministra da Noruega Gro Brundland se publicou o documento Nosso Futuro Comum. É lá que aparece a definição tornada clássica: “sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”.

BOFF, Leonardo. História da sustentabilidade. **Rede Mobilizadores**, [maio 2014?]. Disponível em: http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_historia_da_sustentabilidade.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. [...]

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/guattari-as-tres-ecologias.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.



O lugar é o suporte espacial e territorial do processo de Desenvolvimento Local. Trata-se da necessidade de construir uma configuração espacial do lugar, como base para que a sociedade se organize para viver e produzir. Portanto, para construir um processo de desenvolvimento local sustentável, é preciso centrar esforços no melhoramento do lugar como suporte espacial da comunidade que se pretende fazer sustentável.

SILVA, Edson Vicente; RODRÍGUEZ, José M. Mateo. **Desenvolvimento local sustentável**. Fortaleza, 2001. p. 21. Mimeografado.

[...] Hoje a regra é a busca por soluções alternativas que diminuam os impactos em questões sensíveis, como o lixo, a emissão de efluentes sanitários e industriais, os transportes, a impermeabilização do solo, o consumo de energia, a poluição do ar e a contaminação do solo, as ilhas de calor, a erosão do solo, a perda das fontes de água doce, a chuva ácida, a perda de fauna e flora, etc.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sustentabilidade urbana**: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes. Brasília, DF, 2015. p. 13. (Textos para as discussões da Rio+20, v. 3). Disponível em: <https://www.mma.gov.br/publicacoes/desenvolvimento-sustent%C3%A1vel/category/155-publica%C3%A7%C3%B5es-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel-sustentabilidade-urbana.html>. Acesso em: 21 dez. 2019.

Leiam e identifiquem as principais ideias apresentadas nos textos.

Produzam e compartilhem outras frases acrescentando outro aspecto relacionado ao tema sustentabilidade.

Proposta de ação sustentável na cidade

Converse com seu grupo de trabalho e selecionem as ideias ou frases fundamentais sobre sustentabilidade. Elas serão úteis para a elaboração da proposta de ação sustentável na sua cidade ou comunidade, que será desenvolvida como produto final.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

Leiam o texto a seguir.

A ONU realiza conferências para debater questões, como desenvolvimento e meio ambiente, e ao mesmo tempo procurar soluções para os principais impactos ambientais globais. As principais conferências foram:

- Estocolmo (1972) – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente;
- Rio de Janeiro (1992) – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92);
- Kyoto (1997) – Cúpula do Clima e Aquecimento Global;
- Olinda (1999) – Convenção da Desertificação;
- Haia (2000) – Cúpula do Clima e Aquecimento Global;
- Bonn (2001) – Cúpula do Clima e Aquecimento Global; e
- Johannesburgo (2002) – Rio +10.

MIRANDA, Ângelo Tiago de. **Desenvolvimento sustentável**: conferências da ONU. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/desenvolvimento-sustentavel-3-conferencias-da-onu.htm>. Acesso em: 20 dez. 2019.

Organizados em grupos, selecionem uma das conferências citadas no texto, façam uma pesquisa sobre ela na internet ou em livros e organizem um painel com as informações obtidas.



ONU: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

O texto a seguir apresenta informações sobre a Agenda 2030 da ONU e seus objetivos. Leiam-no e conheçam um pouco mais sobre o ODS 11.

Em setembro de 2015, líderes mundiais reuniram-se na sede da ONU, em Nova York, e decidiram um plano de ação para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a qual contém o conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



IMAGENS: PNUD/ONU

Imagem produzida pela ONU, em 2015, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A Agenda 2030 e os ODS afirmam que para pôr o mundo em um caminho sustentável é urgentemente necessário tomar medidas ousadas e transformadoras. Os ODS constituem uma ambiciosa lista de tarefas para todas as pessoas, em todas as partes, a serem cumpridas até 2030. Se cumprirmos suas metas, seremos a primeira geração a erradicar a pobreza extrema e iremos poupar as gerações futuras dos piores efeitos adversos da mudança do clima. [...]

Cidades e Comunidades Sustentáveis

Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis

Em 2014, 54% da população mundial vivia em áreas urbanas, com projeção de crescimento para 66% em 2050. Em 2030, são estimadas 41 megalópoles com mais de 10 milhões de habitantes. Considerando que a pobreza extrema muitas vezes se concentra nestes espaços urbanos, as desigualdades sociais acabam sendo mais acentuadas e a violência se torna uma consequência das discrepâncias no acesso pleno à cidade.



Objetivo 11.

Transformar significativamente a construção e a gestão dos espaços urbanos é essencial para que o desenvolvimento sustentável seja alcançado. Temas intrinsecamente relacionados à urbanização, como mobilidade, gestão de resíduos sólidos e saneamento, estão incluídos nas metas do ODS 11, bem como o planejamento e aumento de resiliência dos assentamentos humanos, levando em conta as necessidades diferenciadas das áreas rurais, periurbanas e urbanas.



ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

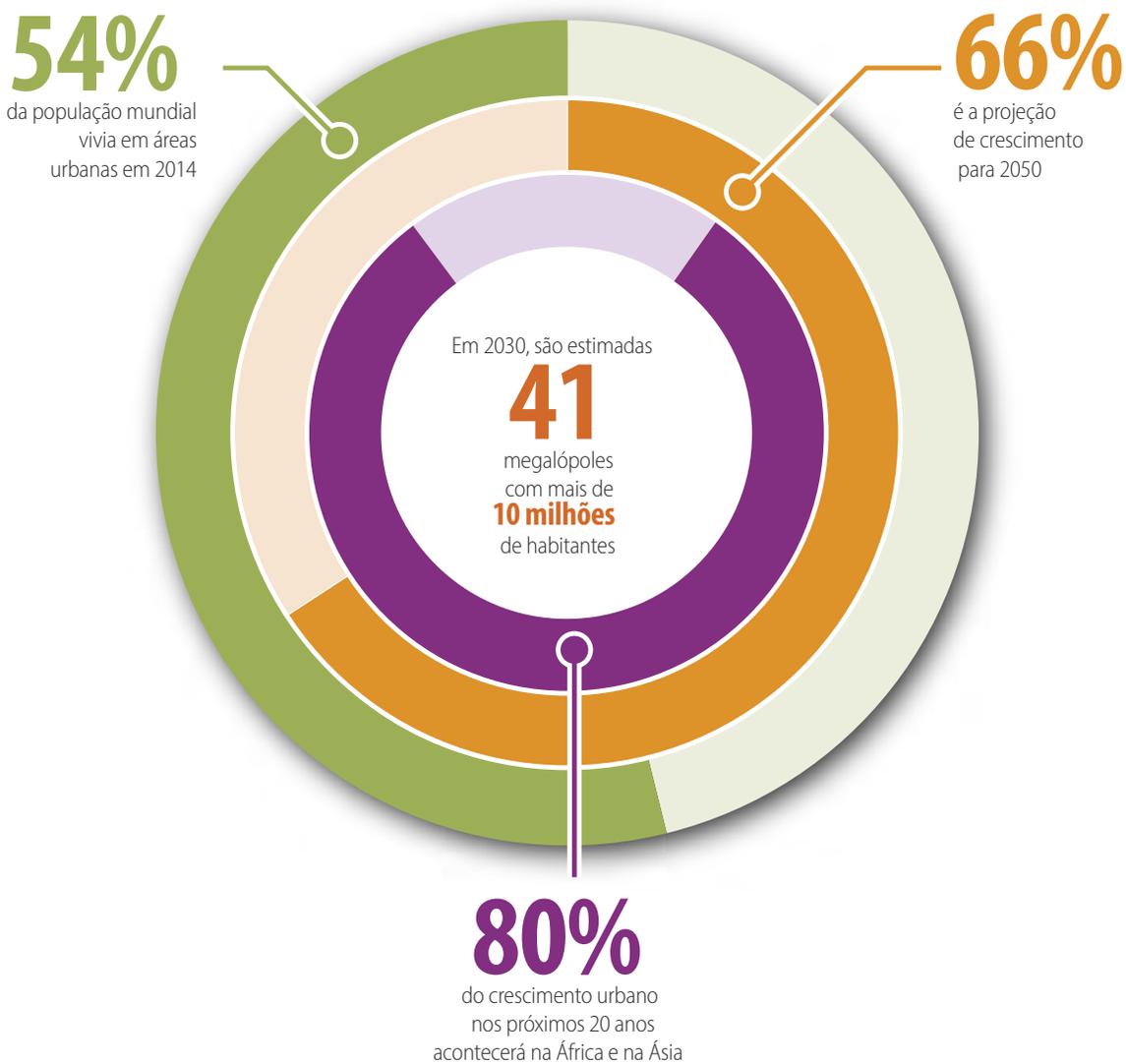
1. Qual é a importância da Agenda 2030 para que os países assumam compromissos com iniciativas sustentáveis para o mundo?
2. Como os ODS podem contribuir com as iniciativas dos países?

Proposta de ação sustentável na cidade

Pensando na proposta sustentável para a sua cidade ou comunidade, que vocês deverão elaborar ao final deste projeto, descrevam ações possíveis relacionadas às metas do ODS 11.

População mundial e concentração urbana

Observem o infográfico a seguir, que apresenta estimativas para o crescimento da população mundial e dados sobre a tendência de concentração populacional nas áreas urbanas.



As 600 cidades com maior crescimento do PIB:



Os custos de infraestrutura global para manter o ritmo de urbanização foram estimados em

US\$ 41 tri

entre 2005 e 2030



O número de megacidades com mais de **10 milhões** de habitantes vai aumentar de **20** para **37** em 2025

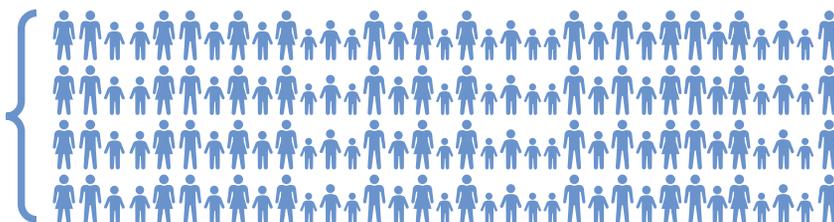
1 bilhão

de pessoas vivem atualmente em favelas da cidade



Se as medidas de combate à pobreza urbana forem insuficientes, esse número pode

dobrar até 2030



ADILSON SECCO/2020



> ATIVIDADE



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Leiam e interpretem os dados do infográfico. Que relação há entre esses dados e as iniciativas pela sustentabilidade?

Proposta de ação sustentável na cidade

Observem os dados e as informações apresentados no infográfico e identifiquem as informações que se relacionam com a proposta sustentável para a sua cidade ou comunidade que está sendo produzida pelo seu grupo de trabalho.

Aprofundem a investigação. Seleccionem, em livros, revistas ou na internet, outros dados e informações específicos sobre o tema do grupo. Registrem o resultado das pesquisas para utilizá-lo no projeto.

Oito caminhos para um futuro sustentável

O Instituto Akatu é uma organização não governamental sem fins lucrativos que investe na conscientização e no engajamento da sociedade para o consumo consciente. Para motivar pessoas, governos e empresas, o instituto desenvolveu a proposta “8 caminhos para a produção e o consumo conscientes”. Conheçam esse conjunto de boas práticas, que podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade do bem-estar.

O durável mais do que o descartável

Ainda que possua custo inicial mais elevado, um produto com maior durabilidade retorna o investimento em um curto prazo de tempo, pois evitará a necessidade de novas compras, representando uma economia para o bolso ao longo do tempo. Além disso evita compras sucessivas, diminuindo a necessidade de consumo de recursos naturais para fazer novos produtos (no caso do descartável ou de obsolescência rápida) por meio da chance de ser reparado/consertado, recondicionado ou remodelado. [...]

A produção local mais do que a global

Incentivar a produção local favorece o desenvolvimento econômico da região, reduz os impactos negativos gerados pelas emissões dos serviços de transporte/logística de produtos e permite ao consumidor conhecer de perto as práticas aplicadas na cadeia de produção, compreendendo de onde vem o que compra e quais os seus impactos. [...]

O compartilhado mais do que o individual

O compartilhamento possibilita o máximo uso de um produto durante a sua vida útil, reduzindo ou eliminando o tempo em que ele fica ocioso ao suprir as necessidades de um grande número de pessoas. Desta forma, evita-se a extração de recursos naturais para a produção de novos produtos. É um consumo sem excessos por ocorrer de forma colaborativa, centrado no uso e não na compra. [...]

O saudável mais do que o prejudicial

A escolha do saudável como uma visão mais ampla (possível por meio do acesso à informação), seja ela no trabalho ou no lazer, proporcionando equilíbrio e bem-estar, ou na alimentação, ao escolher produtos orgânicos e livres de agrotóxicos, que resultam em um menor consumo futuro de remédios e menor dano ao meio ambiente. [...]

O virtual mais do que o material

“Virtual” não significa algo totalmente imaterial, pois seu funcionamento demanda o uso de um servidor e um aparelho eletrônico pelo usuário [...]. Mas certamente o virtual é uma alternativa em que a geração de resíduos é extremamente baixa, incentiva o desenvolvimento de novas tecnologias, leva a um menor consumo de recursos naturais na cadeia produtiva, a uma menor demanda logística de transporte (seja ele de carga ou de pessoas) e a um menor consumo de água e energia comparado à manutenção de estruturas físicas. [...]

Os concentrados mais do que os diluídos

Os produtos concentrados oferecem diversas vantagens ao consumidor e ao meio ambiente, pois demandam menos água em sua fórmula e usam menos materiais em suas embalagens. Por serem mais compactos, utilizam um menor volume de transporte (mais unidades do produto na carga), geram menos resíduos e emitem menos gases poluentes. Também são mais fáceis de serem armazenados pelo consumidor, pois demandam menor espaço. Muitas vezes, a redução de custos é repassada ao consumidor, tornando os produtos mais baratos. [...]

O integral mais do que o desperdício

O aproveitamento integral vai na contramão dos excessos. Trata-se de consumir tudo aquilo que é utilizado na produção ou o que compõe o produto. No caso dos alimentos, a utilização de cascas, talos e sementes ou de verduras ou frutas um pouco machucadas no preparo de receitas são exemplos deste caminho. Em outros produtos, a extensão ao máximo de sua vida útil, de forma a utilizá-lo *[sic]* por completo. [...]

A experiência mais do que o tangível

O consumismo da sociedade atual tende aos bens materiais, quando na realidade há muito valor percebido pelos consumidores no tempo dedicado a sensações, experiências, emoções e convivências – que realmente deixam marcas fortes na memória.

Em datas comemorativas, como dia das mães, dia dos pais, opte por compartilhar o tempo ao invés de dar presentes. Dia no SPA, almoço ou atividades ao ar livre podem ser uma boa opção também. [...]

AKATU. **Oito caminhos para um futuro sustentável**. c2020. Disponível em: www.akatu.org.br/noticia/oito-caminhos-para-um-futuro-sustentavel/. Acesso em: 28 nov. 2019.

> ATIVIDADES



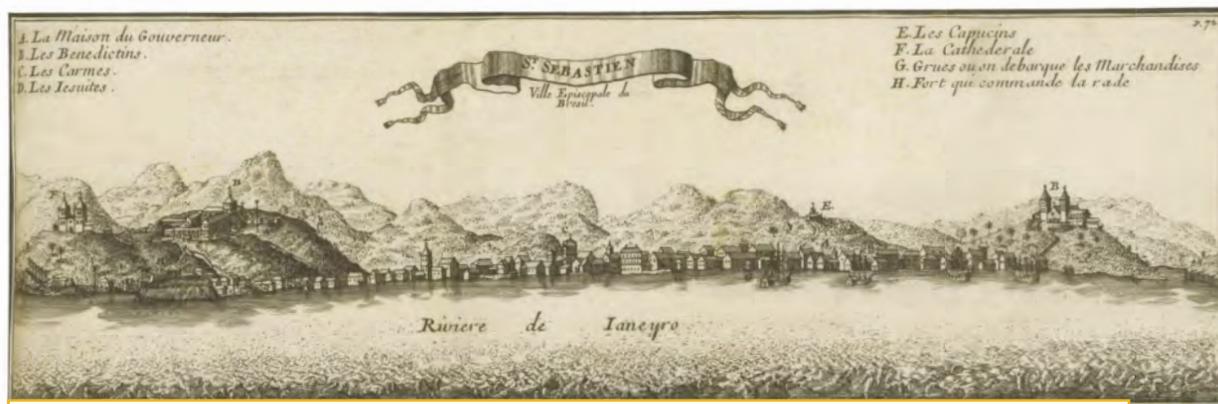
1. Organizados em grupos de trabalho, façam uma lista de práticas dos integrantes do grupo relacionadas a cada um dos oito caminhos descritos no texto.
2. Dos oito caminhos sustentáveis, quais estão relacionados ao trabalho que vocês estão desenvolvendo para o final do projeto? Expliquem como as iniciativas apresentadas no texto se concretizam na proposta de vocês.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

Estudo de caso: revitalização e sustentabilidade

Intervenções para a valorização do patrimônio e do ambiente foram realizadas, em diferentes momentos históricos, na Região Portuária do Rio de Janeiro. Envolveram tanto o poder público como empresas e a população local. Acompanhem, no texto abaixo, a história da origem da cidade do Rio de Janeiro e de seu porto.

Para propiciar uma experiência de leitura em grupo, sugerimos que cada estudante leia um trecho do texto em voz alta para os colegas e que destaque os trechos mais significativos sobre a revitalização da região.



Gravura do século XVII representando as primeiras construções da orla da cidade do Rio de Janeiro (RJ).

JOHN CARTER BROWN ARCHIVE OF EARLY AMERICAN IMAGES

1

O estudo de caso é uma metodologia de pesquisa que explora, descreve e explica processos e fenômenos que ocorrem em contextos determinados. Se existir tempo disponível, estimule os estudantes a desenvolver um estudo de caso relacionado às questões de revitalização e sustentabilidade na cidade ou estado onde vocês habitam.

Improvisada no sopé do Pão de Açúcar, nasceu, em 1565, a cidade do Rio de Janeiro, uma aldeia de portugueses e índios erguida por Estácio de Sá. Mas constantes ataques marítimos e a necessidade de expansão do povoado levaram à transferência e construção de um novo povoado para uma área até então inexplorada. Naquela época, meados do século XVI, os portugueses queriam aumentar o controle sobre a Baía de Guanabara e a defesa de seus moradores. [...]

A mineração e a cultura de cana-de-açúcar consolidaram a importância da cidade para a então Colônia portuguesa. No início do século XVIII, o Brasil era o maior exportador de ouro do planeta (sendo Portugal o maior beneficiário), o que despertou a cobiça de outros reinos, interessados nas riquezas de além-mar. [...]

A partir de 1808, o estímulo vindo de Dom João VI para a movimentação de grandes volumes de carga no porto do Rio intensificou ainda mais o fluxo das atividades de importação e exportação naquela área. No entanto, a desorganização ainda permaneceria por um bom tempo. [...]

2

Único vestígio do desembarque de escravos africanos nas Américas, o Cais do Valongo foi redescoberto durante obras de revitalização da prefeitura [do Rio de Janeiro], em 2011. As “pedras pisadas do Cais”, como diz a canção de Aldir Blanc, foram testemunhas de um passado nada glorioso para o Rio. Os números impressionam: historiadores sustentam que pelo Valongo entraram até 1 milhão de africanos escravizados, dos séculos XVI ao XIX. [...]



ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

O mercado de escravos, no Rio de Janeiro (RJ), em gravura de Henry Alken (1822).

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Embarcação se aproxima da praia dos Mineiros. Ilustração de Johann Moritz Rugendas (início do século XIX).

BRAIA DOS MINEROS
à Rio-Janeiro.

3

De acordo com o historiador Milton Teixeira, a chegada de Dom João VI foi o início de uma nova fase de prosperidade para a cidade – ainda que não atingisse a população “da terra”.

A área onde está atualmente a Região Portuária recebeu investimentos. [...]

Apesar da determinação régia do século XIX, naquele tempo ainda não havia projeto de construção oficial de um porto no Rio. Prevaleceu a falta de planejamento. Imagens e fotos antigas são testemunhas dessa desordem: mostram um amontoado de construções, sem lógica ou orientação técnica. [...]

Nove anos separam a abdicação de Dom Pedro I ao trono do Império do Brasil e a coroação de seu filho, Dom Pedro II, como novo imperador da ex-colônia portuguesa.

Embarque da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 1807. Pintura do século XIX atribuída a Nicolas-Louis-Albert Delerive.



MUSEUM, LISBON, PORTUGAL.

4

[...] um casamento foi arranjado com a princesa Tereza Cristina Maria, do Reino das Duas Sicílias. [...]

Pensaram então na proposta de criar um cais novo para recebê-la. [...]

Apesar da correria, as obras ficaram incompletas quando a imperatriz aqui aportou, em setembro de 1843. O local ficou conhecido como o Cais da Imperatriz. Mas com as reformas urbanísticas da cidade no início do século 20, o local foi aterrado.

[...] uma profunda mudança urbanística acontece entre a Praça Quinze e o bairro do Caju. [...]



5

O período de construção do Porto do Rio foi longo: durou oito anos e coincidiu com o auge da produção industrial no Rio.

A partir de meados do século XX, uma transição dos modelos de transporte, do marítimo e ferroviário para os automóveis e aviões intercontinentais, modificou a ocupação urbana, a reboque da perda de poder da “aristocracia cafeeira” e do avanço da “burguesia industrial e financeira”. [...]

Cais do Porto do Rio de Janeiro (RJ), em 1960.



ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.

*Desembarque de S. A. a Princesa Real do Reino Unido, Portugal, Brazil e Algarves,
na cidade do Rio de Janeiro, no Arsenal Real da Marinha*

Gravura de Hippolyte Taunay. Desembarque da princesa Tereza Cristina Maria, no Rio de Janeiro (RJ), em 1843.

6

Além das obras viárias, como as avenidas Rio Branco e Central, outro símbolo que representou a chegada da modernidade ao Rio e à região portuária foi a construção do Edifício A Noite, o primeiro arranha-céu do Brasil. Considerado um marco do emprego do concreto armado no país, o prédio foi erguido a partir de 1927 [...].

Instalada nos últimos andares do “A Noite”, a Rádio Nacional nasceu em 1936 como um projeto do então presidente, Getúlio Vargas, de unir o Brasil e criar uma identidade cultural para o país. [...]

A construção do Elevado da Perimetral até a Praça Mauá, o que aconteceu na década de 1970, fez com que o tom cinza passasse a prevalecer naquela área. Entre os vãos do elevador, além de escuridão e de pichações, prevalecem estacionamentos e moradores de rua.

[...] A poluição ficava retida ali embaixo. As pessoas pararam de frequentar a Praça. [...]

IMAGENS: DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO RJ



Edifício A Noite, o primeiro arranha-céu do Brasil, em imagem da década de 1920.

Ilustração, da década de 1950, de um projeto não aprovado para a construção do viaduto da Perimetral.



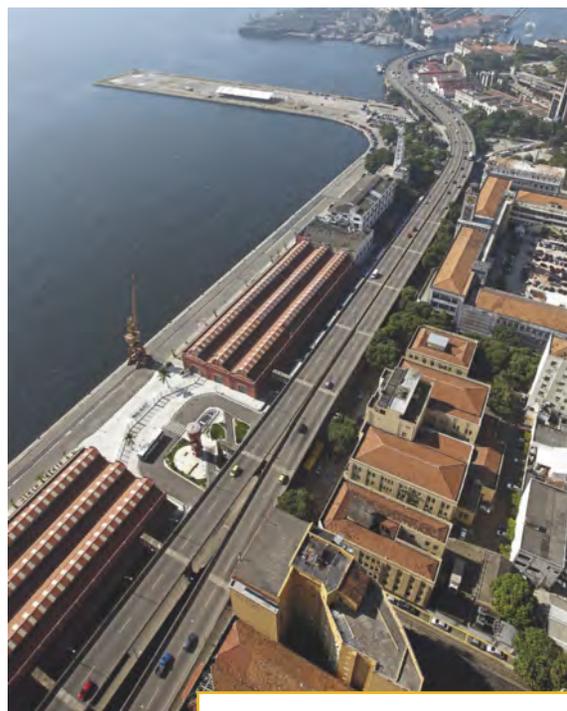
7

Chácara dos beneditinos, lugar de cobiça dos corsários franceses, capital da colônia portuguesa, sede de todo o império português, capital da República. Cidade da beleza, do caos, do samba, do empreendedorismo, da criatividade. Durante quatro séculos, a Região Portuária foi termômetro das profundas transformações pelas quais passou o Rio de Janeiro. Centro geográfico de uma metrópole de 12 milhões de habitantes, esse pedaço de terra às margens da Baía de Guanabara nunca esteve tão visível aos cariocas e visitantes.

Desde 2009, quando a prefeitura emplacou um ambicioso plano de restaurar a região – ou parte significativa dela –, foram inúmeras as mudanças vividas por moradores de Caju, Santo Cristo, Gamboa e Saúde. [...] Nasce o projeto Porto Maravilha, com três vertentes: a requalificação urbana, o desenvolvimento imobiliário e o desenvolvimento socioeconômico da região. [...]

A prefeitura do Rio anunciou a criação do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana. [...]

Este trabalho de preservação arqueológica foi uma preparação para grandes mudanças urbanísticas que afetariam a região, sendo a principal delas a queda do Elevado da Perimetral. [...]



CUSTÓDIO COIMBRA/AGÊNCIA O GLOBO

Fotografia aérea de 2009 mostra o píer Mauá, no Rio de Janeiro (RJ).

MUSEU DO AMANHÃ. O Porto do Rio e a construção da alma carioca. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/portodorio/?share=timeline-historia/0>. Acesso em: 19 dez. 2019.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Após a leitura da última parte do texto, listem as expressões que mostram as transformações por que passou a Região Portuária ao longo da história do país e do Rio de Janeiro.
2. Investiguem, em livros, revistas ou na internet, aspectos históricos que envolvem a revitalização do Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro. Não se esqueçam de investigar imagens, como fotografias e desenhos, e compartilhem os resultados com os colegas de sala.

Proposta de ação sustentável na cidade

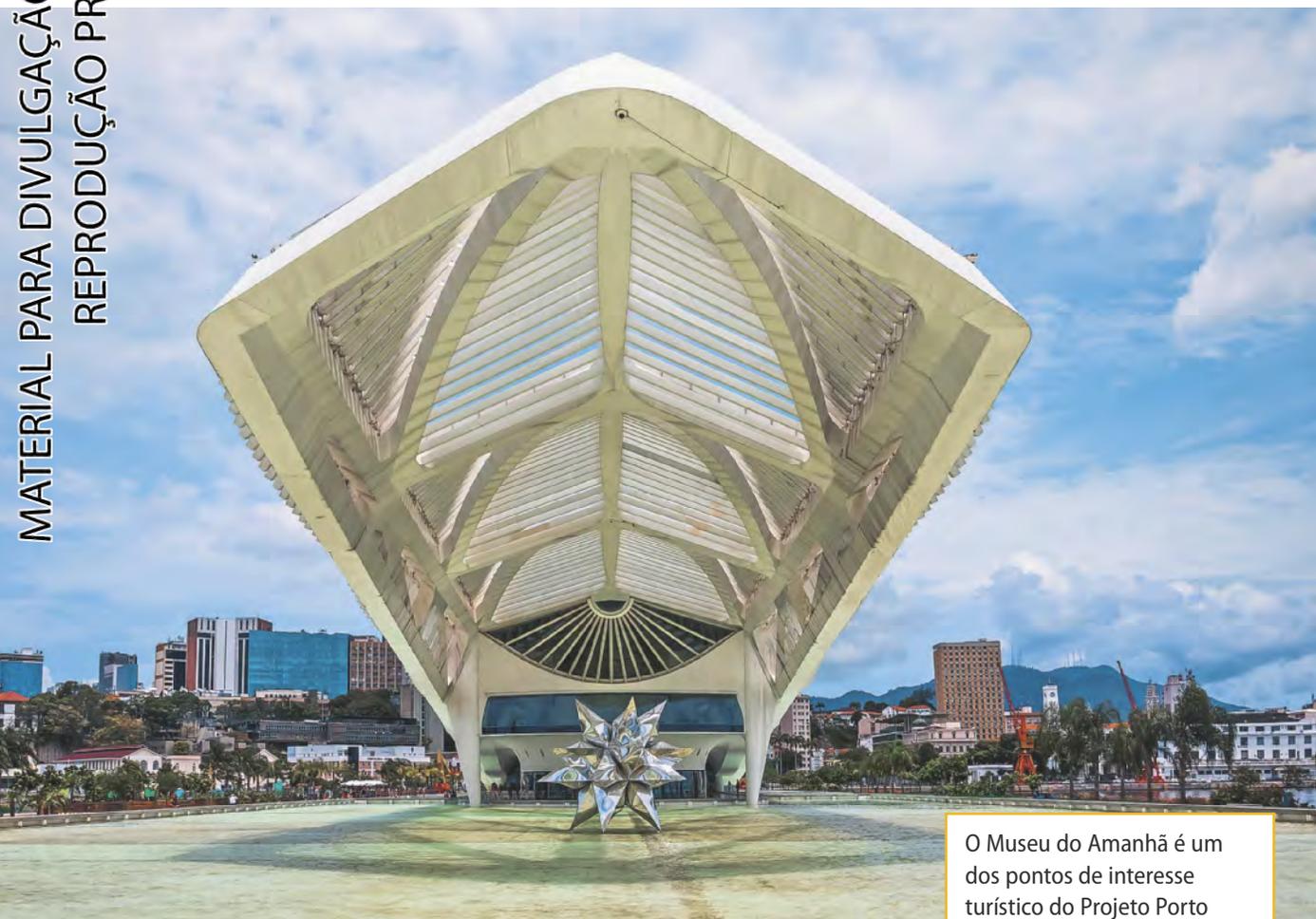
Investiguem, em livros, revistas ou na internet, aspectos históricos que envolvem a ação sustentável proposta por seu grupo. Não se esqueçam de investigar imagens, como fotografias e desenhos, para ilustrar as informações que descobrirem para a elaboração da proposta.

O amanhã na Região Portuária

Como aprendemos, a Região Portuária do Rio de Janeiro abriga muitas memórias da cidade. Em 2009, foi implantado na região o Projeto Porto Maravilha, que visa à preservação da história, à revitalização urbana e à implantação de pontos de interesse turístico.

Vista aérea da região portuária do Rio de Janeiro (RJ) na qual foi implementado o projeto Porto Maravilha. Fotografia de 2016.

RICARDO AZOURY/PULSAR IMAGENS



DIEGO GRANDI/SHUTTERSTOCK.COM

O Museu do Amanhã é um dos pontos de interesse turístico do Projeto Porto Maravilha. Fotografia de 2017.

O Museu do Amanhã foi inaugurado em 2015 e é um dos destinos mais visitados do Brasil. Leia o texto a seguir.

Novo Museu na Zona Portuária estuda o futuro do mundo e apresenta possibilidades de transformação

Perguntas como “de onde viemos?” e “para onde vamos?” permeiam o imaginário da população mundial e são comuns a todos os povos. Pensando nessas questões, e em tantas outras, o visionário projeto do Museu do Amanhã tomou forma e se torna, então, um amplo espaço de debate e estudo sobre o impacto de nossas ações e como podemos alterar o cenário decadente que se avizinha. Instituições renomadas mundialmente, como o MIT (Instituto de Tecnologia de Massachussets), o Google e a NASA, fazem sua parte do esforço coletivo de estudo de como os indivíduos podem transformar nosso destino na Terra. A proposta do Museu do Amanhã é pioneira em todo o mundo: não há sequer um espaço similar onde atividades culturais e de pesquisa tenham essa proposta de estudo do nosso amanhã.

RIOTUR. **Museu do Amanhã**. Disponível em: http://visit.rio/que_fazer/museudoamanha/. Acesso em: 10 fev. 2020.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

> ATIVIDADES



1. Investiguem, identifiquem e descrevam as iniciativas sustentáveis propostas pelo Projeto Porto Maravilha.
2. Reflitam e respondam: Como o Museu do Amanhã pretende provocar ações para se chegar ao “de onde viemos?” e “para onde vamos?”.

Proposta de ação sustentável na cidade

Para ampliar a investigação, reflitam e identifiquem "o amanhã que queremos" na ação sustentável que vocês selecionaram para investigar.

Globo suspenso na entrada principal do Museu do Amanhã mostra fenômenos marítimos e climáticos.



RUBENS CHAVES/PULSAR IMAGENS

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

Elaboração: proposta de ação sustentável e mostra de projetos

Investigamos o conceito de sustentabilidade e refletimos sobre o desenvolvimento de ações sustentáveis para que vocês, ao longo das etapas deste projeto, elaborassem uma proposta de ação sustentável para sua cidade ou comunidade.

Para a elaboração final da proposta, sigam as orientações a seguir.

- Retomem as hipóteses que foram formuladas, as informações e os conhecimentos que obtiveram e as anotações, análises e conclusões obtidas em todo o processo de investigação.
- Verifiquem, em livros, revistas e na internet, se outras informações são necessárias para a elaboração do trabalho e para ampliar os conhecimentos.
- Com base nessas informações, sistematizem as análises e as interpretações que vocês elaboraram para construir hipóteses, explicações e propostas de soluções. Todo esse material é valioso para a construção dos argumentos e evidências para a elaboração da proposta de ação sustentável para a sua cidade ou comunidade.
- Escolham a melhor forma de apresentar o trabalho: maquete ou croqui, pôsteres ou apresentações em *slides*, de acordo com os materiais selecionados e a proposta de sustentabilidade do grupo.



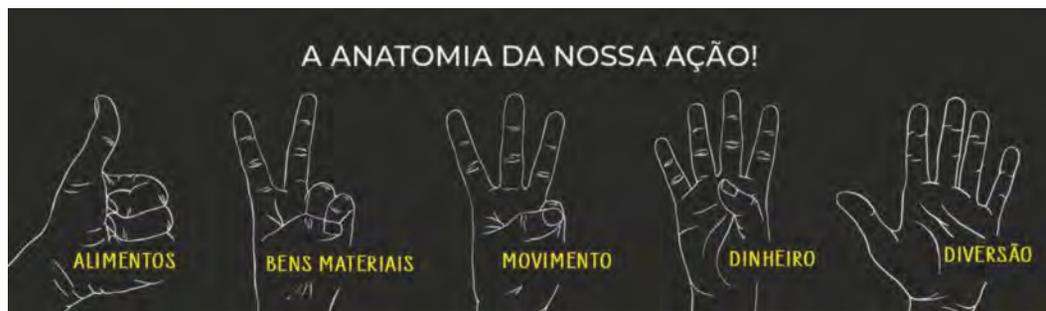
- Não se esqueçam de que a pergunta-chave do projeto deve orientar todo o trabalho do grupo.
- Para uma melhor organização e para auxiliar na apresentação do projeto, elaborem um desenho esquemático ou um mapa conceitual que integre as explicações elaboradas em cada uma das atividades das etapas.
- Distribuem as tarefas entre os integrantes do grupo, tanto as relacionadas à elaboração quanto as relacionadas à apresentação do trabalho no dia da mostra. Por exemplo: se forem utilizar recursos digitais, é preciso providenciar os equipamentos; se quiserem divulgar o evento do grupo, é preciso escolher previamente os meios para isso, como mensagens eletrônicas, redes sociais etc.
- Na apresentação final, não se esqueçam de evidenciar o processo de produção. Dialoguem sobre os procedimentos, as etapas, as interpretações e as conclusões a que chegaram.
- Preparem um pequeno roteiro para as apresentações e comunicações, que leve em consideração o tipo de criação que será apresentado.
- Se acharem adequado, conversem com o professor sobre a viabilidade de convidar colegas de outras turmas, familiares e amigos para as apresentações da mostra.
- Em sala de aula, após as apresentações, conversem sobre como vocês vivenciaram a experiência de desenvolver o projeto, desde a coleta de informações, a seleção e produção dos projetos até a apresentação na mostra.



BLOOMCOON/SHUTTERSTOCK.COM, ROSESTUDIO/SHUTTERSTOCK.COM,
ANUSORN THONGPASAN/SHUTTERSTOCK.COM/2020

Sustentabilidade: que ações contribuem?

Em Projetos Integradores, a avaliação é uma tarefa fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Vamos verificar os principais aspectos contemplados neste projeto e as respostas encontradas para a pergunta-chave. Para isso, leiam o texto a seguir.



A Anatomia da Ação apresenta um conjunto de ações para uma vida sustentável.

Cada um dos cinco temas é indicado por um dedo, que por sua vez apresenta três ações relacionadas a ele. Esta é a Anatomia da Ação: um conjunto de ações para promover um estilo de vida sustentável.

Essas cinco áreas de ação fazem parte de nossas atividades diárias e escolhas que compõem nosso estilo de vida, e têm o potencial – se houver pessoas suficientes praticando-as – de apoiar as mudanças globais necessárias para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

O desafio aproveita influenciadores globais para engajar o público na prática de escolhas conscientes. Dessa forma, visa obter tração através das mídias sociais e criar um zumbido para mover o público e envolver a sociedade civil em uma transformação global em direção a estilos de vida sustentáveis.

“Esta iniciativa oferece uma oportunidade para as pessoas mostrarem suas próprias ações através das mídias sociais, contribuir para alcançar vários ODS e criar um estilo de vida sustentável de uma maneira divertida e envolvente”, disse Andrea Norgren, líder de projetos de Estilos de Vida Sustentáveis e Programa de Educação no Stockholm Environment Institute.

Dia 1



Dia 2

BENS MATERIAIS

- DESACELERE A MODA
- ALÉM DA COMPRA
- DISPENSE OS DESCARTÁVEIS

BENS MATERIAIS

- REDUZA SEU CONSUMO, CONSIDERE O QUE VOCÊ PRECISA + SEUS IMPACTOS
- COMPARTILHE + TROQUE PRODUTOS + SERVIÇOS AO INVÉS DE COMPRAR NOVOS
- PROCURE POR GARANTIAS ESTENDIDAS + ESCOLHA ITENS REPARÁVEIS
- COMPRE DE SEGUNDA MÃO + ENCONTRE LARES PARA COISAS QUE VOCÊ NÃO USAR MAIS

BENS MATERIAIS

- COMPRE COIUPAS PRODUZIDAS DE MANEIRA SUSTENTÁVEL PARA APOIAR + INCENTIVAR MARCAS
- QUESTIONE AS MARCAS SOBRE COMO PRODUZEM SUAS COIUPAS + COMO ESTÃO CAMINHANDO EM DIREÇÃO À SUSTENTABILIDADE
- DIGA AS MARCAS QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ FELIZ COM SUAS PRÁTICAS

BENS MATERIAIS

- INVISTA NA LIMPEZA VERDE: DA PASTA DE DENTE A PRODUTOS DE LIMPEZA DOMÉSTICOS
- SUBSTITUA PRODUTOS DE HIGIENE DESCARTÁVEIS COM COLETORES + ABSORVENTES
- UTILIZE PRODUTOS DOMÉSTICOS EM PEQUENAS QUANTIDADES
- USE SEU PODER DE CONSUMIDOR QUANDO COMPRAR, COZINHA + TRABALHAR

Dia 3

MOVIMENTO

- ESCOLHA MANEIRAS DE BAIXO IMPACTO PARA SE LOCOMOVER
- PLANEJE ROTAS COM DISTÂNCIA MAIS CURTA
- PROCURE POR OPÇÕES FLEXÍVEIS PARA REDUZIR DESLOCAMENTOS: TRABALHE DE CASA, VIDEOCONFERÊNCIA, HORÁRIOS DE CHEGADA MAIS TARDE

MOVIMENTO

- INVISTA NO TRANSPORTE LIMPO
- MANTENHA-SE ATIVO
- COMPARTILHE UMA CARONA

MOVIMENTO

- ESCOLHA CAMINHAR + PEDALAR PARA REDUZIR O IMPACTO DO TRANSPORTE + ELEVAR O BEM-ESTAR
- USE ESPAÇOS PÚBLICOS VERDES PARA APOIAR PROJETOS DE PRESERVAÇÃO URBANA
- TROQUE TRAJETOS CURTOS DE CARRO POR CAMINHAR OU PEDALAR

MOVIMENTO

- UTILIZE SERVIÇOS DE BIKE, PATINETE, COMPARTILHAMENTO DE CARROS
- USE TRANSPORTE PÚBLICO
- UTILIZE CARONAS
- ESCOLHA OPÇÕES DE CARONA SUSTENTÁVEIS
- ESCOLHA TRENS A AVIÕES

Dia 4

DINHEIRO

- INVESTIMENTO CONSCIENTE
- CASA COM ENERGIA POSITIVA
- DESINVESTIMENTO

DINHEIRO

- PERGUNTE AO SEU BANCO SOBRE SUA POLÍTICA DE INVESTIMENTOS SUSTENTÁVEIS E, SE ELE NÃO TIVER UMA, TROQUE DE BANCO
- PERGUNTE AO GERENTE DO SEU FUNDO DE INVESTIMENTO PARA MOVIMENTAR SEU DINHEIRO PARA RESERVAS RESPONSÁVEIS
- DESINVESTA EM COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS
- SUBSTITUA PROVEDORES DE ENERGIA PARA FORNECEDORES SUSTENTÁVEIS

DINHEIRO

- GASTE TEMPO E DINHEIRO EM COISAS COM IMPACTO POSITIVO
- ESCOLHA ASSUNTOS SOCIAIS + AMBIENTAIS PARA PRIORIZAR + INVESTIR
- INVISTA EM BENS + SERVIÇOS PRODUZIDOS DE MODO SUSTENTÁVEL
- NUNCA INVISTA EM PRODUTOS ORIGINADOS DE ESPÉCIES AMEAÇADAS DE EXTINÇÃO

DINHEIRO

- ISOLE JANELAS + PÓRTAS, USE JANELAS ENVIDRAÇADAS E LÂMPADAS DE LED
- ABRA CORTINAS, FECHAS NO CALOR, TAMPE PANEIS FERVENTES, TOME BANHOS CURTOS, COMPOSTE RESÍDUOS ORGÂNICOS
- INSTALE PEQUENAS PLACAS SOLARES PARA PRODUIR SUA PRÓPRIA ENERGIA
- ESCOLHA FORNECEDORES + APARELHOS DE ÁGUA + ENERGIA EFICIENTES E RENOVÁVEIS

Dia 5

DIVERSÃO

- ESCOLHA EXPERIÊNCIAS
- PERMANEÇA CURIOSO
- APROVEITE O PASSEIO

DIVERSÃO

- CERTIFIQUE-SE QUE SUAS ATIVIDADES + COMPRAS TURÍSTICAS TENHAM IMPACTO POSITIVO
- CONSIDERE VIAGENS + ATRAÇÕES PERTO DE CASA
- REDUZA A VELOCIDADE E VÁ DE TREM, ÔNIBUS, BICICLETA OU A PÉ
- VISITE MENOS LUGARES + FIQUE POR MAIS TEMPO

DIVERSÃO

- ENCONTRE APLICATIVOS + TECNOLOGIAS QUE AJUDEM A FAZER ESCOLHAS MAIS SUSTENTÁVEIS
- FOMENTE UMA MENTALIDADE INDEPENDENTE + ABERTA
- FOQUE NO FUTURO + MANTENHA-SE POSITIVO SOBRE CONTRIBUIR PARA UM MUNDO MELHOR
- APRENDA COISAS NOVAS COM EDUCAÇÃO FORMAL + INFORMAL

DIVERSÃO

- ESCOLHA EXPERIÊNCIAS + SERVIÇOS QUE AGREGAM VALOR À SUA VIDA
- PASSE TEMPO COM PESSOAS QUE SE IMPORTAM COM VOCÊ + TE FAZEM SOBRIR
- PASSE TEMPO NA NATUREZA
- ESCOLHA ATIVIDADES SAUDÁVEIS COMO ESPORTES + RECREAÇÃO AO AR LIVRE

AKATU. **Junte-se ao movimento global por estilos de vida sustentáveis.** Disponível em: www.akatu.org.br/noticia/junte-se-ao-movimento-global-por-estilos-de-vida-sustentaveis/. Acesso em: 23 dez. 2019.

Após a leitura, discutam como vocês percebem suas ações cotidianas e escolhas sustentáveis. Em seguida, respondam à pergunta-chave: **Sustentabilidade: que ações contribuem?**

Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos projetos integradores sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observe a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

A. Realizo as tarefas nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atuo com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Demonstro comportamento adequado e comprometido nos diferentes momentos de desenvolvimento do projeto.

D. Escuto com atenção as explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

E. Apresento atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

F. Falo com clareza, ao compartilhar dúvidas e opiniões.

G. Atuo de forma respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

H. Demonstro empatia e respeito quando lido com opiniões e contextos diferentes dos meus.

RESPONDA
NO CADERNO

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
------------------------------	---------------	--------------------------------	-------------------

ETAPA 1 - VAMOS COMEÇAR

RESPONDA NO CADERNO

Engajamento: ações sustentáveis: Interpretar reportagem e elaborar argumentos que possam engajar pessoas em projetos sustentáveis. Ampliar o tema com exemplos de jovens que atuam em iniciativas sustentáveis.

Exploração: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: Interpretar concepções de sustentabilidade e construir definição de desenvolvimento sustentável. Listar e compartilhar ações sustentáveis relacionadas às questões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais.

Sustentabilidade: a investigação: Refletir com base na pergunta-chave – **Sustentabilidade: que ações contribuem?**. Planejar o trabalho de investigação para a elaboração de proposta de ação sustentável na cidade ou comunidade.

ETAPA 2 - SABER E FAZER

Sustentabilidade: ideias e iniciativas: Identificar e selecionar ideias sobre sustentabilidade para a elaboração de proposta sustentável em sua cidade. Pesquisar sobre uma das conferências ambientais para organizar um painel.

ONU – Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável: Identificar qual a importância da Agenda 2030 e reconhecer práticas possíveis que se relacionam com as metas do ODS 11.

População mundial e concentração urbana: Relacionar os dados do infográfico com o contexto de iniciativas sustentáveis e a proposta sustentável desenvolvida por seu grupo.

Oito caminhos para um futuro sustentável: Identificar iniciativas e práticas do cotidiano que possam contribuir para o projeto de ação sustentável.

Estudo de caso: revitalização e sustentabilidade: Interpretar momentos na história da Região Portuária do Rio de Janeiro e identificar as iniciativas sustentáveis propostas pelo Museu do Amanhã. Investigar aspectos que envolvem a ação sustentável proposta pelo grupo.

ETAPA 3 - PARA FINALIZAR

Proposta de ação sustentável e mostra de projetos: Coletar as informações e dados necessários para o trabalho e verificar que outras informações são necessárias para a elaboração do trabalho. Analisar o trabalho final do grupo e a forma escolhida para apresentá-lo.

Avaliação e autoavaliação – Sustentabilidade: que ações contribuem?: Refletir sobre ações sustentáveis no cotidiano e avaliar as respostas dadas à pergunta-chave.

A conceptual illustration showing a hand with metal handcuffs. The handcuffs are breaking apart, and a large number of small birds are flying out from the opening, symbolizing freedom. The background is a cloudy sky.

A exploração do trabalho precisa ser combatida por todos. Nesta ilustração, as algemas que prendem as mãos estão sendo destruídas e delas saem pássaros que simbolizam a liberdade.

> PROJETO

Escravidão: somos livres?

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação que apresenta metas universais de transformação e sustentabilidade para todo o planeta. Estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), o documento define 17 objetivos que buscam equilibrar as dimensões econômicas, sociais e ambientais para o desenvolvimento sustentável.

O objetivo 8 da Agenda é "promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todos". Mostra a urgência de providenciar medidas imediatas e eficazes para erradicar o trabalho análogo ao escravo. No projeto **Escravidão: somos livres?**, vamos investigar as formas de exploração do trabalho em distintos momentos da humanidade e evidenciar os direitos ao trabalho livre, digno e remunerado.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** ESCRAVIDÃO: SOMOS LIVRES?

> **TEMA INTEGRADOR:** PROTAGONISMO JUVENIL

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar a ausência de liberdade imposta pela escravidão no passado e pelo trabalho análogo ao escravo no presente leva a reconhecer a necessidade de que todos os seres humanos sejam considerados iguais e que ninguém deve ser excluído das condições de dignidade.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

A escravidão ocorreu de diferentes formas na história. No Brasil, por exemplo, em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea aboliu a escravatura. Desde então, a exploração, imposta por meio da força, na qual um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro, tornou-se proibida. Na atualidade, a expressão “trabalho análogo ao escravo” refere-se a condições degradantes incompatíveis com a dignidade humana, como jornadas exaustivas que acarretam danos à saúde ou risco de vida, trabalho forçado ou servidão por dívida. No Projeto Integrador **Escravidão: somos livres?** vamos investigar esse tema, partindo de poemas, relatos e outros tipos de textos, e demonstrar que a escravidão em todas as suas formas passou a ser considerada um crime contra a humanidade reconhecido por toda a comunidade internacional.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 1 3 7 e 8

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Seleção ou elaboração de poemas, relatos, contos ou músicas que descrevem como a escravidão se fez ou se faz presente na vida de uma pessoa e na sociedade em que ela vive. Os textos produzidos devem ser apresentados em um sarau com o tema **Escravidão: somos livres?**

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

ETAPA 1

Apresentação do tema **Escravidão: somos livres?** e de como será desenvolvido. Interpretar poema e identificar conhecimentos sobre as formas de escravizar em infográfico.

> COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS101 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS404 (relacionada à competência específica 4)
- EM13CHS501 (relacionada à competência específica 5)
- EM13CHS503 (relacionada à competência específica 5)
- EM13CHS601 (relacionada à competência específica 6)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.

> MATERIAIS SUGERIDOS:

Etapa 1

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros e revistas.

Etapa 2

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Dicionário físico ou digital.
- Livros e revistas.
- Material para elaboração de desenhos ou para produção de fotografias.

Etapa 3

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, revistas ou jornais.

ETAPA 2

Conhecer diferentes gêneros textuais relacionados à escravidão e ao trabalho análogo ao escravo, além de interpretar documentos sobre o trabalho em diferentes períodos. Definir e diferenciar trabalho e trabalho análogo ao escravo em infográfico e elaborar um painel com frases de reflexão sobre o tema. Recitar cordel sobre a história da princesa guerreira Aqualtune, elaborar poema e identificar e pesquisar relatos de memórias sobre o tema.

ETAPA 3

Planejar, produzir e participar de sarau com o tema **Escravidão: somos livres?**. Refletir sobre as propostas sugeridas nos projetos e elaborar respostas para a pergunta-chave.

ETAPA

1

VAMOS COMEÇAR

A poeta Lubi Prates nasceu em São Paulo, em 1986. Leiam juntos a seguir um dos poemas de Lubi, publicado em 2019 no livro **Um corpo negro**, que reconstitui experiências vivenciadas por alguém de corpo feminino e negro.

para este país

para este país
eu traria

os documentos que me tornam gente
os documentos que comprovam: eu existo
parece bobagem, mas aqui
eu ainda não tenho esta certeza: existo.

para este país
eu traria

meu diploma os livros que eu li
minha caixa de fotografias
meus aparelhos eletrônicos
minhas melhores calcinhas

para este país
eu traria
meu corpo

para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas

não me permitiram malas

: o espaço era pequeno demais

aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se

com o peso que tem uma vida.

para este país
eu trouxe

a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua

para este país
eu trouxe

meus orixás
sobre a minha cabeça
toda a minha árvore genealógica
antepassados, as raízes

para este país
eu trouxe todas essas coisas
& mais

: ninguém notou,
mas minha bagagem pesa tanto.

PRATES, Lubi. Para este país. In: PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. São Paulo: Nosotros, 2019. p. 27-29.



> ATIVIDADES



1. Releiam o poema.
 - a) Seleccionem trechos que arrebatam, encantam ou por alguma razão chamam a atenção de vocês.
 - b) Após a seleção, produzam frases justificando as escolhas.
 - c) Com seu professor e colegas, organizem a leitura dos trechos e das justificativas.
2. Prossigam a atividade respondendo às questões a seguir: **Ver nas Orientações para o professor observações e sugestões para estas atividades.**
 - a) Do que trata o poema?
 - b) O que a personagem traria e trouxe em sua bagagem?
 - c) Como os “outros” enxergam a personagem?
 - d) O poema representa situações relacionadas ao passado ou ao presente? Como vocês chegaram a essa conclusão?

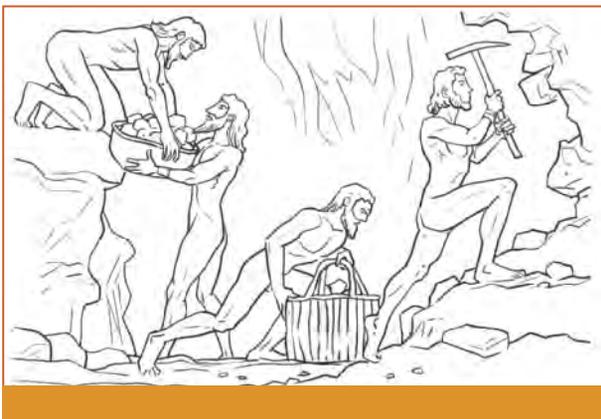
> ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Como vocês ampliariam o poema de Lubi Prates? Produzam versos ou estrofes em linguagem poética descrevendo o que vocês trariam na bagagem se estivessem no lugar da personagem.

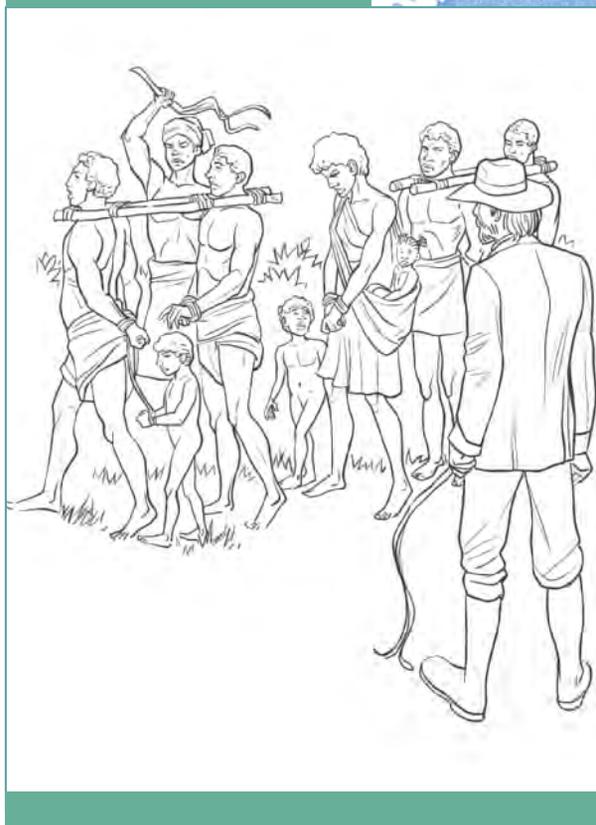
Escravizar: da Antiguidade aos nossos dias

Relação de trabalho que existe desde os períodos mais remotos, a escravidão assumiu formas e objetivos diferentes ao longo do tempo em diferentes regiões do mundo.

Escravidão antiga



Escravidão moderna

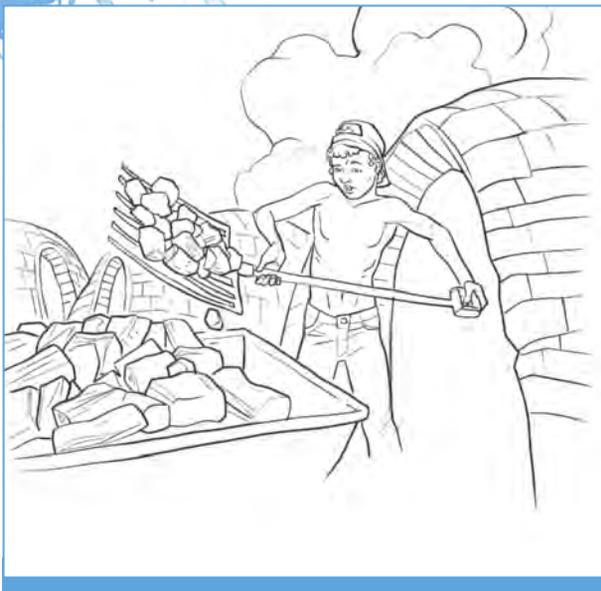


Na Antiguidade, os laços de parentesco eram muito valorizados e determinavam a posição social e os ofícios de família das pessoas. O trabalho intelectual era mais valorizado que o trabalho manual. Assim, era muito comum encontrar nas sociedades antigas uma nobreza “nascida na terra”, que não executava trabalho manual, altamente privilegiada e que dispunha de inúmeros trabalhadores livres e escravos para a execução de tarefas braçais. Geralmente, os trabalhadores livres eram descendentes de povos dominados pacificamente em um determinado território, enquanto os escravos eram estrangeiros capturados em guerra. O trabalho escravo foi uma prática estabelecida, com características distintas, na Babilônia, na Assíria, no Egito, na Grécia e no Império Romano, entre outros povos da Antiguidade.

Na época da expansão marítima, os europeus conheceram a escravidão praticada nos territórios árabes e no continente africano. Os europeus, a partir dessa modalidade escravista, desenvolveram um comércio sem precedentes. Apoiaram-se na ideia de que a América, a África e mesmo regiões da Ásia eram um deserto cultural e religioso, que deveriam ser “civilizadas” pelos europeus. Na América espanhola e portuguesa, a escravidão indígena foi largamente utilizada, dizendo, em muitas situações, a população originária. Já a escravidão africana foi responsável pelo tráfico de mais de 11 milhões de pessoas para o continente americano.

Inicialmente, os escravizados foram explorados nas lavouras e na mineração. Com o crescimento das cidades coloniais, os ofícios ganharam novos contornos especializados.

Trabalho escravo contemporâneo



HECTOR GOMEZ, PUN PHOTO/SHUTTERSTOCK.COM/2020

Com a Revolução Industrial, a partir do século XVIII, as relações de trabalho sofreram grandes transformações e originaram uma nova categoria de trabalhadores: os assalariados. Sem possuírem terras, fábricas, máquinas ou outros instrumentos, vendiam sua força de trabalho e seu tempo em troca de um salário. Após as lutas operárias dos séculos XIX e XX, a remuneração digna e justa é a única relação de trabalho aceita pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) e qualquer situação que fuja a esses parâmetros é considerada ilegal. Uma das formas de exploração criminosa do trabalho é aquela análoga à escravidão. Ela é caracterizada pela exploração degradante de pessoas em condição de vulnerabilidade social e seu objetivo imediato é a maximização dos lucros de quem explora.

> ATIVIDADES

NÃO ESCREVA
NO LIVRO



1. Observem e descrevam:
 - a) Que grupos de pessoas tiveram sua força de trabalho explorada de forma degradante e muitas vezes criminosa nos momentos históricos destacados no infográfico?
 - b) Quem explorou, segundo as informações disponíveis no infográfico, o trabalho dessas pessoas?
2. Seleccionem em livros, revistas ou na internet uma imagem que represente a escravidão para vocês. Compartilhem os resultados com os colegas e produzam juntas legendas explicativas para ampliar seus conhecimentos com novas informações. **Ver nas Orientações para o professor observações e sugestões para estas atividades.**

SESSÃO PIPOCA

Que tal conhecer um pouco mais da história do comércio de seres humanos assistindo a um filme?

O documentário **A rota do escravo: a alma da resistência** foi produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Apresenta um panorama histórico da escravidão e é narrado pela voz de escravizados e comerciantes. O filme pretende investigar os caminhos que levaram a humanidade a cometer esse crime.

A ROTA do escravo: a alma da resistência. 2013. Vídeo (34 min). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=HbreAbZhN4Q&list=PL15AJFJKCHL779U4-gh_irRINuA1_GLh&index=5. Acesso em: 7 nov. 2019.

Investigação: escravidão e trabalho análogo

Neste projeto, a nossa proposta é investigar como a ausência de liberdade imposta por condições degradantes de trabalho, que se vê na escravidão e no trabalho análogo ao escravo, é considerada na atualidade crime contra a humanidade. Vamos também evidenciar que todos os seres humanos nascem com direitos fundamentais que não devem ser violados ou excluídos.

Para organizar a investigação, com a ajuda do professor, dividam-se em grupos de trabalho de 3 a 5 pessoas.

Que tal organizar grupos com pessoas de experiências e interesses distintos? Para isso, considerem compor equipes com pessoas com:

- interesse e conhecimentos sobre poesia, literatura ou música;
- talento para recitar, declamar, cantar ou tocar algum instrumento;
- aptidão para escrever poemas, músicas, contos ou outros tipos de textos;
- habilidade para a pesquisa de textos em diferentes fontes, como livros ou *sites* da internet.

Permitam-se desenvolver o projeto junto a pessoas com quem vocês normalmente não estão acostumados a trabalhar. Essa experiência certamente pode propiciar trocas de informações ricas e inusitadas.



Estudantes reunidos para elaboração de atividade escolar.

O poema e o infográfico que sugerimos apresentam apenas algumas das questões do passado e da atualidade sobre o tema escravidão. Possivelmente muitas dúvidas surgiram com as leituras e as atividades propostas até o momento.

- Como podemos definir o conceito de escravidão no passado? E o trabalho escravo na atualidade?
- Como a escravidão foi estabelecida nos diferentes momentos da história da humanidade?
- O trabalho escravo ainda é uma realidade no Brasil e em outros países?
- No seu cotidiano, o fantasma da escravidão se faz presente?



Ilustração representando trabalhadores colhendo algodão. A ilustração, feita em 2013, remete aos trabalhadores escravizados do período moderno.

Com base nessas questões sugeridas acima, elaboramos uma pergunta-chave que abrange parte das nossas dúvidas sobre o tema e que deverá nortear as investigações no Projeto Integrador que vamos desenvolver juntos: **Escravidão: somos livres?**

Durante todo o percurso, retomem a pergunta-chave e, se necessário, façam pequenas adaptações ou transformações nela. Ela deverá conduzir o processo de investigação, mas não deve ser vista como fator limitante. Deve também possibilitar a produção de uma boa pesquisa e expandir os conhecimentos sobre o tema.

Sugerimos como possibilidades de produto final para este projeto a seleção ou a elaboração de poemas, relatos ou contos em que personagens descrevam como a escravidão se fez ou se faz presente na vida delas. Para apresentar os textos produzidos, sugerimos a produção e organização de um sarau com o tema **Escravidão: somos livres?**

Nas próximas etapas, vocês encontrarão as orientações e os procedimentos adequados para a investigação e a elaboração do sarau.

ETAPA

2

SABER E FAZER

Para a elaboração da **síntese**, informe aos estudantes que é preciso compreender o texto para evidenciar as principais ideias abordadas pelo autor. Solicite que leiam e destaquem as palavras-chave e os trechos relevantes. Além disso, recomende que redijam a síntese com objetividade e clareza.

Escravidão: crime na história da humanidade

Dentre as formas de exploração do trabalho, a escravidão pode ser considerada a mais degradante, por desumanizar as pessoas.

Modo cruel de explorar o trabalho e de retirar a dignidade humana, a escravidão se fez presente em muitos momentos da história da humanidade. Para que todos possam conhecer todas as informações inseridas nos textos, sigam as orientações a seguir:



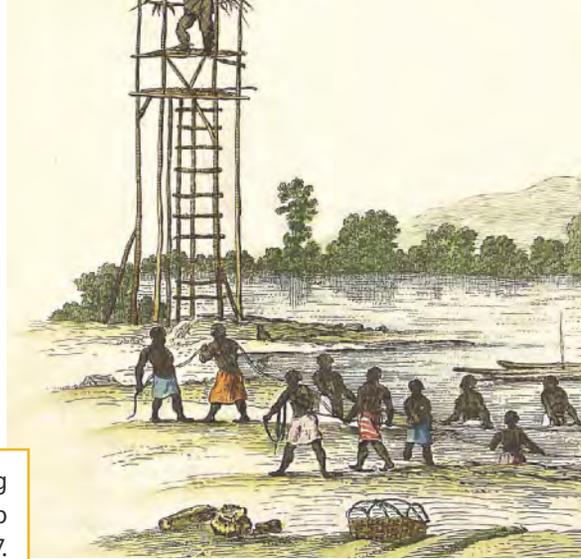
Ilustração de mãos atadas representando a exploração do trabalho.

- Reúnam-se em grupos de acordo com as orientações da Etapa 1.
- Cada grupo, de acordo com as orientações do professor, deverá ler apenas textos de um dos itens da sequência a seguir: A. Quilombos: locais de resistência; B. Escravidão negra no Brasil; C. Tráfico de pessoas; D. Trabalho análogo ao escravo.
- Após a leitura do texto, cada grupo deverá produzir uma síntese, que é um apanhado geral das ideias essenciais do texto. Para a produção, levem em consideração as orientações a seguir:
 - Busquem em dicionários o significado das palavras e dos termos desconhecidos no texto.
 - Se acharem necessário, anotem os trechos mais importantes do texto e pontuem as principais ideias abordadas.
 - Para finalizar, conectem todas as ideias e produzam a síntese.

A. Quilombo: locais de resistência

O texto a seguir descreve Zumbi dos Palmares, líder quilombola brasileiro que nasceu no que atualmente corresponde ao município de União dos Palmares, em Alagoas, em 1655.

Detalhe do mapa feito por Joan Blaeu e Georg Marcgraf, representando o que poderia ter sido o Quilombo dos Palmares, em 1697.



BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O quilombo de Zumbi

O destino mais procurado pelos escravizados fugidos eram os quilombos, especialmente nas áreas rurais e nas regiões mais distantes dos centros urbanos. Entre os séculos XVI e XIX, é provável que tenham existido centenas de quilombos por todo o Brasil, de tamanhos, populações e duração variáveis.

Em geral, os quilombos localizavam-se em regiões de difícil acesso, mantidas em segredo para proteger seus habitantes. E muitas comunidades reuniam populações bastante diversas, com africanos e afrodescendentes fugidos, indígenas, trabalhadores livres pobres, entre outras.

O quilombo mais famoso da história brasileira é, provavelmente, o Quilombo dos Palmares, entre os atuais estados de Pernambuco e Alagoas. Era, na verdade, um complexo que reunia várias comunidades quilombolas relativamente independentes, que mantinham relações sociais e de ajuda, e eram submetidas a uma liderança central. A sobrevivência na região era garantida pela agricultura e pela criação de animais, bem como pela troca de produtos por gêneros necessários à sobrevivência com grupos indígenas e vilas próximas. Estima-se que o complexo de Palmares possa ter abrigado até 20 mil pessoas em alguns períodos.

A fama de Palmares era notória na época colonial. Fazendeiros da região Nordeste e autoridades da Coroa portuguesa no Brasil reuniram esforços para tentar localizar e destruir a comunidade, pois o mito da vida livre em Palmares crescia e incentivava novas tentativas de fuga.

É provável que Palmares tenha sido ocupado inicialmente já no final do século XVI. Ao longo de todo o século XVII, expedições financiadas pelos senhores de engenho, por autoridades coloniais e mesmo empreitadas particulares tentaram por várias vezes desmobilizar o quilombo. No entanto, mesmo depois da localização da comunidade, os quilombolas mantiveram ferrenha resistência e venceram várias batalhas contra os perseguidores. O complexo de Palmares foi destruído apenas em 1695, por uma expedição de bandeirantes paulistas que conseguiu assassinar os líderes quilombolas. Entre esses líderes, destacou-se uma figura que ganhou um caráter quase mítico: Zumbi dos Palmares.

Alguns estudos indicam que em Palmares se estabeleceu uma hierarquia social bastante desigual, com os grupos predominantes mantendo, inclusive, determinados tipos de trabalhadores servis e escravizados. No entanto, mesmo a interpretação dessa organização social é questionada, pela falta de fontes históricas e registros sobre a comunidade.

A maior parte dos registros a que temos acesso atualmente provém de relatos de grupos que tentaram atacar os quilombolas e construíram interpretações com base em suas visões de mundo e posições sociais.

Onde houve trabalhadores escravizados no Brasil, houve fugas e a formação de quilombos. Cada comunidade desenvolveu modos próprios de vida e de sobrevivência e muitos quilombos tiveram vida breve – atacados por caçadores de recompensas ou pelas autoridades coloniais.

B. Escravidão negra no Brasil

Nos últimos anos, histórias de vida de pessoas que foram escravizadas têm sido evidenciadas e ganharam visibilidade em estudos e pesquisas. A biografia a seguir é um exemplo dessas pesquisas recentes e conta a trajetória de Rita Maria da Conceição, batizada com esse nome no Brasil. Ela nos traz pistas de como a população inicialmente escravizada estava em constante negociação, buscando formas de resistência e autonomia.



HECTOR GOMEZ, PUN PHOTO/SHUTTERSTOCK.COM/2020

Senhora de si

A travessia do Atlântico durava mais de dois meses. Espremidos nos porões dos navios negreiros, milhares de homens, mulheres e crianças suportavam calor, sede, fome, sujeira, ataques de ratos e piolhos, surtos de sarampo ou escorbuto. Muitos não resistiam, e acabavam jogados ao mar. Mas nem mesmo tantos maus-tratos impediam o nascimento de novas vidas. Em princípios do século XIX, uma jovem africana que estava vindo para o Rio de Janeiro deu à luz em plena viagem. Foi seu filho, Manoel José da Conceição Coimbra, quem lembrou essa história muitos anos depois.

Para provar que a africana, batizada no Rio [de Janeiro] com o nome de Rita Maria da Conceição, era mesmo sua mãe, ele juntou fios de histórias que ainda guardava na memória a alguns registros escritos, como certidões de batismo, casamento e óbito. O relato – anexado ao processo que abriu em 1846, para garantir a herança materna, na Vara Cível do Rio de Janeiro – podia até parecer seco e muitas vezes impreciso. Ainda assim,

reconstituía, como poucos, parte de suas experiências naquele “infame comércio” de africanos.

Rita saíra de Cabinda, no Centro-Oeste da África, ao norte do Rio Zaire. Boa parte dos negreiros que chegavam ao Rio de Janeiro vinha dessa região. Ao cruzarem o oceano, eles deixavam para trás pátria, família, casa e deuses; tinham que encarar uma nova vida numa terra desconhecida. Mas já nos “tumbeiros” (como também eram chamadas essas embarcações), começavam a formar novos laços.

A jovem africana e seu filho recém-nascido conseguiram aportar na capital do Império brasileiro. Segundo Manoel José, “chegando a esta cidade o navio em que vinham”, foram vendidos “no Valongo a Miguel José Taveira, que fez batizar a ambos por seus escravos”. Acomodados num dos armazéns que se espalhavam pela Rua do Valongo, maior entreposto de comércio escravista do país, devem ter ficado por algum tempo expostos à curiosidade dos possíveis compradores. Arrematados por um senhor português, logo receberam nomes cristãos na igreja da freguesia de Santana: Rita e Manoel José.

Os dois ficaram juntos durante todo o tempo em que trabalharam na casa de Miguel Taveira. Depois de conseguir arranjar “o valor de ambos”, a africana comprou, na década de 1820, suas cartas de liberdade. Manoel preferiu seguir para Macaé, cidade no Norte fluminense. Já sua mãe permaneceu no Rio de Janeiro. E não demorou a encontrar um amor. Em 29 de novembro de 1828, casou-se com Antônio José de Santa Rosa, também ex-escravo, que nascera na freguesia de São Miguel de Ipojuca, em Pernambuco.

Durante quase sete anos, o casal vendeu hortaliças, legumes e aves em duas bancas na Praça do Mercado, também conhecida como Mercado da Praia do Peixe. Instalado à beira da Baía da Guanabara, nas proximidades do Largo do Paço (atual Praça XV de Novembro), esse grande centro de abastecimento de gêneros de primeira necessidade reunia quitandei-
ras, mercadores e carregadores africanos, pequenos lavradores e vendedores brasileiros e portugueses. Para incrementar seus negócios, Antônio e Rita ainda contavam com seis escravos. Maria Angola e Joaquina Benguela dedicavam-se aos “serviços de quitanda”. Já José Moçambique estava empregado como marinheiro. Juntando os “jornais” (dinheiro que os cativos deviam entregar ao senhor no fim de cada dia – ou de uma semana – de trabalho) com os rendimentos das barracas, eles acumulavam um bom patrimônio. Em pouco mais de um ano, a quitandeira Joaquina rendeu 180 mil-réis. E nas bancas, o lucro anual podia chegar a mais de um conto. Com este valor, podiam comprar pelo menos duas cativas como Joaquina, que, em 1846, teve seu preço de venda estipulado em 400 mil-réis.

[...] os dois também se uniam na devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Na irmandade, criada no Rio de Janeiro pelos africanos angolas, eles participavam de missas, festas e procissões em homenagem aos santos católicos e ainda encontravam apoio [...] em casos de doença ou morte. Só que, mais de seis anos após o casamento, a relação de Rita e Antônio andava mal. Cansada de ser maltratada pelo marido, a africana decidiu abrir um processo de divórcio. Antônio até se defendeu das acusações, mas acabou concordando em romper a união em fevereiro de 1835. De acordo com os autos da partilha amigável, Rita – que não teve mais filhos – ficou com uma “morada de casas” na cidade de Campos, no Norte do estado, três escravas e um conjunto de joias de ouro e prata.

Dividida entre a Corte e o interior do Rio de Janeiro, ela voltava a ficar mais próxima de seu filho, que morava em Macaé, na mesma região fluminense. Não se sabe se ela ainda vendia suas quitandas. Mas quando faleceu, em 28 de maio de 1842, conservava todos os bens reunidos ao longo de tantos anos. Como seu único herdeiro, Manoel José precisou confirmar que era mesmo seu “parente de sangue”. E foi assim que, mais uma vez, refez suas histórias.

FARIAS, Juliana Barreto. Senhora de si: a história da escrava que comprou sua liberdade, juntou patrimônio próprio e ainda entrou com ação de divórcio contra o marido. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 54, 24 jan. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160413005839/http://rhbn.com.br/secao/capa/senhora-de-si>. Acesso em: 15 out. 2019.

Mercado do Peixe, Rio de Janeiro (RJ), década de 1890.
O mercado reunia atividades de ganho desde antes da abolição.

JUAN GUTIERREZ/ACERVO INSTITUTO MOREIRA SALLES



C. Tráfico de pessoas e trabalho análogo ao escravo

Os textos a seguir revelam características do trabalho análogo ao escravo presente em nosso tempo. O primeiro denuncia o mercado de gente no século XXI. O segundo traz o depoimento de um trabalhador vitimado por essa prática. O último texto é uma notícia sobre uma indígena submetida a condições degradantes de trabalho.

Alojamento de trabalhadores resgatados pelo Ministério Público do Trabalho em Boa Vista (RR), 2018.



GUIOTO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO

Mercado de gente

Em pleno século 21, pessoas ainda são traficadas e comercializadas como produtos inanimados. No mundo, estima-se que 2,4 milhões de pessoas sejam vítimas desse crime, por ano.

O tráfico de pessoas é uma violação de direitos humanos, porque acomete a dignidade do indivíduo traficado, reduzindo-o a um objeto, muitas vezes, insignificante. O principal objetivo daqueles que protagonizam esse crime é a exploração de pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica para a geração de lucro.

Hoje, o tráfico de pessoas é a segunda atividade ilícita mais lucrativa do mundo. De acordo com a ONU, todos os anos esse negócio atroz movimentava 32 bilhões de dólares americanos.

Os traficantes utilizam de artimanhas, mentiras e propostas sedutoras de empregos irrealizáveis e de uma vida melhor para enganar homens, mulheres e, até mesmo, adolescentes e crianças.

Em muitas situações, as vítimas são submetidas a condições indignas de trabalho para que a sua exploração seja rentável aos seus algozes, como nos casos de exploração sexual e de trabalho escravo contemporâneo. Essas vítimas são utilizadas e reutilizadas para, então, serem descartadas. Em outras ocasiões, as pessoas traficadas servem como mercadorias que atendem a um mercado ilegal e reiteram as desigualdades sociais; exemplos disso são o casamento forçado, a venda de órgãos e a adoção ilegal.

Em todos os casos, as vítimas acreditam. Elas acreditam que as propostas são verdadeiras, que seus sonhos serão realizados. Elas acreditam que podem ter uma vida diferente e que serão felizes. E que farão os seus entes queridos felizes.

No geral, atribuímos a responsabilidade a um crime tão desumano àqueles que traficam. Contudo, é preciso ter a ciência de que a venda de pessoas somente existe porque há uma demanda para esse mercado, ou seja, existem consumidores da exploração de milhares de vidas.

SUZUKI, Natália (org.). **Tráfico de pessoas: mercado de gente**. São Paulo: Repórter Brasil, 2016. p. 4. Disponível em: <http://escravonempensar.org.br/biblioteca/trafico-de-pessoas-mercado-de-gente-2a-edicao-2/>. Acesso em: 15 out. 2019.

“Saí fugido”

Em Açailândia, comecei a trabalhar com 17 anos. Fiquei na fazenda por dois anos. Saí fugido. Fui humilhado lá dentro. Se o cabra fala de ir embora, ele diz que vai matar, vira costa de foice na cabeça do cabra. E a gente fica com medo, porque eles estão todos armados. Não tem comida direito, não tem um lugar bom pra dormir. Eu saí de lá ontem às 4 da manhã. Toda vez que via um carro, entrava na mata e pensava: será que são eles que vão me matar? É muito o medo que a gente tem de morrer. Eu entrava na mata e deixava o carro passar. Quando cheguei na pista, depois de uns 40 quilômetros, vinha vindo um carro, e eu perguntei para o cabra: “Vai pra onde?” Ele disse: “Vou para o Buritipicu.” Conteí minha vida para ele. “Estou saindo é fugido, pois lá onde eu estava, o cabra não quer que ninguém saia. Ficamos trabalhando que nem escravo lá. Eu fiquei sabendo que os federais estão em Buriti e é para lá que eu vou.” Ele disse: “Poxa, não carece de pagar não”. Fui, mas os federais já tinham ido embora. Então, falei com o promotor de Buriti. Ligamos para o Ministério do Trabalho, em São Luís, mas não deu certo. Ligamos para Teresina, não deu certo. Aí, ligamos para cá e foi o que deu certo. [...] Ontem dormi na casa de um padre, comi, tomei um banho com sabonete novo, dormi numa rede limpinha e amanhã vou embora para minha casa, no Piauí.

SANTOS, José. **Memórias de brasileiros**: uma história em cada canto. São Paulo: Peirópolis: Museu da Pessoa, 2008. p. 63.

Empregada doméstica indígena é resgatada de trabalho escravo em São José dos Campos, SP

Jovem de 20 anos foi trazida de uma aldeia no Amazonas para trabalhar com serviços domésticos e como babá do bebê do casal. Segundo o MPT, ela não era remunerada e não tinha contato com a família. Casal foi preso e vai responder por tráfico de pessoas.

Uma empregada doméstica indígena foi resgatada na terça-feira (3) de trabalho análogo ao escravo, no Jardim Paulista, em São José dos Campos (SP). Ela foi trazida do norte do país e era mantida no apartamento da família, prestando serviços de faxina e cuidando de um bebê e uma idosa sem remuneração e contato com a família. O casal foi preso em uma operação da Polícia Federal com o Ministério Público do Trabalho (MPT) e vai responder por tráfico de pessoas.

Eles assinaram um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para quitar os salários, dívidas trabalhistas e custear o retorno da jovem, de 20 anos, à aldeia.

De acordo com o MPT, a jovem é membro da Aldeia Santa Rosa, no Amazonas – a área urbana mais próxima fica a cinco dias de canoa –, e teve o primeiro contato com o casal em Manaus (AM). Lá ela trabalhou por cinco meses, até ser trazida para São José.

Ainda segundo a procuradoria, a proposta era de que ela trabalhasse como babá da criança do casal dois anos e recebesse R\$ 500 ao mês – o salário mínimo paulista é de R\$ 1.163,55 para domésticas. Os pagamentos, conforme apurado pelos fiscais do trabalho, cessaram em março.

EMPREGADA doméstica indígena é resgatada de trabalho escravo em São José dos Campos, SP. **G1 Vale do Paraíba e Região**, 4 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/09/04/empregada-domestica-indigena-e-resgatada-de-trabalho-escravo-sao-jose-dos-campos-sp.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2019.

Escravidão: síntese dos textos

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Revejam e pontuem as principais ideias abordadas no texto para a produção da síntese e levem em consideração as orientações a seguir:
 - Organizem o texto de forma clara e objetiva, conectando as ideias principais.
 - Não se esqueçam de que é fundamental apresentar as concepções e convicções do(s) autor(es). Por isso, não incluam na síntese as opiniões dos integrantes do grupo.

ATIVIDADES DE AMPLIAÇÃO



Para conhecer mais sobre o tema e ampliar o repertório sobre gêneros de linguagem, observem as imagens a seguir.



- Após a leitura e a produção da síntese, compartilhem os resultados e descrevam como a escravidão ou as condições indignas de trabalho são sugeridas nos diferentes textos selecionados.
- Reservem um tempo para compartilhar e conversar sobre os aspectos apresentados em todos os textos que sensibilizaram você e seus colegas de sala.



MARCELO D'SALETE, CUMBE, 2014, EDITORA VENETA.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Observem atentamente os quadrinhos e descrevam:
 - a) Que personagens se destacam?
 - b) Como os escravizados são retratados?
2. Investiguem outras imagens que retratem o trabalho análogo ao escravo na atualidade e compartilhem com os colegas.

O professor, ilustrador e artista plástico Marcelo D'Saete representou em HQ a resistência negra contra a escravidão no Brasil, no livro **Cumbe**.

Trabalho, escravidão e liberdade

Vimos até agora aspectos de diferentes tipos de escravidão existentes ao longo do tempo. O conceito de escravidão não é uma concepção isolada e pode ser compreendido a partir de um contexto mais amplo: o das relações de trabalho.

1. Para iniciar a atividade, investiguem juntos em livros ou na internet a origem da palavra **trabalho**. Que significados estão na origem dessa palavra?
2. Que importância o trabalho assume na sociedade e na vida das pessoas atualmente?

Quando materializamos nossa cultura, o trabalho torna-se visível por meio das coisas concretas que produzimos e das transformações que fazemos na natureza. A hierarquia social e as relações de trabalho têm ligação com os sistemas produtivos que criamos. Leiam os textos a seguir, que constituem documentos sobre relações de trabalho em diferentes períodos.

Os gregos e os “bárbaros”

[...] a natureza fez distinção entre a mulher e o escravo. Mesmo não sendo sovina como o ferreiro que modela a faca delfica para vários usos, a natureza determina a utilidade de cada coisa, e cada instrumento é mais bem-feito quando determinado para atender a uma e não a muitas finalidades. Mas entre os bárbaros nenhuma distinção é feita entre mulheres e escravos; isso porque não existe entre eles aquela parte da comunidade destinada, por natureza, a governar e a comandar; são uma sociedade composta unicamente de escravos, tanto os homens quanto as mulheres. Por isso o poeta diz: "É sabido que os helenos podem dominar os bárbaros!", significando isso que bárbaros e escravos são de uma mesma natureza. Fora essas duas afinidades, o primeiro ponto a considerar é a família. Hesíodo tem razão ao dizer: "Primeiro o lar, a esposa e um boi para o arado", uma vez que o boi é o escravo dos pobres.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 144-145. (Coleção Os pensadores).



Escultura funerária representa um escravo (à esquerda) e sua senhora. Ática, c. 380 a.C.

PRISMA/ALBUM/FOTOARENA



Camponeses arando a terra, século XVI.

Orar e trabalhar

Os clérigos devem por todos orar
Os cavaleiros sem demora
Devem defender e honrar
E os camponeses sofrer.
Cavaleiros e clero sem falha
Vivem de quem trabalha
Os campônios têm grande cansa e dor
Pagam primícias, corveias, orações ou talha
E cem coisas costumeiras.
E quanto mais pobre viver
Mais mérito terá.
Das faltas que cometeu
Se paga a todos o que deve
Se cumpre com lealdade a sua fé
Se suporta paciente o que lhe cabe:
Angústia e sofrimento.

História dos duques da Normandia, de Benedito de Sainte-Maure, *apud* DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982. p. 309-311.

2

3

Espanhóis e indígenas na América

Aqueles que foram de Espanha para esses países (e se têm na conta de cristãos) usaram de duas maneiras gerais e principais para extirpar da face da terra aquelas míseras nações. Uma foi a guerra injusta, cruel, tirânica e sangrenta. Outra foi matar todos aqueles que podiam ainda respirar ou suspirar e pensar em recobrar a liberdade ou subtrair-se aos tormentos que suportam, como fazem todos os senhores naturais e os homens valorosos e fortes; pois comumente na guerra não deixam viver senão mulheres e crianças: e depois oprimem-nos com a mais horrível e áspera servidão a que jamais tenham submetido homens ou animais.

LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. **O paraíso destruído**: brevíssima relação da destruição das Índias [1552]. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 29.

4

Relatório dos Comissários do Trabalho Infantil

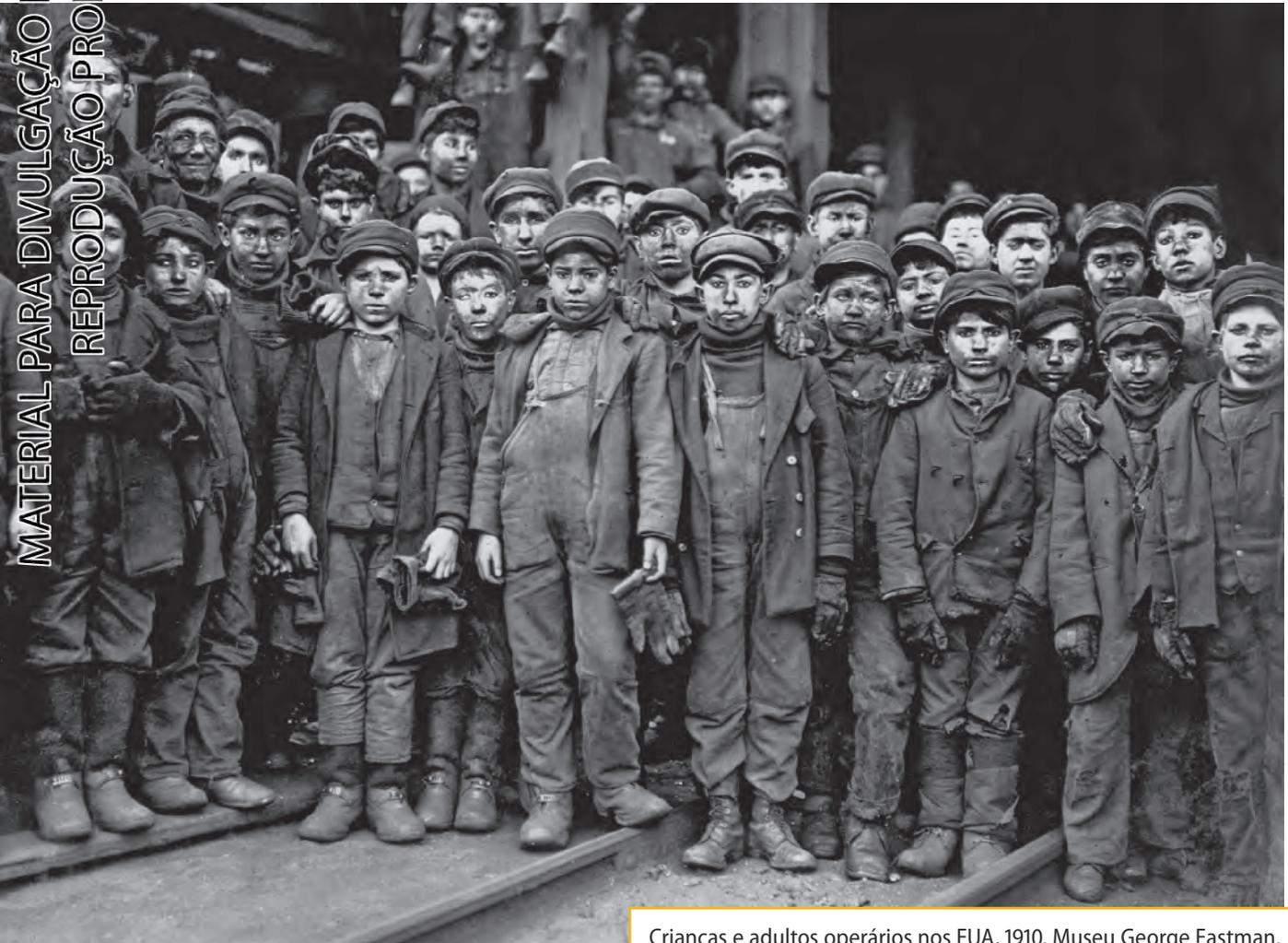
O presente inquérito reuniu, também, uma grande quantidade de provas sobre os diversos aspectos das condições das fábricas, que exercem importante influência na saúde dos trabalhadores, adultos e crianças.

Nas fábricas antigas e pequenas o relato uniforme é: suja; mal ventilada; mal drenada; sem banheiros ou vestiários; sem exaustores para a poeira; maquinaria solta; passagens muito estreitas; alguns tetos são tão baixos que se torna difícil ficar em pé no centro da sala. Disto resulta:

- Que as crianças empregadas em todos os ramos de manufatura do Reino trabalham o mesmo número de horas que os adultos;
- Que os efeitos de trabalho tão prolongado são: a deterioração permanente da constituição física; a aquisição de doenças incuráveis; a exclusão (por excesso de fadiga) dos meios de obtenção da educação adequada;
- Que, na idade em que as crianças sofrem prejuízos com o trabalho, elas ainda não são emancipadas sendo alugadas e seus salários recebidos pelos pais ou responsáveis.

Report of Commissioners on the employment of children's in factories (1832), in Parliamentary Papers, 1833, XX, *apud* COLETÂNEA de documentos históricos para o 1º grau: 5ª a 8ª séries. São Paulo: SE/Cenp, 1980. p. 88.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



LEWIS WICKES HINE/LIBRARY OF CONGRESS/CORBIS/VEGGETY IMAGES

Crianças e adultos operários nos EUA, 1910. Museu George Eastman.

5

Muito trabalho, nenhum direito

“A gente não descansa”, diz o rapaz, que trabalha pelo menos 12 horas por dia e sete dias por semana. Ganha cerca de R\$ 1 mil por mês com a jornada, já descontados os gastos com alimentação e um ou outro imprevisto do caminho, como um pneu furado. “Não me lembro da minha última folga desde que comecei a trabalhar com isso, um ano atrás. Toda as vezes que sento para assistir à televisão em casa, penso que poderia estar pedalando e fazendo algum dinheiro”, afirmou.

Samuel Marques é um entre os cerca de 30 mil entregadores ciclistas cadastrados nos aplicativos somente na capital paulista. O número dá a dimensão de uma atividade que, há um ano, passava quase despercebida em São Paulo. Hoje, os ciclistas com caixas nas costas tomam as paisagens dos centros comerciais nas horas de pico da fome – das 12h às 15h e das 19h às 22h –, além de serem presença constante em calçadas próximas a *shopping centers*, restaurantes ou supermercados nos fins de semana.

JAKITAS, Renato. 12h por dia, 7 dias por semana, R\$ 936: como é pedalar fazendo entregas por aplicativo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo. 15 set. 2017. Infográficos. Disponível em: www.estadao.com.br/infograficos/economia,12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalar-fazendo-entregas-por-aplicativo,1034668. Acesso em: 20 out. 2019.

> ATIVIDADES



1. Nos grupos, pesquisem as relações de trabalho descritas nos textos, sua localização no tempo e no espaço. Escolham um tipo de relação de trabalho que mais lhes chamou a atenção. Pesquisem a pirâmide social equivalente à sociedade em que ela esteve presente e analisem o trabalho executado por cada estrato social.
2. Quem era considerado livre nessas sociedades?
3. A maneira como o trabalho foi dividido nessas sociedades influenciou de alguma forma a nossa? Justifiquem e compartilhem as respostas.
4. Ao longo da trajetória da humanidade, as formas de trabalhar e seus objetivos foram muito diversos. Algumas permanecem e outras nem existem mais. Hoje em dia, nossa sociedade valoriza o trabalho como possibilidade de liberdade para viver e consumir. Porém, o conflito constante entre o trabalho que nos realiza pessoalmente e o trabalho que rouba a liberdade e causa alienação é um dilema presente na sociedade atual. Reflitam sobre essa problemática e produzam frases ou poemas sobre o tema e compartilhem com os outros grupos.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Alguns dos textos selecionados trazem informações relacionadas às condições de trabalho e à saúde dos trabalhadores. Como esses elementos impactam o bem-estar das pessoas? E quanto aos trabalhos com que vocês têm contato? Para conhecer mais sobre o assunto, pesquisem em livros e na internet e produzam um painel simples e sintético, destacando os temas trabalho e saúde dos trabalhadores em diferentes momentos da história. A seguir, destaquem e conversem sobre as principais informações levantadas.

Trabalho análogo ao escravo

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

No decorrer do projeto conversamos sobre a escravidão do passado e as formas degradantes de exploração do trabalho, como o análogo ao escravo. Reflitam com a ajuda de seus colegas:

1. Como a lei define o trabalho análogo ao escravo?
2. Que diferenças existem entre a escravidão e o trabalho análogo ao escravo?

Que tal ampliarmos nosso conhecimento sobre o tema? No Brasil, calcula-se que mais de 52 mil pessoas tenham sido resgatadas desde 1995 de trabalho análogo ao escravo. Conheça melhor as informações sobre os trabalhadores libertados desse tipo de trabalho observando o infográfico.

RAIO X QUEM É O TRABALHADOR ESCRAVIZADO



Mais de
52 mil
trabalhadores resgatados desde 1995

Origem



São migrantes provenientes principalmente do Maranhão (23,1%), Bahia (9,5%), Pará (8,6%), Minas Gerais (8,3%) e Piauí (5,6%).

Idade



EQUIPE ESCRAVO, NEM PENSAR!; REPÓRTER BRASIL. **Raio X:** quem é o trabalhador escravizado, *apud* CAIRES, L.; FERNANDES, L. Escravidão contemporânea atinge milhões e pode ser combatida com auxílio da tecnologia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2018.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/escravidao-contemporanea-atinge-milhoes-e-pode-ser-combatida-com-auxilio-da-tecnologia/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

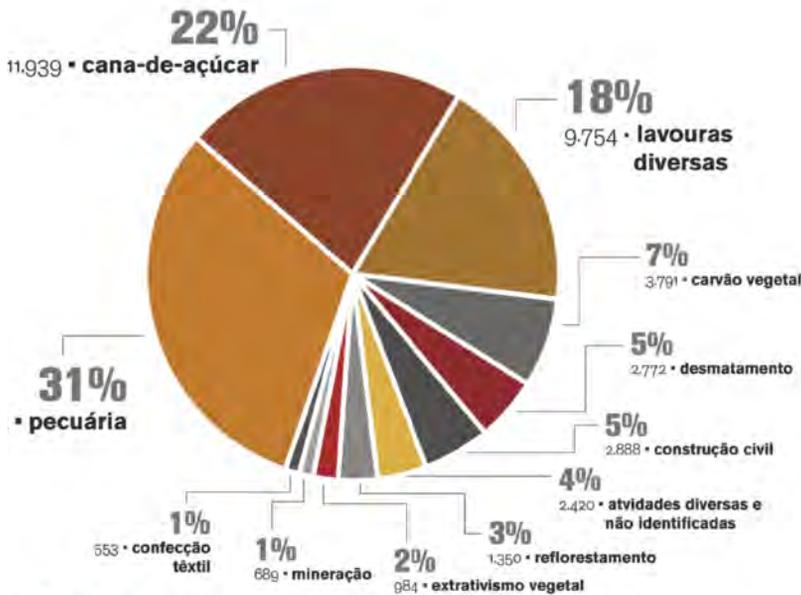




3. Para interpretar as informações disponíveis no infográfico, evidenciem, com a ajuda de um colega:
- a) Os estados de origem da maioria dos trabalhadores em condições análogas ao trabalho escravo.
 - b) As atividades econômicas que mais exploram esse tipo de mão de obra.
 - c) O perfil dos trabalhadores vítimas do trabalho análogo ao escravo.
4. Elaborem frases de reflexão e de repúdio às condições indignas e humilhantes do trabalho análogo ao escravo no Brasil. Organizem um painel coletivo com todas as frases produzidas pelos colegas. Para finalizar a atividade, realizem uma atividade de leitura e interpretação das frases.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

Trabalhadores libertados entre 1995 e 2016 POR ATIVIDADE



Escolaridade

32% analfabetos
39% só chegaram até a quarta série

Fonte: Dados do Ministério do Trabalho, sistematizados pela Comissão Pastoral da Terra (1995-2016)

facebook.com/EscravoNemPensar



ESCRAVO, NEM PENSAR! /HTTP://ESCRAVONEMPENSAR.ORG.BR/O-TRABALHO-ESCRAVO-NO-BRASIL

Cordel da princesa guerreira

A literatura de cordel é uma importante manifestação cultural brasileira. Os poemas de cordel apresentam uma grande variedade temática, tratando desde registros do cotidiano e sátiras políticas e sociais até relatos heroicos. Conheçam um cordel que apresenta uma princesa africana que foi escravizada no Brasil.

Como filha de um rei

Aqaltune era princesa
Era no reino do Congo
Da mais alta realeza
E na tradição que tinha
Que encontrava fortaleza.

Lá no Congo era feliz
De raiz no ancestral
Mas havia outros reinos
Dos quais Congo era rival
E por isso houve guerra
Com desfecho vendaval.

Na disputa dessa guerra
Seu pai foi derrotado
E vendidos como escravos
Foi seu reino humilhado
Mais de dez mil lutadores
Igualmente enjaulados

Aqaltune foi vendida
Em escrava transformada
Foi levada para um porto
Onde então foi trocada
Por moeda, por dinheiro
Pruma vida aprisionada.

Acabou num navio negreiro
Que ao Brasil foi viajar
Nos porões do sofrimento
Muito teve que enfrentar:
As doenças e tristezas
E a maldade a transbordar.

[...]
Foi levada a Porto Calvo
Pernambuco, a região
E vivendo como escrava
Enfrentou a solidão
Os castigos e torturas
No seu corpo a agressão.

[...]
Mas na vida de tortura
Aqaltune ouviu falar
Sobre a pura resistência
Dos escravos a lutar
E soube de Palmares
O que pode admirar.

[...]
A gravidez já avançada
Não causou impedimento
Aqaltune foi com tudo
Formando esse movimento
Agarrando a esperança
E com muito entendimento.



RICARDO SASAKI/2020

Junto com outras pessoas
Negras de muita coragem
Aqualtune fez a fuga
Mesmo com toda voragem
Foi parar em um quilombo
E falou da sua linhagem.

Todos lá reconheceram
Que era ela uma princesa
E por isso concederam
Território e realeza
Para a Brava Aqualtune
Coroadada de firmeza.
[...]

Quando ela faleceu
Bem idosa já estava
Aqualtune sim viveu
Como líder destacada
Essa força feminina
Que a princesa exaltava

Eu só acho um absurdo
Porque nunca ouvi falar
Na escola ou na tevê
Nunca vi ninguém contar
Sobre a garra de Aqualtune
E o que pôde conquistar

Uma história como a dela
Deveria ser contada
Em todo o livro escolar
Deveria ser lembrada
No teatro e no cinema
Que ela fosse retratada.
[...]

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017. p. 27-32.



RICARDO SASAKI/2020

> ATIVIDADES



1. Os poemas de cordel encantam pela musicalidade das suas rimas. Vamos treinar a leitura e a entonação recitando o poema de Aqualtune. Para a atividade, organizem-se distribuindo as estrofes do poema. Cada aluno deverá ler de forma ritmada e expressiva.
2. Organizados em grupos de trabalho, produzam também um poema de cordel relacionado ao tema do projeto: **Escravidão: somos livres?**

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

Conheçam mais informações sobre Aqualtune:

Aqualtune era uma princesa africana, filha do rei do Congo. Foi uma grande guerreira e estrategista e liderou um exército de 10 mil homens para combater a invasão de seu reino, em 1665. Quando perdeu a guerra, foi escravizada e trazida ao Brasil, onde foi vendida como escrava reprodutora. Grávida, Aqualtune organizou uma fuga para Palmares, onde deu à luz Ganga Zumba e Gana, que mais tarde seriam chefes dos mais importantes mocambos de Palmares, e também Sabina, mãe do grande líder de Palmares, Zumbi.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017. p. 33.

Com a ajuda de seus colegas de sala, investiguem em livros, revistas ou na internet informações sobre a princesa do Congo Aqualtune e compartilhem os resultados. Após a investigação, reflitam sobre por que muitas histórias, como a de Aqualtune, são tão pouco conhecidas e divulgadas nas diferentes mídias disponíveis.

Memória: resistência e luta pela dignidade

A memória pode ser definida como um conjunto de impressões e sensações sobre eventos que ocorreram em nossa vida individual e coletiva. É uma forma de conhecimento sobre nosso passado. As construções que fazemos sobre o passado mudam ao longo de nossa trajetória e dos processos sociais. Por exemplo, a maneira como você se lembra de um acontecimento hoje pode mudar quando você chegar à vida adulta, por conta das experiências que serão vividas.

A memória está ligada também ao esquecimento. Processos históricos e experiências de vida difíceis podem trazer o desejo de silenciá-los. Esse silenciamento pode ser uma tentativa de autopreservação ou de apagamento de fatos que representam violações de direitos. Por isso, é comum que fatos sejam negados em um determinado momento e, posteriormente, trazidos à discussão pública.

Leiam o texto a seguir, que aborda reflexões sobre o processo de rememoração da trajetória familiar e da vida particular da escritora Marli de Fátima Aguiar:

Resgate de histórias e memórias não é tarefa fácil, pois é necessário disposição, coragem e ousadia, tanto de si como das pessoas que quiseram e estiveram envolvidas nesta viagem, neste caso, nós, irmãs e irmãos. É preciso entrar fundo em buracos, cavernas, cavar, cavar, se não encontrar da primeira vez, voltar novamente, retornar à casa-grande, às fazendas, às senzalas, aos quilombos, às raízes, à ancestralidade... Falar de nossos pais, de uma maneira simples e poética é isso, tentar suavizar, mas não apagar as lutas que eles tiveram. Encontrá-los nas histórias é encontrar-nos, cada um, com um pouco do que eles deixaram. Falar deles é falar de nós, o que somos hoje e das gerações futuras.

Não tivemos a sorte e nem a alegria de conhecer e conviver com



nossos avós, bisavós e tataravós infelizmente, assim como a maioria do povo negro de nossa geração. Mas soubemos que eles viveram e cumpriram um papel importante de nos tornar gente pertencente a um povo, a uma classe e a um continente, e nos deixando sementes de resistência e liberdade. Porque foram eles que nos tiraram dos grilhões, das mordanças e dos porões para sermos pessoas livres e dignas da vida, trazendo a nós a ancestralidade, nosso valor e identidade incutidos em pai e mãe que sempre passaram para nós, seus filhos e filhas, netos e herdeiros.

AGUIAR, Marli de Fátima. **Tecendo memórias e histórias**. Edição da autora, 2016. p. 5.

> ATIVIDADES



1. Partindo das informações disponíveis no texto, descrevam as razões que justificam a frase: “Resgate de histórias e memórias não é tarefa fácil”. *Ver nas Orientações para o professor observações e sugestões para estas atividades.*
2. O texto apresenta difíceis memórias da escravidão, descreve também sentimentos de resistência, liberdade e dignidade. Vamos conhecer mais informações investigando em livros, revistas ou na internet relatos ou biografias para localizar memórias de luta contra a escravidão, situações de trabalho análogo ao escravo e a conquista pela igualdade de direitos no Brasil, no estado ou na cidade onde vocês moram. Compartilhem os resultados das pesquisas com seus colegas de sala.
3. As memórias coletivas são dinâmicas e o que é valorizado como passado e identidade de um grupo hoje pode não ter esse papel no futuro. E como percebemos essa memória coletiva em nosso cotidiano? Podemos observá-la por meio dos bens culturais materiais e imateriais, como museus, festas cívicas e religiosas, monumentos ou lugares de preservação, como ruas, praças, parques, entre outras instituições. Para ampliar seus conhecimentos, investiguem bens materiais e imateriais relacionados à escravidão ou a outros tipos de relação de trabalho na cidade onde vocês vivem. Produzam desenhos ou fotografias para apresentar e descrever os bens selecionados pelo grupo. Depois, compartilhem com os colegas de sala.

CARLOS CAMINHA/2020

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

Sarau: somos livres?

Leiam juntos o texto a seguir, que descreve a origem do sarau e seu papel hoje como ferramenta de comunicação e expressão cultural.

A expressão sarau vem do latim *seranus* que significa relativo ao entardecer. O nome diz muito sobre a origem dessas manifestações que, por aqui, datam do século XIX e início do século XX e se configuravam como os mais elegantes da sociedade. Na época, reuniam-se em saraus “seres iluminados” que tinham gosto pela música e literatura e que desfrutavam dos requintes dos grandes [...]

Os saraus viraram tradição com a chegada da Família Real, em 1808, e logo ganharam terreno no Rio de Janeiro. As reuniões eram frequentadas pela aristocracia e embaladas pelos ares europeus. [...]

Na capital paulista, o precursor foi o gaúcho Freitas Valle, que abriu as portas de suas Villa Kyrial, no bairro da Vila Mariana, para encontros regados a música, bons vinhos e suscitadores de discussões sobre estilo, arte, literatura e política. Por ali, passaram figuras como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira.

Com o tempo, os saraus deixaram para trás as formas luxuosas e encontros menos requintados foram surgindo entre figuras como o próprio Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Prado e de Dona Olívia Guedes Penteado.

Hoje, os saraus alcançaram também as periferias e funcionam como importante ferramenta de comunicação que dá voz a grupos variados. Os eventos acabam por cumprir um papel mobilizador frente às questões dos territórios e articulador diante da comunidade neles inseridas. Além de enriquecer o repertório cultural dos participantes, a dinâmica dos saraus contribui com o empoderamento e a autonomia dos indivíduos.

[...]

BASILIO, Ana Luiza; MOREIRA, Jéssica. Saraus das cidades-sede colaboram com a mobilização comunitária. **Portal Aprendiz**, 23 jan. 2014. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2014/01/23/mundial-da-educacao-saraus-das-cidades-sede-colaboram-com-a-mobilizacao-comunitaria/>.

Acesso em: 8 nov. 2019.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



- Os saraus, comuns no século XIX, podem hoje ser considerados lugares de expressão para a juventude por todo o Brasil. Na sua cidade ocorrem manifestações como as descritas no texto? Vamos investigar? Em duplas, pesquisem um sarau que ocorre na cidade ou no estado onde vocês moram.

A organização do sarau

Que tal organizamos um sarau com as temáticas que estudamos neste projeto? Retomem os textos sugeridos, as atividades e as discussões produzidas sobre o tema. Observem como tudo o que produzimos desenvolveu habilidades relacionadas à leitura atenta e à seleção de informações significativas sobre o tema. Todos os conhecimentos adquiridos serão utilizados na produção do sarau cultural, cujo tema é: **Escravidão: somos livres?**. Sigam as orientações:

PASSO

1

Distribuem as tarefas para a produção do sarau entre os integrantes do grupo. Diversas habilidades serão necessárias: para a seleção ou elaboração de poemas, relatos, contos ou músicas em que personagens descrevam como a escravidão se fez ou se faz presente em suas vidas ou na sociedade em que vivem. Outras manifestações artísticas podem ser incluídas: danças, *performances* cênicas, projeção de *slides*, vídeos, exposição de gravuras ou pinturas.



BRUNO GABALDI/SECOM PREFEITURA DE JALES

Adultos, jovens e crianças em apresentação de sarau em Jales (SP), 2018.

PASSO

2

Após decidir o que será exibido, é hora de elaborar o processo criativo, produzindo o que cada grupo e seus integrantes deverão apresentar no sarau. Conversem e planejem as melhores formas de apresentar os textos, as músicas ou outras manifestações artísticas propostas e reservem um tempo para ensaiar. Produzam um pequeno roteiro para a ordem das apresentações, agrupando-as por tipo de criação e pelos recursos que serão utilizados.

PASSO

3

Para a realização do sarau, com a ajuda do professor, definam o dia, o horário, o local, as providências necessárias e os responsáveis por cada uma delas. Planejem também a produção de cartazes ou convites digitais para serem distribuídos aos colegas. Se preferirem, podem confeccionar os convites em papel.

PASSO

4

Para o dia do sarau, vocês podem dispor bancos ou cadeiras no pátio ou na quadra, ou mesmo sentar no chão, tornando o ambiente mais informal. Se forem utilizar aparelhos eletrônicos, separem e testem os equipamentos antes das apresentações.

PASSO

5

Possibilitem momentos de “microfone aberto”, ou seja, que permitam aos convidados recitar ou interpretar poemas, contos ou outros tipos de texto, ou mesmo apresentem uma canção. Para isso, estimulem a participação da plateia, informando previamente no convite que quem estiver assistindo também poderá participar. Não se esqueçam de destacar que o tema sugerido, **Escravidão: somos livres?**, deve ser respeitado e, no dia do sarau, documentem o evento em vídeo ou fotografias para serem compartilhados.

Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos Projetos Integradores, sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observe a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

RESPONDA
NO CADERNO

A. Realizo as tarefas nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atuo com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Demonstro comportamento adequado e comprometido nos diferentes momentos de desenvolvimento do projeto.

D. Escuto com atenção as explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

E. Apresento atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

F. Falo com clareza, ao compartilhar dúvidas e opiniões.

G. Atuo de forma respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

H. Demonstro empatia e respeito quando lido com opiniões e contextos diferentes dos meus.

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
------------------------------	---------------	--------------------------------	-------------------

ETAPA 1 - VAMOS COMEÇAR



Escrivizar: da Antiguidade aos nossos dias: Interpretar e selecionar trechos significativos do poema. Ampliar o tema inserindo novas frases no poema. Interpretar infográfico sobre formas da escravidão em momentos da humanidade. Produzir legendas sobre o tema. Relacionar informações sobre a pergunta-chave: **Escravidão: somos livres?** e o produto final (sarau). Organizar grupos de trabalho da investigação.

ETAPA 2 - SABER E FAZER

Escravidão: crime na história da humanidade: Produzir e compartilhar sínteses de diferentes gêneros textuais sobre o tema. Investigar em história em quadrinhos situações e personagens relacionados à escravidão. Pesquisar imagens relacionadas com o trabalho análogo ao escravo.

Trabalho, escravidão e liberdade: Interpretar documentos sobre o trabalho em diferentes períodos. Reconhecer as condições de escravidão e trabalho em classes sociais distintas. Identificar se a maneira como o trabalho foi dividido nestas civilizações influenciou de alguma forma o nosso tempo. Produzir frases ou poema sobre o conflito constante entre o trabalho que nos realiza pessoalmente e o trabalho que rouba a liberdade e causa alienação.

Trabalho análogo ao escravo: Definir e diferenciar trabalho e trabalho análogo ao escravo. Produzir um painel coletivo com frases de reflexão e de repúdio às condições indignas e humilhantes do trabalho análogo ao escravo no Brasil. Investigar biografias sobre a luta contra a escravidão e o trabalho análogo ao escravo e a conquista da igualdade de direitos no Brasil, no estado ou na cidade onde moram.

Memória: resistência e luta pela dignidade: Identificar em um relato histórias e memórias sobre o tema. Investigar, produzir e compartilhar desenhos de bens materiais e imateriais relacionados à escravidão ou outras relações de trabalho na cidade onde vivem.

ETAPA 3 - PARA FINALIZAR

Sarau: somos livres?: Conhecer informações e produzir sarau na sala de aula ou no espaço da escola.

Autoavaliação: somos livres?: Refletir sobre as propostas sugeridas nos projetos. Elaborar respostas para a pergunta-chave.



Ameena Hannan tinha 12 anos quando deixou seu país, a Síria, para refugiar-se em Istambul, na Turquia, em 2014. Na foto, ela mostra as duas bonecas com as quais brincava enquanto morava na Síria.



> PROJETO

Refugiados: como vivem no Brasil?

Uma pessoa em condição de refúgio deve ter seus direitos assegurados em nosso país, para garantir sua dignidade. É o que prevê a legislação brasileira, por meio do Decreto-lei nº 9.277/2018. Dentre esses direitos, estão a obtenção da Carteira de Trabalho e Previdência Social, a inscrição no Cadastro de Pessoa Física (CPF) e o acesso a serviços de proteção e inclusão social, além de serviços públicos como educação, saúde, previdência e assistência social.

No projeto **Refugiados: como vivem no Brasil?** investigaremos o que caracteriza a situação de refúgio no Brasil e no mundo e como se dá a inserção dessa parcela da população em nosso território.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** REFUGIADOS: COMO VIVEM NO BRASIL?

> **TEMA INTEGRADOR:** MÍDIA EDUCAÇÃO

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar aspectos de movimentos migratórios, com foco nos refugiados do Brasil atual, e a situação deles na cidade ou no estado onde vocês moram.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

Diversos tipos de migração fazem parte da constituição e identidade da população brasileira. Em nossa história recente, uma nova categoria de migrantes internacionais se inscreve em território brasileiro: os refugiados.

O trabalho proposto neste projeto é conhecer e qualificar a migração caracterizada como refúgio, analisando a interação e inserção dessas pessoas em um novo país para considerar especialmente se os refugiados da região onde vocês moram sofrem algum tipo de discriminação ou de privação de direitos.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 4 5 7 e 9

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Painel em mídias digitais com imagens, textos explicativos e recursos digitais produzido a partir de situações descritas na mídia ou vivenciadas na localidade dos estudantes para responder à pergunta: **Refugiados: como vivem no Brasil?** O painel será preferencialmente digital, mas, caso não existam recursos disponíveis, ele pode ser físico.

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

ETAPA 1

Introduzir o tema **Refugiados: como vivem no Brasil?** e a forma como será desenvolvido. Nesta etapa, interpretar fotografias visando ampliar a percepção sobre valores e a cultura de pessoas refugiadas. Por fim, sistematizar e interpretar informações de infográfico sobre a dinâmica migratória.

> COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS101 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS106 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS201 (relacionada à competência específica 2)
- EM13CHS502 (relacionada à competência específica 5)
- EM13CHS604 (relacionada à competência específica 6)
- EM13CHS605 (relacionada à competência específica 6)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.

> MATERIAIS SUGERIDOS:

Etapa 1

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Dicionários físicos e virtuais.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 3

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Aplicativos e ferramentas digitais.
- Recursos para a apresentação do painel.

ETAPA 2

Interpretar infográfico sobre a situação de fragilidade social, econômica e política dos refugiados no Brasil e no mundo, bem como interpretar e produzir verbetes sobre o refúgio. Além disso, analisar leis de amparo a imigrantes e refugiados, conhecer a história do refúgio no passado e na atualidade, ler reportagem e pesquisar sobre pessoas e instituições que atuam na assistência a imigrantes e refugiados e, por fim, interpretar poema e relatos de refugiados.

ETAPA 3

Organizar a produção do painel para sintetizar o aprendizado ao longo do desenvolvimento do projeto, redigir frase que sintetize a resposta à questão sobre a hospitalidade aos refugiados que vivem na cidade ou no estado onde os estudantes moram e fazer a autoavaliação sobre a atuação no projeto.

ETAPA

1

VAMOS COMEÇAR

Olhares sobre os refugiados

O fotógrafo estadunidense Brian Sokol dedica-se a registrar os rostos e as histórias de vida de pessoas em situação de refúgio em diferentes países da África, da Ásia e da América Latina. As fotografias fizeram parte do projeto intitulado **A coisa mais importante**, que foi produzido pelo Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur). As imagens mostram as condições de vida dos refugiados e nos fazem refletir sobre aspectos como:

- O que é valioso para quem precisa deixar seu país às pressas?
- O que pessoas que buscam a condição de refugiados levariam para um novo lugar?

Omar, refugiado sírio, tocando seu *buzuk*, um tipo de alaúde (década de 2010).



© BRIAN SOKOL / ACNUR



Abdou, sua família e a motocicleta que salvou a vida deles, quando fugiram do Mali (2013).

> **ATIVIDADES**

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Observem as fotografias. Seleccionem os detalhes que mais lhes chamaram a atenção. Que sentimentos as fotografias lhes provocam? Por quais razões?
2. Prossigam respondendo às questões a seguir:
 - a) Do que tratam as fotografias?
 - b) Quais são os objetos escolhidos pelos refugiados nas fotografias?
 - c) Que outros elementos caracterizam aspectos da cultura e das condições de vida das pessoas fotografadas?
3. Conversem e descrevam: O que poderia motivar uma pessoa a fazer um pedido de refúgio em outro país?

SESSÃO PIPOCA

O documentário *Refugee* (2016) mostra o cotidiano de cinco fotógrafos renomados que viajam pelo mundo para registrar as condições de vida de refugiados, que sonham com uma vida melhor. Dirigido por Clementine Malpas e Leslie Knott e disponível em canais de vídeo na internet.

> **ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO**

Nas atividades anteriores, observamos fotografias que registram momentos e histórias de vida de pessoas em situação de refúgio. Caso vocês estivessem na condição de refugiados, que objeto vocês levariam para o novo local de moradia? Seleccionem objetos relacionados à história de vida de vocês e/ou de suas famílias. Façam fotografias, escolham a melhor e compartilhem com os colegas. É necessário elaborar as legendas.

Quando Magboola fugiu do Sudão para se tornar refugiada no Sudão do Sul, não hesitou em levar sua panela, para poder cozinhar para suas filhas (década de 2010).



© BRIAN SOKOL / ACNUR

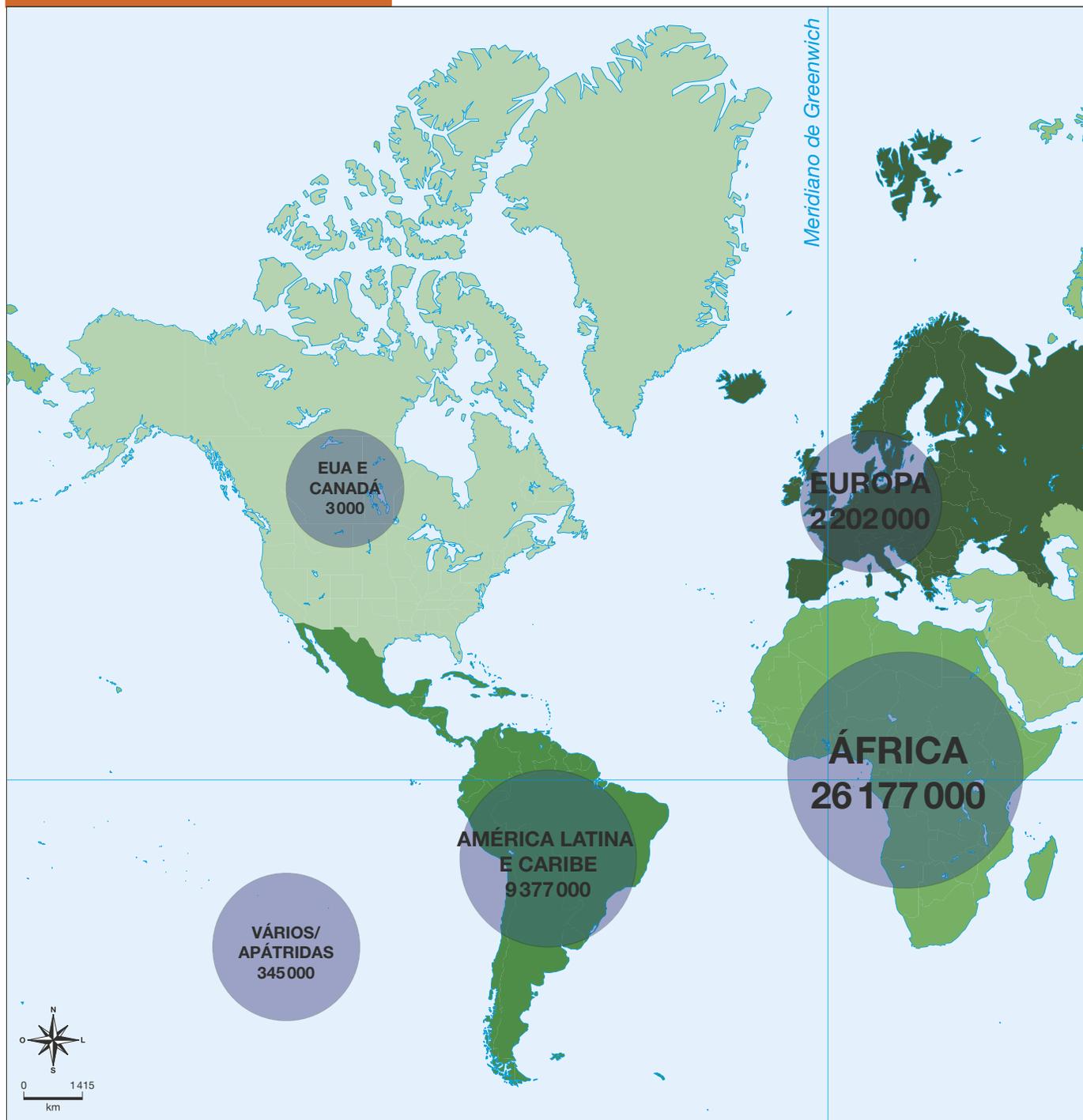


© BRIAN SOKOL / ACNUR

Uma dinâmica mundial

Diferentemente de outras formas de migração, o refúgio é uma condição jurídica que está ligada ao deslocamento forçado de um indivíduo para um outro país, por diversos fatores. O infográfico a seguir quantifica o número de pessoas que, em 2018, deixaram suas casas para fugir de situações que colocavam sua sobrevivência em risco.

ORIGEM DOS REFUGIADOS NO MUNDO



ALM/AFS / 2020

- O relatório do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) menciona que 1086 pessoas se deslocaram para o Brasil em 2018. Com esses números, o Brasil atinge um total de 11231 pessoas reconhecidas como refugiadas. Com a ajuda de seus colegas, investiguem em livros, revistas ou na internet as principais nacionalidades das pessoas que escolheram o Brasil como destino de refúgio.



Fonte: ASOCIACIÓN COMISIÓN CATÓLICA ESPAÑOLA DE MIGRACIONES (ACCEM). **Refugio**.
Madri, Espanha, [2019]. Disponível em:
<https://www.accem.es/refugio/>.
Acesso em: 13 nov. 2019.

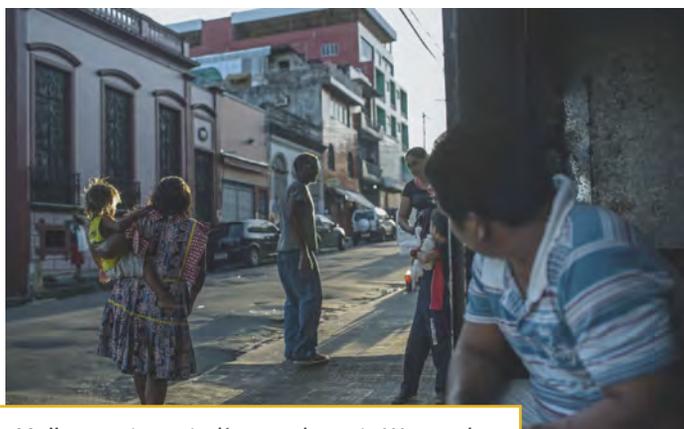
Painel: Refugiados: como vivem no Brasil?

As migrações acontecem desde o início da história da humanidade. Migrantes, emigrantes ou imigrantes são aqueles que se deslocam de seu lugar de origem, por vontade própria, para buscar melhores condições de vida, do ponto de vista econômico e/ou social, em outros lugares ou países. Os refugiados, porém, apresentam motivações específicas e urgentes para se deslocar, por terem sua vida ameaçada, como veremos a seguir.

As fotografias e o planisfério apresentados neste projeto até aqui trazem aspectos de um fenômeno de deslocamento populacional intenso no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Nas pequenas e grandes cidades de nosso país, tem sido comum encontrarmos muitas pessoas estrangeiras, que podem ser imigrantes comuns ou estarem em situação de refúgio. Como serão as condições de vida delas aqui?



Refugiados venezuelanos em Pacaraima (RR), em 2018.



Mulher e criança indígenas da etnia Warao, da Venezuela, em Manaus (AM), em 2017.



Família de refugiados sírios que mora em sede de ONG em Guarulhos (SP), em 2015.



Refugiados muçulmanos de diversas origens em celebração na capital paulista (década de 2010).

Com o projeto **Refugiados: como vivem no Brasil?**, vamos investigar os motivos que levam milhares de pessoas a migrar de maneira urgente para o Brasil, de onde vêm, onde se instalam, suas condições de vida e quais suas expectativas e realizações no novo país, além da legislação sobre essa categoria de imigrantes.

Como podemos representar os conhecimentos obtidos no desenvolvimento do projeto?

Em nosso processo de investigação, vamos utilizar bastante as imagens. Inclusive, o produto final deste projeto consiste na pesquisa, seleção ou elaboração de fotografias e outros tipos de imagens sobre o modo de vida dos refugiados em sua cidade ou outra localidade brasileira. O material obtido, acompanhado de texto explicativo e legendas, deverá ser organizado para compor uma exposição fotográfica, que poderá ser virtual ou ocupar algum espaço na escola.

Certamente, teremos um painel valioso e diversificado sobre o tema.

Para todo o processo de investigação e elaboração da exposição, sugerimos a organização de grupos de trabalho de 4 a 5 pessoas. Reúnam-se com colegas que tenham experiências e interesses distintos. Se os integrantes tiverem interesses e conhecimentos sobre fotografia, infográficos, pesquisa de dados, recolha de relatos, redação de textos explicativos e legendas, o trabalho ficará mais rico.

Nas próximas etapas, será possível encontrar as orientações e os procedimentos para o processo de investigação e para a elaboração do produto final.

Voluntária dá aula a refugiados em Bolonha, Itália (2017).



MIGUEL MEDINA/AFP

ETAPA

2

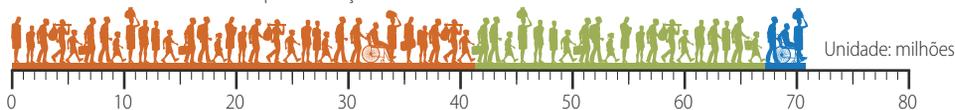
SABER E FAZER

Fragilidade política e social

O infográfico a seguir traz informações sobre pessoas que estão em situação de risco e se deslocam dentro do próprio país ou rumam para fora dele. Os dados dão a dimensão da crise humanitária gerada por esse problema e como ele atinge uma escala global. Deslocados internos, apátridas e refugiados têm em comum a situação de fragilidade política e social em que vivem e a limitação dos recursos econômicos a eles destinados pelos governos.

70,8 milhões

de pessoas forçadas a se deslocar no mundo



41,3 milhões

de pessoas deslocadas internamente

25,9 milhões

de refugiados

3,5 milhões

de solicitantes de refúgio

20,4 milhões

sob o mandato do ACNUR

5,5 milhões

sob o mandato da UNRWA*

Onde as pessoas deslocadas no mundo estão sendo abrigadas ?



Cerca de 80% dos refugiados vivem em países vizinhos de seus países de origem

O ACNUR tem dados sobre



3,9 milhões

de pessoas apátridas



92,4 mil

refugiados reassentados



37 mil

pessoas por dia são forçadas a fugir por causa de conflitos e perseguição

* UNRWA: Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Médio.

ADILSON SECCO/2020

Utilizados para comunicar com eficiência e clareza, os **infográficos** apresentam textos (geralmente com informações numéricas) e imagens: ilustrações, fotografias e mapas. A palavra é de origem inglesa (*informational graphics*) e a sua utilização modernizou a programação visual das páginas de sites, jornais e revistas.



> **ATIVIDADES**

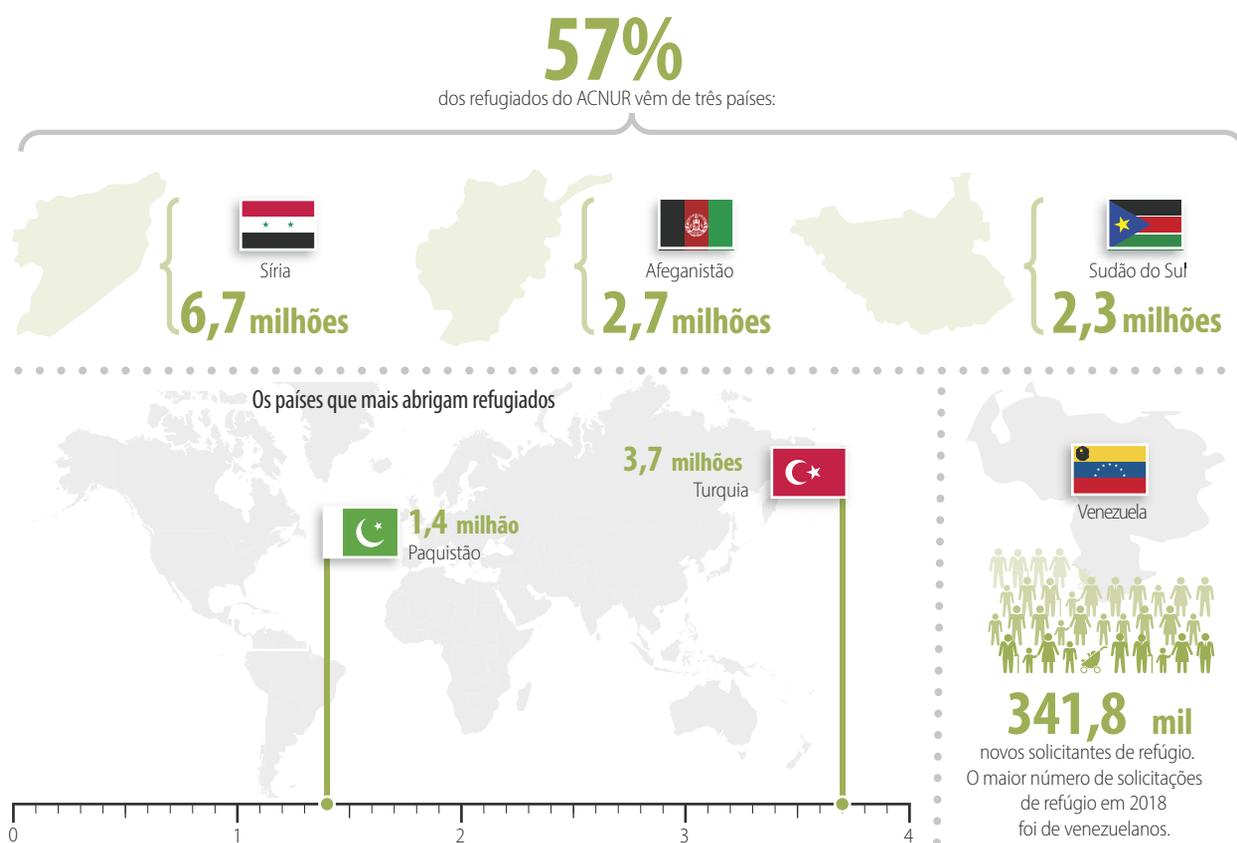


Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Observem atentamente o infográfico e respondam:
 - a) Do número total de pessoas forçadas a se deslocar pelo mundo, quantas solicitaram e adquiriram a condição de refugiados em outros países?
 - b) Quais são os países citados no infográfico que irradiam a maioria dos refugiados?
 - c) De forma geral, para quais países os refugiados se deslocam? E quais países mais abrigam refugiados?
2. Com a ajuda de seus colegas de sala, investiguem em jornais, revistas, livros ou na internet outros infográficos que tratem do tema refúgio. Observem com atenção as fontes de pesquisa e as datas das informações. Prefiram *sites* atualizados e que apresentem como fonte instituições governamentais ou institutos reconhecidos pelo seu trabalho.

Além dos refugiados, há outras situações de migração, como se observa no infográfico. Elas são o deslocamento forçado interno e a apatridia. Nas próximas páginas, vamos conhecer mais sobre o tema.



ADILSON SECCO/2020

Migrações, refúgio e apatridia

Vamos aprofundar o significado de alguns termos importantes para o estudo do tema dos refugiados. Os verbetes selecionados foram retirados do livro **Migrações, refúgio e apatridia: guia para comunicadores**, produzido por diversas organizações que amparam os migrantes internacionais no Brasil.

Apatridia: [...] São as pessoas que não são titulares de nenhuma nacionalidade e também não são consideradas nacionais de nenhum Estado.

Populações que vivem em situação de apatridia costumam sofrer grandes privações e perseguições, como o caso dos Rohingya em Mianmar, no Sudeste Asiático. Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU) apontam que pelo menos 10 milhões de pessoas no mundo se encontram nessa situação atualmente. Uma campanha lançada pela ONU em 2014, intitulada *"I Belong"*, pretende erradicar a apatridia no mundo até 2024. Em 1995, o ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) foi designado como responsável também pela proteção de apátridas mundo afora. A atual legislação migratória no Brasil permite que apátridas, uma vez reconhecidos como tal, possam requerer a nacionalidade brasileira. É possível ser apátrida e refugiado ao mesmo tempo.

Deslocados internos: Também conhecidos pela sigla IDP (*Internally Displaced People*), são pessoas que foram forçadas a deixar suas casas para ir a outro lugar em seu próprio país, em busca de proteção e segurança. De acordo com o ACNUR, os deslocados internos compõem a maior parte dos deslocados globais por conta de conflitos, perseguições e outros fatores que provocam migrações forçadas. As pessoas se deslocam forçosamente, mas não conseguem ultrapassar as fronteiras do próprio país.

Solicitante de refúgio: É a pessoa que solicita às autoridades competentes (no Brasil, a Polícia Federal) ser reconhecida como refugiada, formaliza seu pedido e aguarda decisão, ou seja, o/a solicitante ainda não teve seu pedido avaliado e decidido em definitivo pelas autoridades nacionais de proteção e refúgio. Vale mencionar que no Brasil esta decisão compete ao Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e, no caso de decisão negativa, o solicitante pode recorrer ao Ministro da Justiça, para decisão em grau de recurso.

> ATIVIDADES

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizados nos grupos de trabalho:
 - a) Investiguem em dicionários impressos ou virtuais o significado dos seguintes termos: **asilo político** e **xenofobia**.
 - b) Seleccionem outros dois termos relacionados ao tema para investigar o significado.
 - c) Após a investigação, produzam verbetes com os significados das palavras e compartilhem com seus colegas de sala.
2. Escolham um verbete que lhes chamou a atenção e pesquisem exemplos de pessoas ou grupos que estejam ligados à categoria seleccionada. Compartilhem os resultados da pesquisa com a turma.

Refugiado/Refugiada: Refugiada é a pessoa que foi forçada a deixar seu país de origem e requer “proteção internacional” devido a fundado temor de perseguição e risco de violência caso volte para casa. Isso inclui pessoas que são forçadas a fugir de territórios em guerra. O termo tem suas raízes em instrumentos legais internacionais, notadamente a Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951, o Protocolo de 1967 e a Convenção de 1969 da Organização da Unidade Africana (OUA). Uma pessoa pode obter o *status* de refugiado solicitando-o individualmente. É importante sublinhar que não se trata de conceder refúgio por parte do Estado ou do Governo, mas, sim, de reconhecer sua condição de refugiada. Em casos de grande afluência, o *status* pode ser concedido *prima facie* (imediatamente). Os refugiados não podem regressar ao seu país de origem onde sua vida foi ameaçada, a menos que seja um retorno estritamente voluntário. Anualmente, em 20 de junho, é lembrado o Dia Mundial do Refugiado. Nas proximidades desta data, costumam ser realizados eventos, debates públicos, celebrações culturais e atividades diversas que buscam sensibilizar a sociedade sobre a temática do refúgio.

ROGÉRIO BORGES/2020

ACNUR *et al.* **Migrações, refúgio e apatridia:** guia para comunicadores. p. 19-20. *E-book*. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 6 jan. 2020.

Migração: direito humano

Migração é o deslocamento, espontâneo ou forçado, dentro de um país ou para fora dele, associado ao direito da liberdade para ir e vir. É um dos direitos humanos, reconhecido em documentos internacionais e nacionais. Refugiado é a pessoa que foi forçada a migrar. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), “refugiados são pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam (ou não queiram) voltar para casa”.

Leiam juntos a Lei nº 9.474/1997, que implanta o Estatuto dos Refugiados no Brasil.

SEÇÃO I

Do Conceito

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II – não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III – devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.



SEÇÃO III

Da Exclusão

Art. 3º Não se beneficiarão da condição de refugiado os indivíduos que:

I – já desfrutem de proteção ou assistência por parte de organismo ou instituição das Nações Unidas que não o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR;

II – sejam residentes no território nacional e tenham direitos e obrigações relacionados com a condição de nacional brasileiro;

III – tenham cometido crime contra a paz, crime de guerra, crime contra a humanidade, crime hediondo, participado de atos terroristas ou tráfico de drogas;

IV – sejam considerados culpados de atos contrários aos fins e princípios das Nações Unidas.

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 julho de 1997.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm.

Acesso em: 9 nov. 2019.

> ATIVIDADE



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizem-se em duplas e respondam à questão a seguir.

- Segundo a Lei nº 9.474/1997, quem pode ser reconhecido como refugiado? E quem está excluído dessa condição?



SEÇÃO II

Da Extensão

Art. 2º Os efeitos da condição dos refugiados serão extensivos ao cônjuge, aos ascendentes e descendentes, assim como aos demais membros do grupo familiar que do refugiado dependerem economicamente, desde que se encontrem em território nacional.



IMAGENS: MACROVECTOR/
SHUTTERSTOCK.COM/2020



Os refugiados não podem ser excluídos da comunidade global.

A entrada de novos imigrantes no Brasil nas últimas décadas trouxe a necessidade de aprimoramento das leis já existentes. Recentemente, foi aprovada uma nova lei de migração, a Lei nº 13.445/2017, que regula as condições de diversos tipos de migrantes internacionais, facilitando sua inserção na sociedade brasileira. Leiam o trecho que dispõe sobre os seus direitos:

Art. 4º Ao migrante é garantida no território nacional, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, bem como são assegurados:

- I – direitos e liberdades civis, sociais, culturais e econômicos;
- II – direito à liberdade de circulação em território nacional;
- III – direito à reunião familiar do migrante com seu cônjuge ou companheiro e seus filhos, familiares e dependentes;
- IV – medidas de proteção a vítimas e testemunhas de crimes e de violações de direitos;

V – direito de transferir recursos decorrentes de sua renda e economias pessoais a outro país, observada a legislação aplicável;

VI – direito de reunião para fins pacíficos;

VII – direito de associação, inclusive sindical, para fins lícitos;

VIII – acesso a serviços públicos de saúde e de assistência social e à previdência social, nos termos da lei, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória;

IX – amplo acesso à justiça e à assistência jurídica integral gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos;

X – direito à educação pública, vedada a discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória;

XI – garantia de cumprimento de obrigações legais e contratuais trabalhistas e de aplicação das normas de proteção ao trabalhador, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória;

XII – isenção das taxas de que trata esta Lei, mediante declaração de hipossuficiência econômica, na forma de regulamento;

XIII – direito de acesso à informação e garantia de confidencialidade quanto aos dados pessoais do migrante, nos termos da Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011;

XIV – direito a abertura de conta bancária;

XV – direito de sair, de permanecer e de reingressar em território nacional, mesmo enquanto pendente pedido de autorização de residência, de prorrogação de estada ou de transformação de visto em autorização de residência; e

XVI – direito do imigrante de ser informado sobre as garantias que lhe são asseguradas para fins de regularização migratória.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>.

Acesso em: 14 nov. 2019.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizados em duplas, escolham os direitos assegurados aos refugiados que vocês considerem mais significativos para a inserção destas pessoas à vida social no Brasil. Ao final, compartilhem a resposta com os seus colegas, justificando o motivo da escolha.
2. Para ampliar os seus conhecimentos, investiguem na internet as normas e regras que asseguram os direitos dos refugiados internacionalmente. Compartilhem com os colegas os resultados obtidos.

Breve história do refúgio

O refúgio é uma instituição de proteção que teve usos distintos em diversos contextos da história. O texto a seguir trata de algumas dessas diferenças.

O tema do refúgio é tão antigo quanto a humanidade. Por razões políticas, religiosas, sociais, culturais ou de gênero, milhões de pessoas já tiveram que deixar seus países e buscar proteção internacional em outros. A pesquisa histórica identifica que regras bem definidas para refúgio já existiam na Grécia antiga, em Roma, Egito e Mesopotâmia. Naquela época, o refúgio era marcado pelo caráter religioso, em geral concedido nos templos e por motivo de perseguição religiosa.

As pessoas entravam nesses lugares sagrados e seus perseguidores, os governos e exércitos não podiam entrar. O respeito e o temor aos templos e divindades faziam dos locais sagrados o refúgio contra violências e perseguições. No entanto, o refúgio na Antiguidade beneficiava, em geral, os criminosos comuns, numa inversão do que acontece no quadro atual, pois a proteção a dissidentes políticos constituía ato de afronta entre nações que poderia gerar guerra.

Com a criação do sistema diplomático e de embaixadas, o refúgio perde esse caráter religioso e passa a ser assunto de Estado, baseado na teoria da extraterritorialidade. Atribuía-se ao embaixador a prerrogativa de conceder a proteção nos limites de sua embaixada ou residência. Hoje, a teoria da territorialidade de uma delegação diplomática não mais prevalece e foi substituída pela teoria da jurisdição. A partir da Revolução Francesa, com os ideais de liberdade e de direitos individuais, começou a se consolidar a aplicação do refúgio a criminosos políticos e a extradição de criminosos comuns.

O avanço das relações entre Estados soberanos e a ampliação dos problemas populacionais e de criminalidade afirmam a necessidade de cooperação internacional no combate ao crime, tornando-se inaceitável a proteção do Estado a criminosos comuns estrangeiros. A partir desses fatos, o refúgio se constitui em importante instrumento internacional de proteção ao indivíduo perseguido.

BARRETO, Luiz P. T. F. A lei brasileira de refúgio: sua história. In: BARRETO, Luiz P. T. F. (org.). **Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília, DF: Acnur: Ministério da Justiça, 2010. p. 12.



> ATIVIDADE

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Em duplas, levando em consideração as informações adquiridas no decorrer do projeto e disponíveis no texto anterior, façam as atividades propostas a seguir.

- Como era caracterizado o refúgio na Antiguidade?
- Produzam um texto para definir e caracterizar o refúgio na atualidade. Para ilustrar o texto, selecionem imagens ou elaborem uma ilustração.

ILBUSCA/DIGITALVISION/GETTY IMAGES/DÉCADA DE 2010

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



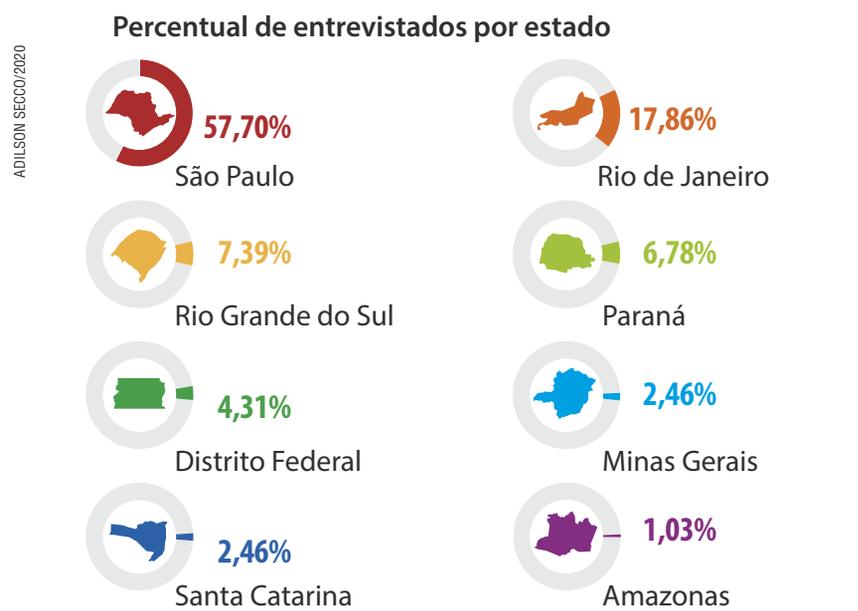
Pesquisa: refugiados no Brasil

Quem são os refugiados que buscam o Brasil como destino? Qual é o perfil socioeconômico dessas pessoas?

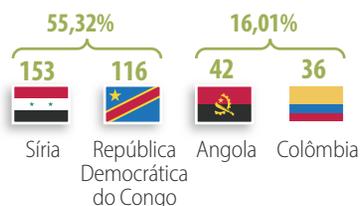
Para investigar e conhecer quem são os refugiados no Brasil e a integração dessa população ao nosso país, o Conare e o Acnur no Brasil, com a ajuda de pesquisadores de diversas universidades brasileiras, produziram uma pesquisa denominada "Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil".

Para a elaboração do estudo, pesquisadores entrevistaram, entre 2018 e 2019, 487 pessoas que residem em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Distrito Federal e Amazonas. Esses oito estados brasileiros foram selecionados por absorverem 94% dos refugiados em todo o país.

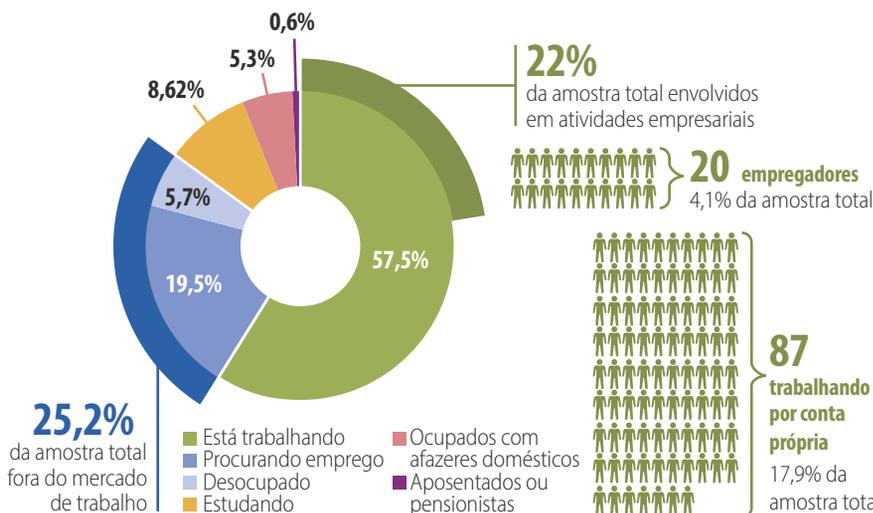
Vamos conhecer alguns dos resultados da pesquisa no infográfico e no texto a seguir.



Nacionalidade e procedência



O conjunto de entrevistados origina-se majoritariamente de quatro países: Síria, República Democrática do Congo, Angola e Colômbia. Somando os refugiados desses 4 países, temos **71,33% da amostra total**.



Escolaridade

Resposta	Frequência
Analfabeto	3
Ensino Fundamental incompleto	13
Ensino Fundamental completo	58
Ensino Médio completo	242
Ensino Superior completo	151
Especialização completa	8
Mestrado completo	6
Doutorado completo	1
Não informado	5
Total	487

[...] Os refugiados demonstram elevado capital linguístico e capital escolar acima da média brasileira, ou muito acima se considerarmos apenas a população brasileira negra e parda. Com efeito, apenas 13 refugiados (2,7%) dos refugiados informantes não haviam completado o Ensino Fundamental, 3 outros declararam-se analfabetos (0,6%), num total de 16 ou 3,3% que estão nessa faixa contra 41% da população brasileira. Por outro lado, 166 ou 34,4% dos refugiados informantes concluíram o Ensino Superior, 15 deles já tendo cursado alguma pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado) contra 15,7% da população brasileira que concluiu o mesmo nível de ensino. [...] O importante número de diplomados de nível superior encontra, contudo, um problema de monta: o alto índice de diplomas não revalidados. [...]

Fonte dos dados e do texto: OLIVEIRA, Márcio de *et al.* **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil:** subsídios para elaboração de políticas. Acnur, [2019?]. p. 2-3, p. 5, p. 8. Resumo executivo. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versa%CC%83o-Online.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Analisem o infográfico e descrevam:
 - a) Onde os entrevistados da pesquisa estão estabelecidos e o que os motivaria a viver nessas regiões?
 - b) Quais os países que mais tiveram solicitações de refúgio aceitas no Brasil?
 - c) Como é em geral a escolaridade e a empregabilidade dos refugiados entrevistados?
2. A partir das informações apresentadas no infográfico, descrevam os principais problemas que vocês acreditam que os refugiados entrevistados enfrentam no Brasil.
3. Para ampliar a investigação, pesquisem na internet para responder às perguntas a seguir.
 - a) Por que sírios e congoleses representam a maior quantidade de refugiados no Brasil atualmente?
 - b) Quais as nacionalidades dos demais imigrantes que solicitam refúgio no Brasil?
4. Pesquisem na internet fotos ou vídeos sobre movimentos de refugiados no Brasil. Compartilhem com os colegas e forneçam as informações que permitam identificar o material pesquisado. Escolham aqueles que podem compor o painel e salvem as imagens para utilizar posteriormente.

Quem acolhe e ampara os refugiados?

Foi preciso o fortalecimento de uma rede de solidariedade local e global, ao longo de muitos dos anos, para o acolhimento e amparo de refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade. Ela é composta por iniciativas individuais, coletivas e institucionais, principalmente em ações que promovem a cooperação entre civis, pesquisadores, ONGs, empresas e governos.

A reportagem a seguir trata da intervenção de um professor em escola de campo de refugiados localizada na Etiópia, que acolhe pessoas vindas do Sudão do Sul.

- Leiam o texto juntos e citem as frases que evidenciam como o professor Koat Reath auxilia jovens estudantes em situação de refúgio.

Professor do Sudão do Sul dedica sua vida para ensinar crianças refugiadas

Mesmo com turmas superlotadas – às vezes com até 100 crianças em uma sala – e livros insuficientes, o professor Koat Reath (41) utiliza a música para conseguir manter a atenção dos estudantes. A energia do professor muitas vezes é a mesma de seus alunos, que possuem entre cinco e 15 anos de idade.

A precariedade do acesso à educação nos campos de refugiados na Etiópia é uma das preocupações do chefe do escritório da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) em Gambella, Patrick Kawuma.

Apenas dois terços das crianças do Sudão do Sul que estão na Etiópia têm acesso à escola primária e a grande maioria – 86% – não frequenta o ensino médio. [...]

O coro das vozes das crianças vindas da sala de aula do professor Koat Reath aumenta cada vez mais, ameaçando atrapalhar outras aulas na escola primária onde trabalha, no campo de Jewi para refugiados do Sudão do Sul, localizado no oeste da Etiópia.

©UNHCR/EDUARDO SOTERAS JALIL

“Uso a música para que as crianças se divirtam e não se sintam entediadas”, diz Koat Reath, professor sul-sudanês no campo de refugiados Jewi, na Etiópia (2015).



Com quase dez anos de experiência, o professor Koat captura a atenção dos alunos, batendo palmas e recitando o alfabeto em Nuer, sua língua nativa, seguindo com algumas frases cantadas em inglês. Ele acredita que as crianças aprendem melhor quando suas aulas são animadas e divertidas.

“Ensinar as crianças não é fácil. Uso a música para que elas se divirtam e não se sintam entediadas. É assim que transmito a minha mensagem”, explica Koat, cuja seriedade no rosto às vezes não faz jus ao seu entusiasmo pela educação.

Koat passou as férias de verão dando aulas extras a seus alunos, através de um projeto da Plan International e de outros parceiros do ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados. A iniciativa resgata o acesso das crianças à educação, comprometida em função dos conflitos no Sudão do Sul.

Sul-sudaneses reconstróem a vida na Etiópia

Assim como seus alunos, Koat também é vítima de uma guerra que fez com que mais de dois milhões de pessoas do Sudão do Sul se tornassem refugiados. Ele e sua família de cinco filhos fugiram para a Etiópia em 2015, depois que sua casa no estado de Jonglei foi totalmente destruída.

O conflito do Sudão do Sul teve um impacto particularmente devastador sobre as crianças. No campo de Jewi, que abriga 54 mil refugiados do Sudão do Sul, cerca de dois terços são crianças. Elas não apenas perderam suas casas e viram seus parentes mortos, mas anos de violência também as impediram de ter acesso à educação. Alguns nunca tiveram a chance de ir à escola e muitos desistiram.

Ciente da desvantagem que as crianças enfrentam, Koat e seus colegas estão determinados a fazer o possível para ajudar a diminuir este déficit educacional. “Estamos aqui hoje porque queremos ensinar nossos filhos a serem os campeões de amanhã. Se não estudarem, não terão sucesso. Se estudarem, poderão ser os futuros presidentes, os futuros médicos, os futuros pilotos do Sudão do Sul”, afirmou o professor.

PROFESSOR do Sudão do Sul dedica sua vida para ensinar crianças refugiadas. **ONU Brasil**, 18 out. 2019.

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/professor-do-sudao-do-sul-dedica-sua-vida-para-ensinar-criancas-refugiadas/>.

Acesso em: 14 nov. 2019.



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Investiguem pessoas, instituições ou ONGs que apoiam imigrantes e refugiados no Brasil. Como elas podem facilitar a inserção dessa população no país?
2. Pesquisem a atuação da sociedade civil, ONGs, empresas e governo envolvidos na questão das migrações internacionais no Estado e na cidade onde vocês vivem. Vocês podem encontrar informações na internet ou mesmo visitar alguma instituição. Levem em consideração o roteiro a seguir. Se necessário, incluam outras perguntas relevantes.
 - Quem atua no amparo e acolhimento de imigrantes e refugiados na região em que vocês moram?
 - Que ações são desenvolvidas?
 - Quem recebe apoio destas instituições?
 - Que outras medidas poderiam ser tomadas para assegurar o direito de imigrantes e refugiados em sua região?

Uma vida melhor no Brasil?

Identificamos os diferentes tipos de migração e aqueles relacionados ao deslocamento forçado de pessoas. A dinâmica dos deslocamentos se altera rapidamente, a depender das condições econômicas, sociais e políticas, tanto dos polos de atração quanto da origem dos migrantes. Nas últimas décadas, o Brasil passou a receber novas levas significativas de migrantes internacionais. Por que essas pessoas procuram nosso país para viver uma nova vida? Elas têm vontade de permanecer aqui? Suas expectativas estão sendo realizadas? E como essa população é acolhida em nosso território?

Os textos a seguir, um poema e dois relatos, apresentam o tema a partir de uma outra perspectiva, a dos refugiados e dos seus sentimentos e percepções.

- Moisés António é um refugiado angolano que vive em Curitiba, no Paraná. Leiam juntos e anatem as sensações que o poema, escrito por Moisés, desperta em vocês.

O viajante

De repente
um barulho ensurdecedor feito trovão, ecoa em meus
ouvidos...

É uma bomba!

Oh, vida, estou perto da morte
Mas não, porque lá dentro bem nas profundezas da minha alma,
uma voz silenciosa sussurra em meus ouvidos dizendo:

— Não, você não pode morrer
Prepara-te, levante e ande
És um sonhador
Você tem um sonho!

Com a minha mala na mão,
Eu sou o viajante,
preparado estou para chegar ao meu destino!

De repente, um grito ecoa em meus ouvidos
Oh vida, é um tiro que vidas levou, deixando em desespero
famílias chorando pelos seus entes queridos que a guerra
levou ao nada!

Com a minha mala na mão, sou um imigrante em marcha
Percorrendo o mundo em busca do meu destino!
Nesta mala,



Carrego nela muitas coisas
Vou vagueando de terra em terra à busca da paz,
Liberdade, Justiça, Abrigo, e finalmente um recomeço para viver a vida!

Sou imigrante
Feito uma andorinha, em busca da melhor estação!
Como quem apenas quer viver
De braços abertos estou para um trabalho para sobreviver!
Como um ser humano,
Estou pronto para contribuir para o crescimento do país acolhedor!

Com a minha mala na mão
vou percorrendo o mundo na conquista do meu destino,
Eu sou um Sonhador!
Sou imigrante à busca da sobrevivência...
Sou imigrante à busca de um recomeço!

Sou humano à busca da paz
Sou humano à busca de um abrigo
Enfim... no final, querendo apenas viver e chegar ao meu destino!

Com a minha mala na mão,
Trago nela a determinação
Trago nela o amor
Trago nela a irmandade
E a força para um recomeço
e finalmente chegar com ela ao meu destino!

ANTÔNIO, Moisés. O viajante. In: O VIAJANTE, poema de Moisés Antônio. **MigraMundo**, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://migramundo.com/o-viajante-poema-de-mois-es-antonio/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

- Que imagens mentais surgem com a leitura do poema? Investiguem em livros, revistas ou na internet ilustrações ou fotografias que representem as sensações despertadas pelo poema. Para ampliar a experiência, organizados em grupos de trabalho, produzam frases curtas ou versos e compartilhem com os colegas para legendar as imagens pesquisadas.

Relatos do refúgio

Relatos são textos que apresentam narrativas emocionais sobre fatos marcantes que ocorrem nas vidas das pessoas. Leiam juntos os relatos de duas pessoas que escolheram o Brasil como destino para o refúgio.

O congolês e a liberdade

Os partidos políticos estão relacionados à etnia no Congo. Os Mussuailis, que estão no poder hoje, têm muitas facilidades, acesso a muitas oportunidades, vivem bem. E nós, que somos de outra etnia, ficamos sempre a sofrer. Sou *rapper*, e na República Democrática do Congo, além de cantar, eu estudava. Fazia informática. Aí veio o mês de janeiro, quando aconteceu a ameaça por parte do governo de mudar a Constituição. Nós, os estudantes, protestamos. Saímos na rua dizendo que não queríamos a mudança na lei eleitoral, porque isso faria o presidente que estava naquele momento ficar além do seu mandato. E muitos de nós que saímos às ruas foram vítimas de assassinato naquele mesmo dia. Outros ficaram aleijados, outros foram presos. Muitas coisas aconteceram naquele protesto.

Eu vivia em outra província e me mudei para Kinshasa para fazer o segundo grau. Depois daquele protesto, eu fugi para a província onde moram meus pais. Alguns meses depois saiu a informação que encontraram o corpo de dois amigos que estavam comigo na manifestação. Foram encontrados em uma das comunas de Kinshasa. E a partir daí eu vi que deveria sair do país, eu vi que não poderia me esconder, porque eu teria problema com o estado e com as famílias das vítimas também, que não entendiam por que eles estavam mortos e eu vivo.

Saí do Congo em março. Com o apoio dos meus pais, fui para a Angola. Fiquei na Angola cinco meses trabalhando, mas era perto, então sabia que lá continuava correndo riscos. Quando consegui juntar dinheiro, vim para o Brasil. Não gosto muito de pensar sobre isso – é triste pra mim. Eu queria poder ficar no meu país, fazer o que eu quisesse: terminar de estudar, fazer minha própria vida. E isso aconteceu. Foi para o bem do país, para o bem do povo, nós só queríamos andar, protestar contra o que eles queriam fazer com a lei. Neste momento, não penso em voltar, penso em fazer minha vida aqui. E estando aqui, nada me obriga a deixar de fazer o que eu fazia na África: a música. Eu fui conhecido na música – no YouTube, sou o Tumen Shaaka, que é o nome da minha música e se tornou meu nome artístico. Essa é minha história e estou aqui, tentando fazer uma nova vida no Brasil.

MISSÃO PAZ. [Relato de refugiado congolês]. [São Paulo, 2017]. Tumblr: gkfische. (Rostos da Migração). Disponível em: <https://gkfische.tumblr.com/post/137828905554/os-partidos-politicos-estao-relacionados-a-etnia>; <https://gkfische.tumblr.com/post/138114983364/eu-vivia-em-outra-provincia-e-me-mudei-para>; <https://gkfische.tumblr.com/post/138161026068/cli-que-aqui-para-o-canal-do-youtube-da-musica>. Acesso em: 21 jan. 2020.

PEDRO CAPRILHO/FOLHAPRESS



Refugiados congolese em aula de português na sede da Caritas, no Rio de Janeiro (RJ), em 2009.

A haitiana e a “dor no coração”

Me sinto muito bem aqui no Brasil. No hospital os pacientes, doentes com câncer, me ajudam a superar isso [a vida de refugiada], me dão presentes, me abraçam, oram comigo... Não quero voltar pra lá, a República Dominicana. Eu digo a Deus muita obrigada por estar no Brasil.

Eu gostaria de trazer minha mãe, mas ela não tem força. Se eu não trabalho aqui pra mandar dinheiro pra minha mãe, ela não tem nada. Falo com ela todos os dias. Eu ainda tenho outro filho lá [no Haiti]... e tinha uma filha, também. Minha filha estava na República Dominicana, ia à escola com a filha do meu marido. Eu pedi visto para as duas para trazê-las aqui. Seis meses depois ela caiu no chão da escola e minha cunhada a levou ao hospital. Ela estava com anemia, ficou internada nove dias e melhorou um pouco. Depois passou muito mal e voltou pro Haiti. Faleceu uma semana depois que chegou no Haiti.

Eu não posso ir ao psicólogo, chego muito tarde do trabalho e não tenho como ir depois. Sinto muita dor no coração. Às vezes eu não quero comer, não quero dormir... É difícil. Mas meus colegas, meus amigos, são muito bons comigo. Eles oram comigo, me abraçam, me ajudam. Quando minha filha faleceu, cheguei ao trabalho e todos me abraçaram e disseram: “Tenha confiança em Deus, Ele vai te ajudar”.

MISSÃO PAZ. [Relato de refugiada haitiana]. [São Paulo, 2016]. Tumblr: gkfische. (Rostos da Migração). Disponível em: <https://gkfische.tumblr.com/post/135453251850/me-sinto-muito-bem-aqui-no-brasil-no-hospital-os>; <https://gkfische.tumblr.com/post/135322878694/eu-gostaria-de-trazer-minha-mae-mas-ela-nao-tem>; <https://gkfische.tumblr.com/post/135398398464/eu-nao-posso-ir-ao-psicologo-quego-muito-tarde-do>. Acesso em: 21 jan. 2020.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizados nos grupos de trabalho, a partir da leitura dos relatos, façam o que se pede. Se considerarem necessário para ampliar a investigação, busquem as motivações migratórias de congolese e haitianos em outras fontes, como livros ou na internet.
 - Descrevam as dificuldades dos refugiados em seus países de origem e no Brasil.
 - Identifiquem os pontos positivos que eles ressaltam em sua vida no Brasil.
2. Investiguem outras histórias e relatos de imigrantes e refugiados no Brasil. Seleccionem trechos e imagens marcantes para utilizar na produção do painel.

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

Produção de painel

Investigamos juntos, em diferentes momentos do projeto, informações valiosas sobre o refúgio e os refugiados em nossa cidade, no Brasil e no mundo.

Como apresentar os resultados obtidos na investigação?

Para este projeto, sugerimos a produção de um painel com recursos de mídia. O painel será utilizado para comunicar e expor nossas aprendizagens e também percepções sobre o tema.

O tema remete a uma investigação de como vivem os refugiados no território brasileiro, preferencialmente aqueles que escolheram como destino a região onde vocês moram.

Para a coleta das informações que estarão dispostas no painel, retomem todos os materiais produzidos nos diferentes momentos do projeto. Todos os conhecimentos adquiridos podem ser utilizados na produção do painel. Seleccionem os textos e as imagens que melhor respondam à pergunta-chave do projeto. Informem o que vocês desejam que o público leitor saiba sobre o tema. Se acharem necessário, ampliem a investigação pesquisando em livros, revistas, jornais ou na internet outras informações que vocês considerarem importantes.

Planejamento do painel

Vamos organizar a produção do painel? Leiam as orientações a seguir e esclareçam eventuais dúvidas com o professor.

- O painel será produzido em uma mídia eletrônica, para ser compartilhado pela rede com os colegas ou projetado em uma tela grande para a turma.
- Verifiquem os recursos disponíveis na escola para a produção e apresentação do painel.
- Existem diversos aplicativos e ferramentas digitais disponíveis na internet, muitos deles gratuitos, que podem ser utilizados na produção e apresentação do painel. O meio digital pode ser um editor de *slides*, acessível para computadores e *smartphones*. Com

a orientação do professor, conversem e selecionem o recurso de mídia mais adequado para realizar o painel que vocês planejaram.

Organização e produção do painel

- Organizem o painel levando em consideração as informações dispostas em textos e imagens obtidos na pesquisa.
- Selecionem as informações que serão inseridas e dimensionem o espaço do painel.
- Insiram títulos e subtítulos para ordenar as informações.
- Escolham as fontes e os tamanhos das letras para textos, títulos e subtítulos.
- Utilizem linguagem clara e objetiva ao redigir os textos.
- Disponham os textos e as imagens de forma harmoniosa e criativa.
- Utilizem mapas, infográficos, gráficos, ilustrações e fotografias para complementar as informações.
- Atentem para as cores utilizadas como fundo e para os textos e as imagens. Uma apresentação agradável favorece a leitura e interpretação das informações.
- Após a produção do painel, organizem a apresentação dos trabalhos.
- A apresentação é um importante momento de escuta e de fala. Para organizá-la, é importante a ordem dos grupos e o tempo destinado a cada um.
- Como vocês já devem ter percebido, nas apresentações dos trabalhos treinamos o respeito. Por isso, escutem com atenção as falas dos colegas e depois, se acharem necessário, apresentem outros pontos de vista ou opiniões.
- Anotem as principais ideias e considerações propostas pelos diferentes grupos. Essas informações são valiosas para o entendimento do tema.

No Projeto Integrador que desenvolvemos juntos, possibilitamos um olhar sensível sobre os refugiados, visando ao respeito e à valorização dessas pessoas, que em geral estão em situação de vulnerabilidade. Como proposta final de avaliação, sugerimos inicialmente a leitura do trecho:

A hospitalidade pura consiste em acolher aquele que chega antes de lhe impor condições, antes de saber e indagar o que quer que seja, ainda que seja um nome ou um “documento” de identidade. Mas ela também supõe que se dirija a ele, de maneira singular, chamando-o portanto e reconhecendo-lhe um nome próprio: “Como você se chama?” A hospitalidade consiste em fazer tudo para se dirigir ao outro, em lhe conceder, até mesmo perguntar seu nome, evitando que essa pergunta se torne uma “condição”, um inquérito policial, um fichamento ou um simples controle das fronteiras.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. Tradução de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

Após a leitura, cada grupo deverá responder à pergunta: "Os refugiados são tratados com hospitalidade na cidade ou no estado onde vocês habitam?". Para produzir as respostas, busquem argumentos nas informações disponíveis nos painéis produzidos.

Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos Projetos Integradores, sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observe a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

RESPONDA
NO CADERNO

A. Realizo as tarefas nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atuo com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Demonstro comportamento adequado e comprometido nos diferentes momentos de desenvolvimento do projeto.

D. Escuto com atenção as explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

E. Apresento atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

F. Falo com clareza, ao compartilhar dúvidas e opiniões.

G. Atuo de forma respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

H. Demonstro empatia e respeito quando lido com opiniões e contextos diferentes dos meus.

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
------------------------------	---------------	--------------------------------	-------------------

ETAPA 1 - VAMOS COMEÇAR

RESPONDA
NO CADERNO

Olhares sobre o refúgio: Interpretar fotografias de pessoas refugiadas e produzir e legendar fotografias pessoais.

Refúgio: uma dinâmica mundial: Ler, interpretar e sistematizar informações a partir do infográfico com dados sobre a dinâmica migratória.

Refúgio: organizando o projeto: Conhecer informações sobre a pergunta-chave: **Refugiados: como vivem no Brasil?** e o produto final (painel) e atuar na formação de grupos de trabalho de investigação.

ETAPA 2 - SABER E FAZER

Refugiados: fragilidade política e econômica: Observar e interpretar informações sobre a situação de fragilidade política, social e econômica no infográfico sobre os refugiados no mundo.

Migrações, refúgio e apatridia: Ler, interpretar e produzir verbetes sobre o refúgio.

Migração: direito humano: Ler, analisar e interpretar leis de amparo a imigrantes e refugiados, compreender a história do refúgio.

Breve história do refúgio: Caracterizar o refúgio no passado a partir de um texto e produzir texto e imagem sobre o tema na atualidade.

Pesquisa: refugiados no Brasil: Identificar e interpretar dados de pesquisa em infográfico sobre refugiados no Brasil. Investigar as razões que motivaram o refúgio de sírios, congoleses, angolanos e colombianos para o Brasil.

Refugiados: quem acolhe e ampara?: Compreender o texto sobre a atuação de um professor em escola de campo de refugiados na Etiópia. Investigar a atuação da sociedade civil, de instituições e de ONGs no auxílio e amparo a populações refugiadas no estado ou cidade onde mora.

Uma vida melhor no Brasil?: Ler poema e relatos, identificar imagens sobre o tema, produzir frases ou poemas e pesquisar relatos sobre o refúgio e os refugiados.

ETAPA 3 - PARA FINALIZAR

Painel: refugiados: como vivem no Brasil?: Participar da produção do painel com textos e imagens sobre o tema.

Autoavaliação: Refletir sobre as propostas sugeridas no projeto.

O direito de manifestação pacífica é uma garantia prevista em lei para todos os cidadãos brasileiros. A participação dos jovens na vida pública do país é fundamental para que outros direitos sejam conquistados e mantidos.





> PROJETO

Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?

O Estatuto da Juventude é a lei que trata dos direitos dos jovens e dos princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro. Identificar como esse documento reconhece e valoriza os jovens como sujeitos de direitos é o principal objetivo deste projeto.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** ESTATUTO DA JUVENTUDE:
POR QUE PRECISAMOS CONHECER?

> **TEMA INTEGRADOR:** MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Pesquisar e conhecer o Estatuto da Juventude, que dispõe sobre os direitos dos jovens e os princípios e diretrizes das políticas públicas para a juventude, visando identificar e descrever situações cotidianas vivenciadas pelos estudantes relacionadas aos temas tratados no documento.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

O Estatuto da Juventude, que ainda é pouco conhecido entre os jovens, está em vigor desde 2014. Estabelece a criação de políticas públicas direcionadas aos jovens de 15 a 29 anos. O documento determina que o Estado brasileiro deve garantir 11 direitos básicos para a população jovem, dentre eles o direito a educação, trabalho, saúde e cultura.

O Projeto Integrador que estamos iniciando visa promover o conhecimento, a reflexão e o debate das propostas do documento. O projeto será finalizado com a produção de um seminário e uma roda de conversa sobre o tema.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 7 8 9 e 10

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Organização de um seminário e de uma roda de conversa entre os estudantes com o objetivo de apresentar e descrever os 11 direitos básicos previstos no Estatuto da Juventude. Assim, poderão reconhecer e identificar aspectos que vivenciam no cotidiano e que estão contemplados no documento.

ETAPA 1

Apresentação do tema **Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?** e de como será desenvolvido. Reconhecer as definições sobre o que é ser jovem. Elaborar frases e produzir um mapa mental com as definições da palavra **jovem**.

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:**

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS404
(relacionada à competência específica 4)
- EM13CHS502
(relacionada à competência específica 5)
- EM13CHS605
(relacionada à competência específica 6)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1

- Papel, lápis, canetas coloridas, borracha e régua para a elaboração de mapa mental.

Etapa 2

- Dicionário físico ou digital.
- Livros, revistas ou jornais.
- Material para elaboração de seminário sobre os direitos dos jovens estabelecidos no Estatuto da Juventude.
- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.

Etapa 3

- Material para a elaboração de desenhos para responder à pergunta: "Como devemos agir para nos tornar sujeitos de direitos?".

ETAPA 2

Identificar, em uma linha do tempo, termos e conceitos importantes para o entendimento do tema e refletir sobre os direitos garantidos no Brasil. Interpretar em infográfico e investigar características da população jovem brasileira e identificar as dificuldades que ela encontra no estudo, no trabalho e no lazer a partir de textos. Conhecer histórias de jovens que lutam pela manutenção de direitos e compreender o que é sujeito de direitos. A partir das informações obtidas, planejar e produzir seminários sobre os direitos dos jovens previstos no Estatuto.

ETAPA 3

Participar de roda de conversa sobre direitos não assistidos dos jovens e elaborar e compartilhar desenhos associados à condição de sujeitos de direitos para reconhecer e identificar aspectos vivenciados no cotidiano relacionados ao Estatuto da Juventude.

ETAPA

1

VAMOS COMEÇAR

Nossos direitos: por que precisamos conhecer?

A Organização das Nações Unidas (ONU) dispõe que os “direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição”. Os direitos humanos são garantidos em diferentes documentos jurídicos e pelas leis de diversos países do mundo. No Brasil, por exemplo, todas as pessoas têm direitos e deveres determinados e reconhecidos pela Constituição. Além da Constituição, outro documento define quais são os direitos dos jovens. Vocês conhecem o Estatuto da Juventude?

Conversamos sobre este estatuto com o professor de Geografia, eu acho! Eu me lembro que discutimos que ele era importante para conhecermos os nossos direitos.



SAMUEL BORGES PHOTOGRAPHY/SHUTTERSTOCK.COM/DECADA DE 2010

Não conheço o documento, mas sei que tenho direito à saúde e à educação, certo?



TETRA IMAGES/GETTY IMAGES/DECADA DE 2010

Eu gostaria de ter direito a um horário de trabalho mais flexível que permitisse a continuação dos meus estudos.



IN GREENSHUTTERSTOCK.COM/DECADA DE 2010



> **ATIVIDADE**

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. O que vocês sabem do Estatuto da Juventude? Conhecem os direitos dos jovens estabelecidos nesse documento? Escrevam as suas respostas na lousa ou em documento compartilhado por todos na internet.

Para finalizar, leiam as respostas produzidas e reservem essas informações para a produção do seminário ao final do projeto.

 **SESSÃO PIPOCA**

Organizem com o professor um momento para assistir ao episódio do programa **Conexão Futura** sobre o Estatuto da Juventude, disponível em: www.youtube.com/watch?v=Y9ulfJPBgul. Acesso em: 12 dez. 2019. Após assistir ao episódio, produzam uma sinopse com as principais ideias apresentadas.

Eu conheço, sei que existe.



MARTIN-DM/E+/GETTY IMAGES/DECADEA DE 2010

Eu sei que o Estatuto garante ao jovem com deficiência o atendimento educacional especializado gratuito.



SOT/PHOTOS/GETTY IMAGES/DECADEA DE 2010

Eu me lembro do direito de participação política.



ODIA IMAGE/SHUTTERSTOCK.COM/DECADEA DE 2010

Não conheço o documento, espera um pouco que vou pesquisar na internet e já respondo a sua pergunta.



HENRIK-SOPRESEN/INDIAPALMVISION/GETTY IMAGES/DECADEA DE 2010

Ser jovem é...

O que é ser jovem? Quais são as necessidades, os desejos e principalmente os direitos dessa considerável parcela da população brasileira?

Vamos ampliar nossos conhecimentos sobre o tema lendo juntos um texto do **Caderno juventudes**, em que especialistas em educação conversaram com 120 jovens de todo o Brasil sobre o que é ser jovem.

Recorrendo ao dicionário, uma das definições de “jovem” trata desta característica: juventude é o período de vida compreendido entre a infância e a idade adulta. Em outras palavras, um sujeito espremido entre duas fases da vida: entre a condição de criança, onde não se exige nada, mas também nada é ouvido; e a condição de adulto, como um ser já previamente desenhado, autônomo e independente, pronto para executar funções nas áreas da família, trabalho e sociedade. É isso que esperamos da juventude? Fazer tudo igual aos pais?

Outra definição de “jovem”, no dicionário, é aquele que está em seu início, que existe há pouco tempo, que é recente. Com base nesse aspecto temporal, várias afirmações são colocadas sobre o jovem, mas que podemos, aqui, questionar. Exemplos: o jovem como alguém que não sabe nada do mundo – mas sabe tudo do seu mundo –, que é ignorante, aprendiz, e precisa ser enchido de conhecimentos de fora – mas é mestre dos seus saberes, da sua linguagem, dos seus modos de se deslocar pelos lugares. É uma sabedoria incorporada, acionada pelo e no seu corpo, cotidianamente. Basta deixar que ela se expresse e afinar a escuta para ouvir essas pequenas doses de sabedorias juvenis.



GRINBOX/SHUTTERSTOCK.
COMDECADA DE 2010



GRINBOX/SHUTTERSTOCK.COM/DÉCADA DE 2010

Parece que a juventude carrega um certo enigma constante, como uma personalidade misteriosa e imprevisível. Existe no seu olhar uma curiosidade em conhecer os porquês, suspender as regras sociais e expandir os limites – do corpo, do sexo, em ser diferente, em ser em grupo. Há nesta singularidade uma energia disponível, em potência, que não para de pulsar (andando de *skate*, namorando outras sexualidades, escrevendo no dicionário, formando bandas de música, etc.). Ao mesmo tempo, e de um modo paradoxal, o jovem também é o oposto dessa imagem expansiva: encontra a sua turma, os seus lugares de afetos, suas práticas secretas, e gera um universo restrito, às vezes compartilhado com outros jovens, em outras ocasiões realmente só deles. Quando entende o lugar que sua vida ocupa no espaço, a descoberta deste território novo demanda uma preservação: “Não entre no quarto!” Sem esquecer, também, que uma aparente inércia pode ser confundida com um quadro de apatia ou falta de engajamento no real. Horas na frente do computador podem se encaixar neste diagnóstico ou podem ser vistas como um exercício de foco e concentração, resolução de problemas e transporte da consciência para uma realidade virtual (e não menos real) – como nos jogos *on-line*.

São essas contradições paradoxais que coabitam e formam este corpo múltiplo, aberto e em constante processo de des/re/construção, que só pode ser tratado no plural: juventude**S**.

[...]

SOBRINHO, André *et al.* (org.). **Caderno juventudes**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2017. p. 20-23.
Disponível em:
http://futurabucket2017.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/02/caderno_juventudes_v_digital.pdf.
Acesso em: 18 dez. 2019.



GRINBOX/SHUTTERSTOCK.COM/DÉCADA DE 2010

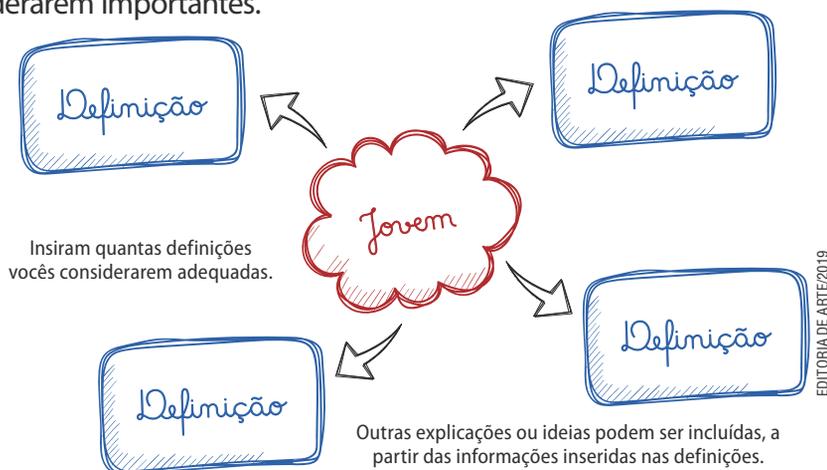
> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Que definições de "jovem" são apresentadas no texto?
2. E para vocês, o que é ser jovem? Para responder à pergunta, produzam, em um painel coletivo, frases a partir da expressão: "Ser jovem é...". Observem as frases e conversem sobre as semelhanças e as principais ideias propostas.
3. Agora que exploramos o tema, que tal produzirmos um mapa mental para organizarmos as ideias? O mapa mental parte de um tema central. De sua base, saem ramos e linhas com novas ideias organizadas de forma sistemática. Vamos lá! Para a produção do mapa mental, organizem-se em grupos de trabalho e sigam as orientações:
 - Embora existam aplicativos para a produção do mapa, sugerimos que este seja feito à mão para facilitar a memorização e o aprendizado sobre o tema.
 - As ideias que serão inseridas no mapa podem ser escritas ou desenhadas. Por isso, disponibilize papel, lápis, canetas coloridas, borracha e régua.
 - Para facilitar a leitura e a identificação rápida de conceitos, utilizem palavras-chave e frases curtas.
 - Insiram as diferentes definições de "jovem" produzidas pelos grupos e as que constam do texto que considerem mais significativas.
 - Revisem as informações do texto sobre a juventude e acrescentem no mapa as que considerarem importantes.



Compartilhem o mapa com os outros grupos e aproveitem para ampliar as ideias.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Releiam juntos a frase: "São essas contradições paradoxais que coabitam e formam este corpo múltiplo, aberto e em constante processo de des/re/construção, que só pode ser tratado no plural: juventude**S**".

Quais são os significados dos termos no texto?

- des/re/construção;
- juventudes.

Agora, conversem sobre o que compreenderam desses termos.

Investigando o Estatuto da Juventude

ROY MEHTA/ICONICA/GETTY IMAGES/DÉCADA DE 2010



A troca de ideias e ações efetivas que interferem na comunidade fazem parte do exercício de cidadania dos jovens.

O Estatuto da Juventude é o cenário para a nossa investigação. A partir do reconhecimento do documento, vamos dialogar sobre a seguinte pergunta-chave: **Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?**

Para isso, propomos a identificação e a definição do que é juventude. Por meio de diferentes textos, vamos conhecer aspectos relacionados aos jovens e às necessidades e desejos dessa significativa parte da população brasileira.

Essas ideias foram propostas para que, junto aos colegas, vocês identifiquem os direitos da juventude e dialoguem sobre eles.

Como vocês já devem ter percebido, neste projeto o diálogo e a troca de informações e de opiniões são estimulados em todas as etapas e momentos da investigação.

Vamos valorizar a oportunidade que sugerimos nas propostas de atividades do projeto para exercitar a escuta e a fala e dialogar sobre o Estatuto da Juventude, documento importante para a vida dos jovens em sociedade.

Para organizar o trabalho, sugerimos que vocês formem grupos de 3 ou 4 pessoas. Os agrupamentos precisam resultar no mínimo em 11 grupos. Essa organização é fundamental para a execução da proposta de investigação, que será detalhada adiante.

Nenhum estudante da sala deverá ficar sozinho, se isso ocorrer os agrupamentos devem ser reorganizados para conter ou envolver todos os estudantes. O professor será o mediador dessa organização.

ETAPA

2

SABER E FAZER

Linha do tempo: direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens

O conhecimento sobre os direitos humanos é fundamental para o empoderamento da sociedade civil, pois é impossível se apropriar de um direito quando não o conhecemos. Você provavelmente já ouviu falar no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto da Juventude, não é mesmo? Que tal conhecer a história desses e de outros documentos que garantem os nossos direitos?

O Brasil colonial e imperial era marcado pela alta mortalidade infantil e pelo abandono de crianças. Uma alternativa para minimizar esses problemas, utilizada a partir de 1726, foi a "Roda dos Expostos", também conhecida como "Roda dos Enjeitados", que se tornou a principal forma de assistência infantil nos séculos XVIII e XIX. Na "Roda dos Expostos" eram deixadas crianças cujos pais não as podiam criar. As crianças eram recolhidas por instituições religiosas (como mosteiros e irmandades beneficentes), que as criava com dinheiro de doações de famílias abastadas, até que se tornassem independentes.



Uma criança é deixada na "Roda dos Expostos". Edmond Texier, século XIX.

O Código Criminal da República, criado em 1890, tinha o objetivo de conter a violência nas cidades e determinava a penalização de crianças entre 9 e 14 anos. As crianças passavam por avaliação psicológica que as considerava inimputáveis ou passíveis das penas aplicadas a um adulto. Em 1921, a Lei nº 4.242 tratou da assistência e proteção de "menores abandonados" e "menores delinquentes", regulamentada somente em 1923. Após isso, a idade mínima para uma criança responder criminalmente passa a ser 14 anos.

Um menor condenado por ladrão

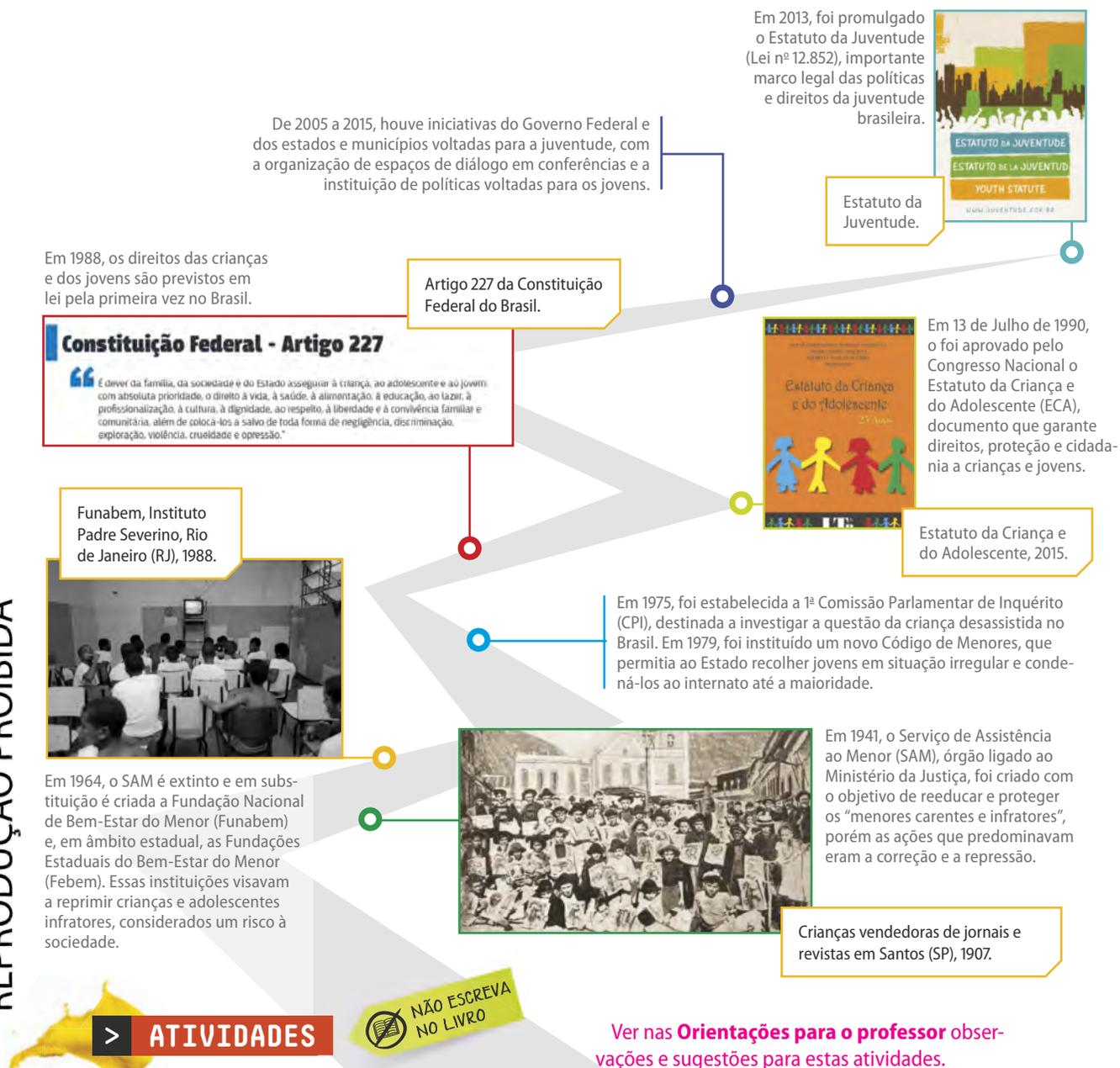
O Dr. Albuquerque de Mello, juiz da 3ª Vara Criminal, condenou hoje a seis meses de prisão com trabalhos, o menor Apollinario Caelano da Silva, pelo crime de furto e mais ainda por ter sido encontrado em poder do mesmo instrumento próprios para roubar.

Trecho do jornal **A Noite**, Rio de Janeiro (RJ), 1915.

A Lei de Assistência e Proteção aos Menores, criada em 1927, também conhecida como Código de Menores, foi dedicada à proteção da infância e da juventude. A lei estabelecia que jovens até 17 anos não poderiam ser punidos, sendo responsabilizados por crimes e condenados à prisão somente a partir dos 18 anos. Além disso, proibia a "Roda dos Expostos" e auxiliava na criação da escola de preservação para "delinquentes" e "da escola de reforma para o abandonado".



Ícones representando assistência e proteção aos jovens.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Reúna-se com alguns colegas e, juntos, elaborem um glossário para os seguintes termos:
 - a) Lei.
 - b) Estatuto.

Acrescentem outros termos desconhecidos e relevantes sobre o tema que vocês considerarem necessário constar do glossário.

2. Agora, observem a linha do tempo, reflitam, conversem e produzam um texto coletivo sobre a seguinte questão:

- Crianças e jovens sempre tiveram direitos garantidos no Brasil?

Após a produção, leiam os textos elaborados e se necessário acrescentem as opiniões dos demais colegas de outros grupos. Guardem o texto finalizado, ele será utilizado na atividade de finalização do projeto.

População jovem no Brasil

Quem é jovem no Brasil? Em nosso país, é considerado jovem o indivíduo que tem entre 15 e 29 anos.

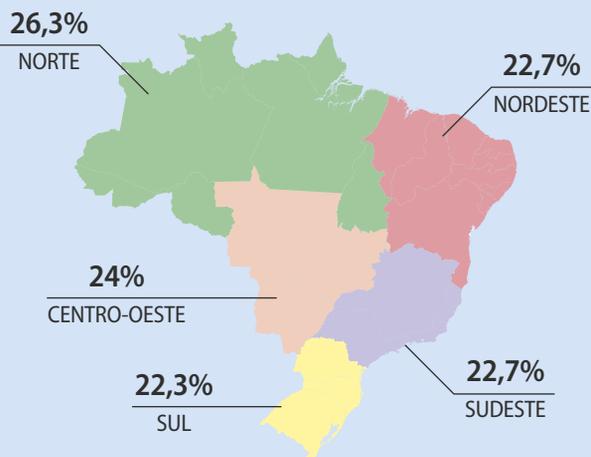
Conheçam um infográfico que representa aspectos dos jovens no Brasil, que ocupavam, em 2015, um quarto do total da população brasileira, segundo informações disponíveis na pesquisa Síntese de Indicadores Sociais (SIS), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



> Os números que traduziam o perfil dos jovens brasileiros em 2015

48,3 milhões é a quantidade de jovens de 15 a 29 anos que vivem no Brasil.

ESSE GRUPO ETÁRIO ESTÁ MAJORITARIAMENTE CONCENTRADO NA REGIÃO NORTE DO PAÍS. VEJA A DISTRIBUIÇÃO REGIONAL:



JÁ QUANDO O ASSUNTO É EMPREGO...

52,5% dos jovens brasileiros estavam empregados em 2015, o pior nível de ocupação em mais de uma década.

EM CONTRAPARTIDA

63,5% deles não frequentavam a escola.

RENDIMENTO MENSAL DE JOVENS DE 15 A 29 ANOS DE IDADE

Em média, a maioria deles recebe de 1 a 2 salários mínimos.





GRINBOXSHUTTERSTOCK.COM

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

> ATIVIDADES



1. Observem e conversem sobre as informações nos gráficos e descrevam:

- os aspectos da população jovem brasileira que foram apresentados;
- em quais aspectos retratados você e seus colegas estão inseridos.

2. Organizados em grupos de trabalho, investiguem informações relacionadas à população jovem brasileira na atualidade em livros, revistas ou na internet. Quantos são, onde vivem e informações relacionadas com educação, trabalho e lazer são úteis para determinar quem é e como vive a população jovem no Brasil. Anotem as informações obtidas e compartilhem os resultados com os colegas. Essas informações serão utilizadas nas próximas etapas da investigação.



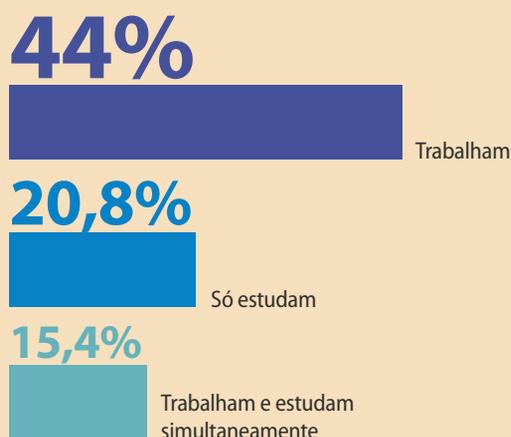
Fonte dos dados: BRETAS, Valéria. Os números que traduzem o perfil dos jovens brasileiros. **Exame**, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-que-traduzem-o-perfil-dos-jovens-brasileiros/>. Acesso em: 26 dez. 2019.

PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE

Segundo o IBGE, o principal motivo de óbito entre os jovens ocorre por causas externas, como acidentes, acidentes de transporte, quedas e agressões. Veja o *ranking*:



OCUPAÇÃO DOS JOVENS



Jovem: educação e mercado de trabalho

Para ampliarmos nossos conhecimentos sobre os jovens no Brasil, o texto a seguir apresenta informações de 2018, sobre as relações dos jovens com a educação e o mercado de trabalho. Sugerimos que vocês se organizem nos grupos de trabalho já determinados anteriormente, façam a leitura e sigam as dicas abaixo:

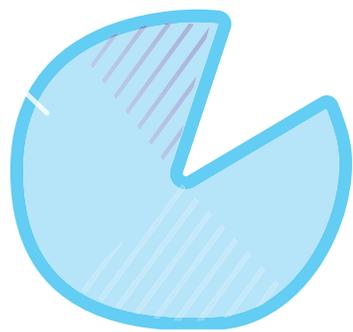
- Cada estudante deverá ler um trecho do texto para os colegas do grupo.
- Consultem em dicionários o significado de termos desconhecidos.
- Escrevam as principais ideias propostas no texto no caderno ou em uma folha avulsa.

“O que você quer ser quando crescer?” Essa é uma forma comum de se puxar conversa com uma criança. E as respostas, cheias de sonhos e imaginação, costumam estar na ponta da língua dos pequenos, apesar de que, de tempos em tempos, eles mudem bastante de ideia: médica, professor, motorista, astronauta, cantor, cientista... Se na infância a pergunta ainda é só uma brincadeira, para os jovens ela já tem um peso diferente, já que é nessa etapa da vida que o futuro profissional começa a ser, realmente, desenhado. A construção de uma carreira envolve tanto os estudos quanto o mercado de trabalho. Mas de cada cinco jovens com idade entre 15 a 29 anos, pelo menos um enfrenta barreiras que o impedem de seguir por qualquer um desses dois caminhos.

AMANDA MARTINS/ACERVO EDITORIAL/2019

A escola é fundamental para qualificar os jovens que vão ingressar no mercado de trabalho.

fora da escola
e longe do
mercado de trabalho



[...]

No Brasil, quase 11 milhões de jovens de 15 a 29 anos não estão ocupados no mercado de trabalho e nem estudando ou se qualificando, de acordo com a Pnad Contínua, suplemento Educação, realizada pelo IBGE em 2018. Esse grupo, que representa 23% da população do país nessa faixa etária, ficou conhecido como “nem-nem”, um termo que se tornou controverso e, por isso, seu uso vem sendo evitado. A economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Joana Costa – uma das autoras do capítulo brasileiro da pesquisa internacional **Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar?** – explica que o termo “nem-nem” é a variação da sigla Neet (*Not in Education, Employment, or Training*), que surgiu na Inglaterra, nos anos 1990, durante as primeiras discussões sobre os jovens que não trabalhavam e nem estudavam.

Mas, para Joana, diferentemente da sigla inglesa, que usa termos técnicos e mais formais (se traduzidos seriam algo como “fora da educação, do emprego e da qualificação profissional”), a expressão em português acabou ganhando um tom pejorativo, por passar a ideia de que esses jovens são ociosos e que estão nessa situação, simplesmente, por vontade própria. “O termo tanto em português (nem-nem), quanto em espanhol (*nini*) são ruins porque dão a ideia de que o problema é do jovem, como se ele não quisesse trabalhar ou estudar. É como se você estivesse culpando o jovem pela situação, sem olhar para as barreiras que ele está encontrando”, destaca a economista.

[...]

A analista da pesquisa do IBGE, Marina Águas, destaca que afazeres domésticos e cuidados de pessoas estão entre as principais barreiras enfrentadas pelos jovens para continuar os estudos ou arrumar um trabalho remunerado. Essa questão atinge principalmente as mulheres, que são



VISUAL GENERATION/ SHUTTERSTOCK.COM

maioria nessa situação. “E ainda existe todo o estigma do que é o afazer doméstico. Como ele não é valorado como trabalho, parece que a pessoa fica em casa sem fazer nada. Mas isso pode ser muito custoso para a vida dela”, comenta, e completa: “Imagina: a pessoa tem que arrumar a casa, fazer comida para a família, botar a marmita do marido, cuidar dos filhos... Bota tudo isso no papel. Imagina o salário que ela precisaria ter para colocar outra pessoa fazendo as mesmas tarefas e, ainda, valer a pena ir para o mercado de trabalho”. E esse é, justamente, o caso da carioca Luiza Perminio, de 27 anos. Há cerca de dois anos, uma gravidez não planejada fez a jovem largar a faculdade e, desde que seu filho nasceu, ela passou a se dedicar integralmente à criança e à casa. “Assim que descobri, fiquei meio desesperada, mas tive bastante apoio e hoje estou feliz. Desde que o Benjamin nasceu, fiquei por conta dele. Meu marido trabalha e eu não tenho nenhuma outra pessoa para me ajudar”, conta. Luiza explica que para conseguir trabalhar ou estudar precisaria colocar o filho em uma creche e ainda contratar alguém para ficar com ele no restante do tempo. “Seria só para dizer que eu estou trabalhando, pois basicamente pagaria para trabalhar. E ainda seria um serviço que a pessoa não faria da mesma forma que eu faço”, destaca. Mas a jovem comenta que é comum ela ouvir a pergunta: “Ah, mas você não trabalha?” E para essas pessoas ela tem uma resposta pronta: “Trabalhar, eu trabalho. Eu não tenho emprego remunerado, mas eu tomo conta de todo o serviço da casa, lavo roupa, lavo louça, faço comida e cuido integralmente do meu filho. Trabalho bastante!” Moradora da Comunidade do Coliseu, localizada no meio de prédios de luxo da Vila Olímpia, em São Paulo, Janaína Pereira, de 26 anos, vive uma situação parecida. Mas ela enfrenta uma outra barreira: a baixa escolaridade. Janaína parou de estudar há seis anos, quando engravidou da primeira filha. Na época, ela estava na 8ª série do ensino fundamental. A paulista conta que gostaria de voltar para a escola, mas teria que ser à noite, por causa das crianças – hoje ela tem um casal de filhos, o caçula está com três anos. Janaína diz que, nos últimos anos, chegou a voltar para o mercado de trabalho, como ajudante geral em um restaurante no bairro, mas teve que deixar para cuidar do filho pequeno. “Eu pagava para alguém cuidar dele, mas depois, com o que eu ganhava, não dava mais”, explica. Por não ter completado nem mesmo a educação escolar

básica e obrigatória, encontrar um emprego com um salário satisfatório é ainda mais difícil. E Janaína comenta que essa falta de oportunidades para se recolocar já está fazendo com que ela desanime da busca, apesar de ainda ter o desejo de trabalhar fora. [...]

MARLI, Mônica. Fora da escola e longe do mercado de trabalho. **Retratos**: a revista do IBGE: o que os domicílios contam, Rio de Janeiro, n. 18, p. 22-25, set./out. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/47ad07161ac72b90ad0b2387ab2dda34.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.





> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Observem as anotações que vocês fizeram sobre o texto e conversem a respeito das questões a seguir.
 - a) Quais são as dificuldades que os jovens enfrentam para estudar e trabalhar?
 - b) Qual é o significado de “nem-nem” e por que esse termo deve ser evitado?
2. Para a economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Joana Costa, citada no texto, uma importante questão para ser resolvida é que as políticas educacionais brasileiras devem ser pensadas e planejadas para ajudar os jovens na superação dos problemas que envolvem estudos e mercado de trabalho.

[...] Joana ressalta, ainda, que o Brasil vive um momento em que os jovens são a maior parte da população, mas que, a partir de 2022, essa realidade demográfica vai começar a mudar. Por isso, mais do que nunca, é preciso investir na educação dos jovens.

“Estamos no final dessa onda jovem, mas ainda estamos vivendo, então temos que aproveitar esse momento agora. Esses jovens vão para o mercado de trabalho e eles é que vão ser determinantes na nossa produtividade no futuro. É importante que eles estejam bem qualificados, para a gente poder aproveitar esse bônus demográfico”, conclui.

MARLI, Mônica. Fora da escola e longe do mercado de trabalho. **Retratos**: a revista do IBGE: o que os domicílios contam, Rio de Janeiro, n. 18, p. 22-25, set./out. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/47ad07161ac72b90ad0b2387ab2dda34.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.

- Vocês concordam com a economista? Segundo ela, por que razões é importante qualificar os jovens para o mercado de trabalho?

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO



Vocês conhecem algum jovem que enfrenta dificuldades para estudar ou trabalhar? Compartilhem as histórias desses jovens com os colegas de sala.



Jovens: lazer

Leiam juntos um trecho do livro **Testemunhos da Maré**, de Eliana Sousa Silva, que relata o dia a dia da comunidade localizada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Durante a leitura, evidenciem os problemas que a população do Complexo da Maré enfrenta no cotidiano.



MARCELO PIU/AGÊNCIA O GLOBO

Rua comercial no Complexo da Maré, Rio de Janeiro (RJ), 2014.

O tempo cotidiano

No dia a dia da Maré, elementos fortes são percebidos imediatamente: o cheiro forte nas vielas em função do sistema de esgoto precário; a música permanente, principalmente *funk* ou *forró*; as ruas principais ocupadas por barracas que vendem os mais diversos produtos; a grande variedade de lojas, na maior parte das vezes de médio e pequeno porte, destacando-se os muitos espaços de vendas de bebidas alcoólicas; a grande frota de veículos, especialmente motos, bicicletas e *vans*, que disputam as ruas com uma multidão de pessoas de todas as idades, principalmente crianças, adolescentes e mulheres – presenças permanentes nas ruas, em todos os horários e dias, com destaque para as noites e os fins de semana.

A forte presença das pessoas nas ruas é o elemento que mais impacta aqueles que vão pela primeira vez a uma favela como a Maré; à noite, enquanto as ruas dos bairros de classe média estão vazias, com seus moradores trancados em suas casas e seus apartamentos repletos de grades, a favela está com o comércio aberto, os bares pulsando, cheios de vida.

A alta circulação nas ruas não se explica pelo que poderia parecer à primeira vista: nas casas residiria uma quantidade de pessoas muito superior à sua capacidade e isso as tornaria inabitáveis. Efetivamente, a densidade média de habitantes por domicílio na Maré (3,45 pessoas por domicílio) está próxima à média da cidade. Fatores como a má qualidade das habitações e

o fato de os cômodos serem muito pequenos justificam mais, em termos físicos, a opção pelas ruas. Outros fatores sociais também influenciam a intensa circulação coletiva: a alta taxa de desemprego, em especial dos jovens – um grande número desses também não estuda; a pequena circulação de moradores em outros espaços da cidade e a concentração de suas atividades de lazer e de consumo na própria favela, entre outros. [...]

A busca por lazer se faz muito presente entre a população local, principalmente entre os jovens. Assim, a oferta de *lan houses*, bares, festas de ruas e locadoras de filmes é expressiva.

SILVA, Eliana Sousa. **Testemunhos da Maré**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015. p. 52.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Após a leitura do texto, citem os exemplos de lazer disponíveis para os jovens que moram no Complexo da Maré.
2. Quais são as opções de lazer disponíveis na comunidade onde você e os colegas moram? Para responder à pergunta, escrevam na lousa ou em algum recurso digital uma lista com as opções de lazer levantadas. Depois, avaliem se as opções são suficientes e citem quais outras vocês gostariam que existissem. Descrevam que benefícios essas opções poderiam proporcionar na vida dos jovens da comunidade.

Anteriormente, investigamos um problema que aflige parte da população juvenil no Brasil, que é o grande número de jovens que não estudam e não trabalham. Releiam o trecho do texto que apresenta esse problema e ampliem a reflexão com a seguinte pergunta:

- Vocês conhecem algum jovem que enfrenta as dificuldades citadas no texto? Compartilhem as histórias desses jovens com os colegas de sala.

Membros do projeto Luta Pela Paz em apresentação de capoeira no Complexo da Maré, Rio de Janeiro (RJ), 2012.

BUDA MENDES/LAUREUS/GETTY IMAGES



Jovens que lutam pelos seus direitos

Conheçam um jovem que luta pela preservação das terras e a manutenção dos costumes indígenas. Observem a reprodução das páginas da História em Quadrinhos **Xondaro**, de Vitor Flynn.

Werá Jeguaka Mirim mora na aldeia Krukutu, localizada na região de Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo. Ele é cantor de *rap* e utiliza o nome artístico Kunumí MC. A HQ **Xondaro** narra o protesto de Werá na abertura da Copa do Mundo de futebol masculino, em 2014, e a luta do povo guarani, da aldeia Krukutu, pela demarcação de terras na cidade de São Paulo.



Páginas da HQ **Xondaro**, nas quais se vê Werá segurando uma faixa escrita "DEMARCAÇÃO" e o operador de câmera ignorando o seu protesto.

Leiam agora um texto que narra a ação de Werá registrada na História em Quadrinhos.

No vestiário da Arena Corinthians, em São Paulo, Werá estava ansioso, incomodado com a faixa escondida no calção. Em 2014, ele foi convidado com duas crianças a lançar uma pomba no ar na abertura da Copa do Mundo, simbolizando a paz. Mas a paz, para qualquer indígena brasileiro, é ainda muito distante.

Uma das lideranças indígenas teve então a ideia de aproveitar o momento de exposição para fazer um ato simbólico: Werá iria erguer uma faixa vermelha com a palavra Demarcação. Para fazer isso, ele tinha que driblar o escrutínio de uma equipe de produção

preocupada com qualquer repercussão negativa. Antes de entrar no gramado, ele escondeu a faixa na cueca.

Werá conseguiu desdobrar a faixa vermelha no campo. Emissoras cortaram as câmeras na hora, mas não puderam impedir que milhares de torcedores tirassem foto e popularizassem o ato de resistência, que ganhou repercussão mundial.

[...]

Posso fazer um *rap*

Cantando

Rimando

Pedindo

Pela demarcação

(Trecho da música *O Kunumi Chegou*)

GARCIA, Cecília. A língua como forma de resistência: conheça o *rapper* indígena Kunumi MC. **Rede Peteca**: chega de trabalho infantil, [201-]. Disponível em: www.chegadetrabalho infantil.org.br/boas-praticas/jovens-atuantes/conheca-o-rapper-indigena-kunumi-mc/. Acesso em: 20 dez. 2019.



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Qual direito básico foi defendido pelo jovem indígena Werá Jeguaka Mirim na abertura da Copa do Mundo, em 2014, e na letra de *rap* feita por ele?
2. Organizados nos grupos de trabalho, produzam um texto que defina terras indígenas e descrevam a importância da demarcação dessas terras para os seus ocupantes.
3. Releiam a frase: “Emissoras cortaram as câmeras na hora, mas não puderam impedir que milhares de torcedores tirassem foto e popularizassem o ato de resistência, que ganhou repercussão mundial”.
 - Por que as emissoras não deixaram que o protesto do jovem fosse transmitido? Antes de responder à pergunta, colem argumentos na internet. Observem atentamente como as mídias nacional e internacional repercutiram o episódio e compartilhem as respostas com os colegas de sala.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO



Selecione outro ativista que atue na defesa dos direitos dos jovens e investiguem:

- quem é o ativista;
- causa ou direito que defende;
- de que forma atua na defesa da causa selecionada.

Compartilhem os resultados obtidos na investigação com os colegas de sala.

Estatuto da Juventude

Todas as pessoas têm direitos e deveres reconhecidos e protegidos pela Constituição Federal, que é a Carta Magna brasileira. Além disso, crianças, adolescentes e jovens também têm seus direitos resguardados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e no Estatuto da Juventude. Os dois documentos entendem crianças, adolescentes e jovens como “sujeitos de direitos”. Vocês sabem o que essa expressão significa?

O conceito se relaciona à atribuição de direitos e deveres, ou seja, crianças e jovens são cidadãos protegidos integralmente pelas leis, capazes de exercer direitos e de cumprir deveres.

Educação, trabalho, cultura, liberdade de expressão, saúde, esporte e segurança são alguns dos direitos previstos para os jovens no Estatuto da Juventude. Já os deveres incluem o respeito às leis do país.

Que tal conhecer os direitos estabelecidos no documento e dialogar sobre eles? Para começar a investigação, conheçam 11 princípios básicos que foram reunidos em um cartaz (página seguinte) utilizado para divulgar o Estatuto da Juventude.

Reunião entre jovens e adultos em escola de São Paulo (SP), 2016.



#EstatutodaJuventude

TUDO JOVEM TEM DIREITO

Cidadania, Participação Social e Política e Representação Juvenil

Educação

Profissionalização, Trabalho e Renda

Diversidade e Igualdade

Saúde

Cultura

Comunicação e Liberdade de Expressão

Desporto e Lazer

Território e Mobilidade

Sustentabilidade e Meio Ambiente

Segurança Pública e Acesso Justiça

O ESTATUTO TAMBÉM ESTABELECE:
- descontos e gratuidades em transporte interestadual para jovens de baixa renda;
- meia-entrada em eventos culturais e esportivos para estudantes e jovens de baixa renda.
*Válido em todo o território nacional.

www.juventude.gov.br/estatuto

Baixe aqui!

Os 11 princípios básicos do Estatuto da Juventude, 2013.

> ATIVIDADE

NÃO ESCREVA
NO LIVRO



- Identifiquem no cartaz os benefícios estabelecidos para os jovens. Vocês já usufruíram desses benefícios? Em que situações? Conversem a respeito.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

Seminário: Estatuto da Juventude

Que tal organizarmos um seminário sobre os direitos previstos no Estatuto da Juventude? O seminário é uma situação de comunicação e tem como principal objetivo apresentar informações sobre um determinado tema para um grupo de pessoas. No nosso caso, serão os direitos previstos no documento. Para a organização do seminário, sigam as orientações:

A organização do seminário

- Cada grupo deverá selecionar, com a ajuda do professor, um dos 11 direitos sugeridos no Estatuto. Os temas podem ser sorteados entre os grupos de trabalho ou escolhidos após acordos estabelecidos entre os estudantes.
- Dividam todas as tarefas, desde a preparação até a apresentação do texto para os colegas da sala.
- Após a seleção dos temas, os grupos devem pesquisar o direito no Estatuto da Juventude em *sites* oficiais do governo. Sugerimos como fonte a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 24 jan. 2020.
- O texto que vai servir de base para a elaboração do seminário é uma lei, que apresenta uma forma característica de escrita. Os direitos são organizados em seções, artigos e parágrafos que explicam o conteúdo. Os parágrafos podem ser únicos e, se existirem outros, será usado o sinal §.
- Organizados nos grupos de trabalho, leiam atentamente o direito que vocês selecionaram e identifiquem os termos desconhecidos.
- Observem aspectos do tema que considerem importantes de serem conhecidos pelos jovens e produzam o texto da apresentação com essas informações. Além disso, elaborem perguntas para reflexão que estimulem a participação da plateia.
- A apresentação de pesquisas, entrevistas, relatos ou artigos de jornais e revistas serve para aumentar o interesse do público. Por isso, insiram esses recursos para exemplificar situações sobre o tema.
- Leiam e revisem o texto produzido quantas vezes considerarem necessárias. O importante é garantir coerência, qualidade e clareza nas informações apresentadas.
- Planejem a apresentação para durar até 5 minutos, tempo que terá cada grupo.
- Os seminários utilizam a linguagem verbal, porém vocês podem usar *datashow* ou outro recurso digital nas apresentações, caso a escola possua esses recursos.
- Filmes, vídeos ou músicas, entre outros recursos, tornam a apresentação mais agradável para a plateia.



Estudantes reunidos em roda conversam sobre o projeto que vão desenvolver na escola, 2015.

A apresentação do seminário

- A postura é muito importante em um seminário; por isso, o apresentador deverá permanecer de frente e estar sempre olhando para todo o público.
- As falas das apresentações devem ser articuladas e entoadas em altura adequada.
- Apresentem o texto de forma espontânea após treinar e ensaiar diversas vezes.
- Apresentem o seminário quando vocês estiverem seguros do conteúdo e fiquem atentos ao tempo previsto.

A plateia das apresentações

- Todas as apresentações foram planejadas para transmitir informações importantes para vocês, por isso escutem atentamente o que os colegas têm a dizer.
- Esclareçam as dúvidas nos momentos destinados às perguntas.
- Anotem as informações principais apresentadas pelos grupos, pois elas serão necessárias para a elaboração da roda de conversa sugerida para a próxima etapa.
- Ao final das apresentações, com a ajuda do professor, destaquem os aspectos positivos e estimulem os colegas com falas construtivas sobre os trabalhos apresentados.

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

A roda de conversa é uma metodologia que desenvolve a capacidade de expressão e o respeito pela palavra alheia. O diálogo e a escuta atenta são um poderoso recurso para a aprendizagem coletiva.

Roda de conversa: direitos da juventude

Na etapa anterior, conhecemos no seminário os 11 direitos previstos no Estatuto da Juventude. Vocês evidenciaram nas apresentações questões importantes sobre cada um deles. Agora que os conhecemos, vamos ampliar a nossa reflexão sobre o tema produzindo uma roda de conversa.

Roda de conversa

Diálogo, troca de informações e opiniões: tudo isso e muito mais ocorrem em uma roda de conversa. É um importante momento de escuta e de fala, bastante utilizado por grupos humanos desde a Antiguidade, para discutir temas importantes ou resolver problemas da comunidade de forma respeitosa e igualitária.

Todos gostamos de uma boa conversa, não é? Então vamos abordar esse tema a partir da questão a seguir:

- Vocês acreditam que os direitos estabelecidos no Estatuto da Juventude são respeitados?

Para refletirmos sobre a questão, vamos selecionar um dos direitos previstos no documento. Para a seleção sigam as orientações a seguir:

- Reunidos nos grupos de trabalho, revejam as anotações e elaborem argumentos que justifiquem as razões da escolha desse direito como tema para a roda de conversa.
- Compartilhem os argumentos com todos os grupos.
- Escolham o direito que é mais relevante para vocês e para a comunidade onde estão inseridos.

Esse direito foi selecionado como ponto de partida para a construção da nossa roda de conversa.

Para organizar a roda de conversa sugerimos:

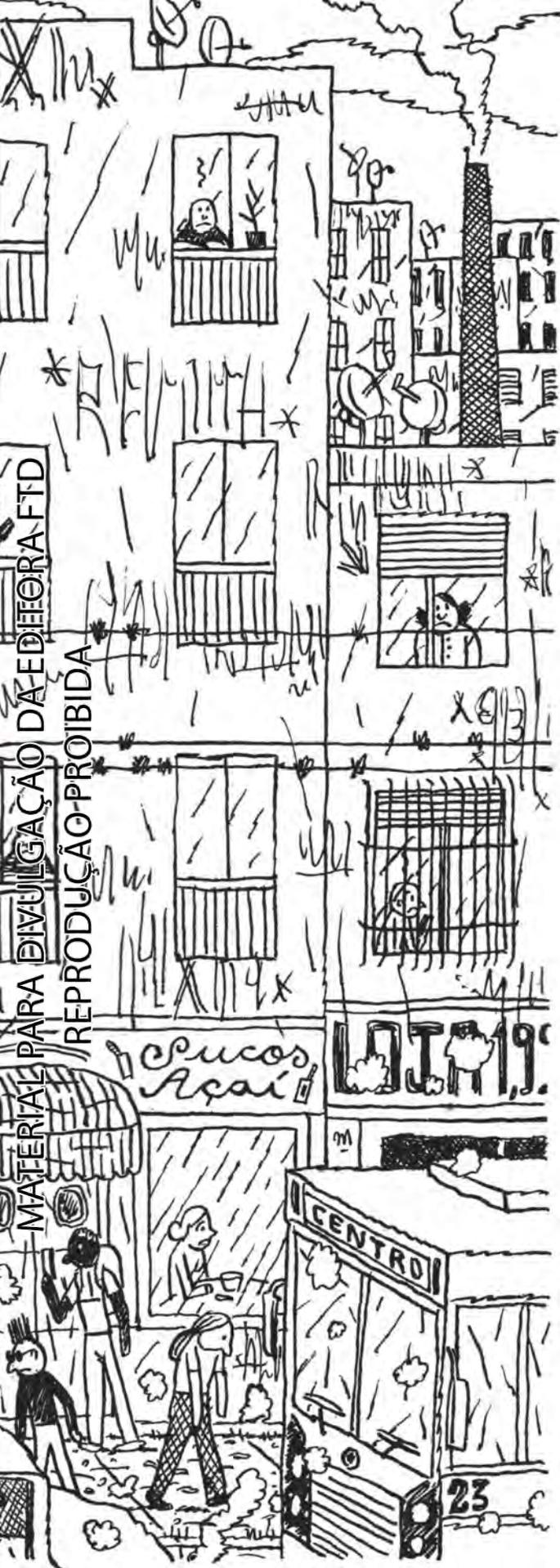
- A organização da sala e a disposição das cadeiras em círculo.
- Estipulem um tempo para a atividade, considerando o número de pessoas que vão apresentar respostas ou opiniões sobre o tema.
- O professor ou um estudante selecionado pela turma atuará como mediador da conversa. Cabe ao mediador introduzir o tema e coordenar as falas e a escuta. Se ocorrer algum tumulto, com muitas pessoas falando ao mesmo tempo, ele deverá organizar a roda. Que tal propor um sinal ou um gesto para que todos prestem atenção e retomem a conversa de forma organizada? Assim, todos podem apresentar seus argumentos calmamente e escutar os colegas.
- Além do mediador, sugerimos também a seleção de dois colegas para atuarem como assistentes. A principal missão dos assistentes é anotar as principais falas propostas pelos participantes da roda. Ao final da conversa, as anotações devem ser lidas pelos ajudantes para todo o grupo.
- Como vocês já devem imaginar, em uma roda de conversa treinamos o respeito e a empatia. Por isso, mesmo que as opiniões sejam divergentes, escutem com atenção os argumentos propostos pelos colegas e depois, caso considerem necessário, apresentem outros pontos de vista ou opiniões sobre o tema.

Todos orientados e cientes das regras, vamos começar a roda de conversa

- O mediador apresenta para a turma o direito estabelecido no Estatuto da Juventude; se necessário, releiam a lei e revejam alguns pontos destacados sobre o tema durante a apresentação do seminário. Para a leitura da lei, o mediador poderá selecionar alguns estudantes.
- Após a apresentação dos argumentos iniciais, o mediador deverá lançar a questão norteadora para a conversa: "Esse direito é respeitado no nosso dia a dia? Como podemos colaborar para a solução ou redução dos problemas gerados pelo não cumprimento desse direito?"
- De forma organizada, os estudantes que pedirem a palavra devem apresentar seus argumentos de forma clara e consistente.
- Vale também citar exemplos de situações do cotidiano, sempre de forma respeitosa e preservando a identidade das pessoas envolvidas.
- Caso algum colega queira contribuir com alguma opinião, basta esperar a vez.
- Os estudantes selecionados como ajudantes devem anotar resumidamente os principais aspectos apresentados pelos colegas e após todas as apresentações deverão ler as anotações produzidas.
- Após a leitura, os participantes da roda poderão acrescentar novas opiniões se for necessário.
- Para concluir a atividade, o mediador deverá ler o documento final e agradecer a presença e a contribuição de todos que participaram da atividade.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA





RAFAEL SICA

Sujeitos de direitos

Quem são os jovens e quais são os seus direitos foram os temas que nortearam as nossas conversas neste projeto. Para ampliar a sua reflexão sobre esses temas, observe a imagem ao lado e destaque o que ela retrata.

Muitas vezes nos sentimos sozinhos, frágeis e não percebemos se os nossos direitos são considerados e respeitados nos lugares que habitamos e frequentamos. Como devemos agir para nos tornar sujeitos de direitos? Que tal refletir sobre isso e produzir um desenho para responder à questão?

Para finalizar, compartilhem os desenhos e conversem sobre as sensações e os sentimentos que eles nos provocam. Com certeza, vocês vão encontrar muitos pontos em comum e outros novos que devem nos fortalecer como sujeitos de direitos.

A ilustração apresenta um cenário semelhante ao de muitas cidades no Brasil e em outros lugares do mundo. Há casas, prédios, lojas, veículos, pessoas conversando ou trafegando pelas vias etc. A cidade é um dos lugares onde os direitos de todos devem ser respeitados.

Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos Projetos Integradores, sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observe a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

A. Realiza trabalhos nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atua com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Se expressa com clareza, compartilhando dúvidas e opiniões.

D. Respeita os momentos em que o silêncio é necessário para o desenvolvimento das produções.

E. Atua com atenção na escuta das explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

F. Apresenta atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

G. Atua de forma sensível e respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

 **RESPONDA NO CADERNO**

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
------------------------------	---------------	--------------------------------	-------------------

ETAPA 1 – VAMOS COMEÇAR

Nossos direitos: por que precisamos conhecer?: Descrever e compartilhar informações em um painel de ideias sobre o que os jovens conhecem dos direitos estabelecidos no Estatuto da Juventude e produzir uma lista de dúvidas sobre o tema.

Ser jovem é...: Identificar diversas definições em um texto e elaborar um painel com as frases produzidas pelos grupos para a palavra **jovem**. Produzir um mapa mental sobre o tema.

RESPONDA
NO CADERNO

ETAPA 2 – SABER E FAZER

Linha do tempo: direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens: Identificar termos importantes para o entendimento do tema, na linha do tempo, e produzir um glossário com o significado das palavras. Além disso, conversar e refletir com os colegas de sala se crianças e jovens sempre foram respeitados e tiveram seus direitos garantidos no Brasil.

População jovem no Brasil: Interpretar em um infográfico e investigar em diferentes fontes características da população brasileira.

Jovem: educação e mercado de trabalho: Identificar em um texto as dificuldades que alguns jovens encontram para estudar ou trabalhar e investigar relatos e histórias sobre o tema.

Jovens: lazer: Identificar em um texto os problemas de uma comunidade e evidenciar as opções de lazer a que ela tem acesso. Investigar as opções de lazer dos colegas na escola.

Jovens que lutam pelos seus direitos: Conhecer a história de um jovem indígena que luta pelos direitos do povo dele e investigar outros jovens que atuam em causas relacionadas com outros direitos.

Estatuto da Juventude: Identificar o que é sujeito de direitos e conhecer os direitos dos jovens no Estatuto da Juventude.

Seminário: Estatuto da Juventude: Planejar, produzir e apresentar um seminário sobre os direitos dos jovens previstos no Estatuto.

ETAPA 3 – PARA FINALIZAR

Roda de conversa: direitos da juventude: Participar de uma roda de conversa sobre um direito não assistido dos jovens.

Sujeitos de direitos: Observar uma ilustração e avaliar aspectos relacionados a nossa condição de sujeito de direitos produzindo um desenho.



Família ouve, pelo rádio, o discurso de ano-novo do então presidente Getúlio Vargas. Rio de Janeiro (RJ), 1942.



> PROJETO

Rádio: como envolver a comunidade?

Tanto o direito de se comunicar como o de se expressar são garantidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. O documento afirma, em seu Artigo XIX, que “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

Reconhecido historicamente como importante meio de comunicação, o rádio se mantém presente nas moradias, nos automóveis e em vários outros lugares. Atualmente, ele se renova associando-se a novas mídias e tecnologias digitais.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** **RÁDIO: COMO ENVOLVER A COMUNIDADE?**

> **TEMA INTEGRADOR:** **MÍDIA EDUCAÇÃO**

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar a história do rádio e seu papel na construção de ecossistemas comunicativos com objetivo de levar à reflexão sobre a transformação do rádio com os avanços tecnológicos e suas implicações em aspectos sociais, culturais e educativos.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

Conhecer a história do rádio e suas transformações conforme os avanços tecnológicos, a criação de novos formatos e conteúdos relacionados aos tipos de rádio e os interesses dos ouvintes, garantindo uma maior interatividade e suas implicações socioculturais.

O Projeto Integrador **Rádio: como envolver a comunidade?** tem o objetivo de motivar a pesquisa por meio de artigos, reportagens, literatura e projetos, apresentando a possibilidade de formular uma proposta de criação e implantação de uma rádio na comunidade escolar, contribuindo, assim, positivamente para superar os desafios locais e globais.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** **4** **5** **7** e **10**

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Planejamento e criação de um programa de rádio que se relacione com os interesses dos estudantes e da comunidade escolar.

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

ETAPA 1

Apresentação do tema **Rádio: como envolver a comunidade?** e de como será desenvolvido. Nesta etapa, vocês deverão interpretar reportagens, construir uma linha do tempo com invenções e ações que contribuíram com o aperfeiçoamento do rádio e investigar estações de rádio que você e seus amigos acompanham *on-line*. Em seguida, deverão planejar a implantação de um programa de rádio que se relacione com os interesses da comunidade escolar.

> COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS101
(relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS303
(relacionada à competência específica 3)
- EM13CHS403
(relacionada à competência específica 4)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.

> MATERIAIS SUGERIDOS:

Etapa 1

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros e revistas.

Etapa 2

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Aparelho de rádio.
- Livros e revistas.

Etapa 3

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Computadores, fones de ouvido, microfone, caixas de som, programa de edição de áudio.
- Livros, revistas ou jornais.

ETAPA 2

Interpretar infográficos com informações sobre o uso do rádio e a análise comportamental dos ouvintes e investigar características dos ouvintes do programa elaborado neste projeto. Identificar a relação entre o rádio e o futebol e investigar outros atrativos explorados por essa mídia. Definir e identificar as principais ideias da educação para a elaboração da proposta de ação para a comunidade escolar. Reconhecer a importância das rádios comunitárias e reconhecer e pesquisar projetos e experiências de rádios educativas bem-sucedidos.

ETAPA 3

Elaborar uma proposta de ação de criação de um programa de rádio na comunidade escolar levando em consideração todas as informações obtidas ao longo do projeto e refletir e discutir sobre as propostas sugeridas nos projetos.

ETAPA

1

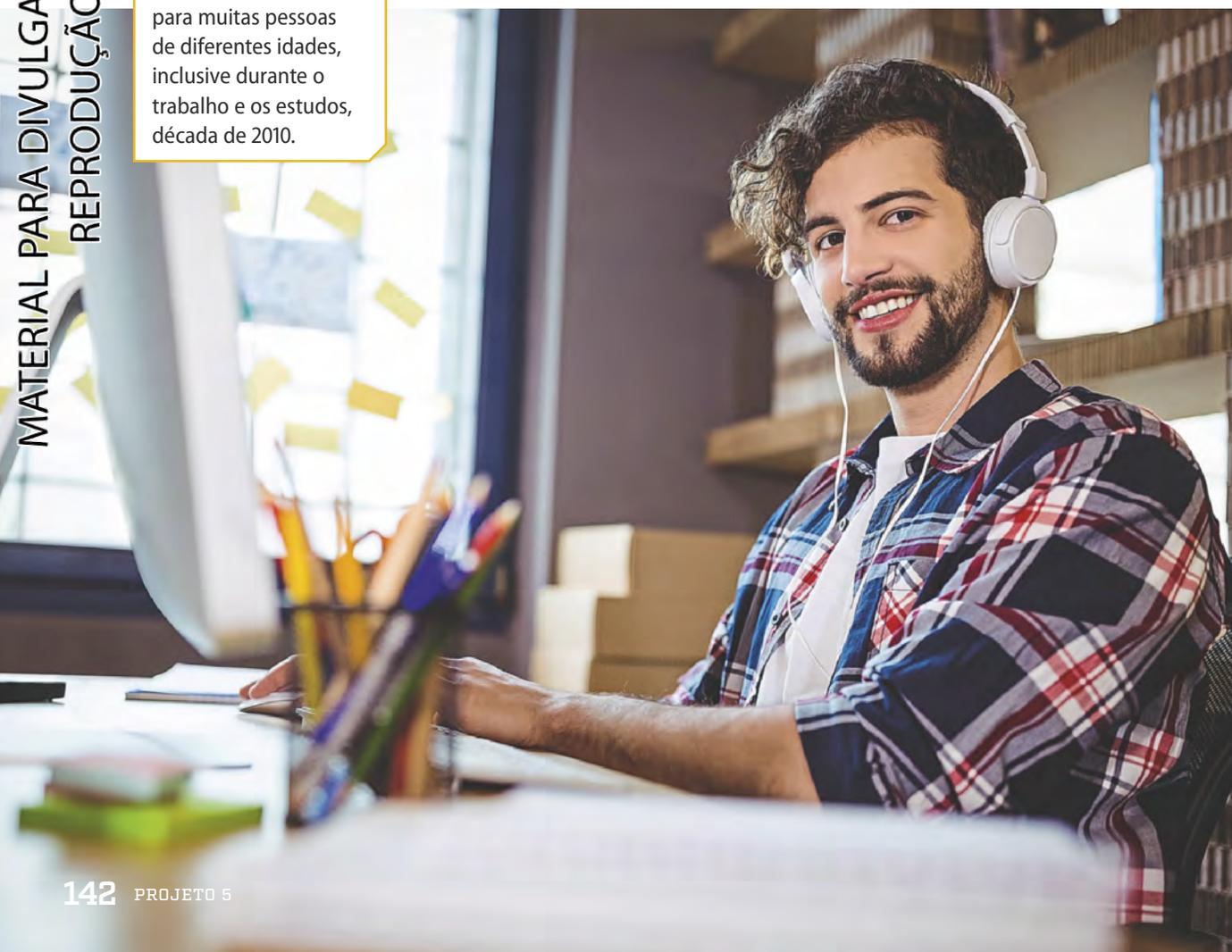
VAMOS COMEÇAR

Web rádios e a participação de ouvintes

Vamos conhecer mais sobre as *web* rádios? Leiam juntos uma reportagem sobre como as novas tecnologias digitais têm sido decisivas para que o rádio permaneça como um importante meio de comunicação.

Ouvir rádio *on-line* se tornou um hábito para muitas pessoas de diferentes idades, inclusive durante o trabalho e os estudos, década de 2010.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



WAVEBREAKMEDIA/SHUTTERSTOCK.COM

Rádio *on-line*: será que essa moda pega?

[...] muitos diziam que esse tipo de mídia [o rádio] iria sumir, mas graças à criação da rádio *on-line*, as novas gerações estão podendo reinventá-la.

Um recente estudo [...] mostrou que 61% dos americanos escutam rádios *on-line* através do *streaming*. [...]

Boa parte das emissoras de rádio tradicionais do Brasil já entendeu que migrar parcelas da sua programação para o *on-line* é extremamente necessário para que os índices de audiência se mantenham. A era digital pede isso!

[...] Para um meio de comunicação que seria esquecido, esse tipo de ação tem feito com que ele ganhe vida novamente.

[...]

Hoje é possível escutar uma rádio *on-line* direto de aplicativos sem muita dificuldade. [...]

Pesquisas recentes apontam que a audiência através de aplicativos para escutar rádios *on-line* aumenta cada vez mais. E esse contato com a audiência tem ido muito além das expectativas. Já há emissoras que visam à aproximação, então permitem interação, envio e sugestões, participação em promoções, recados e até mesmo pedidos de música, através desses aplicativos.

RÁDIO *on-line*: será que essa moda pega? Pegou... **Rádio Futura FM**, [201-]. Disponível em: <http://www.radiofuturafm.com.br/radio-online-sera-que-essa-moda-pega-pegou/>. Acesso em: 6 fev. 2020.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Procure o significado das palavras que você não conhece. Em seguida explique: por que se acreditava que o rádio desapareceria como meio de comunicação de massa?
2. Conversem e descrevam: qual é, na opinião de vocês, a contribuição da internet para a interação e o engajamento dos ouvintes de rádio.
3. As rádios *on-line* engajam seus ouvintes por meio da participação que as tecnologias digitais possibilitam. Imaginem que vocês têm um programa de rádio. Como engajariam seus ouvintes? Para responder, produzam em grupo uma lista com sugestões de como uma rádio pode ter uma programação educativa e voltada para ações de cidadania e que possibilite a interação com os ouvintes. Reservem a lista produzida, pois ela será utilizada em um outro momento da investigação.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

>

Investiguem emissoras de rádio que você e seus amigos acompanham, de forma analógica ou digital. Seleccionem três programas preferidos por vocês e descrevam:

- Quais emissoras os transmitem; em que horário; a que público eles se destinam?
- É possível participar dos programas selecionados? De que forma?
- Qual desses programas vocês veiculariam em uma rádio em sua escola? Como engajariam seus colegas para serem ouvintes?

Rádio: quem foi o inventor?

A invenção do rádio é frequentemente atribuída ao italiano Guglielmo Marconi, mas o aparelho de transmissão radiofônica reúne uma série de descobertas que foram feitas anteriormente.

Baseado no uso de ondas eletromagnéticas para transmitir mensagens, o rádio é a superação de outras tecnologias como a telegrafia sem fios e a telefonia sem fios. Outras descobertas e contribuições possibilitaram que o rádio se transformasse em um meio de comunicação de massas.

Afinal, quem inventou o rádio?

A pergunta vem e vai. Aparece sempre em alguma aula ou em um bate-papo do qual participe um ou outro curioso mais ou menos informado, mais ou menos nacionalista. Há os antigos que dizem categóricos: foi Guglielmo Marconi. E, em várias cidades brasileiras, por onde imigrantes italianos fincaram novas raízes, está lá um busto do cientista e empreendedor nascido em Bologna. Foram colocados em praças públicas, em geral, lá pelos anos 1930. Já na segunda metade do século, resposta mais frequente indica o gaúcho Roberto Landell de Moura. Ambas as versões, no entanto, remetem à tecnologia. E esta servia lá na virada do século XIX para o XX à telefonia sem fios e à comunicação entre navios ou batalhões do exército em cenários de batalha. Quem inventou o rádio, o meio de comunicação, foi um russo, de origem judaica, radicado nos Estados Unidos. Seu nome: David Sarnoff.

Funcionário da Marconi Company, dos Estados Unidos, é ele que antevê, com precisão, as possibilidades da nova tecnologia para não apenas ligar dois pontos por meio de ondas eletromagnéticas. Se a ideia original

HENRY GUTTMANN COLLECTION/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

Guglielmo Marconi trabalhando em seu escritório, c. 1903.



REPRODUÇÃO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

Roberto Landell de Moura, fotografado no final do século XIX.



G. ADAMS/TOPICAL PRESS AGENCY/GETTY IMAGES



David Sarnoff em sua casa, 1926.

era ultrapassar distância, interligando seres humanos nas duas pontas de uma conexão basicamente telefônica, Sarnoff pensou em colocar uma mesma mensagem para dezenas, centenas, milhares de pessoas, uma mensagem, de início, musical, cruzando o espaço e chegando a singelas “caixas de recepção”. A proposta, um documento histórico, foi colocada em um memorando enviado aos seus chefes em 1916:

“Concebi um plano de desenvolvimento que poderia converter o rádio em um meio de entretenimento doméstico como o piano ou o fonógrafo. A ideia consiste em levar a música aos lares por meio da transmissão sem fios”.

[...]

Como tantas outras grandes ideias acabaria de início, sendo ignorada pelos responsáveis pela Marconi Company, ainda mais naquele momento de produção voltada ao conflito mais tarde conhecido como Primeira Guerra Mundial. Sarnoff, no entanto, dera a partida para o surgimento do meio de comunicação de massa que viria a se tornar, nos anos seguintes, o rádio.

FERRARETTO, Luiz Artur. Afinal, quem inventou o rádio? **Caros Ouvintes – Instituto de Estudo de Mídia**, 2019. Disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/afinal-quem-inventou-o-radio/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Com base nas informações disponíveis neste texto, como podemos descrever a invenção do rádio?



2. O rádio é considerado um meio de comunicação de massa que faz parte do nosso cotidiano. Produzam coletivamente uma definição para o conceito de meio de comunicação de massa.

ATIVIDADES DE AMPLIAÇÃO

1. No Brasil, as emissoras de rádio começaram a se popularizar nos anos 1930 e 1940, apresentando uma programação semelhante à da televisão de hoje, com novelas, programas de auditório, humorísticos, seriados infantojuvenis, noticiários e transmissões de jogos de futebol.

Que tal ampliar seus conhecimentos sobre a história do rádio no mundo e no Brasil? Para isso, produzam uma linha do tempo sobre invenções e ações que contribuíram para o aprimoramento do rádio e a capacidade de se transformar em um dos principais meios de comunicação de massa no mundo e no Brasil.

2. “Marcianos estão invadindo a Terra!”. Essa foi a notícia transmitida em diversos boletins pela rádio CBS no estado de Nova Jersey (EUA), em 1º de novembro de 1938. Milhares de pessoas saíram às ruas, em correria desesperada, alarmadas pela invasão que estava prestes a acontecer. Todavia, não se tratava realmente de uma notícia. O ator e diretor de cinema Orson Wells estava na verdade lendo como notícia, no rádio, trechos de **A guerra dos mundos**, um livro de ficção científica de H. G. Wells. O que o fato comprova sobre o poder de comunicação do rádio? Como ele foi explorado?

O rádio: a investigação

Leiam juntos um texto que apresenta o rádio como um recurso tecnológico capaz de resgatar e valorizar a voz dos membros da comunidade e de provocar emoções nos ouvintes.

O rádio na escola: é possível?

Circulam pelo Brasil notícias cada vez mais frequentes de que o rádio tem sido escolhido como um recurso privilegiado no processo educativo. Algo que pode parecer até meio fora de moda, diante do avanço das tecnologias digitais que trouxeram o computador e a internet para dentro da escola. A paixão pelo rádio explica-se pela descoberta de que sua linguagem tem sido capaz de facilitar o ideal de muitos educadores de construir um processo educativo a partir do lugar onde seus estudantes se encontram.

Grupo musical formado por estudantes apresentando-se em estúdio de rádio, década de 2010.



YURAKRASIL/SHUTTERSTOCK.COM

ANTONIO DIAZ/SHUTTERSTOCK.COM



Em projetos espalhados pelo Brasil, o rádio vem se convertendo num ativo recurso tecnológico, capaz de resgatar e valorizar a voz dos membros da comunidade e suas formas de articular o pensamento e expressar emoções, independentemente das condições sociais, econômicas e culturais dos sujeitos (professores, jovens aprendizes, agentes culturais etc.) envolvidos nos processos de formação.

SOARES, Ismar de Oliveira. O rádio na escola: é possível? **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006.

Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/naescola.htm.

Acesso em: 27 dez. 2019.

Estudante gravando entrevista para um *podcast*, década de 2010.

> ATIVIDADE

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



Organizem-se em grupos de trabalho contendo de 3 a 5 pessoas. A partir das informações propostas no texto e dos conhecimentos que vocês têm sobre mídia radiofônica, respondam, se necessário citando exemplos, como um programa de rádio:

- provoca emoções nos seus ouvintes;
- resgata e valoriza a voz dos membros da comunidade.

Conversam e compartilhem as respostas com a classe.

Rádio da comunidade ribeirinha de Cabeceira do Amorim, cidade de Santarém (PA), 2017.

LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGEM

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Organizar uma programação para a comunidade escolar

Ao longo da etapa 1, propusemos textos e atividades para que vocês ampliassem seus conhecimentos sobre o rádio e a comunicação. Aspectos históricos, desenvolvimentos tecnológicos e as emoções despertadas pelo rádio se destacaram ao longo da proposta.

A reportagem, o histórico sobre as invenções que contribuíram com o rádio e as concepções de meio de comunicação de massa foram o início do cenário para a investigação que será feita a seguir.

Para isso, vamos retomar a pergunta-chave.

SYDARIKOVA - FOTO SHUTTERSTOCK.COM

Programa de rádio: como envolver a comunidade?

Para entender um pouco mais essa questão, vocês vão conhecer e investigar iniciativas que fizeram uso de mídias e de meios de comunicação, como o rádio, em prol da comunidade escolar.

Para ajudá-los, algumas questões desafiadoras são propostas para vocês:

- Como engajar jovens na organização de uma programação de rádio para a comunidade escolar em que vivem?
- Como produzir uma programação que possa contribuir com iniciativas que visam melhorar a transmissão de informações e desenvolver ações de cidadania relevantes para vocês e a comunidade escolar?

Neste projeto, sugerimos a criação de um programa de rádio para a comunidade escolar. Porém, antes de definir a programação da rádio, é importante entender o perfil do ouvinte. Vocês vão aplicar um questionário aos futuros ouvintes para descobrir com qual frequência costumam ouvir rádio e por quais assuntos se interessam.

Depois de delimitar o perfil do ouvinte, será necessário pesquisar sobre os equipamentos necessários para a execução do programa.

Após apresentar o projeto da rádio para a comunidade escolar, reflitam sobre a proposta e elaborem conclusões sobre as ações e transmissões de rádio propostas neste projeto.

Jovens gravando programa de rádio na escola, década de 2010.

ETAPA

2

SABER E FAZER

Rádio: quem são os ouvintes?

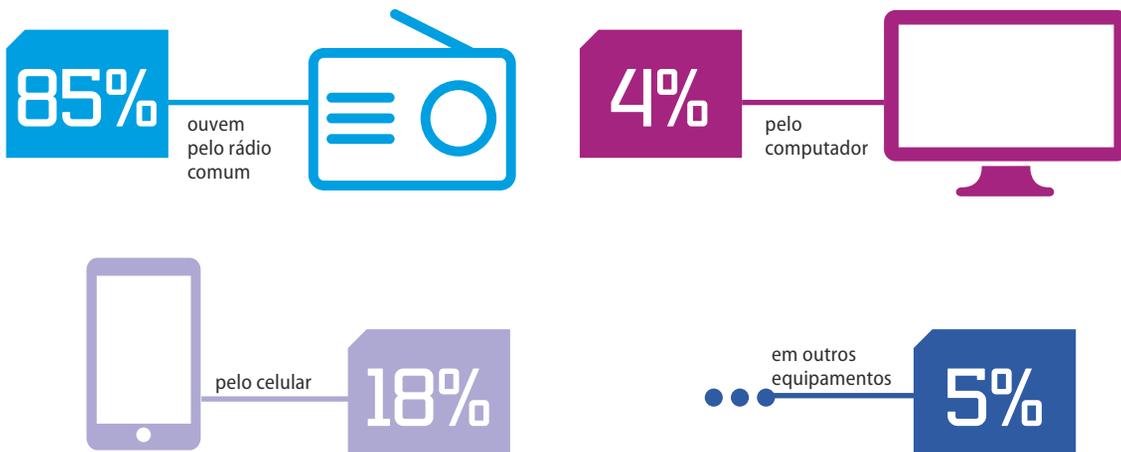
Vocês sabem quem são os ouvintes do rádio? Para conhecer melhor esse público, observem o infográfico a seguir e leiam o texto, que traz dados de um levantamento sobre o perfil e comportamento de ouvintes de treze regiões metropolitanas brasileiras, realizado em 2018.

Perfil dos ouvintes

[...] a audiência é maior no público jovem, entre 20 e 34 anos, faixa em que o rádio alcança o patamar de 89%. Entre os ouvintes, 85% afirmam ouvir pelo rádio comum, enquanto 18% ouvem pelo celular e 4% pelo computador.

> O RÁDIO EM TODOS OS DEVICES

Entre os ouvintes:

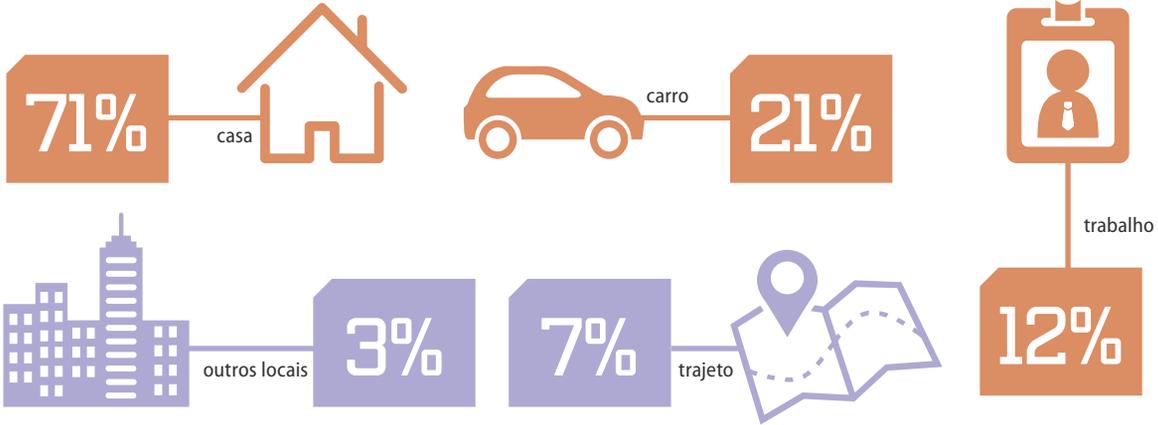


AF STUDIO/SHUTTERSTOCK.COM/MR. CREATIVE/SHUTTERSTOCK.COM/
SIM VA/SHUTTERSTOCK.COM/EDITORIA DE ARTE/2019

A análise do consumo considerou ainda o comportamento da audiência ao longo do dia em relação aos equipamentos usados para ouvir rádio e aos locais.

> O RÁDIO EM TODOS OS LUGARES

Entre os ouvintes:



PENSIR/SHUTTERSTOCK.COM/RAUF.ALIVEY/SHUTTERSTOCK.COM/
DIGITAL.BAZAAR/SHUTTERSTOCK.COM/EDITORIA DE ARTE/2019

Alcance médio

A aferição mostrou que 3 a cada 5 ouvintes escutam rádios todos os dias e que cada ouvinte passa cerca de 4h40min ouvindo rádio por dia. Na Grande Curitiba, a audiência é superior à média nacional, impactando 87% da população. Veja os resultados por região:

> SEM FRONTEIRAS



Grande Fortaleza	90%
04:44:24	
Grande Recife	85%
04:55:47	
Grande Salvador	80%
04:09:38	



Grande Goiânia	89%
05:21:17	05:21:17
Distrito Federal	81%
03:51:03	



Grande São Paulo	83%
04:35:25	
Belo Horizonte	94%
04:31:33	
Rio de Janeiro	86%
05:18:02	



Grande Curitiba	87%
04:07:57	
Grande Florianópolis	84%
03:34:49	
Grande Porto Alegre	90%
04:18:23	

Campinas	82%
03:53:21	

Grande Vitória	89%
04:47:06	

Nesse tipo de pesquisa, o entrevistado pode fazer múltiplas escolhas. Por isso, as somas podem não perfazer 100.

JULINZY/SHUTTERSTOCK.COM/EDITORIA DE ARTE/2019

ASSOCIAÇÃO DAS EMISSORAS DE RADIODIFUSÃO DO PARANÁ. Rádio impacta 86% da população, indica estudo da Kantar IBOPE Media. Curitiba, 25 set. 2018. Disponível em: <https://aerp.org.br/geral/radio-impacta-86-da-populacao-indica-estudo-da-kantar-ibope-media/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

Ouvir rádio pelo celular é uma preferência de muitos dos jovens atualmente.



> ATIVIDADES

NÃO ESCREVA
NO LIVRO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Analisem os dados apresentados. Houve algum resultado que tenha surpreendido? Por quê? Alguns desses dados se relacionam com o que vocês vêm estudando ao longo desse projeto?
2. Vocês costumam ouvir rádio? Se a resposta for positiva, comparem seus hábitos com os dados apresentados anteriormente. Se a resposta for negativa, exponha as razões pelas quais vocês não têm esse costume.

Proposta de ação para a criação de programa de rádio

Quem são os ouvintes do programa que será produzido por vocês? Quais são as necessidades deles e o que gostam de ouvir?

Essas informações são primordiais para a elaboração da programação da rádio. A partir delas, vocês podem planejar os tipos de informação e de música que serão veiculados e até estabelecer a linguagem mais adequada para o público ouvinte. Além disso, com essas informações, vocês poderão refletir sobre o tipo de anunciante interessado em veicular propaganda no programa que vocês vão produzir.

Para conhecer o perfil do seu ouvinte, vocês podem realizar uma pesquisa. Sugerimos que cada grupo entreviste cinco colegas, que provavelmente serão ouvintes do programa que será produzido, e investiguem se eles costumam ouvir rádio. Se a resposta for positiva, pergunte a eles:

- Que dispositivo geralmente utilizam para ouvir rádio? Por exemplo, o rádio comum, o celular, o computador etc.
- Qual é o tipo de programação mais ouvido? Exemplos: programas musicais, jornalísticos, de entretenimento, de trânsito, esportivos, religiosos etc.

Fiquem atentos à faixa etária de seu público e aos interesses que eles possam ter. Compartilhem as entrevistas com os outros grupos e guardem as informações para um outro momento da investigação.



CURIOSITY/SHUTTERSTOCK.COM

O rádio e o futebol

O texto a seguir apresenta o futebol como a paixão de muitos brasileiros e descreve como a história desse esporte e as transmissões radiofônicas se relacionam e estão ligadas ao entretenimento do povo brasileiro.

Um encontro (histórico) entre o rádio e futebol na constituição cultural brasileira

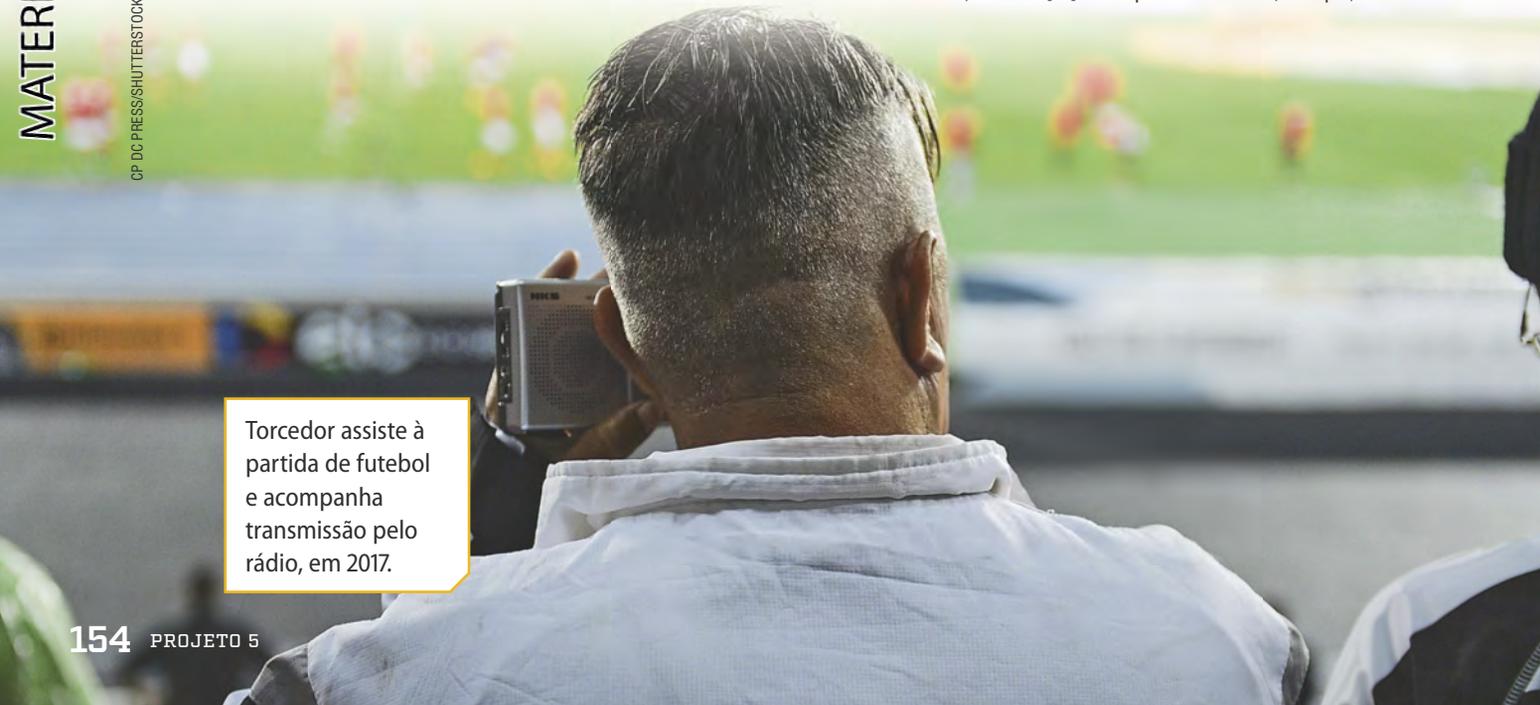
O futebol e o rádio são dois elementos que ajudaram a construir a identidade cultural do Brasil e do brasileiro no século XX. Os dois, assim que se encontraram no começo da década de 1930, construíram uma relação simbiótica de interdependência. Um ajudou na popularização do outro e assim foram modelando uma característica do país que é conhecida em todo o mundo: a paixão pelo futebol. [...]

O primeiro a fazer uma transmissão radiofônica de uma partida de futebol foi Nicolau Tuma. Depois disso as rádios se apropriaram do futebol, fazendo dele, muitas vezes, o carro-chefe de suas programações. “A emoção do rádio ganhava cada vez mais ouvintes, apesar de não visualizar as jogadas, o narrador conseguia passar toda a emoção de uma partida. Os fenômenos da popularização do futebol e do rádio caminhavam juntos e alimentavam um ao outro, criando uma forte identidade cultural brasileira”, afirma Ferreira [...].

Mas o que faz do futebol um elemento tão atrativo do rádio? Robert McLeish explica que se trata de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que, logo ao ouvir o locutor, o ouvinte tenta visualizar o que ouve, criando na mente a figura do dono da voz” [...]. No caso do futebol o ouvinte não tenta imaginar o dono da voz, mas imagina o jogo em si, ou seja, o ouvinte projeta em sua mente aquilo o que o locutor narra. A televisão só chegou ao Brasil em 1950 e só veio a se popularizar décadas mais tarde. Por isso o encontro do rádio com o futebol na década de 1930 foi um *boom* na época. Logo após o encontro do meio e do objeto os dois criaram uma relação de interdependência e um popularizou, ainda mais, o outro.

[...].

CAPELLO, Guilherme Henrique. Um encontro (histórico) entre o rádio e futebol na constituição cultural brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8. **Anais** [...]. Guarapuava: Unicentro, 2011. p. 1, 5-6.



Torcedor assiste à partida de futebol e acompanha transmissão pelo rádio, em 2017.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizados em grupos de trabalho, pesquisem em livros, revistas, jornais ou na internet a relação entre o rádio e o futebol brasileiro.
2. Na opinião de vocês, ouvir programas de rádio, como as narrações de partidas de futebol, possibilita que o ouvinte use a imaginação para criar imagens mentais do que está sendo transmitido? Como o rádio pode contribuir com o desenvolvimento da imaginação?
3. Identifiquem modalidades esportivas que, assim como o futebol, conquistaram grande projeção no Brasil com o apoio do rádio. Depois, elaborem cartazes com imagens e legendas que expliquem esse fenômeno. Ao final, reflitam sobre como as informações obtidas podem contribuir para criar a programação da rádio do grupo de vocês.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO



O texto descreve que o futebol atrai um público apaixonado pelo esporte. Que tal simular a transmissão de uma importante partida de futebol, como a final de um campeonato ou de uma copa do mundo? Para isso, organizem a turma em dois grupos: o dos que serão responsáveis pela transmissão e o dos que vão atuar como ouvintes. Para a realização da atividade, produzam um roteiro básico para uma narração que dure poucos minutos. Se acharem necessário, produzam também um comercial para inserir na transmissão. Os ouvintes também devem atuar imaginando-se como torcedores. Nesta atividade, o importante é ser criativo e se divertir!

Proposta de ação para a criação da rádio

Que outros atrativos ou preferências podem ser transmitidos em programas de rádio? Para investigar o tema, reservem um tempo para ouvir e descrever em uma lista os diferentes tipos de programa investigados. Conversem com seus colegas de sala e identifiquem as opções citadas que podem contribuir para a criação do programa de rádio proposta como produto final para a investigação.

Rádio: a internet e as plataformas

Leiam juntos os textos a seguir, que apresentam informações sobre o uso de novas tecnologias nas transmissões radiofônicas e a interatividade com os ouvintes.

1

Desde 1922, quando a primeira transmissão de rádio ocorreu no Brasil, até os dias de hoje, o rádio passou por diversas transformações e se mantém um veículo de relevância e popularidade. Mesmo não exercendo mais um papel de destaque, como no seu auge na década de 30, quando as pessoas se reuniam ao seu redor para ouvir as notícias e radionovelas, o rádio ainda é uma plataforma de extrema importância.

Hoje, com a novidade dos *podcasts* e serviços de *streaming*, que possibilitam o fácil acesso via internet a produtos de áudio, o rádio vem tomando outros significados e criando novas possibilidades de conteúdo e propagação do produto sonoro. [...]

Para Eduardo Vicente, professor de rádio do Departamento de Cinema, Rádio e TV da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), o rádio, ao contrário do que afirma o senso comum, se beneficiou muito com as novas tecnologias. Segundo ele, estamos vivendo um momento de mudanças e criatividade na forma de se produzir conteúdo em áudio: “Eu não acho absolutamente que as tecnologias nos afastaram do áudio, muito pelo contrário, olhando para o cenário de *podcast*, estamos num momento excepcionalmente criativo e bastante promissor para o áudio”, afirma. [...]

INOVAÇÕES e tecnologia podem revigorar o rádio convencional. **Jornal da USP**, 2 mar. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/inovacoes-tecnologia-podem-revigorar-o-radio-convencional/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

2

[...] o ouvinte é uma presença constante na programação radiofônica no Brasil desde o início das transmissões, na década de 1920. Seja por meio do envio de cartas, da participação em programas de auditório, de ligações telefônicas, do contato direto em visitas às emissoras ou mais recentemente através das plataformas e dispositivos de comunicação móvel e digital, o rádio ao longo de sua história tem buscado explorar diferentes ferramentas com o intuito de manter um contato direto com seus ouvintes.

[...]

LOPEZ, Debora Cristina; QUADROS, Mirian Redin de. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade.

Revista Famecos, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 2015. p. 168. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20523/0>.

Acesso em: 3 jan. 2020.

KAKTEENSHUTTERS00K.COM

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Organizados nos grupos de trabalho, pesquisem em livros ou na internet o significado dos seguintes termos:
 - a) *podcast*;
 - b) serviço de *streaming*.
2. Como a interatividade tem contribuído para que o rádio se mantenha presente e consiga ampliar sua atuação?

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

Leiam e respondam.

[...] Gradativamente a interatividade passou a consolidar-se como um dos elementos centrais do rádio na internet, conquistando espaço primeiro nos *sites* institucionais, através da possibilidade de comentar e avaliar conteúdos, de seções como o tradicional “Fale Conosco” ou os dedicados ao jornalismo participativo. [...]

LOPEZ, Debora Cristina; QUADROS, Mirian Redin de. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 2015. p. 171. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20523/0>. Acesso em: 3 jan. 2020.

Vocês já participaram de algum programa de rádio na internet ou já observaram alguma experiência como a citada na frase? Conversem a respeito.

Proposta de ação para a criação da rádio

Converse com seu grupo de trabalho e planejem a utilização de recursos tecnológicos, como *podcasts* e serviços de *streaming*, e de formas de interatividade no programa de rádio que vocês estão organizando para o projeto.



IVECTOR/SHUTTERSTOCK.COM

Educomunicação

Para compreendermos melhor os aspectos relacionados à comunicação, vamos conhecer e investigar, nas próximas páginas, alguns textos de diferentes áreas que apresentam o rádio como um importante meio para a construção de ecossistemas comunicativos democráticos que garantam o direito de expressão para toda a comunidade.

[...]

O conceito de educação adotado em ações, projetos e programas que tratam de “rádio e educação com o público” tem a ver [...] com a ideia de que comunicação é um direito humano e que, portanto, são os grupos formados por todo tipo de pessoas, e não apenas profissionais, que devem elaborar, produzir e divulgar o que pensam e querem através das tecnologias de comunicação disponíveis.

A “produção coletiva de comunicação” – palavra-chave nesse tipo de proposta de educação, tem nos mostrado ser um recurso que possibilita não só entender mecanismos que contribuem para a manutenção dessa sociedade onde vivemos, como permite vislumbrar outras formas de convivência social. [...]

Nosso compromisso é contribuir com a formação de sujeitos que, utilizando das tecnologias e das linguagens dos meios de comunicação como instrumentos, se reconheçam nas palavras que produzem. [...]

É desse exercício constante de falar, se escutar e ser ouvido, atentando para o discurso que se vai montando através das palavras que traduzem sonhos, inquietações e necessidades reais, que os próprios indivíduos acabam por entender que a comunicação é um direito imanente dos seres humanos [...]. Ela é sabiamente assumida pelos indivíduos dispostos a se constituírem como sujeitos e, como tal, necessariamente ativos e autônomos.

Quando educação e comunicação assim se encontram, adentramos no campo da Educomunicação, que para nós, em síntese, significa Educação pelos Meios de Comunicação.

LIMA, Grácia Lopes; SOARES, Donizete. Rádio e educação: da produção radiofônica para o público à produção radiofônica com o público. In: DÂNGELO, Newton; SOUZA, Sandra Sueli Garcia de (org.).

Noventa anos de rádio no Brasil. Uberlândia: Edufu, 2016. p. 65-66. Disponível em: www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_90_anos_de_radio_2016_0.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

MIXETTO/ISTOCK/GETTY IMAGES



GUBERNAT/SHUTTERSTOCK.COM



PRINCEOFLOVE/SHUTTERSTOCK.COM



DEAN DROBOT/SHUTTERSTOCK.COM

No âmbito escolar, projetos que utilizam pressupostos da educomunicação podem favorecer a expressividade e as atitudes colaborativas dos estudantes. Os estudantes compartilham experiências, interagem com os meios de comunicação e produzem conhecimento (década de 2010).



Educomunicação: expressão para a comunidade

Educomunicação é definida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) como o conjunto das ações destinadas a ampliar o coeficiente comunicativo das ações educativas, sejam as formais, as não formais e as informais, por meio da ampliação das habilidades de expressão dos membros das comunidades educativas, e de sua competência no manejo das tecnologias da informação, de modo a construir ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, garantindo oportunidade de expressão para toda a comunidade. [...]

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. O que é educomunicação? **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/inicio_oqueeeeducomunicacao.htm. Acesso em: 18 dez. 2019.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Seleccionem nos textos as expressões ou as palavras cujo significado vocês desconheçam. Pesquisem em *sites*, em dicionários e perguntem ao professor o que elas significam.



2. Organizados em grupos de trabalho, a partir das informações disponíveis no texto, citem o que vocês entendem por:

- produção coletiva de comunicação;
- educomunicação.

Proposta de ação para a criação da rádio

Converse com seu grupo de trabalho e seleccionem as ideias ou frases fundamentais sobre educomunicação obtidas neste momento da investigação para a elaboração da proposta de programação da rádio da comunidade escolar que vocês vão desenvolver como produto final.



GRINBOX/SHUTTERSTOCK.COM

As rádios comunitárias

Criado em 1988 pela Lei nº 9.612, o serviço de Radiodifusão Comunitária apresenta como principal objetivo transmitir conteúdo relevante para um público ou comunidade específicos.

É um tipo de mídia que se destaca por favorecer a preservação da realidade local e sua identidade, além de permitir que algumas comunidades eventualmente isoladas tenham acesso aos meios de comunicação.

MACROVECTOR/SHUTTERSTOCK.COM/2019



O papel social das rádios comunitárias

As rádios comunitárias têm um grande papel social nas comunidades em que são veiculadas por identificarem um grupo de pessoas, a partir de seus problemas locais, cultura própria e realidade social. O foco principal desse estudo é quando essas mídias preservam o interesse social vinculado à realidade local, levando a comunidade a reconhecer a rádio como sendo sua, criando uma identidade. A radiodifusão comunitária representa uma conquista dos movimentos populares em relação ao acesso aos meios de comunicação.

Tais rádios apresentam diversas vantagens para a população local, desde a informação, a educação informal, sua cultura própria, a participação ativa das pessoas da comunidade e de representantes de movimentos sociais e outras formas de organização coletiva na programação, dos processos de criação e planejamento até a gestão da emissora. Uma característica importante dessas rádios é o exercício da cidadania, representando um canal aberto à liberdade de expressão, independentemente de suas convicções políticas, credos religiosos, escolaridade, qualidade de voz etc.

[...]

Há evidências concretas em várias experiências de que ao se envolver na dinâmica radiofônica a pessoa se desenvolve, aprende a falar em público, a externar conhecimentos, dons e criações artísticas, a compreender melhor o jogo de interesses internos e externos a que a mídia está sujeita, bem como a reconhecer a realidade que a cerca e se interessar em contribuir para mudanças. No meio de tantas descobertas melhora a autoestima e a esperança tende a brotar ou se renovar. Por vezes, as pessoas, principalmente as mais jovens, são despertadas para estudar comunicação em faculdades da área e descobrem aptidões profissionais antes não imaginadas. Outros redescobrem um sentido para suas vidas [...].

A mídia comunitária também promove a conscientização da população de seus direitos e deveres, dando a oportunidade de lutar por eles, através de um novo olhar em relação ao mundo. [...]

[...]

Na perspectiva legal do poder concedente, uma rádio comunitária tem como objetivo proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Uma rádio comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e os eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população [...].

[...]

[...] O papel principal das rádios comunitárias é transformar os indivíduos de uma comunidade em cidadãos participativos, que busquem melhorar sua condição social, que tenham certo conhecimento político e cultural e que saibam lutar por seus direitos. Além de apresentar também alternativas, oportunidades e organização de um grupo, muitas vezes deixado de lado, ganhando assim, força e identidade, levando esse grupo a exercer [e] a conhecer o papel da cidadania e participar dela.

VITOR, Sara Lemes Perenti. O papel social das rádios comunitárias. **Observatório da Imprensa**, n. 559, 12 out. 2009.
Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-papel-social-das-radios-comunitarias/>.

Acesso em: 18 dez. 2019.



> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Identifiquem os principais objetivos das rádios comunitárias descritos no texto.
2. Qual é a importância das rádios comunitárias como instrumento de transformação social?

Proposta de ação para a criação da rádio

Converse com seu grupo de trabalho e listem ações que poderiam ser feitas para melhorar a comunicação em sua comunidade escolar. Na opinião de vocês, ter uma emissora de rádio na escola poderia ajudar a resolver ou minimizar eventuais problemas? De que forma? Relacionem essas respostas com as informações que coletaram até agora para elaborar a proposta de programação para a rádio da comunidade escolar.

Rádios: experiências bem-sucedidas

Uma rádio educativa deve privilegiar os interesses da comunidade, abrindo espaços na programação para as manifestações culturais e para a história da comunidade onde a rádio se situa. Vamos explorar alguns exemplos de experiências que deram certo.

Rádio rural

Nos municípios de Santarém e Belterra, no Pará, ganha relevância a experiência da Radio Rural que vem abrindo espaço para que professores e alunos de 400 escolas dos dois municípios façam uso da emissora para mobilizar 37 mil alunos da Floresta Amazônica. Trata-se de um projeto que consiste na produção de programas de rádio veiculados três vezes por semana.

Cynthia Camargo, idealizadora do projeto, em entrevista para a ONG Midiativa, explica que “a aliança da escola pública com o rádio, o maior veículo de comunicação e intercâmbio cultural do Brasil, amplifica a capacidade de formular estratégias criativas para uma educação de qualidade chegar o mais longe possível”.

Voz da Liberdade

Um projeto que aglutina a experiência de produção comunitária com emissão aberta, via FM, é da rádio Voz da Liberdade. Ela é dirigida por crianças e adolescentes no espaço da Fundação Casa Grande, localizado no sertão do Ceará, em Nova Olinda, uma cidade de onze mil habitantes.

A rádio foi a primeira experiência de uso dos recursos da comunicação pela Fundação. Começou com quatro alto-falantes e, hoje, dispõe de uma emissora com frequência de 104,9 MHz e 25W de potência, atingindo, além de Nova Olinda, os municípios de Altaneira, Santana do Cariri e alguns sítios de Assaré.

Com a ajuda dos parceiros que colaboram com o projeto, a Casa Grande FM conseguiu equipar-se, oferecendo a meninos e meninas recursos de última geração, tais como: aparelhos de reprodução e gravação de CDs, mesa som de oito canais, computador etc. Para as crianças e jovens da Fundação Casa Grande, o rádio oferece a possibilidade de divulgar informações e falar das músicas e artistas que lhes dão prazer.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Projetos de educação em rádio. **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/projetos_experiencias.htm. Acesso em: 3 jan. 2020.

WALMOR CARVALHO/FOTODARENA

Técnico operando mesa de som em estúdio de rádio, 2014.





> **ATIVIDADES**



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. Façam uma pesquisa e descubram se há projetos de rádio educativa no estado ou na cidade onde vocês vivem. Se houver, registrem a programação dessa(s) rádio(s) e as estratégias que utilizam para privilegiar a cultura da comunidade.
2. Utilizando as informações obtidas na investigação, criem uma proposta de projeto-piloto de rádio, conforme o modelo a seguir.

No projeto-piloto serão levantadas as ideias iniciais para a produção de um programa de rádio, que serão aperfeiçoadas ao longo do desenvolvimento do projeto. Elas podem ser modificadas a qualquer momento, visando ao aprimoramento do programa.

Nome do programa	
Equipe	
Tema principal	
Duração do programa	
Público-alvo	
Estilo do programa	() Jornalístico () Humorístico () Variedades () Musical () Infantil () Entrevista () Cultural () Esportivo () Radionovela () Outros
Programação principal	
Ações previstas para a comunidade interagir com o programa	

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

Programa de rádio: como envolver a comunidade?

Ao longo deste projeto, conhecemos e investigamos informações sobre o rádio. Cada grupo de trabalho pesquisou sobre tecnologias ligadas à mídia e também sobre as experiências comunitárias desenvolvidas no município ou na comunidade onde vocês vivem.

Para a criação do programa de rádio em sua comunidade escolar, sigam as orientações da próxima página.

O microfone é um dos principais equipamentos de uma rádio. Por meio dele e de outros aparelhos, a voz do locutor chega até os ouvintes (década de 2010).

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

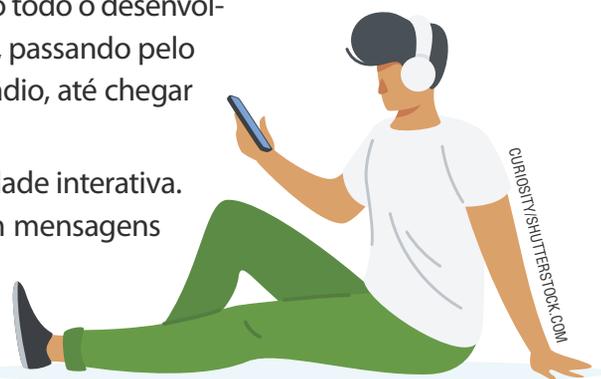


TEERA PITTAYANURAK/SHUTTERSTOCK.COM

- Retomem as informações obtidas na etapa da investigação, assim como os textos e as imagens produzidos e selecionados.
- Verifiquem se outras informações serão necessárias para a elaboração do trabalho. Se for o caso, façam pesquisas em livros, revistas e na internet.
- Com todo o material necessário em mãos, chegou a hora de organizar uma grade de programação que atenda os interesses dos ouvintes e da comunidade. Retomem a tabela preenchida anteriormente com a proposta de projeto-piloto de rádio. Ela poderá ajudá-los nesse trabalho.
- Não se esqueçam de incluir na programação momentos em que o ouvinte possa participar. A rádio também pode disponibilizar recursos *on-line* que estimulem a interatividade.
- A apresentação dos programas da rádio pode ocorrer de forma simples na sala de aula ou transmitida ao vivo; por exemplo, no horário do intervalo. Outra maneira de divulgação é disponibilizá-los em um *site*.
- Verifiquem com o professor quais são os materiais e os recursos financeiros disponíveis para a criação da rádio. A partir daí, definam se o funcionamento da rádio dependerá somente dos meios existentes ou se vocês implementarão estratégias para obter mais recursos.
- Elaborem uma lista com os equipamentos que serão necessários para o funcionamento da rádio. Por exemplo: computadores, microfones ou fones de ouvido com microfone, caixas de som, programas de edição de áudio etc. Caso não seja possível obter esses recursos, simulem em sala de aula a apresentação do programa com os recursos de que vocês dispõem.
- Escolham as músicas que serão tocadas, elaborem vinhetas e, se acharem necessário, produzam propagandas que serão veiculadas nos intervalos comerciais.
- Ensaie bastante antes da apresentação oficial, seja ela ao vivo, seja gravada. Se optarem pela gravação, não se esqueçam de editá-la antes de levá-la ao ar.
- Após a apresentação, façam em sala de aula um relato de como vocês vivenciaram a experiência, levando em consideração todo o desenvolvimento do projeto, desde a coleta de informações, passando pelo planejamento da estrutura e da programação da rádio, até chegar ao dia da apresentação.
- Para ampliarmos a produção, propomos uma atividade interativa. Que tal atuar como ouvinte de uma rádio? Gravem mensagens como se estivessem participando dos programas produzidos pelos seus colegas de sala. Para finalizar a proposta, escutem juntos todas as gravações.



Oriente os estudantes que, para atingir um maior número de ouvintes, podem-se incluir na programação elementos que valorizem a comunidade local, com propagandas ou vinhetas que divulguem sua presença em diversas esferas da vida da comunidade. Por exemplo, no comércio, na produção de artesanato, nos serviços prestados, em trechos de entrevistas com pessoas consideradas referência para a comunidade. A divulgação de vagas de trabalho ou emprego disponíveis também pode ser um atrativo.



Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos Projetos Integradores sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observem a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

A. Realizo as tarefas nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atuo com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Demonstro comportamento adequado e comprometido nos diferentes momentos de desenvolvimento do projeto.

D. Escuto com atenção as explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

E. Apresento atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

F. Falo com clareza, ao compartilhar dúvidas e opiniões.

G. Atuo de forma respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

H. Demonstro empatia e respeito quando lido com opiniões e contextos diferentes dos meus.

RESPONDA
NO CADERNO

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
-------------------------------------	----------------------	---------------------------------------	--------------------------

ETAPA 1 - VAMOS COMEÇAR



Web rádios: a participação de ouvintes: Interpretar a reportagem e elaborar argumentos que possam engajar pessoas em propostas que disseminem conhecimentos e ações de cidadania.

Rádio: quem foi o inventor?: Ler, interpretar e comparar as concepções que contextualizam a criação do rádio e a sua concepção como meio de comunicação de massa. Construir coletivamente uma definição de meio de comunicação de massa e uma linha do tempo com invenções e ações que contribuíram com o aperfeiçoamento do rádio. Pesquisar programas de memórias.

O rádio: a investigação: Planejar um programa de rádio escolar com temas de interesse da comunidade escolar, como produto final do projeto.

ETAPA 2 - SABER E FAZER

Rádio: quem são os ouvintes?: Ler e interpretar dados nos infográficos sobre o uso do rádio e a análise comportamental dos ouvintes nas regiões do Brasil. Pesquisar os prováveis ouvintes do programa que será produzido.

O rádio e o futebol: Ler, interpretar e identificar a relação de interdependência entre o rádio e o futebol que ajudou a construir a identidade cultural do Brasil. Investigar outras paixões que podem ser exploradas por essa mídia.

Rádio: a internet e as plataformas: Investigar iniciativas de interatividade e planejar ações interativas no programa que será produzido.

Educomunicação: o que é?: Ler, interpretar e identificar as principais ideias da educomunicação. Selecionar as ideias ou frases fundamentais para a elaboração da proposta de ação para a comunidade escolar.

As rádios comunitárias: Ler, interpretar e identificar a importância das rádios comunitárias na melhoria da condição social e na transformação de cidadãos participativos e conscientes de seus direitos.

Rádios: experiências bem-sucedidas: Identificar e pesquisar projetos de rádio educativa e criar uma proposta do projeto-piloto de programa de rádio.

ETAPA 3 - PARA FINALIZAR

Programa de rádio: como envolver a comunidade?: Coletar os dados necessários para o trabalho, levando em consideração todas as informações obtidas na investigação. Retomar os textos e imagens produzidos e selecionados. Verificar quais outras informações são necessárias para a elaboração do trabalho e produzir a proposta de implantação do programa de rádio voltado para a comunidade escolar. Selecionar a programação que atenda aos interesses dos ouvintes e que colabore no esforço de responder à pergunta-chave.

Autoavaliação: Refletir e discutir sobre as propostas de ação sugeridas nos projetos e elaborar respostas para a pergunta-chave.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Jovem do povo Saterê-Mawé,
Manaus (AM), 2018.

> PROJETO

Povos e comunidades tradicionais: quem são?

O reconhecimento de povos e comunidades tradicionais como sujeitos de direitos trilhou um longo caminho ao longo da história do Brasil. Um passo importante foi dado com a Constituição de 1988, que passou a estabelecer o direito à autonomia civil e a reconhecer as terras da população indígena e as manifestações culturais de comunidades quilombolas. Mesmo assim, a pluralidade dos povos tradicionais e seu direito ao território não foram contemplados de forma satisfatória.

Na tentativa de ampliar e aprofundar direitos, um outro passo importante foi o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Nele se estabeleceram os elementos que caracterizam os povos e as comunidades tradicionais e a implantação de políticas públicas para que seus direitos sejam garantidos.

No projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?** investigaremos que comunidades são essas, seus modos de vida, onde elas estão localizadas e se seus direitos são assegurados.

VISÃO GERAL DO PROJETO

> **TÍTULO DO PROJETO:** **POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: QUEM SÃO?**

> **TEMA INTEGRADOR:** **PROTAGONISMO JUVENIL**

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

A proposta é investigar os povos e as comunidades tradicionais do Brasil, mapeando a localização, o território, os modos de fazer desses povos e comunidades e a relação que eles têm com a natureza.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

O Brasil é um país de muitas etnias, línguas e dialetos diferentes num mesmo território. O projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?** pretende que os estudantes investiguem e aprofundem seus conhecimentos sobre o tema, com base no estudo dos povos indígenas, quilombolas, ciganos, extrativistas, ribeirinhos, caiçaras e povos de terreiro. Quem são? O que os diferencia do restante da sociedade?

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** **1** **3** **7** **8** e **9**

O texto na íntegra das competências gerais da BNCC encontra-se ao final do livro.

PRODUTO FINAL

Produção de um mapa pictórico com informações relacionadas ao modo de vida dos povos tradicionais para identificar e responder à pergunta: **Povos e comunidades tradicionais: quem são?**

O percurso deste projeto pode ser alterado e construído de acordo com as necessidades da turma.

ETAPA 1

Apresentação do tema **Povos e comunidades tradicionais: quem são?** e como será desenvolvido. Identificar em obras de arte *naïf* elementos que representem os povos tradicionais e produzir lista com símbolos que representem o modo de vida e a cultura do grupo social dos estudantes. Observar e analisar fotografias de moradias de comunidades tradicionais e ler e identificar em mapa os povos e as comunidades tradicionais do Brasil.



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS E HABILIDADES DA BNCC:

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

- EM13CHS104 (relacionada à competência específica 1)
- EM13CHS404 (relacionada à competência específica 4)
- EM13CHS502 (relacionada à competência específica 5)
- EM13CHS601 (relacionada à competência específica 6)

O texto na íntegra das competências específicas e habilidades da BNCC encontra-se ao final do livro.



MATERIAIS SUGERIDOS:

Etapa 1

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais, revistas.

Etapa 3

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.
- Papel vegetal, folhas de sulfite, papel pardo ou cartolina, canetas, colas, fitas adesivas e tachinhas.

ETAPA 2

Interpretar informações sobre o conceito de povos e comunidades tradicionais e identificar o significado do território para eles. Conhecer o decreto que estabelece direitos para essa população e interpretar textos sobre a vida de comunidades tradicionais, da realidade dos jovens de comunidades quilombola e de pescadores artesanais. Conhecer e analisar o gênero cartográfico *mapa pictórico*.

ETAPA 3

Produzir e compartilhar mapa pictórico coletivo sobre o modo de vida e as culturas dos povos tradicionais. Realizar a avaliação individual e coletiva das etapas de desenvolvimento do projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?**

ETAPA

1

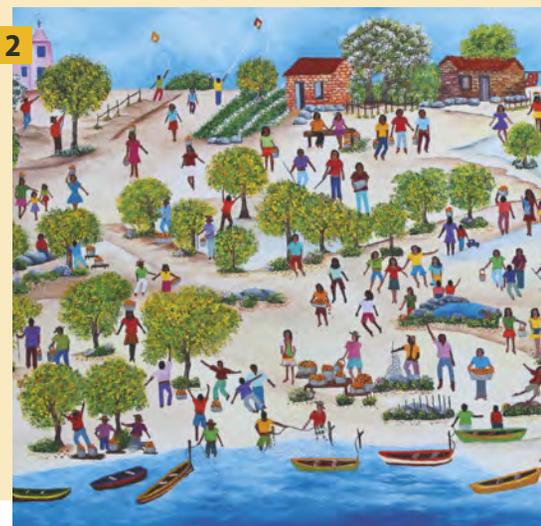
VAMOS COMEÇAR

Representando os povos tradicionais

Vocês conhecem a arte *naïf*? Certamente já devem ter visto em livros, revistas ou na internet algumas pinturas desse gênero.

A arte *naïf* caracteriza-se por sua simplicidade e espontaneidade. As pinturas geralmente representam cenários e figuras em cores alegres e brilhantes. Vejam exemplos de pinturas *naïf*, que expressam artisticamente alguns dos povos tradicionais que habitam o território brasileiro.

1. **Floresta Amazônica**, de M. Zawadzka, final do século XX. 2. **Catadores de mangabo**, de Ana Denise, final do século XX.



GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

> **ATIVIDADES**

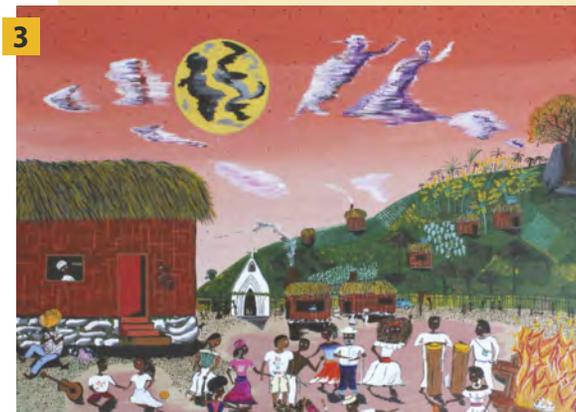
NÃO ESCREVA
NO LIVRO

1. Observem as pinturas e descrevam:
 - a) os povos que foram representados em cada uma delas;
 - b) os temas que foram representados.
2. Que elementos presentes em cada obra identificam culturas e modos de vida?
3. Destaquem em cada obra um elemento que para vocês identifica de forma marcante o povo representado e conversem sobre suas escolhas.

> **ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO**

Que elementos vocês utilizariam para representar o modo de vida e a cultura do grupo social de vocês? Produzam uma lista coletiva com esses elementos. Ela será utilizada em uma atividade proposta em outro momento da investigação.

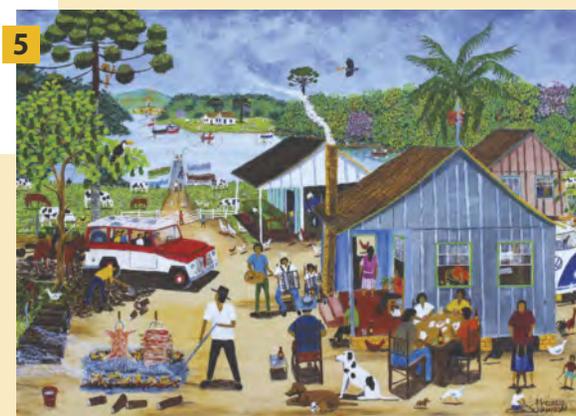
3. **Festa no Quilombo São José**, de Espalha N'goma, década de 2010. 4. **Candomblé, saída de iaô**, de Wilma Ramos, final do século XX. 5. **Ágape da Marcela**, de Marcelo Schimaneski, final do século XX. 6. **Festa no seringal**, de Ângela Gomes, final do século XX. 7. **Sara Kali e os ciganos**, de Helena Coelho, 2008.



MARLON CHAPLEIRO



GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO



GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO



GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO

ÂNGELA GOMES



GALERIA JACQUES ARDIES, SÃO PAULO

Território: vida

Vocês sabem quem são os povos e as comunidades tradicionais no Brasil? O Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, define povos e comunidades tradicionais como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 6 dez. 2019.

Um dos aspectos dos povos tradicionais é a profunda relação com o território onde vivem, sendo essa convivência transitória ou definitiva. A maior parte desses povos retira seu sustento dos recursos naturais e constroem uma cultura que se diferencia do restante da sociedade. O meio ambiente determina a sobrevivência deles (incluindo a medicina natural), a religiosidade, as festas, a alimentação e, sobretudo, a identidade desses povos. As fotografias a seguir retratam aspectos de alguns dos povos e das comunidades tradicionais que vivem no Brasil.



LUCIANA WHITAKER/PULSAR IMAGENS

Fotografia 1

Ribeirinhos navegando em canal do Rio Amazonas, em Almerim (PA), 2017.



TUCA VIEIRA/FOLHAPRESS

Fotografia 2

Ciganas caminhando em acampamento montado em Itapevi (SP), 2005.

MARCOS AMENDPULSAR IMAGENS



Fotografia 3

Vista aérea das aldeias Yanomami de Maturacá e Ariabu, Santa Isabel do Rio Negro (AM), 2017.

Fotografia 4

Moradores do Quilombo da Barra conversando antes da festa de São Sebastião, Rio das Contas (BA), 2014.



CESAR DINIZPULSAR IMAGENS

> ATIVIDADES



1. Observem as imagens:
 - a) Que detalhes mais lhes chamaram a atenção? Por quê?
 - b) Existem semelhanças ou diferenças no modo de vida de vocês em relação a essas comunidades tradicionais? Quais?
2. Observando a paisagem e as pessoas representadas nas fotografias, respondam:
 - a) Como são as casas em cada imagem?
 - b) Como as pessoas se relacionam com o território onde estão inseridas?
 - c) É possível identificar modos de vida tradicionais por meio das fotos?

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

ATIVIDADE DE AMPLIAÇÃO

A partir das fotografias, identifiquem aspectos que caracterizam os povos e as comunidades tradicionais. Para ampliar a investigação, pesquisem em livros, revistas e na internet outras imagens com elementos sobre o modo de vida desses povos e comunidades tradicionais brasileiros.

Povos tradicionais: vamos localizar?

As imagens a seguir representam a localização das famílias que se autodeclararam como povos e comunidades tradicionais em território brasileiro.



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Hoje há 650 mil famílias nessa situação e tende a crescer com o passar dos anos, pois a auto-identificação aumenta a possibilidade de ampliação de direitos. Elas estão divididas em grandes categorias, e é possível perceber sua presença e pluralidade em todo o território nacional.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Fonte dos mapas: BRASIL, Ministério Público Federal *apud* PAULO, P. P. 650 mil famílias se declaram 'povos tradicionais' no Brasil; conheça os kalungas, do maior quilombo do país. **G1**, 29 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/10/29/650-mil-familias-se-declaram-povos-tradicionais-no-brasil-conheca-os-kalungas-do-maior-quilombo-do-pais.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2020.

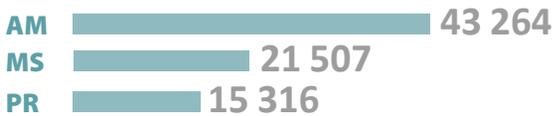
Representando os povos

> Povos tradicionais do Brasil

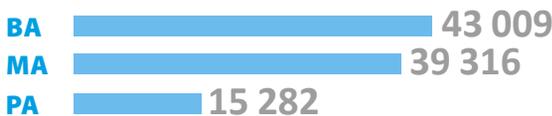
Estados com maior concentração de famílias



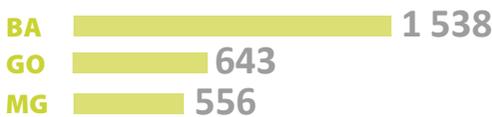
INDÍGENA



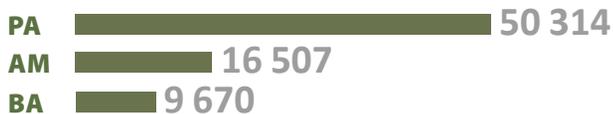
QUILOMBOLA



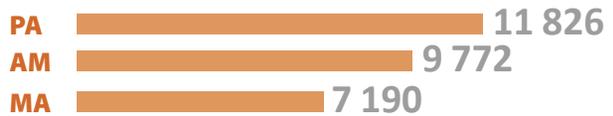
CIGANO



RIBEIRINHO



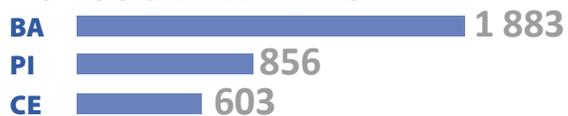
EXTRATIVISTA



PESCADOR ARTESANAL



POVOS DE TERREIRO



Fonte: BRASIL, Ministério Público Federal *apud* PAULO, P. P. 650 mil famílias se declaram 'povos tradicionais' no Brasil; conheça os kalungas, do maior quilombo do país. **G1**, 29 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/10/29/650-mil-familias-se-declaram-povos-tradicionais-no-brasil-conheca-os-kalungas-do-maior-quilombo-do-pais.ghtml>. Acesso em: 4 fev. 2020.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.



1. A partir dos mapas e do gráfico, identifiquem quais povos tradicionais foram representados.



2. Identifiquem no mapa os povos que vivem no estado onde vocês moram. Conversem e descrevam que informações vocês têm sobre o modo de vida e a cultura deles.

No itinerário do projeto, inúmeras informações serão levantadas e precisam estar acessíveis e sintetizadas para a composição do mapa pictórico. A ficha-síntese tem a função de facilitar a organização e comunicar claramente o conhecimento produzido por meio das pesquisas, o que não exclui outras formas de registro e elaboração textual.

Mapeando a pluralidade

No projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?** pretendemos investigar, analisar e mapear diferenças, semelhanças e singularidades desses agrupamentos. Para isso, estudaremos o que qualifica os povos e as comunidades tradicionais, aspectos de suas culturas e sua relação com o território e com o restante da sociedade, assim como seus direitos.

Para o itinerário de pesquisas, recomendamos que a turma se divida em quatro ou cinco integrantes. Cada grupo deverá selecionar um povo ou uma comunidade tradicional do Brasil que será estudado ao longo do projeto. Certifiquem-se de que grande parte dos povos tradicionais identificados no mapa seja pesquisada. A fim de organizarem-se para a investigação ao longo do desenvolvimento do projeto, sugerimos a utilização de uma ficha-síntese, como no modelo a seguir, para estruturar as informações e posteriormente inseri-las nos mapas. Se encontrarem outras informações, além das sugeridas a seguir, elas podem ser inseridas em uma ficha com os seguintes itens:

Nome do povo ou da comunidade tradicional
Localização do povo ou da comunidade tradicional
Bioma e ecossistemas onde o povo ou a comunidade está localizado
Produção predominante (artesanato e outras atividades econômicas)
Religiosidade e festas tradicionais
Infraestrutura disponível para o povo ou para a comunidade (habitação, educação, saúde, entre outras)
Patrimônio natural ou cultural de que são portadores
Outras informações que vocês considerarem importantes para descrever o modo de vida do povo ou da comunidade tradicional investigada.

Em nosso percurso sempre iremos rever e refletir sobre nossas identidades e outras de grupos sociais que podem não estar tão próximos de nossa realidade. Para analisar nossas semelhanças, diferenças e singularidades é necessário que relativizemos nossa cultura constantemente e que não olhemos para os “outros” de forma estereotipada, tomando cuidado com aquilo que dizemos ser “típico”, “puro” ou “natural” e que pode nos causar a sensação de que o “tradicional” é “primitivo” e parou no tempo. Foi justamente essa visão que dificultou o reconhecimento e acesso a direitos para essa parcela da população. O conhecimento desconstrói preconceitos.

ETAPA

2

SABER E FAZER



Povos e comunidades tradicionais

O texto a seguir discute elementos que caracterizam e identificam os povos e as comunidades tradicionais.

Os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias, mantendo relações específicas com o território e com o meio ambiente no qual estão inseridos. Respeitam também o princípio da sustentabilidade, buscando a sobrevivência das gerações presentes sob os aspectos físicos, culturais e econômicos, bem como assegurando as mesmas possibilidades para as próximas gerações.

São povos que ocupam ou reivindicam seus territórios tradicionalmente ocupados, seja essa ocupação permanente ou temporária. Os membros de um povo ou comunidade tradicional têm modos de ser, fazer e viver distintos dos da sociedade em geral, o que faz com que esses grupos se autorreconheçam como portadores de identidades e direitos próprios.

[...]

MINAS GERAIS. Ministério Público. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais.

Direitos dos povos e comunidades tradicionais. Belo Horizonte, 2014. p. 12. Disponível em:

<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>.

Acesso em: 22 nov. 2019.

ILUSTRAÇÕES: FABIO EUGENIO/DÉCADA DE 2010

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Elaborem uma pequena síntese com elementos descritos no texto que caracterizam os povos e as comunidades tradicionais.
2. Para conhecer um pouco mais sobre eles, com os colegas de sala e a orientação de seu professor, investiguem informações em livros, revistas, jornais ou em *sites* da internet e identifiquem os povos tradicionais apresentados no mapa disponível nas páginas 178-180.

Para auxiliar na tarefa, observem o texto que produzimos como modelo sobre os povos indígenas.

Indígenas: povos originários da América que têm profunda relação com o território onde se inserem. Para assegurar sua cultura e sobrevivência, necessitam de amplo território, que herdaram de seus ancestrais, e que não se relaciona com o conceito de propriedade privada comum ao restante da sociedade. Nesse território podem praticar o seminomadismo, movimentando-se por ele por centenas de anos, ignorando as fronteiras políticas estipuladas pelos não indígenas. Outros fatores de distinção são suas línguas e culturas. No último Censo, de 2010, quase 1 milhão de pessoas se auto-declararam indígenas e esse número tende a aumentar. Segundo a Funai, cerca de 225 povos diferentes vivem no Brasil. Eles podem viver no campo ou em contexto urbano, convivendo e inteirando-se com outras culturas, porém preservando modos de vida tradicionais que julgam ser essenciais para a sobrevivência de seu povo e memória.

Para a produção dos mapas, que é o produto final do projeto, sigam essas orientações:

- Pesquisem e selecionem imagens sobre os povos tradicionais.
- As imagens devem ilustrar a característica principal de cada povo e comunidade tradicional. Devem também evidenciar os locais onde esses grupos vivem.
- Incluam também aspectos culturais e econômicos do modo de vida desses grupos.

Lembrem-se de que existem diferenças entre eles que necessitam ser ressaltadas, por isso não se esqueçam de evidenciar nas imagens essa diversidade. Para exemplificar, observem a seguir imagens de moradias de alguns povos indígenas no Brasil e conversem sobre as diferenças entre elas.



Jovem do povo Krahô com pintura corporal tradicional de festa na aldeia Santa Cruz, em Itacaiá, no Tocantins (TO), 2016.



Vista aérea da Terra Indígena Évare, São Paulo de Olivença (AM), 2018.



Vista aérea da Terra Indígena Tekoa Ka'Aguy Ovy Porã, Maricá (RJ), 2019.



Terra Indígena Piyulaga, Gaúcha do Norte (MT), 2019.

Para finalizar, insiram informações sobre o povo ou a comunidade que seu grupo selecionou na ficha proposta na página 181 e reservem as imagens investigadas para a produção do mapa na próxima etapa do projeto.



Os povos tradicionais e seus territórios

Os povos e as comunidades tradicionais possuem culturas e identidades herdadas diretamente de seus ancestrais. Geralmente vivem no mesmo território, que é de uso comunitário, há algumas centenas de anos. Leiam a seguir um texto que descreve as relações que esses povos têm com o território em que vivem.

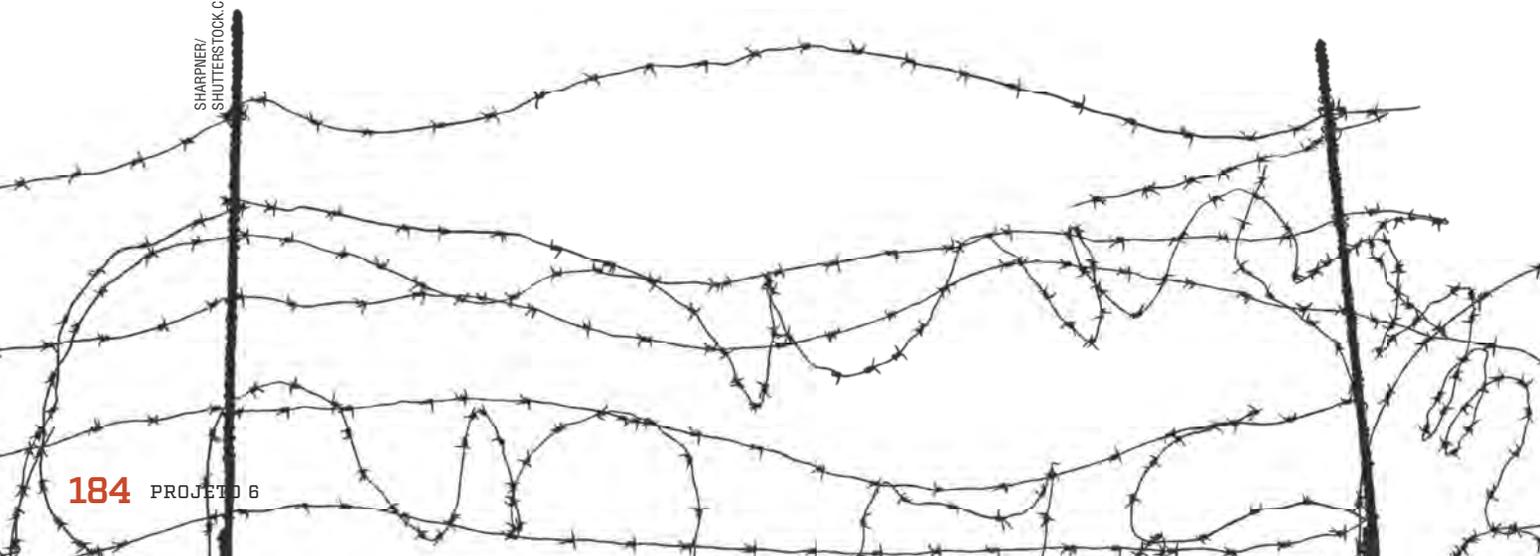
As relações específicas que esses grupos estabelecem com as terras tradicionalmente ocupadas e seus recursos naturais fazem com que esses lugares sejam mais do que terras, ou simples bens econômicos. Eles assumem a qualificação de território.

O território implica dimensões simbólicas. No território estão impressos os acontecimentos ou fatos históricos que mantêm viva a memória do grupo; nele estão enterrados os ancestrais e encontram-se os sítios sagrados; ele determina o modo de vida e a visão de homem e de mundo; o território é também apreendido e vivenciado a partir dos sistemas de conhecimento locais, ou seja, não há povo ou comunidade tradicional que não conheça profundamente seu território.

Com frequência, os territórios de povos e comunidades tradicionais ultrapassam as divisões político-administrativas (municípios, estados). Um território tradicional pode, assim, encontrar-se na confluência de dois, três ou mais municípios, estados ou mesmo países. Portanto, nesse contexto, é preciso considerar e respeitar a distribuição demográfica tradicional desses povos, quaisquer que sejam as unidades geopolíticas definidas pelo Estado.

Do ponto de vista histórico, cabe ressaltar que esses povos e comunidades são marcados pela exclusão não somente por fatores étnico-raciais, mas, sobretudo, pela impossibilidade de acessar as terras por eles tradicionalmente ocupadas, em grande medida usurpadas por grileiros, fazendeiros, empresas, interesses desenvolvimentistas ou até pelo próprio Estado.

Cabe ressaltar que, desde a promulgação da Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850, a Lei de Terras, que estabelece a necessidade de registro cartorial e de documento de compra e venda para configurar dominialidade [domínio sobre uma porção de terra], se instaurou uma diferença no acesso e manutenção da terra por comunitários no meio rural. A Constituição Federal de 1891 transferiu



para os estados as ditas terras devolutas, sobre as quais até então não havia sido reclamada a propriedade, reconhecendo o “direito de compra preferencial” pelos posseiros.

Desde então houve um amplo processo de invasão das posses de comunitários e comunidades, que, sem leitura e conhecimento das leis, sem recursos para pagar os serviços de medição das terras e registro em cartório, se viram em desvantagem em relação aos cidadãos letrados, que conheciam o sistema instaurado e tinham várias alianças. A presença de jagunços, advogados, e até agentes do Estado para defender interesses dessas classes mais abastadas ilustram a desigualdade na correlação de forças entre invasores e povos e comunidades tradicionais.

Hoje, tais formas de expropriação [apropriação ilegal] de terras, territórios e direitos abrangem interesses do agronegócio, processos de exploração minerária, criação de unidades de proteção integral sobre territórios tradicionais, construção de hidrelétricas e outras obras e empreendimentos.

MINAS GERAIS. Ministério Público. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Belo Horizonte, 2014. p. 13. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.



CYNTHIA BRITO/PULSAR IMAGENS

Mineração de ouro em Terra Indígena Kaiapó, Parque Indígena do Xingu (MT), década de 2010.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Com base no texto, o que caracteriza um território para as comunidades tradicionais?



2. Relacionem as informações levantadas no texto com o povo ou comunidade tradicional que seu grupo escolheu e investiguem em livros, jornais ou internet:

- o território, evidenciando a distribuição demográfica tradicional do povo ou da comunidade que vocês selecionaram;
- questões relacionadas à invasão das terras de posse do povo ou da comunidade.



3. Para finalizar, insiram informações sobre o povo ou a comunidade que o grupo selecionou na ficha proposta na página 181.

Direitos dos povos e das comunidades tradicionais

Vimos alguns aspectos que qualificam e especificam quem são considerados povos tradicionais em nosso país e a importância do território que singulariza essa parcela da população brasileira. Como os seus direitos estão expressos? A seguir, apresentamos parte do decreto já mencionado, e, organizados em grupos de trabalho, consultem os trechos da legislação e identifiquem os direitos dos povos e das comunidades.

POLÍTICA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

PRINCÍPIOS

[...]

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Art. 3º São objetivos específicos da PNPCT:

I - garantir aos povos e comunidades tradicionais seus territórios, e o acesso aos recursos naturais que tradicionalmente utilizam para sua reprodução física, cultural e econômica;

II - solucionar e/ou minimizar os conflitos gerados pela implantação de Unidades de Conservação de Proteção Integral em territórios tradicionais e estimular a criação de Unidades de Conservação de Uso Sustentável;

III - implantar infraestrutura adequada às realidades socioculturais e demandas dos povos e comunidades tradicionais;

IV - garantir os direitos dos povos e das comunidades tradicionais afetados direta ou indiretamente por projetos, obras e empreendimentos;

V - garantir e valorizar as formas tradicionais de educação e fortalecer processos dialógicos como contribuição ao desenvolvimento próprio de cada povo e comunidade, garantindo a participação e controle social tanto nos processos de formação educativos formais quanto nos não formais;

VI - reconhecer, com celeridade, a autoidentificação dos povos e comunidades tradicionais, de modo que possam ter acesso pleno aos seus direitos civis individuais e coletivos;

VII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso aos serviços de saúde de qualidade e adequados às suas características socioculturais, suas necessidades e demandas, com ênfase nas concepções e práticas da medicina tradicional;

VIII - garantir no sistema público previdenciário a adequação às especificidades dos povos e comunidades tradicionais, no que diz respeito às suas atividades ocupacionais e religiosas e às doenças decorrentes destas atividades;

IX - criar e implementar, urgentemente, uma política pública de saúde voltada aos povos e comunidades tradicionais;

X - garantir o acesso às políticas públicas sociais e a participação de representantes dos povos e comunidades tradicionais nas instâncias de controle social;

XI - garantir nos programas e ações de inclusão social recortes diferenciados voltados especificamente para os povos e comunidades tradicionais;

XII - implementar e fortalecer programas e ações voltados às relações de gênero nos povos e comunidades tradicionais, assegurando a visão e a participação feminina nas ações governamentais, valorizando a importância histórica das mulheres e sua liderança ética e social;

XIII - garantir aos povos e comunidades tradicionais o acesso e a gestão facilitados aos recursos financeiros provenientes dos diferentes órgãos de governo;

XIV - assegurar o pleno exercício dos direitos individuais e coletivos concernentes aos povos e comunidades tradicionais, sobretudo nas situações de conflito ou ameaça à sua integridade;

XV - reconhecer, proteger e promover os direitos dos povos e comunidades tradicionais sobre os seus conhecimentos, práticas e usos tradicionais;

XVI - apoiar e garantir o processo de formalização institucional, quando necessário, considerando as formas tradicionais de organização e representação locais; e

XVII - apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais e práticas, saberes e tecnologias tradicionais.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, fev. 2007.

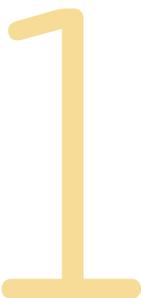
Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 16 dez. 2019.

- A partir da comunidade escolhida pelo seu grupo, pesquisem em *sites* governamentais, reportagens, *blogs* e páginas de redes sociais como é o acesso dessa comunidade aos serviços públicos, direitos e objetivos tratados na PNPCT. Compartilhem os resultados com os colegas e anotem no quadro sugerido para sistematizar as informações da pesquisa. Produzam uma síntese sobre os princípios da PNPCT. Quais os principais direitos que com ela se pretende assegurar?

Cacique conversando com crianças na tribo indígena Kalapalo, Parque Indígena do Xingu (MT), 2018.

Viver e conviver em uma comunidade tradicional

Os textos a seguir trazem experiências de quem mora em algumas comunidades tradicionais ou convive com elas. Foram selecionados relatos que abordam a organização social, os modos de fazer a religiosidade e os festejos. A partir desses relatos, reflitam sobre os conhecimentos estudados e se eles se aplicam às comunidades tradicionais que vocês escolheram para pesquisar. A seguir, leiam o relato de Mauro, da comunidade quilombola de Campinhos, em Virgem da Lapa, no Vale do Jequitinhonha mineiro.



Tudo mudou em Campinhos

Meu nome é Mauro Gonçalves, sou nascido na comunidade de Campinhos. Sou casado, pai de três filhos, trabalho aqui na zona rural, na roça. Consigo conciliar o trabalho na roça com o da cidade. Estou estudando, no segundo ano de Administração de Empresas, e concilio essas coisas com certa dificuldade, mas consigo estudar, trabalhar e cuidar da minha família. E o que é mais importante, estou preservando a nossa cultura, nós somos um povo quilombola. Minha família vive nessa região há mais de cem anos.

Você sabe quanto tempo tem essa comunidade de Campinhos?

Aproximadamente 150 anos. Mais de cem eu tenho certeza.

Sua família está aqui desde quando, ou quantas gerações de sua família estão aqui, pais, avós?

Um quatro gerações. Meu bisavô, meu avô, meu pai, e nós agora, com meus filhos. Então já são cinco gerações, aproximadamente.

Você comentava a história de seu avô. Qual foi a herança de seus bisavôs para ele, em termos de terra aqui, o que ele herdou e como ele cuidou disso, e deixou para vocês?

Essa terra aqui era da esposa dele, que era minha avó. Ela herdou da família dela e a vida dele foi aqui, plantar, colher. Ele plantava mandioca, fazia farinha, plantava cana para fazer rapadura. E ele preservou essa área durante o tempo de vida dele. Ele faleceu com 77 anos. O pai dele criou ele aqui também, ele morreu com 77 anos morando nessas terras. Antes aqui tinha uma abundância muito grande de água, e essa água veio secando com a chegada das plantações de eucalipto, aproximadamente uns 300 hectares de chapada que ele conseguiu preservar, e não foi plantado eucalipto. Mas, nos últimos anos, os outros moradores acabaram vendendo e plantaram eucalipto em volta, e secou nossa água aqui. Hoje nos resta uma pequena nascente.

Por que não dá para continuar aqui, qual a situação que impede as pessoas de ficarem aqui?

São vários fatores, um é a falta de água. Sem água é impossível, nossa água está muito pouca. Antes tinha bastante e foi diminuindo até tornar inviável a vida aqui. Nós temos pouca água e não tem investimento nenhum da parte pública. Não estamos captando água aqui, nem água de chuva e nem de poço artesiano. [...]

Vocês tem têm aqui uma chapada que usam para a subsistência. É de onde ainda conseguem tirar uma água mínima para sobrevivência, para questões de trabalho, para artesanato? Como essa chapada hoje é utilizada por vocês?

É utilizado por duas comunidades quilombolas, tanto a nossa como a comunidade de Almas. Eles também utilizam para a extração do material das vassouras, para apanhar pequi, mangaba, para raízes medicinais. É usado para esse fim hoje. Porque as outras chapadas que existem aqui foram desmatadas. Desmataram tudo na região aqui e plantaram eucalipto. [...]

Se eles tomarem conta, você disse que tem duas minas, o que acontece?

Tem duas nascentes na região. Acontece que vão secar, com certeza, porque assim que eles conseguirem documentação para desapropriar, eles vão desmatar para plantar eucalipto.

E secando essas duas nascentes, qual o reflexo disso para vocês?

Ah, é abandonar tudo, acabar tudo, porque a gente ainda mantém lá, vocês viram, planto abacaxi, laranja e mais alguma coisa, por conta da água que ainda existe. Secando essa água eu vou plantar como? Não tem jeito. [...]

FOGAÇA, S.; SYDOW, E. Um mar de eucalipto: entrevista de Mauro Gonçalves. **Quilombos do Vale do Jequitinhonha:** música e memória. São Paulo: Nota Musical Comunicação, 2017. p. 320-322.



FABIO COLOMBINI

Representação artística do Quilombo Mandira, São Paulo (SP), 2013.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. A partir das informações inseridas no texto responda:
 - a) Como se constituiu o território da comunidade quilombola de Campinhos?
 - b) Que atividades econômicas tradicionais da comunidade quilombola são evidenciadas no texto?
 - c) Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos moradores da comunidade quilombola de Campinhos?
2. Em relação à comunidade tradicional que vocês estão investigando, pesquisem e analisem a constituição de seu território, as atividades tradicionais da comunidade e as dificuldades enfrentadas pelos moradores da comunidade na atualidade. Anotem a síntese na ficha de pesquisa.



Os textos a seguir são relatos de indígenas que vivem em regiões de mata e trazem a concepção da natureza como sagrada, muito diferente das culturas de não indígenas que habitam zonas urbanas. Por meio deles, iremos analisar aspectos do que é tido por eles como lugares sagrados.

2

Conversa com o rio

Estive muito envolvido na pesquisa da arqueologia da minha tribo. Uma atitude que tenho é a de eleger como prioridade para o meu trabalho a junção do que nós poderíamos chamar de “cacos”, no sentido de fragmentos da história e da memória de uma pequena tribo que, por um tempo, foi total no sentido de autoconhecimento, de saber tudo sobre si mesma, de viver em comunidade e de compartilhar de uma mesma visão do mundo. Depois que os brancos chegaram, foi quebrada essa unidade que a nossa memória nos possibilitava. Quebraram o vínculo com o nosso passado, a conexão com os ancestrais, com o mundo mágico, com o espírito da montanha, com o espírito das águas, com o espírito do vento, o grau de parentesco que cada uma das montanhas guardava com a nossa família. Ou o jeito de chamarmos o rio, que para nós não é só um acidente geográfico, é um ser que tem humor: ele fica bravo, ele batiza nossos filhos; ele dá remédio, ele cura. Quando meu filho, ainda pequeno, estava na idade dos ritos de iniciação, fui apresentar ele para o Rio. Apresentar o menino para o Watú, pedindo saúde e luz para o caminho do menino, colocá-lo dentro d'água, cantar, dançar, conversar com o rio.

Esse território continha as representações desses seres que para nós são fundadores da nossa herança cultural, da nossa tradição, o nosso sentimento de suficiência como povo, diante de um mundo desconhecido, que para nós não tinha a menor importância. Não nos preocupava se a Europa existia, ou o resto do mundo, porque deles nem sentíamos a pressão. Só que quando ela chegou sobre nós, foi suficiente para romper o equilíbrio e a unidade com nossa herança ancestral e nos deixar em cacos, fragmentos. Nossas famílias foram dispersas, nossas mulheres violadas, os homens dizimados. E os poucos que sobreviveram guardavam pedaços de histórias, fragmentos.

Eu sou da terceira geração de pessoas que baixaram as armas e fizeram amizade com o governo brasileiro. Aceitamos os limites de reserva imposta para nós e passamos a admitir que nossa história de autonomia tinha se encerrado em 1916-1922. De lá para cá, tínhamos que buscar essa globalização, que de certa maneira para nós chegou antes do que para o resto do mundo. Agora nós sentíamos a pressão do mundo todo, sim, e estávamos sujeitos a perder a nossa língua, as nossas tradições, o nosso vínculo com o mundo do sonho, com os nossos antepassados. Esse vínculo com nossos ancestrais pressupõe condições ambientais, ecológicas, políticas e históricas para que possamos experimentar essa conexão.

KRENAK, A. O resgate do mundo mágico. In: WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. (coord.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC-SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial, 2006. p. 52-53.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. A partir do texto, o que é sagrado para os Krenak?
2. De que forma foi quebrada a unidade desse povo e como isso afetou os lugares sagrados?

Lugares sagrados

Comunidade Ita Pereira (Baixo rio Negro)

É lá perto de Ita Pereira, tem uma ponta que eles chamam de Cunhã, para dizer a verdade em português, quer dizer: é a ponta onde as mulheres encostam. Ali perto do meu sítio tem a pedra do Waimi, que eles falam que é avó dos encantados. Os encantados são: botos, dizendo na história que antes de fazer piracema, eles se juntam perto dessa pedra, os peixes se juntam e fazem o Dabucurí deles. (Margarida – Piratapuaia)

Ita de Careira era uma pedra grande, que fica no porto da escola, uma pedra grande que significava para o povo antigo os deuses deles. Eles pediam assim chuva, sol, mais saúde, eles botavam alimento e pediam o que eles queriam. Ai mais abaixo, tinha uma ponta que chama de Itareira, por causas daquela ponta que chamaram de Ita Pereira, já para ser o nome da comunidade. Aqui a homenagem essa pedra aqui sagrada que nós botemos o nome da nossa escola Manearia. Esse aqui era um lugar, onde os povos mais antigos jogavam aqui, como Deus deles, quando eles estão, como por exemplo, assim um pedaço de comida, frutos, eles pediam sol, mais saúde para suas famílias. E esse daqui nós homenageamos a nossa deusa da comunidade de Ita Pereira. Então, aqui, a nossa comunidade começou duma pedra, deu nome Ita Pereira, aqui tem umas bolas de pedras que sempre a gente descasca logo ele, todo ano descascando, assim por isso que chamou a nossa comunidade Ita Pereira, quer dizer nome da pedra. (Francimar - Baré)

MAXIMIANO, C. A.; MENESES, E. S. **Nova cartografia social da Amazônia**: adolescentes e jovens indígenas do alto Rio Negro. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: UEA Edições, 2009. p.5.

3

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Pesquisem o significado de Dabucurí. Qual a importância dele para os povos indígenas que o realizam?
2. Quais lugares sagrados as jovens Margarida e Francimar descrevem em seus territórios? Por que eles têm essa importância?
3. Pesquisem e analisem na comunidade escolhida pelo seu grupo se ela possui lugares sagrados e quais são os festejos realizados a partir deles. Os lugares e os eventos são considerados patrimônio cultural ou natural? Insiram as informações na ficha de pesquisa.

Corredeira próximo à Cachoeira das Onças, lugar sagrado de povos indígenas da região dos rios Uaupés e Papuri, nos arredores de São Gabriel da Cachoeira (AM), 2002.

Os relatos a seguir são de membros de uma comunidade pescadora e extrativista que habita a região da Jureia, no litoral sul de São Paulo. Muitos moradores dessas terras, desde o século XIX, encontram dificuldades para permanecer nesse território.

A mata e a reserva: territórios em disputa

1 Ninguém sabe ao certo quando chegaram na Jureia os nossos antepassados. Em 1850, os primeiros registros de terras do país já registravam nomes de famílias que hoje são comuns na região: Prado, Alves, Pinto, Rodrigues, Lima, Carneiro, Silva, Fortes, Trigo, Lara, Aquino, Pontes, dentre outras. E esse povo de dantes viveu na Jureia até que veio a Gomes de Almeida Fernandes, uma empresa que disse que era dona das terras da região e que ia transformar nosso território em loteamento para uma cidade de 70 mil habitantes. Só que em seguida apareceu a Nuclebras, com um projeto de usina nuclear que transformou a Jureia em área de interesse e segurança nacional. E aí vieram os ambientalistas, dizendo que a Jureia ia virar uma usina atômica e que todo mundo ou ia ser expulso ou ia morrer por causa da usina. A proposta desses ambientalistas é que ali virasse um santuário ecológico. E a gente acolheu essas pessoas. Mas em 1986 foi criada a Estação Ecológica Jureia-Itatins e essas mesmas pessoas disseram que a gente não podia mais roçar, caçar, fazer mais nada daquilo que sempre fizemos. Foi aí que a gente montou uma associação e começou a brigar pelos nossos direitos. E hoje tem a proposta do governo do estado para a recategorização da área, mas não é a proposta que nós queremos. Nós temos a nossa própria proposta, que respeita a nossa tradição.

Dauro, 48 anos, Grajaúna, atualmente morador de Barra do Ribeira, Peruíbe (SP) [...]

Hoje, para eu voltar, eu teria que pegar autorização. Hoje, eu não posso passar de moto para lá. Tem que pegar uma autorização toda vez que vai. É uma luta terrível. Um lugar em que se nasceu, se criou, com pais e avós, e hoje não pode levar nossas filhas para poder curtir lá.

Bernardino Prado, ex-morador do Rio Verde e morador de Peruíbe (SP).

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO CONTEÚDO/AE



Embarque para pesca tradicional de uma comunidade caiçara na região da Jureia, município de Peruíbe (SP), 2007.

Para mim, se hoje falasse que tinha um lugar para mim lá dentro, eu já tinha arrumado minhas coisas pra ir. Mas, e meu filho? Onde vai estudar? Por isso que a gente precisa voltar para lá com legalidade, sabendo que tem uma escola pros nossos filhos e que também ensinasse o nosso modo de vida, um ensino diferenciado. Isso seria muito importante. E eles conseguissem assimilar o que a gente viveu e conseguiu passar lá dentro. Num era um modo de vida fácil, mas a gente vivia aquilo. Aqui [na cidade], a gente sobrevive: tem muita coisa para gente pagar. Aqui não dá para sair sem dinheiro no bolso que nossos filhos vão pedir alguma coisa. E lá, não. O máximo que ele vai pedir é uma fruta, um peixe.

Cleiton Carneiro mora atualmente na periferia de Peruíbe (SP).

NOVA cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil. **Comunidades tradicionais caiçaras da Jureia, Iguape-Peruíbe**. Manaus: UEA, 2013. p. 3-10. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/fasciculos/povos-e-comunidades-tradicionais-de-sao-paulo/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

A RDS Barra do Una foi criada em 2013, localizada no município de Peruíbe, no extremo sul da Baixada Santista, no Estado de São Paulo, ocupa 1.487 ha, e integra o Mosaico de Unidades de Conservação Jureia-Itatins.

Esta porção de Mata Atlântica está associada a uma série de ecossistemas como dunas, restingas, manguezais, costão rochoso e mata de encosta. Abriga uma comunidade tradicional caiçara, e seus moradores possuem laços centenários com este local, e acumularam saberes de manejo dos recursos naturais passados por várias gerações como pesca artesanal, extrativismo artesanal da ostra, marisco e caranguejo.

A riqueza em biodiversidade da RDS reforça a importância da conservação do local, com destaque para espécies de fauna como a garça-azul, tié-sangue, surucuá-de-barriga-amarela, tucano-do-bico-preto, cachorro-do-mato, onça-parda, jacaré-do-papo-amarelo, e também de flora como palmito-juçara, caxeta, guapuruvu, mangue-vermelho, erva-baleeira, guanandi, jerivá, ipê amarelo, dentre outros.

RDS BARRA do Una. **Guia de áreas protegidas**, 2020.
Disponível em: <https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/ap/reserva-de-desenvolvimento-sustentavel-barra-do-una/>. Acesso em: 16 dez. 2019.



Vista da Reserva de Desenvolvimento Sustentável na Barra do Una, na região da Jureia, Peruíbe (SP), 2010.

2

ENRICO MARONE

> **ATIVIDADE**



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. A RDS Barra do Una foi criada após anos de reivindicações dos moradores que seriam desterrados e transferidos. Muitos se alocaram nas periferias das cidades próximas, como Peruíbe e Itanhaém. O conflito de interesses do presente tem argumentos complexos. De um lado, os caiçaras e ribeirinhos tradicionais querem preservar seus modos de vida e a mata. Já o governo quer preservar uma área natural. Recentemente, em outras áreas do Parque Estadual da Jureia-Itatins, os caiçaras ganharam o direito de reconhecimento ao uso e ocupação de terras pela justiça estadual. Analisem os relatos de moradores de comunidades tradicionais da Jureia e o texto oficial sobre a RDS Barra do Una e respondam:
 - a) Ao longo dos anos, quais são os atores e os principais interesses relacionados às terras ocupadas tradicionalmente por ribeirinhos e caiçaras na Jureia?
 - b) Como a transferência dos moradores impactou seus modos tradicionais em seu território?
 - c) Na comunidade que vocês estão pesquisando existem conflitos semelhantes, relacionados à demarcação de parques ou reservas? É possível mediar a questão de forma satisfatória?

Os jovens dos povos e das comunidades tradicionais

O que é ser um jovem em uma comunidade tradicional? Como vivem e qual é o papel destas gerações para a preservação da cultura e do modo de vida desses povos? Leiam os textos a seguir:

Jovens quilombolas

Nós, jovens quilombolas de diferentes estados e regiões do Brasil, somos de Territórios diferentes, culturas diferentes, gostos, e até mesmo linguagens pouco parecidas. Quando nos vemos em contato com outros jovens quilombolas pela primeira vez, percebemos o quão diferentes somos, também fisicamente. Conversando, percebemos que independente da região, ou do estado de onde viemos, temos em comum a solidariedade, o respeito à ancestralidade e aos ensinamentos coletivos, a vontade de superação das desigualdades em nossas comunidades e municípios, a alegria e fé na Ação, e a força de quem sabe de onde veio.

Os quilombos são espaços de [...] interação e familiaridade. Somos todos meio parentes. “Tios e Tias”, madrinhas e padrinhos, primos e parentes em comum. É essa herança cultural “afrocentrada” nos identifica como entes de relações de convivência e solidariedade, expressa através das variadas formas do “conviver”.

As comunidades quilombolas preservam a biodiversidade e a cultura de um Brasil que não se vê mais nas grandes cidades, com gostos, cheiros e sabores que remetem a uma outra forma de viver, em comunidade, em familiaridade. [...]

Somos parte de uma longa história de resistência, cultura, força, dor e alegrias, mas somos também o hoje e o amanhã de nossas comunidades, e de nossa história. Somos mais! Somos sujeitos de direito desse “Estado democrático”, que silencia as dívidas históricas com a população negra, sobretudo no meio rural. Somos parte dessa população. Somos O Povo e temos voz!

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. **A juventude do Brasil também é quilombola**. Brasília, DF, 2019.

Disponível em: <http://conaq.org.br/coletivo/juventude/>.

Acesso em: 2 dez. 2019.

ADRIANO KIRIHARA/PULSAR IMAGENS



Crianças em uma apresentação de Reisado da Comunidade Quilombola de Inhanhum. Santa Maria da Boa Vista (PE), 2019.

> ATIVIDADES



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. Segundo o texto, como se definem as identidades dos jovens quilombolas?
2. Pesquisem a organização social da comunidade escolhida pelo seu grupo. Ela é baseada em ancestralidade, graus de parentesco, religiosidade ou modos de se produzir? Utilizem a ficha de pesquisa para anotação das informações levantadas.



O biólogo caiçara

Numa das comunidades tradicionais da Jureia, que conhecemos anteriormente, vive o jovem Lucas. Sua trajetória de vida e o acesso à educação possibilitaram que ele se formasse em Biologia Marinha.

Meu nome é Lucas e venho de uma família de pescadores. Meu bisavô era pescador, meu avô é pescador, meu tio é pescador... Minha mãe, não, minha mãe é cozeira, sabe até pegar cobra com a mão. Eu sou o mais novo da família, pescador e pesquisador. Peixe é comigo mesmo: eu pego, pesco, abro pra olhar por dentro, desenho, estudo, pesquisei. Tudo. Até comer eu como!

Meu avô diz que pescar está no sangue, que ele mesmo aprendeu com seu pai, só olhando, curioso, e saindo para pescar. Comigo foi um pouco diferente. Eu não nasci pertinho do mar. Quando era pequeno e ainda não morava na Barra, gostava de muitas coisas, mas nunca pensei que ia me encantar com o mundo dos peixes. Com sete anos, mudei para cá. E logo que vi o meu avô pescando, fiquei curioso. Eram tantos peixes diferentes que ele trazia, tantas as histórias que eu ouvia, tantos jeitos de pescar... Fiquei doido e comecei a estudar, a perguntar para os mais velhos, a procurar na internet e nos livros. Logo decidi o que queria ser na vida: biólogo marinho. Para continuar estudando e poder ajudar a proteger o mar e seus animais.

Minha primeira pescaria foi para pegar tainha. Mas não pegamos nada. Ventava forte, as ondas arrebentavam, o barco não parava, entrava por dentro da onda, espalhando água por todo lado. Parecia aquele programa da TV, “Pesca Mortal”. Não cheguei a enjoar, mas fiquei paralisado, tenso. Outra vez, fui com o Nilson e o Si botar uma rede de robalo, e voltei oito horas da noite. Também sofri, porque o Si não conseguia entrar na Barra. As ondas começaram a entrar dentro da canoa, que escorregava prum lado e pro outro. Subia aquele paredão de água, eu não sabia o que fazer. Deitei lá embaixo, pra não ver mais nada. E o Nilson me assustava: Vai afundar!, enquanto o Si dava risada. E é assim que a gente vai aprendendo.

BORDAS, M. A. **Manual da criança caiçara**. São Paulo: Peirópolis, 2011. p. 62.

> ATIVIDADE



Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

1. O depoimento de Lucas traz à tona uma realidade presente entre jovens de comunidades tradicionais. Se no passado essas comunidades eram privadas do letramento, hoje vemos as gerações mais novas, mesmo com muitas dificuldades de acesso à educação, se profissionalizando e chegando às universidades.
 - a) O que motivou Lucas a escolher sua profissão? Como ela pode se refletir em sua comunidade?
 - b) Na comunidade que seu grupo está pesquisando, como é o acesso à educação? Existem escolas? Há casos como o de Lucas?

Desenhando o mapa do Brasil

A artista alemã Hilde Weber foi chargista, ilustradora, desenhista, pintora e ceramista. Veio para o Brasil em 1933 e realizou ilustrações em várias revistas e jornais no Brasil. Observe um mapa pictórico produzido por ela.



INSTITUTO DE ESTUDIOS BRASILEIROS/UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

MAPA do Brasil, feito por Hilde Weber em 1941. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra23257/mapa-do-brasil>. Acesso em: 8 dez. 2019.

Ver nas **Orientações para o professor** observações e sugestões para estas atividades.

> ATIVIDADES



1. Que desenhos figurativos (símbolos pictóricos) se identificam no mapa da artista? Produzam juntos uma lista para evidenciá-los.
2. Leia o trecho a seguir:

Hilde realiza seus mapas do Brasil, um país que adotou, que é sua terra, como um todo conquistado e escolhido e onde se vale da riqueza de sua linha ágil para aprofundar as diferenças regionais, a ponto de cada centímetro sintetizar uma maneira de pensar e sentir, como só uma desenhista de seu gabarito pode idealizar. Promove uma incisão na terra e nos claros do verde. Despontam os costumes, os trajes, a postura característica do homem e de sua produção, além do cenário e dos animais, enraizados em suas entranhas. Só o mergulho de quem escolheu esta terra como sua pode ser tão expressivo com poucos elementos [...].

OSIRARTE: pinturas sobre azulejo de Volpi, Zanini, Hilde Weber e Gerda Brentani.
São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1985.

- Levando em consideração o mapa e o texto, produzam uma legenda para descrever como a artista representou o Brasil da década de 1940 na obra.

ETAPA

3

PARA FINALIZAR

Mapa pictórico: povos e comunidades tradicionais

Ao longo do desenvolvimento deste Projeto, conhecemos povos e comunidades tradicionais e estudamos suas culturas, territórios e modos de vida. Para mobilizarmos e representarmos esses conhecimentos, produziremos mapas pictóricos, que, além de visualmente atrativos, vão possibilitar a rápida identificação e compreensão dos elementos inseridos na representação cartográfica.

A nossa principal preocupação nesta produção é elaborar uma representação cartográfica que revele novos territórios, sem o rigor de localização dos mapas convencionais, mas que apresente em uma linguagem popular uma visualização lúdica e afetiva dos povos ou das comunidades pesquisados.

Mapa pictórico: como elaborar

Sugestão de material: Para o suporte do mapa, separem os materiais necessários: papel vegetal, folhas de sulfite, papel pardo ou cartolina para o desenho do mapa e para a produção das fichas-síntese das comunidades tradicionais e das legendas, canetas adequadas, colas e fitas adesivas, tachinhas, entre outros.

- Para iniciar a produção do mapa, cada grupo deverá retomar e revisar a ficha-síntese sobre as comunidades pesquisadas.
- As fichas-síntese apresentam informações obtidas nas investigações. A partir delas criem símbolos pictóricos que representem o modo de vida e as manifestações artísticas do povo ou da comunidade que vocês selecionarem. Lembrem-se: os símbolos dos mapas pictóricos devem ser simples e precisos.
- Não iniciem o desenho sem antes planejar a produção da representação do território brasileiro e os elementos que serão incluídos nele. Neste planejamento, levem em consideração os desenhos e os elementos que serão inseridos e as suas dimensões.

- No planejamento, discutam como os elementos que vão compor o mapa vão se relacionar, evitando que se tornem um agrupamento de imagens isoladas e sem contexto. Para isso, planejem elementos gráficos como cores, linhas e formas que harmonizem a produção e organizem uma legenda explicativa que mostre os elementos e seu significado. Vocês podem também compor uma frase para apresentar o mapa pictórico e ainda inserir na composição a ficha-síntese, se acharem necessário evidenciar as informações na representação cartográfica.
- Para a elaboração dos desenhos, criem símbolos simples, que proporcionem uma rápida identificação do que vocês pretendem representar no mapa.
- Produzam também o mapa do Brasil e os símbolos que serão utilizados.
- Em um mapa pictórico, os elementos cartográficos não são utilizados com rigor científico dos mapas convencionais.
- Se acharem necessário, criem os símbolos em folhas de sulfite e utilizem papel vegetal para copiar as informações necessárias no mapa. Desta forma, vocês podem obter um acabamento mais adequado, evitando desenhar os símbolos diretamente no mapa
- Sugerimos a organização de um evento na escola para que possam compartilhar os trabalhos e o conhecimento que produziram.
- Os trabalhos podem ser expostos na escola para serem vistos e apreciados por toda a comunidade. Se acharem adequado, podem promover uma roda de conversa sobre o projeto. Quais foram as semelhanças, diferenças e singularidades que vocês encontraram entre as comunidades tradicionais pesquisadas? Essas e outras questões podem nortear as discussões.

Avaliação

Ao longo deste projeto, conhecemos realidades distintas, que podem se aproximar ou não das nossas. Pesquisamos, conceituamos, aprofundamo-nos e expandimos horizontes ao entrar em contato com um Brasil tão plural e complexo. O percurso de pesquisa se tornou um conjunto de mapas pictóricos, onde podemos visualizar o mosaico cultural dos povos e das comunidades tradicionais de forma simples e lúdica.

- Para ampliarmos a nossa produção, propomos uma atividade de reflexão: Que símbolos vocês utilizariam para representar a sua comunidade em um mapa pictórico?

Para organizar a proposta, sugere-se a cada estudante que produza um desenho de um símbolo pictórico que represente o modo de vida ou a cultura da sua comunidade. Após a produção compartilhem os desenhos e conversem sobre como a comunidade foi representada.

Autoavaliação

Veja nas **Orientações para o professor** observações e sugestões sobre o uso dos quadros avaliativos.

Para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências e das atitudes nos Projetos Integradores sugerimos duas propostas de quadros que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Os quadros devem ser copiados e preenchidos de acordo com as orientações do professor.

Observem a seguir os critérios que sugerimos para a autoavaliação de atitudes e posturas e das ações desenvolvidas:

AUTOAVALIAÇÃO DAS ATITUDES E POSTURAS			
1	2	3	4
SEMPRE	FREQUENTEMENTE	RARAMENTE	NUNCA

A. Realiza trabalhos nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.

B. Atua com organização, trazendo para as aulas todo material solicitado.

C. Se expressa com clareza, compartilhando dúvidas e opiniões.

D. Respeita os momentos em que o silêncio é necessário para o desenvolvimento das produções.

E. Atua com atenção na escuta das explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades propostas.

F. Apresenta atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.

G. Atua de forma sensível e respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.

RESPONDA
NO CADERNO

AUTOAVALIAÇÃO DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS

1 REALIZEI COM FACILIDADE	2 REALIZEI	3 REALIZEI COM DIFICULDADES	4 NÃO REALIZEI
---------------------------------	---------------	-----------------------------------	-------------------

ETAPA 1 - VAMOS COMEÇAR

RESPONDA
NO CADERNO

Representando os povos tradicionais: Identificar em obras de arte *naïf* elementos que representam os povos tradicionais e produzir símbolos que representam a cultura de jovens da comunidade dos estudantes.

Território: vida: Observar e analisar fotografias de moradias de comunidades tradicionais para a introdução do tema.

Povos tradicionais: vamos localizar?: Ler e identificar no mapa os povos e as comunidades tradicionais no Brasil.

ETAPA 2 - SABER E FAZER

Povos e comunidades tradicionais: quem são?: Ler e interpretar informações sobre o conceito de povos e comunidades tradicionais, pesquisar as suas categorias.

Os povos tradicionais e seus territórios: Conheceu e relacionou com a pesquisa os significados de território para os povos e as comunidades tradicionais.

Direitos dos povos e das comunidades tradicionais: Conheceu e interpretou o decreto que estabelece direitos para essa população, relacionou-o à comunidade pesquisada.

Viver e conviver em uma comunidade: Ler e interpretar relatos e textos sobre a vida de comunidades tradicionais no campo, na floresta e no mar, ampliar os conceitos correlatos e relacioná-los à comunidade pesquisada.

Os jovens dos povos e das comunidades tradicionais: Conhecer e relacionar aspectos da realidade dos jovens de uma comunidade quilombola e de pescadores artesanais.

Desenhando o mapa do Brasil: Conhecer e analisar o gênero cartográfico *mapa pictórico*.

ETAPA 3 - PARA FINALIZAR

Mapa pictórico: povos e comunidades tradicionais: Conhecer formas de mapear o modo de vida e as culturas dos povos tradicionais por meio de mapa pictórico coletivo; produzir e expor o produto.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES CITADAS NESTA OBRA

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as competências são identificadas por números (de 1 a 10) e as habilidades, por códigos alfanuméricos, por exemplo, EM13CHS106, cuja composição é explicada da seguinte maneira:

- as duas primeiras letras indicam a etapa da Educação Básica, no caso, Ensino Médio (EM);
- o primeiro par de números indica que as habilidades descritas podem ser desenvolvidas em qualquer ano do Ensino Médio (13);
- a segunda sequência de letras indica a área (três letras): CHS = Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
- os três números finais indicam a competência específica (1º número) e a habilidade específica (dois últimos números).

A seguir, os textos na íntegra das competências gerais, competências específicas e habilidades mencionadas nesta obra.

Competências Gerais da Educação Básica

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu

A competência geral 6 é trabalhada somente nas obras de Projeto de Vida.

projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio

Competência específica 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidades

- **EM13CHS101:** Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
- **EM13CHS104:** Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

- **EM13CHS105:** Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
- **EM13CHS106:** Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Competência específica 2

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Habilidades

- **EM13CHS201:** Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
- **EM13CHS202:** Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
- **EM13CHS204:** Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
- **EM13CHS206:** Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Competência específica 3

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

Habilidades

- **EM13CHS301:** Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

- **EM13CHS303:** Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

Competência específica 4

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

Habilidades

- **EM13CHS401:** Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
- **EM13CHS402:** Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
- **EM13CHS403:** Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
- **EM13CHS404:** Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

Competência específica 5

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades

- **EM13CHS501:** Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
- **EM13CHS502:** Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- **EM13CHS503:** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
- **EM13CHS504:** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Competência específica 6

Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Habilidades

- **EM13CHS601:** Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

- **EM13CHS604:** Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.
- **EM13CHS605:** Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS POR PROJETO

Projeto 1

AKATU. **Junte-se ao movimento global por estilos de vida sustentáveis.** São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/junte-se-ao-movimento-global-por-estilos-de-vida-sustentaveis/>. Acesso em: 23 dez. 2019.

- Artigo sobre a campanha “Anatomia da Ação”, promovida pela ONU Meio Ambiente para incentivar estilos de vida sustentáveis.

AKATU. **Oito caminhos para um futuro sustentável.** São Paulo, 15 out. 2019. Disponível em: www.akatu.org.br/noticia/oito-caminhos-para-um-futuro-sustentavel/. Acesso em: 28 nov. 2019.

- O artigo propõe um conjunto de práticas para contribuir com a construção de uma sociedade do bem-estar por meio da produção e do consumo conscientes.

BOFF, Leonardo. História da sustentabilidade. **Rede Mobilizadores**, [maio 2014?]. Disponível em: http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_historia_da_sustentabilidade.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

- Artigo sobre a história da sustentabilidade, com sua origem no século XVIII e as opções seguidas ao longo do tempo que resultaram na crise ecológica que vivemos atualmente.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sustentabilidade urbana: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes.** Brasília, DF, 2015. (Textos para as discussões da Rio+20, v.3). Disponível em: <https://www.mma.gov.br/publicacoes/desenvolvimento-sustentavel/category/155-publica%C3%A7%C3%B5es-desenvolvimento-sustentavel-sustentabilidade-urbana.html>. Acesso em: 21 dez. 2019.

- Estudo que visa elaborar recomendações para políticas públicas de desenvolvimento urbano sustentável, com especial foco em habitação, mobilidade e saneamento.

GUARATTO, Natalia. Copo meio cheio. **TPM**, 9 dez. 2019.

Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-anna-luisa-beserra-brasileira-premiada-na-onu-por-levar-agua-para-comunidades-rurais>. Acesso em: 17 dez. 2019.

- Matéria sobre a jovem brasileira que ganhou, em 2019, o prêmio da ONU para o meio ambiente pelo dispositivo que criou com base em uma pesquisa iniciada no Ensino Médio.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** 11. ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/guattari-as-tres-ecologias.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

- Análise sobre as três ecologias (do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana) e sugestão de articulação ético-política entre elas.

MIRANDA, Ângelo Tiago de. Desenvolvimento sustentável: conferências da ONU. **UOL Educação**, 6 jan. 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/desenvolvimento-sustentavel-3-conferencias-da-onu.htm>. Acesso em: 20 dez. 2019.

- A matéria faz um histórico das Conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) voltadas para a questão ambiental, explicando suas origens e suas principais resoluções.

MUSEU DO AMANHÃ. **O Porto do Rio e a construção da alma carioca.** Rio de Janeiro, 13 abr. 2016. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/portodorio/?share=timeline-historia/0>. Acesso em: 19 dez. 2019.

- O livro digital se propõe a oferecer um passeio histórico ao longo dos mais de 400 anos de trajetória da região do porto do Rio de Janeiro, por meio de textos explicativos e imagens diversas.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

- Site da Plataforma Agenda 2030, que apresenta explicação sobre os propósitos da Agenda e sobre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

RIOTUR. **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: http://visit.rio/que_fazer/museudoamanha/. Acesso em: 19 dez. 2019.

- O artigo explica o que é o Museu do Amanhã, esclarecendo sobre quais princípios ele foi fundado, quais são seus objetivos e suas ações.

SETUBAL, Maria Alice. **Educação e sustentabilidade**: princípios e valores para a formação de educadores. São Paulo: Peirópolis, 2015.

- Livro que discute a crise ambiental gerada pelas agressões à natureza, ressaltando a necessidade de se estabelecer um novo modo de pensar que considere a sustentabilidade como eixo de ação.

SILVA, Edson Vicente; RODRÍGUEZ, José M. Mateo. **Desenvolvimento local sustentável**. Fortaleza, 2001. Mimeografado.

- Livro sobre desenvolvimento local sustentável e suas possibilidades.

Projeto 2

AGUIAR, Marli de Fátima. **Tecendo memórias e histórias**. Edição da autora, 2016.

- Livro com narrativas autobiográficas de Marli de Fátima Aguiar, mulher negra que escreveu suas memórias com o objetivo de contribuir para a construção da história das mulheres negras no Brasil.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os pensadores).

- Obra composta por oito livros nos quais o autor discute diversas questões como a ética, os sistemas políticos, a escravidão, a estrutura da pólis, entre outras.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

- O livro relata a trajetória de 15 mulheres negras que tiveram atuação importante na História do Brasil, cujas histórias foram descobertas pela autora, que as transformou em literatura de cordel.

BASÍLIO, Ana Luiza; MOREIRA, Jéssica. Saraus das cidades-sede colaboram com a mobilização comunitária. **Portal Aprendiz**, 23 jan. 2014. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2014/01/23/mundial-da-educacao-saraus-das-cidades-sede-colaboram-com-a-mobilizacao-comunitaria/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

- Matéria sobre a origem dos saraus e a chegada dessa prática ao Brasil.

CAIRES, Luanne; FERNANDES, Leonardo. Escravidão contemporânea atinge milhões e pode ser combatida com auxílio da tecnologia. **Com Ciência**, 10 nov. 2018. Disponível em: <http://www.comciencia.br/escravidao-contemporanea-atinge-milhoes-e-pode-ser-combatida-com-auxilio-da-tecnologia/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

- A reportagem trata do trabalho análogo à escravidão e outros tipos de trabalho degradantes e apresenta algumas formas de combate essa prática.

D'AMORIM, Eduardo. **África e Brasil**: história e cultura. São Paulo: FTD, 2016.

- Livro sobre a ideia de que ainda faltam pesquisas para que se descubra a real contribuição africana (bem mais significativa do que se pensa) para a formação da sociedade brasileira.

EMPREGADA doméstica indígena é resgatada de trabalho escravo em São José dos Campos, SP. **G1, Vale do Paraíba e Região**, 4 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2019/09/04/empregada-domestica-indigena-e-resgatada-de-trabalho-escravo-sao-jose-dos-campos-sp.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2019.

- A reportagem relata a história de uma jovem indígena, oriunda do Amazonas, que foi levada para São José dos Campos (SP) por um casal e submetida a trabalho escravo.

FARIAS, Juliana Barreto. Senhora de si: a história da escrava que comprou sua liberdade, juntou patrimônio próprio e ainda entrou com ação de divórcio contra o marido. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 54, 24 jan. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160413005839/http://rhbn.com.br/secao/capa/senhora-de-si>. Acesso em: 15 out. 2019.

- O artigo conta a história da africana escravizada Rita Maria da Conceição, que, no século XIX, conseguiu comprar sua liberdade, juntar patrimônio próprio e se divorciar do marido, que a agredia.

JAKITAS, Renato. 12h por dia, 7 dias por semana, R\$ 936: como é pedalar fazendo entregas por aplicativo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 15 set. 2017. Infográficos. Disponível em: www.estadao.com.br/infograficos/economia,12h-por-dia-7-dias-por-semana-r-936-como-e-pedalarfazendo-entregas-por-aplicativo,1034668. Acesso em: 20 out. 2019.

- A matéria descreve a situação dos entregadores ciclistas que trabalham para aplicativos e enfrentam duras condições de trabalho para ganhar valores abaixo do salário mínimo nacional, mostrando que isso é reflexo da falta de oportunidades de emprego.

LAS CASAS, Frei Bartolomeu de. **O paraíso destruído**: brevíssima relação da destruição das Índias [1552]. Porto Alegre: L&PM, 2001.

- O relato de Frei Bartolomeu de Las Casas, publicado pela primeira vez em 1552, narra os inúmeros atos de violência cometidos pelos conquistadores espanhóis na América.

PRATES, Lubi. Para este país. In: PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. São Paulo: Nosotros, 2019.

- Poemas que relatam a experiência da autora de se reconhecer como uma mulher negra pela identificação e valorização de seus traços físicos.

REPORT of Commissioners on the employment of children's in factories (1832), in *Parliamentary Papers*, 1833, XX, apud SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Coletânea de documentos históricos para o 1º grau: 5ª a 8ª séries**. São Paulo, 1980.

- Relatório da década de 1830 que descreve as precárias condições de trabalho e de saúde de centenas de trabalhadores de diversas fábricas inglesas, mostrando o nível de exploração a que eram submetidos.

SAINTE-MAURE, Benedito de. História dos duques da Normandia, apud DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1982.

- Crônica histórica do século XII que relata a história dos duques da Normandia, descrevendo costumes da época e a divisão tripartite da sociedade francesa.

SANTOS, José. **Memórias de brasileiros**: uma história em cada canto. São Paulo: Peirópolis: Museu da Pessoa, 2008.

- Livro que reúne histórias de pessoas de diversas regiões do Brasil, escolhidas entre os milhares de depoimentos que compõem o acervo do Museu da Pessoa.

SUZUKI, Natália (org.). **Tráfico de pessoas**: mercado de gente. São Paulo: Repórter Brasil, 2016. Disponível em: <http://escravonempensar.org.br/biblioteca/trafico-de-pessoas-mercado-de-gente-2a-edicao-2/>. Acesso em 15 out. 2019.

- Caderno temático que discute o tráfico de pessoas pela perspectiva dos direitos humanos, mostrando situações de exploração que ocorrem no presente.

Projeto 3

ACNUR. **Migrações, refúgio e apatridia**: guia para comunicadores. Brasília, DF, 2019. *E-book*. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 6 jan. 2020.

- Guia voltado aos profissionais da comunicação com o objetivo de auxiliá-los a compreender a temática da migração para contribuir com abordagens consistentes, comprometidas com os fatos e empáticas com o tema.

ANTÔNIO, Moisés. O viajante. **MigraMundo**, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://migramundo.com/o-viajante-poema-de-mois-es-antonio/>. Acesso em: 8 nov. 2019.

- Poema que descreve a situação dos refugiados, mostrando as dificuldades vividas no país de origem, a saudade dos parentes e amigos, as expectativas em relação às novas possibilidades e a necessidade de acolhimento.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. A lei brasileira de refúgio: sua história. In: BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (org.). **Refúgio no Brasil**: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. Brasília, DF: Acnur: Ministério da Justiça, 2010.

- Artigo que traça um histórico da questão dos refugiados no mundo e no Brasil e mostra que, apesar de pouco conhecida, a lei brasileira é moderna e respeita as diretrizes humanitárias da ONU.

BRASIL. Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm. Acesso em: 9 nov. 2019.

- Essa Lei definiu os mecanismos para a implantação do Estatuto dos Refugiados das Nações Unidas, de 1951, e, entre outros, instituiu a natureza jurídica do refugiado e criou o Comitê Nacional para os Refugiados.

BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>. Acesso em: 14 nov. 2019.

- Essa Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do imigrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no país e estabelece os princípios e as diretrizes para as políticas públicas para o imigrante.

DERRIDA, Jacques. **Papel-máquina**. Tradução de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

- Discussão sobre a função do livro, da escrita e do próprio papel no início do século XXI, período em que o uso dos suportes digitais e virtuais avançava cada vez mais rápido.

MISSÃO PAZ. **[Relato de refugiado congolês]**. [São Paulo, 2017]. Tumblr: gkfische. (Rostos da Migração). Disponível em: <https://gkfische.tumblr.com/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

- O site reúne várias fotografias e histórias de imigrantes, divulgando quem são essas pessoas e os motivos pelos quais elas vieram para o Brasil.

OLIVEIRA, Márcio de *et al.* **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil**: subsídios para elaboração de políticas. Brasília, DF: ACNUR, [2019?]. Resumo executivo. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versa%CC%83o-Online.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

- O estudo apresenta dados detalhados do perfil socioeconômico de parte dos refugiados que vivem no Brasil e foi elaborado com o objetivo de subsidiar políticas públicas de integração dessa população.

PROFESSOR do Sudão do Sul dedica sua vida para ensinar crianças refugiadas. **ONU Brasil**, 18 out. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/professor-do-sudao-do-sul-dedica-sua-vida-para-ensinar-criancas-refugiadas/>. Acesso em: 14 nov. 2019.

- A matéria relata o trabalho de Koat Reath, o professor sul-sudanês que utiliza a música para educar as crianças do Sudão do Sul refugiadas na Etiópia.

Projeto 4

BRETAS, Valéria. Os números que traduzem o perfil dos jovens brasileiros. **Exame**, 12 dez. 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-que-traduzem-o-perfil-dos-jovens-brasileiros/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

- A matéria traça o perfil socioeconômico dos jovens brasileiros a partir de dados retirados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), produzida pelo IBGE em 2015.

GARCIA, Cecília. A língua como forma de resistência: conheça o *rapper* indígena Kunumi MC. **Rede Peteca**: chega de trabalho infantil, [201-]. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/boas-praticas/jovens-atuantes/conheca-o-rapper-indigena-kunumi-mc/>. Acesso em: 20 dez. 2019.

- A matéria conta a história de Werá Jeguaka Mirim, escritor e cantor indígena de rap, e sua família, que utilizam a escrita e a música para conservar suas tradições, difundindo-as entre os jovens indígenas e lutando pela sua valorização entre a parcela não indígena da população brasileira.

MARLI, Mônica. Fora da escola e longe do mercado de trabalho. **Retratos**: a revista do IBGE, Rio de Janeiro, n. 18, p. 22-25, set./out. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/47ad07161ac72b90ad0b2387ab2dda34.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.

- O artigo discute o futuro dos jovens brasileiros em relação à vida profissional, fornecendo dados levantados pelo IBGE e elencando os principais problemas que atingem a juventude.

SILVA, Eliana Sousa. **Testemunhos da Maré**. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

- O livro discute a violência e a segurança pública através da atuação da polícia militar e dos grupos armados da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro.

SOBRINHO, André *et al.* (org.). **Caderno Juventudes**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2017. Disponível em: http://futurabucket2017.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/02/caderno_juventudes_v_digital.pdf. Acesso em: 18 dez. 2019.

- O caderno discute questões relativas à juventude, levando em consideração a diversidade dos jovens brasileiros e seus direitos.

Projeto 5

ASSOCIAÇÃO DAS EMISSORAS DE RADIODIFUSÃO DO PARANÁ. **Rádio impacta 86% da população, indica estudo da Kantar IBOPE Media**. Curitiba, 25 set. 2018. Disponível em: <https://aerp.org.br/geral/radio-impacta-86-da-populacao-indica-estudo-da-kantar-ibope-media/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

- A matéria apresenta os resultados de pesquisa sobre os ouvintes de rádio brasileiros, com perfil dessas pessoas e motivos pelos quais escolhem esse meio como fonte de informação e entretenimento.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. O que é Educomunicação? **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/inicio_oqueeeducacao.htm. Acesso em: 18 dez. 2019.

- O artigo explica o conceito de Educomunicação, conjunto de ações que visam ampliar as práticas de comunicação nas ações educativas.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Projetos de educação em rádio. **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/pdfs/projetos.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

- O artigo discute os projetos de radiodifusão relacionados à educação, chamados de rádio educativa, e apresenta diversos exemplos bem-sucedidos.

CAPELLO, Guilherme Henrique. Um encontro (histórico) entre o rádio e futebol na constituição cultural brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8. **Anais [...]**. Guarapuava: Unicentro, 2011.

- O artigo faz um histórico do momento em que o rádio e o futebol se encontraram no Brasil e passaram a atuar de forma integrada, enraizando-se na cultura brasileira e fortalecendo-se reciprocamente.

FERRARETTO, Luiz Artur. Afinal, quem inventou o rádio? **Caros Ouvintes**: Instituto de Estudo de Mídia. Florianópolis, 1 nov. 2009. Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/afinal-quem-inventou-o-radio/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

- O artigo trata da invenção do rádio, sua história e os detalhes do desenvolvimento desse meio de comunicação.

INOVAÇÕES e tecnologia podem revigorar o rádio convencional. **Jornal da USP**, 2 mar. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/inovacoes-tecnologia-podem-revigorar-o-radio-convencional/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

- O artigo relata as discussões travadas durante uma emissão da Rádio USP, na qual especialistas da área afirmam que as novas

tecnologias ajudam o rádio ao ampliarem as ferramentas e permitirem a criação de espaços para os discursos alternativos.

LIMA, Grácia Lopes; SOARES, Donizete. Rádio e educação: da produção radiofônica para o público à produção radiofônica com o público. In: DÂNGELO, Newton; SOUZA, Sandra Sueli Garcia de (org.). **Noventa anos de rádio no Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2016. *E-book*. Disponível em: www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/e-book_90_anos_de_radio_2016_0.pdf. Acesso em: 3 jan. 2020.

- O texto discute a relação entre o rádio e a educação e propõe a utilização do rádio como um meio educacional.

LOPEZ, Debora Cristina; QUADROS, Mirian Redin de. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 2015. p. 168. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20523/0>. Acesso em: 3 jan. 2020.

- O artigo discute as interações no meio radiofônico e propõe uma classificação dos tipos de interatividade e participação, considerando as diferentes ferramentas utilizadas, as formas de interação mediada e a influência dessas interações no conteúdo sonoro.

RÁDIO *on-line*: será que essa moda pega? Pegou... **Rádio Futura FM**. Disponível em: <http://www.radiofuturafm.com.br/radio-online-sera-que-essa-moda-pega-pegou/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

- A matéria trata da ampliação do público ouvinte das rádios *on-line* e da necessidade de os meios de comunicação tradicionais se adaptarem à nova realidade.

SOARES, Ismar de Oliveira. O rádio na escola: é possível? **Mídias na Educação**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/pdfs/naescola.pdf. Acesso em: 27 dez. 2019.

- O artigo trata da importância e das possibilidades de se utilizar o rádio e a linguagem radiofônica nas escolas como um recurso privilegiado no processo educativo.

VITOR, Sara Lemes Perenti. O papel social das rádios comunitárias. **Observatório da Imprensa**, n. 559, 12 out. 2009. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o-papel-social-das-radios-comunitarias/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

- A matéria discute as rádios comunitárias e seu papel de transformação dos indivíduos em cidadãos participativos.

Projeto 6

BORDAS, Marie Ange e as crianças da Barra do Ribeira. **Manual da criança caiçara**. São Paulo: Peirópolis, 2011.

- O livro relata o cotidiano, as brincadeiras, a alimentação, os costumes, as histórias etc. das crianças da Barra do Ribeira, em Iguape (SP).

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, fev. 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 6 dez. 2019.

- Decreto instituído com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, com

ênfase em reconhecer, fortalecer e garantir seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. **A juventude do Brasil também é quilombola**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://conaq.org.br/coletivo/juventude/>. Acesso em: 2 dez. 2019.

- A página dedicada ao coletivo da juventude negra quilombola contém informações sobre os princípios, objetivos e as ações dessa juventude.

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. Um mar de eucalipto: entrevista de Mauro Gonçalves. **Quilombos do Vale do Jequitinhonha: música e memória**. São Paulo: Nota Musical Comunicação, 2017.

- Na entrevista, Mauro Gonçalves, da Comunidade de Campinhos e Capim Puba, conta como as plantações de eucalipto afetaram o modo de vida local.

KRENAK, Ailton. O resgate do mundo mágico. In: WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. (coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC-SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial, 2006.

- Artigo que revela a importância da memória e da tradição oral para o povo Krenak.

MAXIMIANO, Claudina Azevedo; MENESES, Elieyd Sousa de. **Nova cartografia social da Amazônia: adolescentes e jovens indígenas do alto Rio Negro**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: UEA Edições, 2009.

- A publicação tem como objetivo mapear e divulgar a realidade dos jovens indígenas da região, apontando suas principais dificuldades e os desafios a serem transpostos por eles.

MINAS GERAIS. Ministério Público. Coordenadoria de Inclusão e Mobilização Sociais. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

- Cartilha que tem como objetivo reverter a situação de negação ou desconhecimento dos direitos dos povos e comunidades tradicionais, apresentando explicações sobre quem são esses povos, quais são os seus direitos e os caminhos para acessá-los.

NOVA cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil. **Comunidades tradicionais caiçaras da Jureia, Iguape-Peruibe**. Manaus: UEA, 2013. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/fasciculos/povos-e-comunidades-tradicionais-de-sao-paulo/>. Acesso em 27 nov. 2019.

- Publicação sobre a história das comunidades tradicionais caiçaras da Jureia, abordando atividades econômicas, costumes, tradições e transformações sofridas ao longo do tempo.

RDS BARRA do Una. **Guia de áreas protegidas**, 2020. Disponível em: <https://guiadeareasprotegidas.sp.gov.br/ap/reserva-de-desenvolvimento-sustentavel-barra-do-una/>. Acesso em: 16 dez. 2019.

- A página é dedicada à Reserva de Desenvolvimento Sustentável Barra do Una, apresentando informações e um histórico da região.

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR



SUMÁRIO

Apresentação	211	Avaliação de aprendizagem	224
Para começar – escola, transformação e projetos	212	Quadros de avaliação	225
O Novo Ensino Médio	212	Quadros de avaliação para o professor	225
Itinerários formativos, competências e habilidades	212	Quadro de avaliação para o estudante	225
Competências socioemocionais	214	Avaliação atitudinal	225
Projetos Integradores	215	Os Projetos Integradores deste livro	226
Metodologias de aprendizagem baseadas em Projetos Integradores	215	Estrutura dos Projetos Integradores	226
Perguntas-chave e sequências didáticas	218	Etapa 1: Vamos começar	226
Metodologias ativas	218	Etapa 2: Saber e fazer	226
Aprendizagens por resolução de problemas	219	Etapa 3: Para finalizar	226
Teorias cognitivas	220	Sugestões de cronograma	227
O que é um problema?	221	Projeto 1 – Sustentabilidade: que ações contribuem?	228
Os temas integradores	222	Projeto 2 – Escravidão: somos livres?	240
STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática)	222	Projeto 3 – Refugiados: como vivem no Brasil?	254
Como estimular o STEAM nos Projetos Integradores?	222	Projeto 4 – Estatuto da juventude: por que precisamos conhecer?	265
Protagonismo Juvenil	222	Projeto 5 – Rádio: como envolver a comunidade?	275
Como estimular o Protagonismo Juvenil nos Projetos Integradores?	223	Projeto 6 – Povos e comunidades tradicionais: quem são?	285
Mídiaeducação	223		
Como estimular a utilização da Mídiaeducação nos Projetos Integradores?	223		
Mediação de Conflitos	224		
Como estimular a Mediação de Conflitos nos Projetos Integradores?	224		

Apresentação

Caro professor, cara professora,

Os Projetos Integradores que elaboramos para vocês apresentam estudos interdisciplinares que abrangem a área de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, formada pelos componentes curriculares Sociologia, Filosofia, História e Geografia.

Os temas propostos no livro pretendem mobilizar o protagonismo juvenil e as competências e habilidades cognitivas e socioemocionais nos estudantes. Além disso, as ações elaboradas estimulam a investigação e instigam a reflexão.

Certamente, no cotidiano da sua escola, você já desenvolveu práticas integradoras em diferentes situações. Assim, ao preparar este Manual, pretendemos organizar e oferecer outras possibilidades de trabalhar em sala de aula temas e ações que fazem parte do cotidiano dos estudantes e da comunidade onde estão inseridos.

Sabemos que o livro é somente um dos instrumentos disponíveis para a produção de conhecimento. Por esse motivo, sugerimos recursos alternativos que ampliam e valorizam a capacidade de ação tanto do professor como dos estudantes.

Esperamos que as práticas desenvolvidas nos Projetos Integradores sejam úteis, dinâmicas e eficazes para você no propósito que é o de todo educador: o de formar e acolher todas as juventudes da escola.

Bom trabalho!

As autoras

Para começar – escola, transformação e projetos

As transformações sociais, científicas e tecnológicas no decorrer do século XX e nas primeiras décadas do século XXI atingiram fortemente o espaço escolar. A escola é um lugar voltado para a produção do conhecimento e, neste contexto de inovação, é desafiada a criar novas formas de produzir, transmitir e coletivizar o conhecimento para propiciar uma educação que estimule o desenvolvimento dos estudantes, a fim de adquirir condições de enfrentar as demandas do mundo contemporâneo.

[...]

As transformações sociais, políticas e econômicas que vivenciamos nas décadas recentes estenderam a educação formal para quase 100% da população, trazendo consigo demandas e necessidades de uma sociedade democrática, inclusiva, permeada por diferenças. Além disso, o surgimento de novas realidades e linguagens, digitais e virtuais vem demandando de educadores, políticos e da população em geral uma reinvenção da escola que conhecemos, cujo modelo se consolidou no século 19.

Para continuar ocupando o papel de destaque que as sociedades lhe destinaram nos últimos 300 anos, a escola depende, paradoxalmente, tanto da capacidade de conservar suas características de excelência e de produtora de conhecimentos como da capacidade de transformação para adaptar-se a novas tecnologias e exigências da sociedade, da cultura e da ciência. [...] (ARAÚJO, 2014, p. 8).

A necessidade de transformações fundamenta a elaboração de métodos que inovam as formas de desenvolver os conteúdos trabalhados na escola. Além disso, é preciso ressaltar que esses saberes proporcionam a busca de valores que podem influenciar na formação de um cidadão engajado na produção das prementes transformações sociais, científicas e econômicas, entre outras, que contribuirão para um futuro mais satisfatório para a humanidade.

Dentro dessa concepção, é indispensável a “reinvenção” de uma educação escolar que contemple a utilização das novas tecnologias na construção dos conhecimentos. É nesse contexto que propomos o trabalho com metodologias de projeto interdisciplinar na

escola, destinadas a propor situações de aprendizagem dinâmicas e investigativas, capazes de envolver estudantes e comunidade escolar não somente na produção de informações, mas também no desenvolvimento de habilidades, na mudança de comportamentos e na obtenção de conhecimentos significativos de forma cooperativa, integrada e criativa.

O Novo Ensino Médio

As rápidas transformações tecnológicas e culturais que ocorrem em nossa sociedade nos trazem também a tarefa de reavaliarmos, como professores, o que compreendemos por juventude. O reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos exige que passemos a compreendê-los como pessoas dotadas de singularidades que não correspondem à visão de que eles são apenas “adultos em formação”. É preciso reconhecer que existem múltiplas juventudes em nosso país, respeitando-as em sua pluralidade.

A presente obra foi elaborada de acordo com as orientações curriculares formuladas na Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, que se baseia na perspectiva da multiplicidade. Como se sabe, esse documento “é um conjunto de orientações que deverá nortear a (re)elaboração dos currículos de referência das escolas das redes públicas e privadas de ensino de todo o Brasil. A Base trará os conhecimentos essenciais, as competências, habilidades e as aprendizagens pretendidas para crianças e jovens em cada etapa da educação básica” (BRASIL, 2018).

Nesse contexto, uma ampla reformulação do currículo tem ocorrido em todas as etapas da Educação Básica. No caso do Ensino Médio, especificamente, a Lei nº 13.415/2017 definiu uma nova organização, considerando a complexidade do mundo do trabalho e da sociedade contemporânea. Essa reestruturação está prevista na BNCC e nos itinerários formativos baseados no desenvolvimento de competências e habilidades.

Itinerários formativos, competências e habilidades

A nova organização curricular tem primeiro como base a formação ética baseada nos valores de justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos e combate a preconceitos.

Ela prevê também os itinerários formativos, que “são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os

estudantes poderão escolher no Ensino Médio” (BRASIL, 2018). Por meio deles os estudantes poderão se aprofundar em uma ou mais áreas do conhecimento e, inclusive, buscar formação para seu futuro profissional. É importante destacar que as disciplinas (componentes curriculares) farão parte do processo de formação dos estudantes em cada itinerário, de forma integrada nas áreas. A interdisciplinaridade atua na integração de componentes curriculares com o propósito de relacionar temas e conteúdos específicos de cada área e promover o diálogo, a interação e a globalização dos saberes, como explica Hernández: “Globalizar, do ponto de vista escolar, significa somatória de matérias, conjunção de diferentes disciplinas ou ciências, centralizar múltiplos ângulos de um tema para descobrir conexões de saberes” (1998, p. 47). Assim, esta obra pretende oferecer caminhos de trabalho com abordagem globalizada e alinhada aos pressupostos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 470), na qual

[...] para cada área do conhecimento, são definidas **competências específicas**, articuladas às respectivas competências das áreas do Ensino Fundamental, com as adequações necessárias ao atendimento das especificidades de formação dos estudantes do Ensino Médio. Essas competências específicas de área do Ensino Médio também devem orientar a proposição e o detalhamento dos itinerários formativos relativos a essas áreas.

[...]

As competências e habilidades da BNCC constituem a **formação geral** básica. Os **currículos do Ensino Médio** são compostos pela formação geral básica, articulada aos **itinerários formativos** como um **todo indissociável**, nos termos das DCNEM/2018 (Parecer CNE/CEB nº 3/2018 e Resolução CNE/CEB nº 3/201858).

Portanto, em consonância com a BNCC, o novo Ensino Médio pretende ampliar os repertórios e a autonomia nos estudos, tendo como desafios o diálogo entre as áreas do conhecimento e o uso das novas tecnologias de maneira crítica e consciente. Espera-se, dessa forma, favorecer o protagonismo do jovem na escola e na sociedade e seu desenvolvimento socioemocional.

Mas e as competências, o que são? Competência é definida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais) e atitudes e valores, para

resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 8).

As competências gerais foram formuladas considerando-se a perspectiva de que os estudantes tenham acesso a uma educação integral, que inclui a aprendizagem de tecnologias presentes em nosso cotidiano. Por meio delas é esperado que os jovens aprendam a saber fazer, estando abertos e reagindo de forma autônoma às rápidas mudanças que vivenciarem. Dessa forma, o conjunto de competências consideradas imprescindíveis para que os estudantes atinjam os objetivos de aprendizagem, dominem procedimentos necessários e potencializem o desenvolvimento socioemocional na escola são, conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p. 9-10):

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais

(incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

O conjunto de competências gerais e específicas da área de Ciências Humanas possibilita que sejam delineados os conteúdos atitudinais e procedimentais pertinentes a cada turma, à estrutura da escola e à comunidade onde estão inseridos. Assim, para o Novo Ensino Médio, espera-se uma maior flexibilidade para que docentes

elaborem seus planos de ensino de acordo com o perfil e necessidades de seu público.

Competências socioemocionais

A educação tem mudado sua prática nos últimos anos para além do desenvolvimento das habilidades cognitivas vinculadas ao conhecer, compreender, relacionar, comparar, entre outras. Para a resolução dos problemas contemporâneos, considera-se também importante desenvolver as competências socioemocionais: ser solidário, trabalhar em grupo, ter empatia e ética, por exemplo, são valores essenciais para a formação de um cidadão autônomo, crítico e criativo para o mundo.

De acordo com as novas diretrizes da BNCC, as competências socioemocionais deverão ser incluídas ao currículo escolar. Assim, também cabe aos Projetos Integradores ampliar e relacionar os conhecimentos conceituais às atitudes, com o objetivo de mobilizar o estudante para uma aprendizagem significativa e integral para a vida no século XXI. Para tanto, cinco competências são essenciais (BRASIL, 2018):

Autoconsciência

Envolve o conhecimento de cada pessoa, bem como de suas forças e limitações, sempre mantendo uma atitude otimista e voltada para o crescimento.

Autogestão

Relaciona-se ao gerenciamento eficiente do estresse, ao controle de impulsos e à definição de metas.

Consciência social

Necessita do exercício da empatia, do colocar-se “no lugar dos outros”, respeitando a diversidade.

Habilidades de relacionamento

Relacionam-se com as habilidades de ouvir com empatia, falar clara e objetivamente, cooperar com os demais, resistir à pressão social inadequada (ao *bullying*, por exemplo), solucionar conflitos de modo construtivo e respeitoso, bem como auxiliar o outro quando for o caso.

Tomada de decisão responsável

Preconiza as escolhas pessoais e as interações sociais de acordo com as normas, os cuidados com a segurança e os padrões éticos de uma sociedade.

Assim, o grande desafio é investir nas competências acadêmicas e emocionais para beneficiar o estudante no seu desenvolvimento integral, contribuindo para aprimorar as relações no espaço escolar e da vida. Com essas diretrizes, é recomendável, sempre que for oportuno, tematizar questões relacionadas com problemas que ocorrem na vida do jovem, como casos de *bullying*, comportamento agressivo, violência praticada contra o outro ou autoprovocada, enfim, questões que interferem na saúde mental dos estudantes. Os Projetos Integradores, por sua metodologia, permitem que esses problemas também sejam trabalhados. A reflexão sobre eles pode ser bem-sucedida se resultar em atividades que promovam relações mais empáticas, respeitadas e éticas.

Projetos Integradores

A palavra projeto é derivada do latim *projectus*, que significa “lançar-se para frente”, possibilitando a ideia de movimento, de mudança. Os projetos podem ser entendidos como planos de ação ou estratégias organizadas de forma explícita para alcançar resultados determinados.

Se refletirmos sobre a educação escolar com base nessas ideias, a metodologia de projetos integradores de pesquisa é uma proposta que busca a solução de problemas como fonte de desafio e de aperfeiçoamento educacional. Ela se estrutura em experiências e vivências colaborativas envolvendo diferentes componentes curriculares integrados, para construir conhecimentos e promover o protagonismo do estudante. Os Projetos Integradores desenvolvem habilidades relacionadas à pesquisa, à tomada de decisões e à atuação em equipe para atingir objetivos determinados.

Como a aprendizagem não é exclusiva do espaço escolar, o estudante e a comunidade têm papel fundamental na construção do conhecimento motivado pelas perguntas suscitadas nos projetos. Dessa forma, no ensino promovido pela metodologia de projetos integradores de pesquisa, aprende-se com experiências colaborativas e atividades motivadoras, nas quais prevalece a comunhão de vivências entre estudantes, professores e comunidade escolar de forma significativa e contextualizada.

No Ensino Médio, podem-se buscar maior problematização e análise de contextos, conjunturas e fenômenos locais e globais. Dessa forma, por meio de métodos de pesquisa escolar, pautados em evidências

científicas, os estudantes podem construir hipóteses, argumentos e caminhos possíveis para solucionar problemas de suas realidades, contando com um professor cujo trabalho vai facilitar a aquisição de capacidades relacionadas com:

-
- a autodireção: pois favorece as iniciativas para levar adiante, por si mesmo e com outros, tarefas de pesquisa;
 - a inventiva: mediante a utilização criativa de recursos, métodos e explicações alternativas;
 - a formulação e resolução de problemas, diagnóstico de situações e o desenvolvimento de estratégias analíticas e avaliativas;
 - a integração, pois favorece a síntese de ideias, experiências e informação de diferentes fontes e disciplinas;
 - a tomada de decisões, já que será decidido o que é relevante e o que se vai incluir no projeto;
 - a comunicação interpessoal, posto que se deverá contrastar as próprias opiniões e pontos de vista com outros, e tornar-se responsável por elas, mediante a escrita ou outras formas de representação [...] (HERNÁNDEZ, 1998, p. 73 e 74).
-

Metodologias de aprendizagem baseadas em Projetos Integradores

Sabemos que nenhum conhecimento é estanque ou isolado, pois se integram a outros conhecimentos quando vistos em contexto. Áreas, saberes, competências e habilidades se relacionam dando origem a novos conhecimentos.

Ao definir os conteúdos que deverão ser desenvolvidos no ano letivo, os professores deparam com questões relacionadas ao que é, de fato, importante ensinar aos estudantes em cada componente curricular: Que conhecimentos são relevantes e que habilidades eles precisam desenvolver no Ensino Médio?

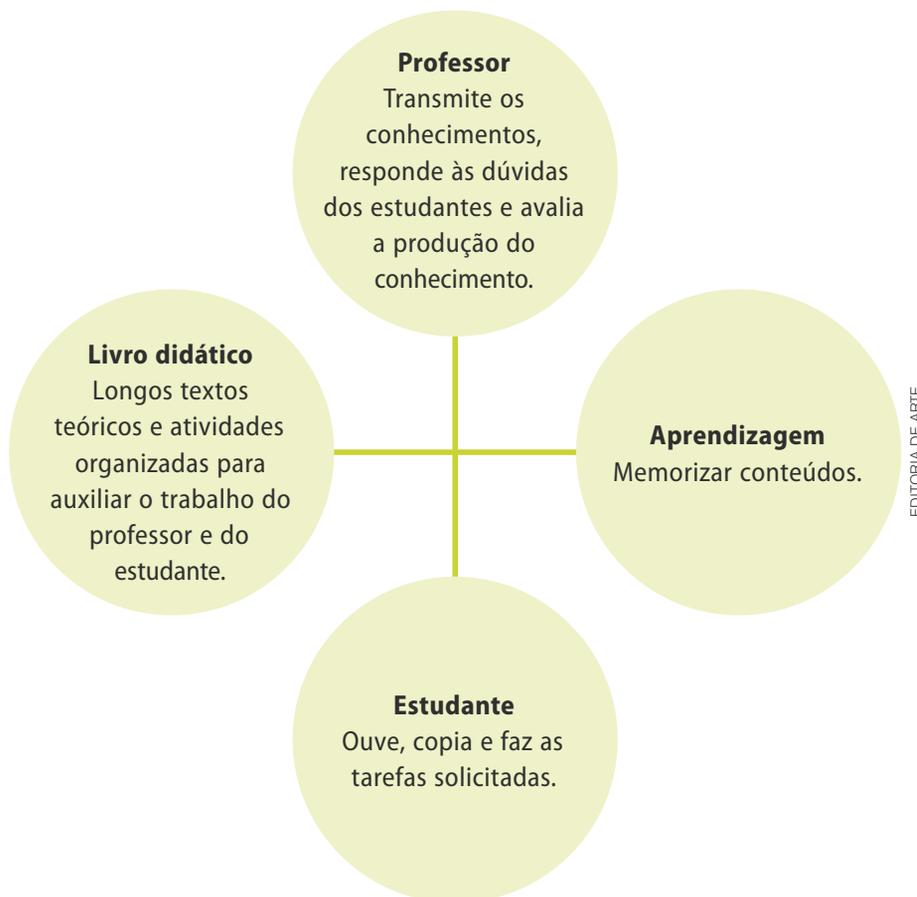
Nesse sentido, um planejamento escolar minucioso e bem organizado pode ajudar na seleção dos conteúdos adequados, haja vista não ser viável abarcar a totalidade de conteúdos de todos os componentes curriculares em um período letivo limitado. Além disso, um planejamento escolar que se propõe a esgotar os conteúdos acaba por não selecionar ou definir o que é o mais importante para o estudante aprender e desenvolver.

A metodologia de aprendizagem fundamentada em projetos interdisciplinares apresenta-se como uma estratégia didática voltada à construção de saberes significativos, que agregam conhecimentos de diversas disciplinas e ativam os saberes em direção a questões relacionadas ao cotidiano do estudante e do mundo que o cerca.

[...]

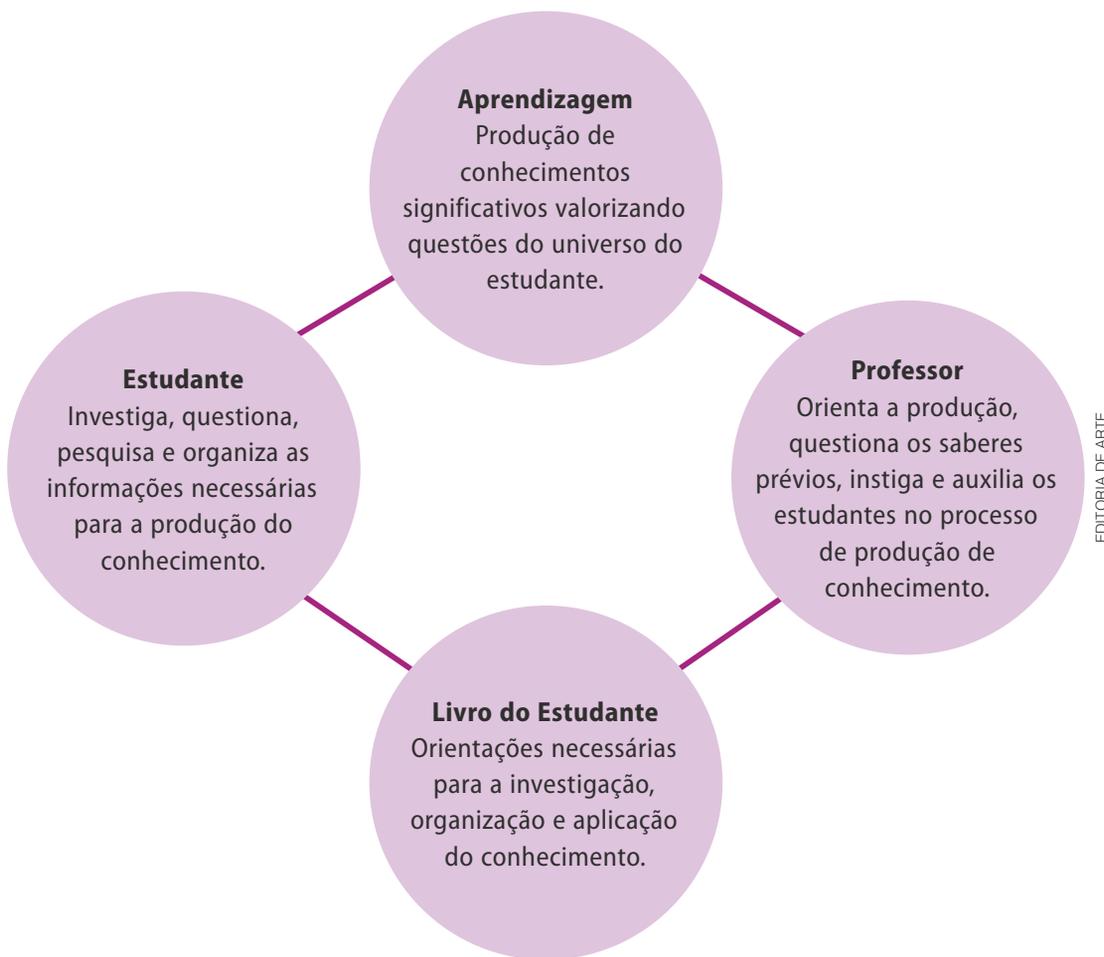
Todos os processos de organizar o currículo, as metodologias, os tempos, os espaços precisam ser revistos e isso é complexo [...]. Por isso, é importante que cada escola defina um plano estratégico de como fará estas mudanças. Pode ser de forma mais pontual inicialmente, apoiando professores, gestores e alunos – alunos também e alguns pais [...]. Podemos realizar mudanças incrementais, aos poucos ou, quando possível, mudanças mais profundas, disruptivas, que quebrem os modelos estabelecidos. Ainda estamos avançando muito pouco em relação ao que precisamos. [...] (MORÁN, 2015, p. 31).

Se, anteriormente, a função dos estudantes se restringia a aprender os conteúdos e a fazer tarefas, atualmente o que se espera é que eles tenham participação ativa no processo de aprendizagem. Nesta proposta, o professor deixa o papel centralizador que tradicionalmente é atribuído a ele. Tampouco os livros escolares precisam apresentar longos textos teóricos e atividades organizadas para auxiliar o trabalho do professor e do estudante.



EDITORIA DE ARTE

A aprendizagem aqui sugerida não se baseia na memorização de conteúdos. O que se espera na atualidade é ter o estudante como foco do processo de aprendizagem. O professor atua como orientador, instiga e auxilia os estudantes no processo de produção do conhecimento. O livro é um instrumento auxiliar, sistematizando o processo do conhecimento, oferecendo as orientações necessárias para a investigação, organização e aplicação do conhecimento produzido.



EDITORIA DE ARTE

Se assumimos que a aprendizagem tem como meta principal a produção de conhecimentos significativos, valorizando questões do universo do estudante e da comunidade escolar, o papel que cabe às escolas, aos professores e aos estudantes é pesquisar, refletir e experimentar soluções mais eficazes para problemas do mundo contemporâneo. Assim, a escola contribuirá para a construção de uma sociedade preocupada com o desenvolvimento de valores como respeito mútuo, ética, democracia, sustentabilidade e com a formação de cidadãos capacitados e questionadores, que buscam qualidade de vida e a preservação do planeta e dos seres que nele habitam.

A escola, como uma comunidade de investigação, deve proporcionar aos estudantes todos os meios possíveis para uma aprendizagem significativa, que lhes sirva futuramente para aprender com autonomia.

Melhorar a compreensão leitora é uma das dimensões essenciais desses objetivos.

[...]

Promover a antecipação ou predição de informações, acionar conhecimentos prévios, verificar hipóteses são algumas das estratégias que ele [o professor] pode ensinar os estudantes a realizarem para que eles tenham boa compreensão leitora. O certo é que o processo inferencial ocorre com grande dinamismo e conduz o leitor a organizar constantemente as informações para processar e compreender o que lê. Esse processo pode ser ensinado por meio de estratégias que conduzem à explicitação dos implícitos, ao preenchimento de lacunas com informações que emergem com base em pistas textuais associadas ao conhecimento de mundo que tais pistas requisitam e, além disso, à exclusão ou confirmação de hipóteses cuja pertinência depende de comprovação. A informação inferida não está no texto, mas só pode ser acessada por meio dele (DELL'ISOLA, 2014).

Perguntas-chave e sequências didáticas

Um dos alicerces da proposta desta obra são as perguntas-chave que abrem cada Projeto Integrador e que devem ser respondidas pelos estudantes. Trata-se de uma abordagem que lhes possibilita compreender que os saberes escolares têm relevância social e, somando-se ao processo de investigação e criação que eles desenvolverão durante as atividades aqui propostas, torna o ato da aprendizagem mais significativo para os estudantes.

Já as sequências didáticas são um recurso bastante útil no planejamento das atividades. Sabendo de antemão os recursos e as técnicas que utilizará, o professor poderá administrar melhor o tempo de cada aula e mais facilmente dimensionar a distribuição dos conteúdos ao longo do planejamento elaborado por ele.

Resumidamente, sequências didáticas são

[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos (ZABALA, 1998, p. 18).

A sequência didática está relacionada ao planejamento de ensino, o que implica objetivos e metas definidos a partir dos conteúdos a serem trabalhados.

[...] uma forma de planejamento de aulas que deve favorecer o processo de aprendizagem por meio de atividades planejadas e desenvolvidas como situações didáticas **encadeadas**, formando um percurso de aprendizagem para que o estudante construa conhecimentos ao realizá-las. Assim, as atividades que constituem uma sequência didática não são escolhidas aleatoriamente. O professor as **encadeia** a partir de sua hipótese sobre as necessidades de aprendizagem, de modo que cada atividade potencialize a outra, permitindo que os estudantes reelaborem conhecimentos, coloquem em uso e/ou ampliem o que já aprenderam. O professor cria nesses **encadeamentos** desafios perante os conteúdos apresentados [...] SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental: ciclo II**: Geografia. São Paulo: DOT, 2007.

Nesse excerto, evidencia-se a ideia de percurso, que remete ao caminho a ser trilhado pelo estudante, previamente definido pelo professor. E contribui com a ideia de itinerário formativo, tão caro aos pressupostos teóricos do Novo Ensino Médio. As hipóteses levantadas sobre as necessidades de aprendizagem indicam a importância da relação entre teoria e prática para a elaboração da sequência. Sendo a hipótese uma resposta preliminar a um problema ou a uma pergunta, em sala de aula, é importante que elas criem desafios vinculados às necessidades de aprendizagem identificadas também na sala de aula. É no contato regular com eles que o professor poderá reavaliá-las, tendo como base os referenciais teóricos adotados.

Metodologias ativas

As estratégias mencionadas até aqui, que buscam garantir uma aprendizagem significativa colocando o estudante como protagonista da produção do conhecimento, são chamadas metodologias ativas.

Sabe-se que as ações educativas, em qualquer âmbito, contribuem para a introdução, o desenvolvimento e a consolidação de diferentes conhecimentos ao longo da vida. No processo de construção do conhecimento escolar, é fundamental que as ações educativas sejam motivadoras, para que os estudantes possam compartilhar os saberes já adquiridos, fazer descobertas, desenvolver competências e adquirir novos conhecimentos.

As ações educativas devem assegurar que as intervenções didáticas atuem de forma que as atividades estimulem o desenvolvimento das estruturas cognitivas e afetivas. Além disso, as ações educativas também precisam possibilitar a formação para a cidadania, para que os estudantes, ao se apropriarem do conhecimento científico, compreendam melhor a realidade e manifestem consciência de seus direitos e de valores como justiça, igualdade e solidariedade.

Neste livro, baseamo-nos em pesquisas sobre ensino e aprendizagem que mostram diferentes maneiras de estimular o pensamento crítico e de promover a capacidade de argumentar e resolver problemas. Dessa forma, pretende-se que os estudantes questionem ou ampliem a visão que possuem, apropriando-se de experiências que instigam o saber e o saber fazer, sempre amparados no conhecimento científico.

As abordagens educacionais, tanto no âmbito curricular quanto em relação às metodologias de ensino, destacam cada vez mais o protagonismo do estudante na construção do conhecimento, a ampliação do repertório cultural e a formação de um sujeito de direitos. Isso implica mudanças ou ampliação de práticas pedagógicas que deem suporte a esse processo.

[...] As situações que nos parecem mais favoráveis ao processo de construção são aquelas em que o aluno participa efetivamente do planejamento das atividades, com objetivos claramente estabelecidos, mesmo que as tarefas e seu significado venham a se modificar ao longo da execução do projeto negociado com a turma. Quanto maior o envolvimento do aprendiz com o seu processo de aprendizagem, com os objetivos de seu conhecimento, maiores serão as possibilidades de uma aprendizagem significativa, de uma mudança conceitual efetiva e duradoura. Além disso, o processo favorece não apenas a aprendizagem de conceitos, mas ainda de procedimentos e atitudes em relação ao conhecimento e ao trabalho cooperativo. [...] (AGUIAR JR., 1995, p. 14).

Diante disso, com uma formação docente sólida, que considere os saberes conceituais e metodológicos do componente que será ensinado, o professor não apenas trabalha com esses conhecimentos e saberes, mas terá mais repertório e estratégias para integrá-los e relacioná-los a outros componentes ou áreas, organizando

suas aulas por meio de situações de aprendizagem que contextualizem os conteúdos.

Ao descrever uma situação, conjugando o conhecimento escolar à realidade do indivíduo, o professor estimula seus estudantes a aplicar conhecimentos em vivências cotidianas, facilitando a compreensão conceitual.

O professor, quando apresenta a origem científica dos saberes, observando um fato ou fenômeno ou provocando o estudante a superar uma visão estática e dogmática da natureza do conhecimento, ajuda-o a superar o senso comum. Dessa maneira, um ensino com foco na transmissão de dados e na memorização é um grande obstáculo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias para a metodologia ativa por resolução de problemas, pois ela envolve diferentes situações de aprendizagem, tais como relatos, discussões, argumentações, questionamentos e explicações, de modo a mobilizar o pensamento do estudante.

[...]

Uma só forma de trabalho pode não atingir a todos os alunos na conquista de níveis complexos de pensamento e de comprometimento em suas ações, como desejados, ao mesmo tempo e em curto tempo. Essa é a razão da necessidade de se buscarem diferentes alternativas que conttenham, em sua proposta, as condições de provocar atividades que estimulem o desenvolvimento de diferentes habilidades de pensamento dos alunos e possibilitem ao professor atuar naquelas situações que promovem a autonomia, substituindo, sempre que possível, as situações evidentemente controladoras.

Cabe ao professor, portanto, organizar-se, para obter o máximo de benefícios das Metodologias Ativas para a formação de seus alunos. [...] (BERBEL, 2011, p. 37).

Nos Projetos Integradores, quando se atua dessa forma, assume-se que a aula passa a ser investigativa, por meio da resolução do problema.

Aprendizagens por resolução de problemas

O método PBL (*problem-based learning*) ou ABP (aprendizagem baseada em problemas) visa a uma aprendizagem ativa e significativa orientada pelos

seguintes princípios: construtivo, colaborativo, contextual e autodirigido.

Nesse método, a partir da contextualização e da resolução de problemas reais, o estudante constrói ativamente o conhecimento de maneira colaborativa ao compartilhar tarefas e responsabilidades. O resultado, no decorrer desse trabalho, é a formação do sujeito e o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, como liderança, senso crítico, comunicação, trabalho em equipe, raciocínio lógico, entre outras.

No contexto das práticas pedagógicas, sabe-se que existem várias maneiras de ensinar e aprender; contudo, ao propor mudanças nas práticas de sala de aula, há a necessidade de fazer leituras de aprofundamento para que as alterações nas práticas não sejam compreendidas como “modismos pedagógicos”. A prática com base em metodologias ativas por resolução de problemas é um caminho de mudanças pedagógicas que possibilita mobilizar os estudantes para a construção do conhecimento e para a busca pela autonomia intelectual.

Muitos professores têm experiência em sala e consciência de que não há uma única e perfeita metodologia que resolva uma situação de ensino e aprendizagem. Também sabem, por experiências concretas, que algumas medidas reais e muito próximas do cotidiano podem tornar a aprendizagem mais estimulante e significativa, e o ensino, coerente com a proposta de formar sujeitos que contribuam com a sociedade, questionando valores, levantando hipóteses sobre o que lhes acontece e argumentando cientificamente sobre fatos e fenômenos.

Como qualquer método de ensino, o PBL tem diferentes formas de aplicação e princípios filosóficos e metodológicos. O PBL adota uma linha metodológica que, necessariamente, precisa apresentar problemas bem definidos, porque são eles que determinam os conceitos e conteúdos que serão desenvolvidos e a motivação que será gerada nos estudantes. Nesse sentido, o PBL supera uma prática de aula tradicional para torná-la um ambiente de ensino no qual estudantes e professores trabalham em conjunto para construir conhecimento com significado.

O que vai definir a qualidade do problema são o objetivo e o processo de investigação; e é no contexto da resolução que o estudante percebe os conteúdos embutidos no problema. Portanto, ao propor uma pergunta ou um problema, o estudante deve ser mo-

tivado a pensar, estabelecendo conexões entre áreas do conhecimento.

Ao conduzir uma aula que supera um ambiente tradicional, o professor permite ao estudante percorrer os próprios caminhos para a aprendizagem, pensando nos saberes científicos e, também, em como “fazer ciência” e em entender de que forma se pode investigar (pesquisar) por meio da resolução de problemas.

Pelas etapas do PBL, o professor planeja um percurso para a aula, considerando os interesses dos estudantes, seus conhecimentos prévios e as ações que podem desestabilizá-los cognitivamente, com o objetivo de obter mudanças conceituais e competências associadas à obtenção de informação e à resolução de problemas. Tendo por base os fundamentos da teoria de Ausubel (1968), a aprendizagem significativa poderá ocorrer se houver uma contextualização envolvendo fatos e fenômenos do cotidiano relacionados às explicações científicas. Essa linha metodológica pode acontecer em toda a educação básica.

A bibliografia a respeito do PBL informa que, até os anos 1980, sua aplicação estava majoritariamente vinculada ao currículo das áreas da saúde, como Medicina e Enfermagem, e aos cursos de Engenharia, Química e Física. Já nos anos 1990, propagaram-se experiências relacionadas ao PBL para as áreas de Direito e Administração e, no final dessa década, encontramos relatos do PBL aplicado ao Ensino Fundamental e Médio (GLASGOW, 1997; LAMBROS, 2002).

Teorias cognitivas

Os trabalhos recentes sobre PBL têm se apoiado em teorias cognitivistas, que são aquelas que investigam como o indivíduo interpreta e armazena a informação adquirida.

Pelas teorias cognitivistas, o indivíduo aprende por meio de um processo dinâmico, no qual o que será aprendido se relaciona com sua estrutura cognitiva e passa por um processo de organização, ruptura e atribuição de novos significados.

As primeiras aplicações dos estudos das ciências cognitivistas no campo da educação foram realizadas por Robert Gagné em meados dos anos de 1970. O modelo do tratamento da informação criado por Gagné contribuiu para melhorar a compreensão do processo de aprendizagem. A partir desse modelo, é possível ver que o processo de aprendizagem comporta três fases distintas, porém complementares: a aquisição, a

retenção e a transferência. Pode-se acrescentar a isso o desenvolvimento da metacognição.

Tomando por base a teoria cognitivista, o docente deve:

1. Ensinar explicitamente como fazer, quando fazer, onde fazer e por que fazer.
2. Assegurar-se de que as aprendizagens foram realizadas pelo menos algumas vezes em aula.
3. Ajudar o estudante a distinguir o essencial, a reter naquilo que viu e ouviu ou objetivar as aprendizagens realizadas em aula.

Para os cognitivistas, as atividades de aprendizagem constituem uma situação de resolução de problemas. No processo de aprendizagem, resolver diferentes problemas gera novos saberes (GAUTHIER; TARDIF, 2010).

O que é um problema?

A concepção em torno do que é um problema, adotada no desenvolvimento desse material, pode ser entendida na seguinte frase de Pozo, Postigo e Crespo (1995, p. 16):

[...] a solução de problemas estaria mais relacionada à aquisição de procedimentos eficazes para a aprendizagem, sendo um procedimento definido como um conjunto de ações organizadas para a consecução de uma meta.

[...]

Orientar o currículo para a solução de problemas significa procurar e planejar situações suficientemente abertas, para induzir os estudantes à busca e apropriação de estratégias didáticas; por exemplo, a pesquisa em fontes diversas e o uso de diferentes gêneros textuais para dar respostas a perguntas escolares e/ou para o desenvolvimento do conteúdo escolar.

Partir de uma pergunta ou de um processo investigativo para estudar reforça o enfoque das metodologias ativas, e isso pode ocorrer em qualquer área do conhecimento escolar.

A metodologia da resolução de problemas fundamenta-se na ideia de que a educação é uma ação e um processo exercidos na mediação entre professor e estudante. Sendo assim, no processo educativo, os estudantes devem ser estimulados a pensar, a ter consciência de suas capacidades de trabalhar por hipóteses, a ressignificar suas

experiências e a dar sentido ao que aprendem na escola. Carvalho (2011, p. 255-257) assim descreve as premissas iniciais de uma sequência de ensino investigativa:

-
- *Da importância de um problema para um início da construção do conhecimento.* Esse é um ponto fundamental que retiramos das leituras dos trabalhos piagetianos: sempre eram propostas questões para que o indivíduo organizasse seu pensamento. Esse ponto – a importância do problema como gênese da construção do conhecimento – também está presente nos trabalhos de Bachelard [...], quando ele propõe que “todo conhecimento é a resposta a uma questão”.
 - *Da ação manipulativa para a ação intelectual.* Traduzindo para o ensino a necessidade apontada pelos trabalhos de Piaget da passagem da ação manipulativa para a ação intelectual e vice-versa, isto é, da ação intelectual para a construção de novas hipóteses que levarão a uma ação manipulativa mais diferenciada, temos de criar espaços em nossas aulas [...] para que o aluno tenha a oportunidade de elaborar essas passagens.
 - *A importância da tomada de consciência de seus atos para a construção do conhecimento.* A tomada de consciência é um fator essencial na construção do conhecimento [...] sendo que o referencial teórico nos mostra que nem sempre isso acontece, de maneira espontânea. Assim, em uma sala de aula [...] cabe ao professor, por meio de questões, levar os alunos à tomada de consciência do que fizeram, isto é, quais foram suas ações, para resolver o problema proposto.
 - *As diferentes etapas das explicações científicas.* As discussões com os alunos precisam chegar até a etapa das explicações do fenômeno que está sendo estudado. Observamos esta fase quando, nas falas dos alunos, estes deixam de ser eles próprios os agentes e passam a falar do fenômeno com um agente ativo [...]. Alguns alunos vão além atribuindo uma inovação (uma nova palavra) à realidade para dar coerência a suas explicações. Ao responderem à pergunta “por que deu certo o problema?”, alguns alunos param nas explicações legais dando suporte às leis. Alguns alunos vão mais longe chegando às explicações

causais, e nessa hora eles vão procurar uma nova palavra em seu vocabulário para se comunicar – é o começo da conceitualização. Na sala de aula [...] o professor deve ter consciência dessa possibilidade ajudando os alunos na conceitualização do conteúdo e não esperando que todos cheguem sozinhos a essa etapa.

As atividades propostas visam vincular o estudante ao processo, ou seja, inseri-lo em situações reais, tais como um cenário do cotidiano, uma imagem, um vídeo, entre outras situações, reforçando a ideia de que a aprendizagem por descoberta promove significados.

Os temas integradores

O desenvolvimento de Projetos Integradores, nas perspectivas vistas anteriormente, contribui para o protagonismo de jovens ante a solução de desafios e fortalecimento das culturas juvenis. Dessa forma, em seu processo de instrumentalização para lidar com a problematização de questões presentes em seu cotidiano, a escola pode proporcionar um ambiente investigativo e criativo, valorizando a construção de conhecimentos com rigor científico, respeitando as singularidades dos jovens:

A argumentação pensada para a sala de aula tem como principal foco **valorizar o conhecimento a partir das evidências**, como uma ação que apoia a alfabetização científica dos estudantes, valorizando o conhecimento à luz dos processos de desenvolvimento das ideias dos estudantes. Esse tipo de preocupação direcionada para o desenvolvimento da leitura, da escrita ou da fala em ciências demonstra a necessidade de refletirmos como as evidências influenciam a argumentação dos estudantes, que, conforme destacamos, são importantes para compreendermos o processo de aprendizagem, paralelamente às garantias diferentes de suas crenças (CASTELLAR, 2018, p. 34).

Assim, nesta obra, o itinerário de pesquisa tem diferentes enfoques metodológicos para auxiliar a investigação e análise das perguntas-chave existentes ao longo da obra. Dessa forma, é preciso explicitar as nuances e especificidades de cada um dos temas integradores.

STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática)

A proposta visa desenvolver diferentes habilidades, inclusive com questões socioemocionais, por meio de atividades colaborativas e preparando o estudante para atuar na resolução de desafios futuros. Para os especialistas da Educação 4.0, termo ligado à revolução tecnológica que inclui linguagem computacional, inteligência artificial, internet das coisas (IoT) e *learning by doing*, que é aprender por meio de experimentação, projetos e mão na massa, é menos importante saber o que o estudante sabe e mais importante saber o que ele é capaz de fazer com o conhecimento adquirido.

Como estimular o STEAM nos Projetos Integradores?

O STEAM prioriza como metodologia a aprendizagem baseada em problemas, com procedimentos de investigação científica, estabelecendo algumas etapas como básicas: investigar, descobrir, conectar, criar, refletir.

Existem alguns métodos utilizados para esse processo:

- Modelo instrucional 5E: *engagement, exploration, explanation, elaboration e evaluation* – engajamento, exploração, explicação, elaboração e avaliação.
- Sequências de Ensino Investigativas (SEI), cujas etapas contemplam: proposição de um problema e sua resolução; sistematização dos conhecimentos levantados pelo grupo; registros individuais e possíveis leituras complementares propostas pelo professor; contextualização e aprofundamento com a importante participação do professor e de todos os grupos; avaliação e autoavaliação do processo investigativo.
- Ciclo investigativo: orientação, conceitualização, investigação, conclusão e discussão. E as subfases: questionamento, geração de hipóteses, exploração, experimentação, interpretação dos dados, comunicação e reflexão.

A adoção de STEAM no processo de aprendizagem prevê a interdisciplinaridade de áreas do conhecimento para despertar a criatividade, inventividade, empatia, humanismo e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à vida contemporânea, como o pensamento computacional e o espírito “faça você mesmo” da cultura *maker*.

Protagonismo Juvenil

A principal ideia difundida pelo tema integrador Protagonismo Juvenil é a participação dos jovens na

escola, na comunidade e na sociedade. Nesse tema, os estudantes são estimulados a usar a arte e a cultura para trabalhar o autoconhecimento, a relação com o outro, o cuidado de si, do grupo e da comunidade, percebendo seus papéis nas ações identificadas como necessárias para melhorar o entorno e a sociedade.

Como estimular o Protagonismo Juvenil nos Projetos Integradores?

Destacamos a seguir alguns dos objetivos dos Projetos com foco nesse tema integrador:

- Incentivar os estudos de temas relacionados à prática de valores e à participação ativa dos jovens na perspectiva cidadã.
- Identificar, interpretar e ressignificar as manifestações artísticas e culturais presentes nas localidades onde os jovens vivem e atuam.
- Desenvolver estudos e trabalhos em grupo que estimulam a troca de informações e o compartilhamento de ideias para o desenvolvimento de estudos coletivos focados na ação integrada dos estudantes.

No processo de construção do conhecimento proporcionado na metodologia de projetos, são oferecidas experiências que reportam a algo que apresenta significado, que “faz sentido”. Por essa razão, faz-se necessária a inserção de propostas ligadas às manifestações culturais juvenis no cotidiano escolar.

A cultura juvenil está associada à forma como a juventude assimila e reinterpreta as diversas formas de cultura nas quais vivem. Ela é marcada pelo modo como jovens se comportam, se expressam e se manifestam por meio de estilos e de modos de vida na sociedade. Assim, em vista da metodologia adotada nesta obra, consideramos que é preciso valorizar:

[...] “aprendizagem significativa para jovens e adultos e o reconhecimento e priorização da interlocução com as culturas juvenis”. O mundo da cultura, por ser um espaço privilegiado no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil, não pode ser desconsiderado nas práticas metodológicas com jovens. Quando falamos das culturas juvenis, estamos nos referindo, portanto, a todos os elementos que demarcam uma identidade própria desse grupo, por exemplo, a linguagem, as roupas e acessórios, os estilos musicais, os aparelhos tecnológicos, os espaços e modos de lazer e sociabilidade. O uso de tais elementos dentro da escola para desenvolver o

currículo pode e deve ser considerado, uma vez que pode aproximar a escola dos jovens, criando situações de diálogo entre a cultura escolar e as culturas juvenis (ALVES; HERMONT, 2014, p. 17-18).

As situações de diálogo mencionadas são um meio de efetivar o ponto de vista no qual a juventude deixa de ser um mero preparo para a vida adulta e os jovens passam a ser considerados sujeitos que produzem, criam e são comprometidos socialmente, com capacidade para atuar no presente e colaborar com a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Mídiaeducação

No nosso dia a dia, percebemos facilmente o impacto das tecnologias midiáticas em diversos setores do dia a dia, bem como nas nossas tarefas ligadas à vida social, aos estudos e ao lazer. Apresentando papel de destaque, as mídias atuam na elaboração e difusão de informações e conhecimentos, e seus produtos e serviços transformam de forma significativa a sociedade.

Como estimular a utilização da Mídiaeducação nos Projetos Integradores?

No cotidiano escolar, as mídias atuam na produção e transmissão de conhecimentos e formas de expressão. Ressaltamos a seguir alguns dos objetivos propostos no desenvolvimento dos Projetos Integradores para esse tema:

- Apresentar propostas que evidenciem como as mídias fazem parte da cultura contemporânea e como desempenham papel de destaque na vida dos estudantes, estimulando a elaboração de diferentes produtos da mídia impressa, da digital e da eletrônica.
- Possibilitar a utilização de diferentes mídias na produção de ações relacionadas com o exercício da cidadania.
- Apresentar o tema de maneira criativa e crítica, fornecendo aos estudantes os conhecimentos necessários para que possam se tornar consumidores e produtores de conteúdo responsável de tecnologias.

Os recursos midiáticos geram novos modos produzir e difundir conhecimentos. A ampliação das fontes de informação e de opiniões é parte importante na produção da pesquisa e da investigação. Os estudantes devem ser orientados para a elaboração de procedimentos de

checagem dos fatos e opiniões amplamente divulgados na mídia. Os Projetos Integradores relacionados à Mídiaeducação devem apresentar propostas que possibilitem aos estudantes a apropriação desses recursos e uma atuação ética e crítica na produção e divulgação de informações.

Mediação de Conflitos

O conflito sempre esteve presente em todos os ambientes de convivência humana, inclusive no escolar. Por esta razão, é preciso entender o conflito e reconhecê-lo como uma oportunidade de crescimento e aprendizagem.

Como estimular a Mediação de Conflitos nos Projetos Integradores?

A Mediação de Conflitos possibilita o diálogo, a negociação e tomada de decisões individuais e coletivas que contribuem para a melhoria da qualidade da convivência humana. O Projeto Integrador elaborado para a Mediação de Conflitos apresenta propostas que estimulam a escuta ativa, a comunicação, a empatia e o estabelecimento de uma relação mais harmoniosa entre as partes envolvidas. Ressaltamos a seguir alguns dos objetivos propostos no desenvolvimento do Projeto Integradores:

- Apresentar propostas e práticas em que sejam desenvolvidas situações de aprendizagem com diferentes fontes de informação, que embasem e sustentem argumentos e possibilitem negociações.
- Possibilitar práticas e vivências que permitam o diálogo e a troca de experiências, permitindo a construção de ambientes nos quais prevaleçam o respeito e a tolerância.
- Proporcionar situações e estudos de casos que estimulem o conhecimento e a interpretação dos Direitos da Criança e do Adolescente, a aproximação com as temáticas de Direitos Humanos e com práticas consensuais de solução de controvérsias.
- Identificar situações de conflito cotidianas e evidenciar as controvérsias, discutindo pontos de vista e as vantagens e desvantagens de cada posição, buscando a resolução de problemas de maneira respeitosa e criativa.
- Observar e constatar formas de conflito e violência na escola, como danos ao patrimônio, agressões verbais ou físicas e casos de *bullying*, e propor situações de

aprendizagem que propiciem o gerenciamento e a solução dos problemas evidenciados.

Avaliação de aprendizagem

O processo de aprendizagem e de avaliação está diretamente relacionado com o ato de aprender e de ensinar. Nesses processos é preciso levar em consideração o enfoque pretendido, isto é, se o objetivo é averiguar se o estudante assimilou e aprofundou informações sobre um tema ou se associou os conceitos e informações com situações do cotidiano. Assim, é essencial que o processo de avaliação seja funcional e adequado aos objetivos propostos. Por ser um processo contínuo, sistemático e ordenado, a avaliação deve ser discutida com os estudantes, que precisam saber “como, por que e para que” são avaliados. Desse modo, os estudantes entendem que não são avaliados pela produção final, mas durante todas as propostas de trabalho.

Como na aprendizagem proposta em projetos, o problema é o ponto de partida. É fundamental que todos os procedimentos sejam planejados e definidos em todo o processo desenvolvido. Estudantes e professores estabelecem as melhores formas de atuar diante dos problemas propostos, utilizando como base os procedimentos adequados de investigação e pesquisa. Desta forma, entende-se que a aprendizagem é mutável e imprevisível e que existem muitas possibilidades ou caminhos para produzir respostas às perguntas propostas.

Além disso, o processo de avaliação não deve se limitar a um instrumento ou forma avaliativa. As propostas oferecidas nos Projetos Integradores permitem que os professores tenham à sua disposição diversos instrumentos e possibilidades de avaliação coerentes com as expectativas e os objetivos propostos e com as competências e as habilidades previstas. Métodos e práticas distintas de avaliação, que oferecem aos estudantes diferentes possibilidades de demonstrar o conhecimento e ao professor diversas maneiras de verificação da aprendizagem, estabelecem um contínua relação entre o avaliador e a pessoa avaliada, entre professor e estudante. Desta forma, é possível verificar a intenção do avaliador e o aprendizado dos estudantes.

Quadros de avaliação

Nos Projetos Integradores, a avaliação está diretamente relacionada ao acompanhamento de cada proposta apresentada para os estudantes. É fundamental que o professor considere na avaliação todos os objetivos sugeridos em todas as etapas e que observe como o estudante atuou nas propostas de trabalho em grupo, em dupla ou individual.

Avaliar nessa perspectiva coloca a produção dos estudantes em outro patamar, pois o mais importante é acompanhar o processo de escolha e a construção dos caminhos escolhidos para resolver os problemas, perceber os argumentos utilizados em grupo e fundamentar a avaliação a partir dos objetivos definidos para as aulas.

O trabalho em seu conjunto – avaliação coletiva e individual – permite ao estudante uma real dimensão do que de fato aprendeu e mostra ao professor o que deve ser feito para que ocorra a aprendizagem, especialmente no caso dos estudantes que não tiveram um desenvolvimento esperado ou não chegaram a compreender alguma das etapas propostas nos itinerários.

É importante que todas as atividades estejam registradas, para que sejam analisadas em seu conjunto, valorizando a produção de todos os estudantes em relação aos saberes adquiridos e às competências e habilidades previstas. Partindo dessa necessidade, sugerimos quadros de avaliação para o professor, com as competências gerais, as específicas, as habilidades relacionadas, os objetivos e as atividades propostas em cada etapa do Projeto.

Quadros de avaliação para o professor

O quadro de avaliação proposto para o professor permite o acompanhamento minucioso do desenvolvimento da produção dos estudantes. Apresentamos sugestões de quadros de avaliação para o professor no final das orientações específicas, acompanhando cada Projeto Integrador proposto na obra. Os quadros de avaliação podem ser utilizados nos momentos das ações relacionadas. Se considerar adequado, amplie o quadro com outras propostas ou ações, conforme as necessidades do grupo e da comunidade escolar.

O importante é permitir que, ao final da avaliação, os estudantes, com o professor, estabeleçam compromissos e metas para as próximas etapas de produção do conhecimento.

Quadro de avaliação para o estudante

Os quadros de avaliação apresentados no **Livro do Estudante**, na etapa de finalização do Projeto, possibilitam ao professor e ao estudante uma rápida localização das atividades desenvolvidas. Observe, a seguir, como os critérios de avaliação adotados são claros e diretos, possibilitando ao estudante momentos de reflexão. São eles:

- Realizei com facilidade
- Realizei
- Realizei com dificuldade
- Não realizei

Os quadros podem ser copiados em folha avulsa e preenchidos pelos estudantes individualmente, no momento de finalização de cada etapa ou no final do itinerário. Sugerimos que eles utilizem os quadros como ferramentas de reflexão e construção do auto-monitoramento.

Após o preenchimento, se achar adequado, organize conversas individuais ou coletivas com os estudantes para identificar possíveis problemas no processo de aprendizagem, sugerir métodos e práticas de aprimoramento, destacar os avanços na produção do conhecimento, entre outras estratégias para aprimorar o desempenho dos estudantes.

Avaliação atitudinal

A escola é um lugar privilegiado para pensar estratégias que incentivem os estudantes a respeitar e construir atitudes relacionadas ao desenvolvimento da identidade e à formação cidadã.

A seguir, apresentamos uma proposta de quadro de avaliação atitudinal que possibilita ao estudante tomar consciência das suas atitudes durante o percurso de aprendizagem, refletindo sobre as atitudes individuais e em colaboração com os colegas. Sugerimos que o quadro seja utilizado como um convite para uma conversa entre docente e educando, logo após a reflexão individual do estudante.

A conversa sobre as questões inseridas no quadro possibilita o diálogo entre professor e estudante acerca das propostas apresentadas no decorrer do itinerário e auxilia ambos no planejamento de ações futuras. Observe a seguir.

	Sempre	Frequentemente	Raramente	Nunca
Realizou trabalhos nas datas sugeridas de forma atenta e responsável.				
Atuou com organização, trazendo para as aulas todo o material solicitado.				
Expressou-se com clareza, compartilhando dúvidas e opiniões.				
Respeitou os momentos de silêncio necessários para o desenvolvimento das produções.				
Escutou com atenção as explicações e proposições do professor, colegas e outras pessoas envolvidas nas atividades.				
Apresentou atitude colaborativa, compartilhando opiniões, sugestões e propostas com os colegas.				
Atuou de forma sensível e respeitosa em relação às dificuldades apresentadas pelos colegas.				

Se considerar adequado, amplie o quadro com outros temas relacionados à atitude e à postura dos estudantes, conforme as necessidades do grupo e da comunidade escolar.

Os Projetos Integradores deste livro

Neste livro apresentamos 6 Projetos Integradores organizados nos 4 temas integradores: STEAM, Protagonismo Juvenil, Mídiaeducação e Mediação de Conflitos. Considerando os referenciais teóricos expostos anteriormente, trilhamos um percurso que contempla os diversos momentos e procedimentos para a construção do produto final, a partir de questões geradoras, levantamento de conhecimentos prévios, sensibilização, problematização, recorte do objeto de investigação, pesquisa e mobilização de habilidades e competências para construir argumentos e solucionar a pergunta-chave de cada Projeto.

Estrutura dos Projetos Integradores

Os Projetos Integradores foram planejados e divididos em 3 etapas:

ETAPA 1: Vamos começar

Nessa etapa, a pergunta-chave é evidenciada e o tema é apresentado por meio de atividades de sensibilização que visam ao levantamento de conhecimentos prévios dos estudantes e à problematização envolvida no percurso do Projeto. Após esse momento, o processo de investigação é planejado e os grupos de trabalho são organizados levando em consideração diferentes critérios de seleção dos componentes.

ETAPA 2: Saber e fazer

Após a apresentação do tema, o próximo momento é de ampliar os conhecimentos dos estudantes, por meio de subsídios e atividades que os convidem à investigação científica. O livro oferece uma diversa gama de textos, infográficos, fotografias, ilustrações, entre outros recursos, que pretendem nortear o itinerário de investigação. Este é aprofundado nas atividades de pesquisa e sistematização dos conhecimentos pesquisados, os quais serão utilizados na próxima etapa.

ETAPA 3: Para finalizar

Nesse momento, são mobilizados os conhecimentos levantados nas etapas anteriores para a composição

do produto final. As etapas anteriores são retomadas, junto com as atividades de sensibilização e pesquisa propostas, na intenção de elaborar um produto baseado na aprendizagem significativa e com função social. Após a produção e apresentação do produto,

professor e estudantes são convidados à realização de diferentes propostas de avaliação e de autoavaliação.

Observe a seguir um quadro que apresenta os temas, os títulos com a pergunta-chave e os produtos finais que foram propostos e desenvolvidos na obra.

Temas integradores	Projetos Integradores	Produto final
STEAM	Sustentabilidade: que ações contribuem?	Proposta de elaboração de ação sustentável e mostra de projetos
Protagonismo Juvenil	Escravidão: somos livres?	Elaboração de poemas, relatos, contos ou músicas para o sarau sobre o tema: Escravidão: somos livres?
Mídiaeducação	Refugiados: como vivem no Brasil?	Painel em mídia digital que retrata como vivem os refugiados no Brasil
Mediação de Conflitos	Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?	Seminário e roda de conversa sobre os direitos estabelecidos no Estatuto da Juventude
Mídiaeducação	Rádio: como envolver a comunidade?	Elaboração de programa de rádio na comunidade escolar
Protagonismo Juvenil	Povos e comunidades tradicionais: quem são?	Mapa pictórico do modo de vida e da cultura dos povos e comunidades tradicionais

Cada um dos 6 Projetos pode ser realizado por livre escolha dos professores. A seleção do professor que vai liderar cada Projeto pode ser estabelecida por afinidade, conhecimento ou experiência em relação aos assuntos e temáticas tratados. Na parte específica destas **Orientações**, dedicada a cada Projeto, evidenciamos algumas temáticas que prioritariamente podem ser desenvolvidas por professores de determinados componentes curriculares. As abordagens, orientações e sugestões aqui propostas, porém, permitem que qualquer professor, de qualquer componente curricular da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, possa desenvolver os Projetos Integradores desta obra.

Sugestões de cronograma

Com o propósito de facilitar o trabalho do professor, mas sem engessá-lo, sugerimos a seguir duas possibilidades de cronograma para o desenvolvimento dos Projetos Integradores. Nessa condição, cada Projeto pode ser desenvolvido ao longo de um bimestre. A seguir, sugestão da quantidade de aulas destinadas a cada uma das etapas, considerando uma aula por semana.

Cronograma bimestral – Total de 8 aulas	
Etapa 1	2 aulas
Etapa 2	4 aulas
Etapa 3	2 aulas

Caso seja mais adequado à sua realidade escolar, o Projeto pode ser desenvolvido em um trimestre, também considerando uma aula por semana. Para isso, basta utilizar as atividades e propostas de ampliação sugeridas no manual.

Cronograma trimestral – Total de 12 aulas	
Etapa 1	3 aulas
Etapa 2	6 aulas
Etapa 3	3 aulas

No caso da preferência pelo desenvolvimento de forma completamente integrada, a quantidade de aulas destinadas ao projeto pode ser ampliada e combinada com todos os professores participantes.

Sustentabilidade: que ações contribuem?

> **TEMA INTEGRADOR:** STEAM

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar as iniciativas sustentáveis que ocorrem na cidade ou na comunidade com o objetivo de refletir sobre princípios, valores e ações que contribuem para entender o conceito de sustentabilidade e para fomentar a corresponsabilidade na preservação dos recursos naturais.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

As iniciativas de sustentabilidade podem ser dirigidas a diferentes âmbitos – ambiental, social, econômico etc. –, tendo a cooperação como base para concretizar essas propostas. Um dos focos deste projeto é incentivar a reflexão sobre propostas para cidades ou comunidades que contribuam para aumentar a urbanização inclusiva e sustentável e a capacidade para o planejamento e a gestão participativa, integrada e sustentável dos assentamentos humanos. O projeto objetiva motivar uma proposta de ação sustentável que possa contribuir com os desafios locais e globais.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 1, 2, 5, 7 e 10

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 1, 3 e 4

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS106, EM13CHS301 e EM13CHS404

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 3:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.
- Materiais relacionados à forma selecionada pelo grupo para apresentar o trabalho, que pode ser maquete ou croqui, pôsteres ou apresentações em *slides*.

Introdução

No projeto **Sustentabilidade: que ações contribuem?**, o componente curricular Geografia tem destaque, podendo o professor dessa disciplina assumir a condução, mas são indispensáveis as parcerias com História, Filosofia e Sociologia. Vale ressaltar que, dependendo do projeto de ação sustentável desenvolvido por cada grupo, as parcerias com áreas como a de Ciências da Natureza e suas Tecnologias serão fundamentais para a criação de argumentos sólidos e com fundamentos teóricos pertinentes.

Propõe-se neste projeto que os estudantes deixem a condição de observadores e passem a integrar as ações propostas como investigadores, protagonistas e agentes de transformação nas localidades em que habitam. O STEAM como tema integrador favorece essa mudança, à medida que coloca os estudantes no centro do processo

cognitivo, que é interdisciplinar e colaborativo e tem o professor como um mediador que coopera e orienta.

As competências gerais propostas pela BNCC visam à formação integral dos indivíduos e devem orientar os objetivos de todos os componentes curriculares ao longo de toda a escolaridade. As propostas deste projeto contemplam algumas competências gerais da BNCC e competências específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Elas exercitam a curiosidade intelectual e a criatividade dos estudantes para a elaboração de hipóteses e explicações relacionadas à sustentabilidade e estimulam a valorização de conhecimentos históricos e sociais, tal como preveem as competências gerais 1 e 2. No decorrer da investigação, os estudantes são orientados a utilizar tecnologias digitais no desenvolvimento das atividades e a atuar coletivamente para a produção de conhecimentos com base em princípios sustentáveis

e democráticos, como é sugerido nas competências gerais 5 e 10. Além disso, os estudantes são convidados a planejar e elaborar propostas de ações sustentáveis, utilizando diferentes linguagens e tecnologias digitais, de forma ética e reflexiva, para produzir conhecimentos e promover a consciência socioambiental, que é evidenciada na competência geral 7 e na habilidade EM13CHS106 da BNCC.

É recomendável que você conheça as competências, mas mantenha o foco no trabalho com as habilidades, já que elas contribuem para o desenvolvimento das competências. Durante a descrição das etapas de desenvolvimento do projeto, evidenciaremos as competências e as habilidades que atuam na construção dos conhecimentos.

Orientações didáticas

➤ Páginas 14 e 15

> **ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR**

Engajamento: jovens e ações sustentáveis

Logo no início do projeto **Sustentabilidade: que ações contribuem?**, é importante conversar sobre as ideias prévias que o grupo tem sobre o tema. Não se trata ainda de apresentar ou discutir conceitos, mas sim de ouvir impressões, suposições e exemplos dos estudantes. É importante deixar que falem livremente, façam perguntas entre si e exponham dúvidas. É uma forma de aproximar o grupo da primeira leitura proposta, nas páginas **14** e **15**. Nesta leitura identificamos e discutimos o trabalho científico e tecnológico da primeira brasileira a ganhar o Prêmio Jovens da Terra, da Organização das Nações Unidas (ONU), e evidenciamos os efeitos desse fato para a comunidade, remetendo à competência específica 4 e à habilidade EM13CHS404.

A leitura do texto pode ser coletiva ou individual e silenciosa; utilize a opção mais adequada para a sua turma. Solicite aos estudantes que usem o caderno para anotar dúvidas, comentários e outras informações. Assim, estarão preparados para responder às questões. Possibilite aos estudantes o tempo necessário para a elaboração das atividades **1** e **2** e para a elaboração da investigação proposta na atividade **3**. Após a resolução das atividades, sugerimos que as respostas sejam compartilhadas. Solicite aos estudantes que leiam o que produziram para os colegas e estimule que as

discussões ocorram de forma que todos tenham voz e sejam ouvidos e respeitados. A atividade deve ser acompanhada de perto por você, que vai monitorar as trocas e fazer as intervenções necessárias.

Ampliação

- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é – o que não é. Petrópolis: Vozes, 2017.

O autor traça um amplo painel histórico sobre o conceito de sustentabilidade, do século XVI até os dias atuais, e defende modelos de desenvolvimento sustentável que devem ser aplicados de forma global e integral.

➤ **Atividades** propostas na página 15

1. Espera-se que os estudantes apresentem, em linhas gerais, o percurso de Anna Luisa a partir de 2013, desde o primeiro contato com a 23ª edição do Prêmio Jovem Cientista (CNPq), em que criou um projeto para resolver o problema da falta de água potável no semiárido da Bahia, passando pelas pesquisas no Ensino Médio e o aprofundamento no curso de Biotecnologia, até 2019, quando recebeu o Prêmio Jovens da Terra (ONU) com o projeto Aqualuz.
2. Espera-se que os estudantes percebam que o projeto de tornar potável a água no semiárido da Bahia é uma iniciativa sustentável, tanto do ponto de vista ambiental, na medida em que usa a água das chuvas captada nas cisternas, quanto do ponto de vista social e econômico, pois melhora a qualidade de vida e reduz os gastos da comunidade, que é beneficiada com a água potável oferecida pelo projeto Aqualuz.
3. Oriente os estudantes a buscar informações nos *sites* indicados a seguir. No portal **Prêmio Jovem Cientista**, eles podem encontrar os objetivos da premiação na aba “Regulamento”, no art. 2º: “revelar talentos, impulsionar a pesquisa no país e investir em estudantes e jovens pesquisadores que procuram inovar na solução dos desafios da sociedade brasileira”. Chame atenção dos estudantes para o art. 3º, o qual explica que a “cada edição do Prêmio Jovem Cientista é indicado um tema importante para o desenvolvimento científico e tecnológico, com prioridade nacional, que atenda às políticas públicas do governo federal e seja de relevância para a sociedade brasileira”. Na aba “O prêmio”, os estudantes podem encontrar os nomes dos últimos ganhadores e escolher os projetos que mais chamam a atenção para discuti-los.

Ampliação

- PRÊMIO JOVEM CIENTISTA. Guia do jovem cientista. **Fundação Roberto Marinho**, [201-].

Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2018/pjc/webaulas-guia.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Plataforma *on-line* do CNPq em que o professor e estudantes encontrarão informações sobre o Prêmio Jovem Cientista e um guia metodológico para desenvolver um trabalho de pesquisa e elaborar um projeto científico. Conta com *web* aulas e depoimentos de participantes do prêmio.

- ONU. **5 razões para você se inscrever no prêmio Jovens Campeões da Terra**. 30 jan. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-5-razoes-para-voce-se-inscrever-no-premio-jovens-campeoes-da-terra>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Página da ONU dedicada a notícias, informações sobre iniciativas sustentáveis e explicações sobre o Prêmio Jovens Campeões da Terra. Os estudantes podem se informar sobre o objetivo do prêmio, que é incentivar jovens que tenham boas ideias para proteger ou recuperar o meio ambiente, uma visão para um futuro mais sustentável e um forte histórico de instigar mudanças.

> **Atividade** de ampliação

Se existir disponibilidade de tempo, amplie a atividade proposta sugerindo a produção de um painel, físico ou virtual, sobre cientistas mulheres que, como Anna Luisa, desenvolvem projetos e ações sustentáveis ou estimulam o engajamento social e científico no Brasil e no mundo. Após a elaboração do painel, peça aos estudantes que compartilhem os resultados da investigação com os colegas.

> **Mais atividade**

Sugira a leitura da reportagem a seguir e, depois de ler, organize uma roda de conversa sobre a lista da revista **Time**, que contempla, além da cientista climática Kate Marvel, outras mulheres engajadas em diferentes áreas, como governança, ativismo, diplomacia, educação, arte, arquitetura, entre outras.

Nesta atividade, é importante a colaboração do professor de Sociologia.

Ampliação

- CAMARGO, Suzana. Greta Thunberg está na lista da **Time** das 15 mulheres que lideram a luta contra as mudanças climáticas. **Conexão Planeta**, 30 set. 2019. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/greta-thunberg-esta-na-lista-da-time-das-15-mulheres-que-lideram-a-luta-contras-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

A matéria apresenta uma lista de 15 mulheres que lutam contra as mudanças climáticas.

- CAROLINA Marcelino, pesquisadora da UFRJ, recebe prêmio Marie Curie da União Europeia por gerar energia sustentável usando inteligência artificial.

Para Mulheres na Ciência, 23 dez. 2019. Disponível em: https://www.paramulheresnaciencia.com.br/noticias/carolina-marcelino-pesquisadora-da-ufrj-recebe-premio-marie-curie-da-uniao-europeia-por-gerar-energia-sustentavel-usando-inteligencia-artificial/?utm_source=facebook&utm_medium=social_post_orga&utm_content=_othr__post-link_aw&utm_campaign=wmc_othr_wb_clicks_&fbclid=IwAR0DghwKi3LYuGraYEzplLTswQlrwvxVTbTkubyrWdLmeLkdkdqG9GZffw. Acesso em: 14 jan. 2020.

O *site* Para Mulheres na Ciência, é uma parceria da ONU, da Academia Brasileira de Ciências e de uma fundação privada que incentiva e premia pesquisadoras brasileiras. Apresenta notícias e informações sobre a participação das mulheres na ciência. Nesta matéria, o perfil é de uma cientista premiada dedicada a pesquisas sustentáveis.

> Páginas 16 e 17

Exploração: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável

> **Mais atividade**

Nesta fase do trabalho, os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável ganham uma ampliação. Com isso, os estudantes poderão perceber que a sustentabilidade não está relacionada apenas às questões ambientais, mas abrange as esferas social, cultural, econômica e política.

Para ampliar o diálogo sobre o tema sustentabilidade e os conhecimentos sobre os ideais filosóficos que orientam a ecologia, sugerimos a leitura deste trecho da introdução da obra **Criando habitats na escola sustentável: livro do educador**.

CRIANDO HÁBITATS

O planeta Terra está em constante transformação. Durante milhões de anos a natureza veio mudando e desenvolveu uma incrível variedade de formas de vida que estão, seguramente, interligadas. No entanto, esse equilíbrio ecológico está sendo perturbado pelas ações do homem, e a Terra enfrenta mudanças numa escala alarmante. A máquina de “usar e jogar fora”, que hoje comanda as economias industrializadas, causou danos ao meio ambiente por meio do intenso consumo de combustíveis fósseis e florestais. Essas ações põem grande pressão nos ecossistemas de todo o mundo e resultam na perda da biodiversidade de muitas espécies. Estatísticas

alarmantes mostram que entre 10 e 15% das espécies de plantas poderão estar extintas até o ano de 2050. Cerca de 23% das espécies de mamíferos, 12% das de pássaros e 32% dos anfíbios estão, neste momento, ameaçadas de extinção.

Já foi dito, e é sempre bom lembrar, que neste século todas as pessoas vão passar suas vidas lidando com as profundas implicações do que está sendo chamado de “a problemática mundial”, em que questões sociais, econômicas, políticas e ambientais estão interligadas e já não podem mais ser discutidas isoladamente. Passaremos grande parte do tempo nos preocupando em reorganizar a humanidade, em garantir a melhoria da qualidade de vida para esta e futuras gerações sem acabar com o patrimônio comum: o planeta em que vivemos.

A pergunta a ser colocada é: como podemos passar de uma crise ambiental para um futuro sustentável?

LEGAN, Lucia. **Criando habitats na escola sustentável:** livro do educador. Imprensa Oficial do estado de São Paulo. São Paulo: Pirenópolis: Ecocentro IPEC, 2009. Disponível em: <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.702.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Sugira aos estudantes que, reunidos em grupos de trabalho, respondam à pergunta proposta no texto: “Como podemos passar de uma crise ambiental para um futuro sustentável?”.

Para elaborar a resposta, façam um levantamento coletivo de exemplos de ações que permitiriam a existência continuada dos ecossistemas naturais do planeta.

Ampliação

- PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental e sustentabilidade.** São Paulo: Manole, 2014.

Leitura sugerida para ampliar a reflexão sobre o tema.

Atividades propostas na página 17

1. Espera-se que os estudantes reconheçam que a ampliação do conceito de sustentabilidade, para além das questões ambientais, pode oferecer novas possibilidades de ações e iniciativas sustentáveis, uma vez que passa a considerar também as esferas social, cultural, econômica e política. Assim, uma iniciativa como a apresentada no projeto Aqualuz é um exemplo de como um trabalho relacionado à produção de água potável pode produzir impacto nas esferas social e econômica das pessoas beneficiadas. Isso fortalece a coesão social e cria novas formas de cooperação e solidariedade para um mundo sustentável.
2. Espera-se que os estudantes apresentem a ideia de integração das diferentes bases da sustentabilidade

como a forma mais ampla de pensar sobre as ações sustentáveis. É claro que em determinados casos haverá uma esfera (ambiental, social ou outra) que poderá se destacar das demais, mas as outras esferas estarão sendo contempladas em maior ou menor escala. Pensar a sustentabilidade é considerar o diálogo, a transversalidade e as possíveis interações pessoais na construção de um trabalho colaborativo e transformador.

3. Atividade semelhante à que foi sugerida no início do trabalho. É uma oportunidade para rever e reformular as respostas, tendo como base as leituras que foram feitas até aqui. Espera-se que os estudantes consigam reconhecer que a sustentabilidade está diretamente ligada à ideia de garantir o sustento das gerações futuras e que seu conceito vai além das questões ambientais, pois tem abrangência social, cultural, econômica e política.

Proposta de ação sustentável na cidade

Para realizar a investigação, é necessário fazer uma busca adequada. Procurar na internet por “ações sustentáveis” na cidade em que os jovens moram pode não ser eficiente. Primeiro porque, dependendo do tamanho da cidade, as ações podem não ter registro completo na internet; segundo, porque a busca pode indicar apenas ações ambientais. Assim, vale uma boa conversa com os grupos para decidirem a melhor estratégia e fazerem um levantamento das prováveis ações, com base no que observam na cidade ou no que acompanham na mídia e nas redes sociais. Voltar à descrição dos âmbitos da sustentabilidade (páginas 16 e 17) é a melhor forma de decidir como fazer a busca na internet.

No caso das cidades grandes, é possível focar a investigação em um bairro ou região da cidade; nas muito pequenas, podem ser feitas conversas com pessoas da comunidade ou dos bairros e das cidades do entorno. É importante evidenciar que uma ação como a coleta seletiva do lixo, por exemplo, tem importância ambiental e também social, econômica e política.

A elaboração de uma lista coletiva dará aos estudantes uma visão mais ampla das ações e de suas abrangências e será usada na próxima proposta. Compartilhar ideias e dados coletados ajuda os jovens no entendimento das ações sustentáveis e suas possíveis abrangências.

Ampliação

- BOAS Práticas. **Programa Cidades Sustentáveis,** 2020. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/boaspraticasinicial>. Acesso em: 15 jan. 2020.

O **Programa Cidades Sustentáveis** é uma plataforma ligada a diferentes institutos que tem como objetivo contribuir para o planejamento, a gestão, o incentivo, o monitoramento e a apresentação de boas práticas

de sustentabilidade em cidades brasileiras. Nesse *site* indicado, no item “Boas Práticas” do menu, os estudantes encontrarão um mapeamento de implantação de experiências de políticas públicas bem-sucedidas em cidades do Brasil e do mundo. A plataforma dispõe também de um canal de vídeos no YouTube.

➤ Páginas 18 e 19

Sustentabilidade: que ações contribuem?

A lista coletiva produzida na proposta da página 17 servirá de base para a elaboração da mostra de trabalhos. Quanto mais completa e diversificada for a lista, maiores são as possibilidades de escolher uma nova ação ou propor a ampliação de uma ação já existente.

Você deverá organizar os estudantes em grupos de trabalho seguindo um critério claro e compartilhado com a turma. Formar grupos com diversidade de perfis evita a formação de grupos muito homogêneos e garante que nenhum estudante fique isolado.

É possível organizar os grupos de acordo com o interesse pela ações da lista; nesse caso, peça a cada estudante que escreva duas ou três ações da lista que sejam do seu interesse. Assim, organize os grupos com base no interesse, e não de forma aleatória. É importante também apresentar aos grupos alguns indicadores de avaliação que irão nortear o trabalho ao longo do projeto. A seguir, sugerimos alguns indicadores de avaliação do trabalho em grupo:

- ouvir e respeitar a fala dos colegas e do professor;
- seguir os combinados e o roteiro apresentados;
- elaborar registros e anotações da aula no caderno;
- expor ideias e sugestões de forma clara;
- aceitar diferentes opiniões e posicionamentos;
- apresentar discordâncias por meio de argumentos, sem críticas pessoais.

Feita a montagem dos grupos, oriente o cumprimento do roteiro sugerido na página 19, que terá continuidade nas próximas etapas. É importante circular pela sala e acompanhar as discussões para orientar os estudantes, esclarecer dúvidas e avaliar a participação dos integrantes nos grupos.

Cada grupo vai escolher uma ação sustentável e deve buscar o maior número de informações sobre ela: qual é a proposta, que âmbitos ela abrange, quem se beneficia com ela, como poderia ser ampliada, onde acontece, quem são os responsáveis e envolvidos, como é divulgada, que dificuldades sua implementação pode enfrentar, essas e outras perguntas que devem ser respondidas pelo grupo. A ação escolhida pelo grupo que já aconteceu na cidade pode servir de exemplo

ou ponto de partida para a criação de uma nova ação que será planejada e apresentada pelo grupo ao final do projeto.

As competências específicas 1 e 3, que evidenciam as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, a elaboração de alternativas e a promoção da consciência crítica, e as habilidades EM13CHS103 e EM13CHS301 são exploradas e desenvolvidas nesta etapa da produção.

Ampliação

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Juventude e Meio Ambiente**. 2. ed. Brasília, 2015. Disponível em: https://www.mma.gov.br/images/arquivos/responsabilidade_socioambiental/juventude/2edicao_RevistaJuventude.pdf. Acesso em: 16 jan. 2020.

A revista **Juventude e Meio Ambiente** é elaborada e dirigida por jovens estudantes e publicada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Traz artigos científicos, sessões de fotografia e poesia. Pode ser uma boa referência para a produção de um *web* jornal ou uma revista que divulgue os projetos e ações feitos pelos estudantes.

➤ Páginas 20 e 21

> ETAPA 2: SABER E FAZER

Sustentabilidade: ideias e iniciativas

A leitura dos textos das páginas 20 e 21 deve ser individual e silenciosa. É importante propiciar momentos de leitura, seleção de informações e registro pessoal das ideias. Assim, as discussões coletivas ficam mais ricas à medida que cada um tem anotações próprias para compartilhar. Os textos são complementares, e os estudantes devem destacar e anotar palavras e expressões que resumam as informações mais importantes. Após a leitura, estimule o compartilhamento das principais ideias apresentadas no texto.

Proposta de ação sustentável na cidade

Para ampliar

Se achar necessário, solicite aos estudantes que produzam uma linha do tempo para colocar no painel da sala com as datas e as conferências apresentadas. Cada grupo pode se responsabilizar por produzir um breve texto sobre cada data a ser colocada na linha do tempo. Dessa forma, passa a ser uma linha colaborativa da qual todos participam. Nesta atividade, os estudantes serão orientados a buscar informações em *sites* oficiais das conferências para selecionar dados significativos e

produzir uma síntese. Você pode fazer uma avaliação do processo e sugerir as alterações necessárias.

Nesta atividade, é importante a colaboração do professor de História.

> Páginas 22 e 23

ONU: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável

É possível que os estudantes não conheçam os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Agenda 2030. Então, vale iniciar a conversa observando os ícones e os temas apresentados na página 22. Observe que neste momento da investigação a proposta é discutir a Agenda 2030 estabelecida pela ONU. Evidencie aos estudantes que o documento é um plano de ação mundial para o planeta e para a prosperidade da população.

Ampliação

- **COMPREENDENDO** as dimensões do desenvolvimento sustentável. 2017. Vídeo (4min54s). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZ2RsinrlA>. Acesso em: 15 jan. 2020. O canal da **Organização das Nações Unidas Brasil** (ONU Brasil) apresenta explicações e exemplos de como as dimensões social, ambiental e econômica do desenvolvimento sustentável estão integradas e presentes nos ODS.
- **OBJETIVOS** de Desenvolvimento Sustentável – IBGE Explica. 2016. Vídeo (3min51s). Publicado pelo canal IBGE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fev2MHAa-qo>. Acesso em: 15 jan. 2020. No canal do **IBGE** no YouTube, é possível encontrar vídeos detalhando cada um dos ODS.

O Censo 2010 aponta que 84,4% da população brasileira vive nas áreas urbanas. Considerando que os estudantes devem analisar o ODS 11 e pensar em uma proposta de ação sustentável na cidade, é importante que conheçam os dados relativos ao Brasil para terem um parâmetro de comparação com os da população urbana mundial, apresentados no texto da página 22. O Censo 2010 aponta que 84,4% da população brasileira vive nas áreas urbanas.

> **Atividades** propostas na página 23

1. Espera-se que os estudantes respondam que a Agenda 2030 é um guia para as ações das comunidades internacionais nos próximos anos, com a meta, a ser atingida até 2030, de colocar o mundo em um caminho mais

sustentável e resiliente. Os países e grupos interessados atuam em uma parceria colaborativa para mobilizar os meios necessários para implementar o plano global de desenvolvimento sustentável proposto nessa agenda, com ênfase nas necessidades dos mais pobres e vulneráveis.

2. É preciso destacar que os ODS são diretrizes que inspiram empresas, comunidades, instituições e pessoas a implementar ações em consonância com a “Agenda 2030”, comprometendo-se a reduzir os impactos ambientais de seus produtos e ações e promover justiça social, construindo norteadores para a atuação na sociedade.

Proposta de ação sustentável na cidade

Espera-se que os estudantes sejam capazes de identificar quais metas do ODS 11 são mais urgentes na cidade onde moram. É claro que todas são de extrema importância, mas uma pode ser mais relevante e urgente que outra. Tudo depende do tamanho da cidade e das condições locais. Nas cidades grandes, é possível que todas as metas tenham igual urgência, e cabe a você auxiliar os estudantes nesse levantamento, inclusive sugerindo o foco em um bairro ou região.

Nesta fase do trabalho, os grupos já devem ter escolhido uma possível ação sustentável para planejar e desenvolver. Caso isso ainda não tenha acontecido, é preciso destinar um tempo para discutir com os grupos e auxiliá-los na escolha.

Algumas sugestões de tema podem ser apresentadas por você: desperdício, compostagem, minhocário, estudo e correção de solo, biblioteca comunitária, manejo sustentável (floresta, extrativismo, pesca etc.), fontes renováveis de energia (criação de turbinas, painéis, biomassa etc.), animais abandonados, acessibilidade, criação de aplicativos de monitoramento ambiental, criação de observatório de ações da prefeitura e de empresas, projetos de moradia sustentável, criação ou adoção de parques, praças e centros culturais, projeto de apoio a catadores, monitoramento da destinação do lixo, cozinha sustentável, incentivo ao uso de plantas alimentícias não convencionais (PANC), hortas comunitárias e de ervas medicinais orgânicas, permacultura, feira de economia local e solidária, mutirões de limpeza e conscientização ambiental, moda e *design* sustentável, inclusão digital, melhoria de condições de vida das mulheres (redução de desigualdade), resolução de conflitos, entre outros.

Para obter mais informações sobre a iminência de a Terra não suportar a demanda humana de produção e consumo, leia a seguir um trecho da obra **Ideias para adiar o fim do mundo**, do líder indígena Ailton Krenak.

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda [...]. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós. Essa tragédia que agora atinge a todos é adiada em alguns lugares, em algumas situações regionais nas quais a política — o poder político, a escolha política — compõe espaços de segurança temporária em que as comunidades, mesmo quando já esvaziadas do verdadeiro sentido do compartilhamento de espaços, ainda são, digamos, protegidas por um aparato que depende cada vez mais da exaustão das florestas, dos rios, das montanhas, nos colocando num dilema em que parece que a única possibilidade para que comunidades humanas continuem a existir é à custa da exaustão de todas as outras partes da vida.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 23.

Ampliação

- SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Para ampliar a reflexão sobre o tema, sugerimos esta leitura. O livro, destinado aos jovens, propõe, por meio de diálogos entre pai e filho, reflexões acerca de questões filosóficas no campo da ética, sem descuidar de ações e sem cair em moralismos e reducionismos. Pode ser um belo ensaio para as questões e os valores que virão juntamente com os projetos e ações dos estudantes.

- NAKAGAWA, Marcus Hyonai. **101 dias com ações mais sustentáveis para mudar o mundo**. São Paulo: Labrador, 2018.

A sustentabilidade é um tema presente no nosso cotidiano e na obra **101 dias com ações mais sustentáveis para mudar o mundo**. O professor Marcos Nakagawa apresenta no livro propostas simples que contribuem para a elaboração de ações sustentáveis, baseadas nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. A leitura é acessível e você pode indicá-la aos estudantes.

➤ Páginas 24 e 25

População mundial e concentração urbana

O infográfico é um recurso visual muito atraente e dinâmico, mas exige olhar atento às informações e capacidade de estabelecer relações entre os diferentes dados; caso contrário, corre-se o risco de se fazer uma leitura parcial. Realizar a leitura

em uma roda coletiva pode ser a alternativa mais produtiva, na medida em que a fala de um estudante complementa e questiona a de outro, fazendo com que a compreensão seja mais ampla. O seu papel como mediador da leitura é, sem dúvida, fundamental para a interpretação e compreensão dos elementos verbais, numéricos e visuais desse texto.

➤ **Atividades** propostas na página 25

1. Os dados do infográfico são um alerta para o fato de que a população mundial continua crescendo e se concentrando, cada vez mais, nos centros urbanos. Essa tendência torna os desafios e os problemas ambientais cada vez mais complexos. É necessária a atuação comprometida e colaborativa para implementar soluções.

Ampliação

- CIDADES sustentáveis – IBGE Explica. 2016. Vídeo (5min13s). Publicado pelo canal IBGE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=am2WOYu4iFc>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Qual é o percentual da população brasileira que vive em áreas urbanas? Quais problemas as altas taxas de densidade demográfica e o crescimento desordenado acarretam? O que faz uma cidade ser considerada sustentável? O que é a nova agenda urbana e quais são suas metas? O vídeo do canal **IBGE** responde a essas e a outras perguntas para entender a importância do tema sustentabilidade.

- CARRASCOZA, João Anzanello. **Rascunho de família**. São Paulo: DSOP, 2014.

Retrato literário sensível de um casal de catadores que retira o sustento de um aterro sanitário. A leitura do livro levanta questões éticas e ambientais das grandes cidades: o consumo, o lixo e sua destinação, as esperanças que subsistem invisíveis e excluídas dos direitos. Trabalhar os problemas urbanos via literatura enriquecerá e sensibilizará os estudantes.

- ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. BRA: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. Animação/documentário (13 min).

O curta-metragem brasileiro retrata de forma crítica o percurso de produção, consumo e descarte de uma mercadoria e suas sequelas históricas, sociais e ambientais.

Proposta de ação sustentável na cidade

Nesta fase, os grupos já devem estar com suas metas definidas e e com conhecimento dos rumos implicados para cumpri-las. Os dados do infográfico podem ampliar as possibilidades de investigação sobre cada tema e você deve orientar a busca e o registro dos dados.

Ampliação

- LIXO extraordinário. Direção: Lucy Walker. Codireção: Karen Harley e João Jardim. ING/BRA: Almega Projects e O2 Filmes, 2010.

O documentário acompanha o contato do artista plástico Vik Muniz com as famílias de catadores que vivem em Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, às margens da Baía da Guanabara, que já foi o maior aterro sanitário da América Latina. Põe em discussão a delicadeza e as contradições desse encontro e as múltiplas possibilidades de transformação que a arte e a sensibilidade podem trazer à vida do artista e dos catadores.

➤ Páginas 26 e 27

Oito caminhos para um futuro sustentável

Ampliação

- DICAS Akatu. **Institutoakatu**. 7 maio 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLo3RUE7u-58xdvqFBjTlaUMFTzfWQikNM2>. Acesso em: 15 jan. 2020.

O canal do **Instituto Akatu** traz diversos vídeos que abordam os mais variados aspectos do consumo sustentável. A *playlist* indicada apresenta uma série de 42 animações curtas com dicas de mudanças de hábitos de consumo. O uso de aplicativos para realizar pequenas animações sobre o assunto, como essas, pode ser útil nos projetos dos estudantes.

- INSTITUTO AKATU. Disponível em: <https://www.akatu.org.br>. Acesso em: 31 jan. 2020.

O trabalho do Instituto Akatu está estruturado na conscientização e na mobilização pelo consumo consciente na sociedade. Se achar pertinente, sugira aos estudantes que observem no *site* da instituição informações sobre a atuação da organização.

- CARVALHAL, Andre. Consumo consciente é um processo de corresponsabilidade. **Carta Capital**, 18 out. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/consumo-consciente-e-um-processo-de-corresponsabilidade>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Artigo de opinião que levanta diversos questionamentos e argumentos sobre a responsabilidade de quem produz e consome e os impactos desse consumo. O autor critica também algumas ações que considera modismos e não sustentáveis. Partindo da leitura de diferentes fontes, os estudantes podem trabalhar em seus projetos com artigos de opinião e textos argumentativos que defendem um ponto de vista. O ponto de vista do autor não necessariamente reflete a opinião do veículo que o publica.

➤ **Atividades** propostas na página 27

1. As propostas do texto “Oito caminhos para um futuro sustentável”, do Instituto Akatu, devem ser discutidas pelo grupo. O ideal é que utilizem exemplos de experiências vividas ou observadas por eles. Veja a seguir sugestões de resposta.
 - O durável mais do que o descartável: reformar um móvel em vez de comprar outro.

- A produção local mais do que a global: as cooperativas e organizações comunitárias são um exemplo de produção e comercialização de produtos típicos regionais.
- O compartilhado mais do que o individual: o aluguel de cortadores de grama para a limpeza do jardim, em vez de comprar ferramentas que serão pouco usadas.
- O integral mais do que o desperdício: reutilizar a água da chuva é um exemplo de aproveitamento integral e de não desperdício de um recurso natural.
- O saudável mais do que o prejudicial: comprar preferencialmente os produtos da estação.
- O virtual mais do que o material: ler textos no computador ou no celular em vez de imprimir.
- Os concentrados mais do que os diluídos: sucos concentrados podem ser diluídos ao gosto de cada um e têm bom rendimento; dar preferência aos vendidos em embalagens de vidro.
- A experiência mais do que o tangível: em vez de comprar objetos como presente, oferecer passeios, visitas a lugares e outros.

2. Depois de ler e discutir os oito caminhos apresentados na proposta do Instituto Akatu, é hora de estabelecer uma relação entre eles e o projeto do grupo. O exercício de refletir sobre o produto final após cada leitura dá aos estudantes a percepção da abrangência das possibilidades de ampliação do trabalho. Mais uma vez, cabe a você acompanhar, orientar e avaliar o desempenho do grupo. É importante voltar aos indicadores e sugerir que os grupos releiam e se autoavaliem ao final de cada proposta. Nesta fase, cabe também discutir as atribuições de cada integrante. Alguns grupos funcionam muito bem quando há distribuição de tarefas, como as de registrar ideias, organizar dados, coletar dados, manter o grupo produtivo, entre outras.

Ampliação

- LIXO ZERO – A reciclagem que reduz o lixo em até 90%. Vídeo (22min14s). Publicado pelo canal Cidades e Soluções. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cismfu9bWAW&list=PLAs3Jc7Qw3kRA7lhwL7A1UcY3KApC9IOO>. Acesso em: 15 jan. 2020.

O programa aborda o conceito de lixo zero e as diversas experiências de sua implantação no Brasil e no mundo em escala governamental e civil.

➤ Páginas 28 a 33

Estudo de caso: revitalização e sustentabilidade

O estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que permite aprofundar conhecimentos sobre um tema ou assunto, partindo de um caso específico que serve de modelo ou exemplo aos demais. O estudo de caso proposto se relaciona à Região Portuária do Rio de Janeiro em distintos momentos históricos. Para que os estudantes obtenham informações sobre o caso, sugerimos a leitura coletiva do texto proposto para a investigação.

➤ **Atividades** propostas na página 33

A leitura do texto pode ser compartilhada e, assim, as dúvidas podem se esclarecer durante o diálogo entre os jovens. Espera-se que eles citem os nomes dos lugares ou das ações de mudança, como: “obras viárias”; “construção do Edifício A Noite”; “construção do Elevado da Perimetral”; “Região Portuária foi termômetro das profundas transformações”; “o projeto Porto Maravilha”; “Centro geográfico de uma metrópole de 12 milhões de habitantes”; “Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana”. A pesquisa iconográfica e de informações enriquecerá o estudo de caso proposto.

Nesta atividade, é importante a colaboração do professor de História.

Proposta de ação sustentável na cidade

A ideia de identificar aspectos históricos relacionados ao projeto do grupo pode ser uma tarefa mais complexa, dependendo da cidade ou região a que ele se referir. Para alguns casos, o acervo de textos e imagens pode ser restrito. Sugira aos estudantes que ampliem o universo da investigação, utilizando, além de *sites*, livros, revistas e jornais como fontes de pesquisa.

Nesta atividade, é importante a colaboração do professor de História.

Ampliação

- A HISTÓRIA pouco conhecida da Pequena África na zona portuária do Rio de Janeiro. **RioOnWatch**. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=20172>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Roteiro para conhecer a história da revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro, que se costura de forma densa com a história da escravidão, da cidade e da origem do samba.

➤ Páginas 34 e 35

O amanhã na Região Portuária

Inaugurado em 2015, o Museu do Amanhã é um museu de ciências diferente, que propicia um ambiente de ideias que busca explorar e evidenciar os desafios futuros da humanidade, sempre partindo de perspectivas sustentáveis e da boa convivência. Sugira aos estudantes que naveguem pelo *site*, para obter mais informações sobre o museu.

➤ **Atividades** propostas na página 35

1. O texto apresenta o museu como um espaço de reflexão. Os estudantes podem responder à atividade 1 citando algumas iniciativas destacadas no *site* do museu. O Observatório do Amanhã funciona como um radar do Museu do Amanhã, recebendo e repercutindo informações de centros produtores de conhecimento nas áreas de ciência, cultura e tecnologia do Brasil e do mundo. Além disso, é sua função acompanhar tendências e procurar

detectar questões que possam ser incorporadas às experiências do museu. É também um emissor de conhecimentos e gerador de debates sobre temas urgentes e atuais da sociedade, promovendo reflexões e disseminando saberes. Consultando o *site* do museu, é possível identificar que o Laboratório de Atividades do Amanhã (LAA) é uma área dedicada especialmente à inovação e à experimentação. Considerado uma ponte entre o pensar e o fazer, o Museu do Amanhã tem como foco os efeitos das novas tecnologias e suas projeções sobre temas como trabalho e urbanização, entre outros. Além disso, o museu alia-se aos moradores vizinhos e, por meio do setor de Relações Comunitárias, procura engajar a comunidade com uma vasta programação cultural e propostas de mobilizações. As questões propostas são tradicionalmente objetos da Filosofia. O professor que lidera o projeto ou o que tiver formação no componente curricular pode explorar alguns aspectos relacionados a essas questões.

Com base nos pré-socráticos: Há um elemento (água, fogo, movimento) que explique tudo o que existe? A partir dos existencialistas, a questão da essência e da existência: Há um sentido preexistente para a vida, ou ele é construído por nós enquanto vivemos? Na contemporaneidade, o conceito de modernidade líquida, de Zygmunt Bauman, pode ser relacionado às questões da atividade 2: A fluidez incessante das ideias, das relações humanas e das instituições e o fluxo contínuo das informações imprimem novos significados à vida? Eles são também instáveis e fluidos? Finalmente, pode ser proposta aos estudantes a clássica indagação: Para onde caminha a humanidade em meio à impermanência de nossa época?

Ampliação

- MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br>. Acesso em: 31 jan. 2020.

No endereço acima, é possível encontrar mais informações sobre o Museu do Amanhã.

Proposta de ação sustentável na cidade

Nesta fase do trabalho, os grupos devem atentar para os projetos em andamento e refletir sobre as questões propostas pelo museu. É provável que as perguntas “Para onde vamos?” e “Como queremos ir?” sejam as mais discutidas e comentadas. Você pode conduzir uma discussão com toda a sala sobre essas perguntas.

Ampliação

- GOOGLE ARTS AND CULTURE. Museu do Amanhã. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-do-amanh%C3%A3?hl=pt>. Acesso em: 16 jan. 2020.

Plataforma do Instituto Cultural do Google que hospeda instituições, museus e galerias de arte e cultura. O Museu do Amanhã do Rio de Janeiro é um museu de ciência

aplicada que nasceu com a proposta de pensar o futuro pelo viés da sustentabilidade e convivência. Conta com uma página no Google Arts que disponibiliza fotografias e exposições virtuais que podem colaborar com os trabalhos de pesquisa sobre os impactos e as pegadas do ser humano no planeta.

> Páginas 36 e 37

> ETAPA 3: PARA FINALIZAR

Elaboração: proposta de ação sustentável e mostra de projetos

Nesta etapa é a hora de organizar tudo que foi coletado e discutido pelos grupos ao longo do projeto. Espera-se que os estudantes fiquem atentos às orientações apresentadas e façam uma revisão do projeto com base nas perguntas a seguir. Você deve apresentar essas perguntas e oferecer um tempo de revisão e complementação do trabalho, lembrando que os questionamentos propostos são básicos e que o grupo pode e deve tentar ir além deles.

1. Fizeram o levantamento e a análise das ações já existentes? (diagnóstico da realidade)
2. Identificaram um problema na cidade que necessita de uma ação? (problema)
3. Pensaram sobre as razões da existência do problema e possíveis soluções? (hipóteses)
4. Avaliaram o porquê, a pertinência, a importância ou a validade da ação? (justificativa)
5. Reconheceram o que deveria ser feito? (objetivo)
6. Elaboraram etapas de como fazer? (metodologia)
7. Organizaram metas a serem atingidas no tempo de elaboração? (cronograma)
8. Identificaram os materiais e agentes necessários? (recursos)
9. Coletaram, analisaram e interpretaram os dados? (pesquisa)
10. Registraram as fontes e organizaram os créditos das informações coletadas? (bibliografia)

Tendo essas respostas sido discutidas e o trabalho complementado, cada grupo deve destinar um tempo para a organização da comunicação, ou seja, discutir e planejar a exposição do trabalho, considerando:

- a melhor e mais adequada forma de apresentar a ação;
- a linguagem a ser usada e a revisão do texto;
- a oralidade e a clareza na comunicação;
- o tempo e o local de apresentação;
- a possibilidade de envolver os ouvintes da plateia.

Se considerar conveniente, as premissas do pensamento computacional podem ser utilizadas na elaboração da proposta de ação sustentável. O pensamento

computacional se inicia com a identificação de um problema, que resultará em uma série de análises e procedimentos lógicos e estruturados para alcançar uma solução eficiente e que seja aplicável a situações semelhantes. No caso deste projeto, o problema será levantado pelos estudantes após o diagnóstico da realidade; já a solução será a proposta de ação sustentável. Procurar auxiliá-los na análise dos dados disponíveis, pois é a partir desse procedimento que eles poderão se apropriar do pensamento computacional.

Após determinar o problema, os estudantes deverão fragmentá-lo em partes ou categorias mais simples com o objetivo de, ao mesmo tempo, facilitar e aprofundar a análise até chegar ao todo. A fase da decomposição dos dados também auxilia no processo de reconhecimento de padrões, ou seja, os estudantes poderão verificar se alguma solução já foi encontrada para o problema que possuem. Essa é uma das bases do pensamento computacional: elaborar e usar modelos simples e eficientes que podem ser extrapolados para inúmeras situações análogas, inclusive para um sistema computacional. A análise de dados também inclui a capacidade de abstração, uma operação em que os estudantes devem saber identificar, no conjunto geral dos dados, quais serão indispensáveis para a formulação da solução.

Para obter mais informações sobre o pensamento computacional e como ele pode ser trabalhado na escola, há uma indicação de *site* no box a seguir.

Ampliação

- PENSAMENTO computacional Brasil. 2020. Disponível em: <http://www.computacional.com.br/inicial>. Acesso em: 13 fev. 2020.

O *site* indicado acima orienta sobre como divulgar o trabalho dos estudantes. Sugerimos o conteúdo “16 dicas de como compartilhar projetos educacionais”, que traz dicas importantes para valorizar e dar visibilidade aos projetos dos estudantes. Ao ajudar os estudantes a compartilhar seus trabalhos, você incentiva a troca de experiências com outros projetos, estimula a autoestima e o protagonismo, valoriza a criatividade ao buscar formas de divulgação e evidencia o trabalho em equipe e integrado, além de celebrar a conclusão e a dedicação de todos ao projeto.

- 16 DICAS de como compartilhar projetos educacionais. **PORVIR**, 2016. Disponível em: <https://porvir.org/16-dicas-de-como-compartilhar-um-projeto/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

Site desenvolvido pelo professor Christian Puhlmann Brackmann, que apresenta o pensamento computacional de maneira simples. Disponibiliza indicações de leitura e sugestões de atividade sem o uso de computadores em que o pensamento computacional é desenvolvido.

➤ Páginas 38 e 39

> Avaliação

Sustentabilidade: que ações contribuem?

A proposta é reflexiva e questiona os estudantes sobre o próprio tema do projeto. Dedique sua atenção à orientação dos estudantes para a produção de uma reflexão honesta sobre suas ações diárias. Se o projeto não mobilizar reflexão, o desejo de mudança e as ações concretas, pode ser reduzido a uma tarefa escolar; essa, sem dúvida, não é a intenção.

➤ Páginas 40 e 41

> Autoavaliação

Esta atividade é uma síntese e deve refletir a postura mais frequente de cada estudante durante o projeto. O ideal é que os itens contidos nela estejam

fixados na sala desde as primeiras aulas e sirvam como norteadores da postura esperada e dos objetivos a serem alcançados. Mais uma vez, devem-se estimular a reflexão, a honestidade e a maturidade ao assinalar os itens propostos.

Para ampliar a reflexão sobre o tema, sugerimos a leitura a seguir.

Ampliação

- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens – Entre duas lógicas. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

Obra fundamental que discute as diversas concepções de avaliação e aborda os conflitos entre a avaliação formativa e a seletiva.

1 SUSTENTABILIDADE: QUE AÇÕES CONTRIBUEM?

> TEMA INTEGRADOR: STEAM

Objetivo a ser desenvolvido no âmbito do tema integrador:

Investigar a cidade e a comunidade como um contexto de iniciativas sustentáveis com objetivo de levar à reflexão sobre princípios, valores e ações que possam contribuir para entender a sustentabilidade, analisá-la nos âmbitos ambiental, social, econômico, político e cultural e fomentar a corresponsabilidade na preservação dos recursos naturais.

Produto final: Proposta de ação sustentável

Competências gerais da BNCC: 1, 2, 5, 7 e 10

Competências específicas da BNCC: 1, 3 e 4

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS101, EM13CHS301 e EM13CHS404

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar				
Engajamento: ações sustentáveis: Interpretar reportagem e elaborar argumentos que possam engajar pessoas em projetos sustentáveis. Ampliar o tema com exemplos de jovens que atuam em iniciativas sustentáveis.				
Exploração: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: Interpretar concepções de sustentabilidade e construir definição de desenvolvimento sustentável. Listar e compartilhar ações sustentáveis relacionadas às questões ambientais, sociais, econômicas, políticas e culturais.				
Sustentabilidade: a investigação: Refletir com base na pergunta-chave – Sustentabilidade: que ações contribuem? Planejar o trabalho de investigação para a elaboração de proposta de ação sustentável na cidade ou comunidade.				
Etapa 2 – Saber e fazer				
Explicação: sustentabilidade, ideias e iniciativas: Identificar e selecionar ideias sobre sustentabilidade para a elaboração de proposta sustentável em sua cidade. Pesquisar sobre uma das conferências ambientais para organizar um painel.				

<p>ONU – Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável: Identificar qual a importância da Agenda 2030 e reconhecer práticas possíveis que se relacionam com as metas do ODS 11.</p>				
<p>População mundial e concentração urbana: Relacionar os dados do infográfico com o contexto de iniciativas sustentáveis e a proposta sustentável desenvolvida por seu grupo.</p>				
<p>Oito caminhos para um futuro sustentável: Identificar iniciativas e práticas do cotidiano que possam contribuir para o projeto de ação sustentável.</p>				
<p>Estudo de caso: revitalização e sustentabilidade: Interpretar momentos na história da Região Portuária do Rio de Janeiro e identificar as iniciativas sustentáveis propostas pelo Museu do Amanhã. Investigar aspectos que envolvem a ação sustentável proposta pelo grupo.</p>				
<p>Etapa 3 – Para finalizar</p>				
<p>Proposta de ação sustentável e mostra de projetos: Coletar as informações e dados necessários para o trabalho e verificar que outras informações são necessárias para a elaboração do trabalho. Analisar o trabalho final do grupo e a forma escolhida para apresentá-lo.</p>				
<p>Avaliação e autoavaliação – Sustentabilidade: que ações contribuem?: Refletir sobre ações sustentáveis no cotidiano e avaliar as respostas dadas à pergunta-chave.</p>				
<p>Orientações para aprimorar o desempenho:</p>				

> **TEMA INTEGRADOR:** Protagonismo Juvenil

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar a ausência de liberdade imposta pela escravidão no passado e pelo trabalho análogo ao escravo no presente leva a reconhecer a necessidade de que todos os seres humanos sejam considerados iguais e que ninguém deve ser excluído das condições de dignidade.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

A escravidão ocorreu de diferentes formas na história. No Brasil, por exemplo, em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea aboliu a escravatura. Desde então, a exploração, imposta por meio da força, na qual um ser humano assume direitos de propriedade sobre outro, tornou-se proibida. Na atualidade, a expressão “trabalho análogo ao escravo” refere-se a condições degradantes incompatíveis com a dignidade humana, como jornadas exaustivas que acarretam danos à saúde ou risco de vida, trabalho forçado ou servidão por dívida. No Projeto Integrador **Escravidão: somos livres?** vamos investigar esse tema, partindo de poemas, relatos e outros tipos de textos, e demonstrar que a escravidão em todas as suas formas passou a ser considerada um crime contra a humanidade reconhecido por toda a comunidade internacional.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 1, 3, 7 e 8

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 1, 4, 5 e 6

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS101, EM13CHS404, EM13CHS501, EM13CHS503 e EM13CHS601

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros e revistas.

Etapa 2:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Dicionário físico ou digital.
- Livros e revistas.
- Material para elaboração de desenhos ou para produção de fotografias.

Etapa 3:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, revistas ou jornais.

Introdução

No projeto **Escravidão: somos livres?**, os componentes curriculares História e Geografia recebem destaque, mas a parceria com Filosofia e Sociologia, evidenciada nestas **Orientações para o Professor**, é indispensável.

A temática da escravidão e do trabalho análogo ao escravo é amplamente discutida com os estudantes no sentido de ampliar a ideia de liberdade para além do senso comum. Acreditar que somos livres pelo simples fato de termos abolido a escravidão no Brasil no final do século XIX é um equívoco que precisa ser discutido.

O projeto propõe um estudo da escravidão ao longo da história e o reconhecimento das diferentes formas de exploração presentes na atualidade, como o trabalho análogo ao escravo. Na medida em que as leituras e

discussões avançam, os estudantes passam a conduzir o processo, tornando-se o centro das investigações e dos questionamentos. O convite ao protagonismo se evidencia ao longo do projeto e culmina na produção artística e criativa que será apresentada em um sarau. Os estudantes vão criando repertório, ampliando as fontes de informação e desenvolvendo o poder de argumentação. Ao indignarem-se com a temática e munirem-se de conhecimento sobre ela, articulam a denúncia e criam o desejo de agir e transformar a realidade.

O professor de História pode conduzir o processo em parceria com os demais professores da área de Ciências Humanas e o de Língua Portuguesa.

As propostas deste projeto contemplam as competências gerais e específicas assinaladas acima. Os estudantes são convidados a argumentar com base em

informações históricas sobre a escravidão e o trabalho análogo ao escravo, compreendendo-se como seres humanos e reconhecendo suas emoções e as dos outros, para que ninguém seja excluído das condições de dignidade, evidenciadas nas competências gerais 1, 7 e 8. Como produto final, os estudantes são orientados para a elaboração de manifestação artística e cultural, atendendo à competência geral 3. Durante a descrição das etapas de desenvolvimento do projeto, evidenciamos outras competências e habilidades solicitadas na construção dos conhecimentos.

Orientações didáticas

▸ Páginas 46 e 47

> ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR

A leitura de um poema é uma forma delicada de dar início ao projeto. O poema “para este país” é especialmente tocante, sensível e forte e espera-se que os estudantes sejam envolvidos pela linguagem poética nas suas reflexões sobre o assunto.

▸ **Atividades** propostas na página 47

Você pode fazer uma parceria com o professor de Língua Portuguesa para a interpretação dos versos.

1. A atividade procura sensibilizar os estudantes para o tema. Ler com calma, mais de uma vez e em voz alta fará com que todos fiquem atentos aos versos e seus significados. Compartilhar sensações e emoções amplia as possibilidades de interpretação e entendimento.
2. **a)** O poema descreve uma mulher, provavelmente jovem, no tempo presente, referindo-se à migração forçada de seus antepassados africanos e traçando um paralelo com os movimentos migratórios contemporâneos.
b) Discutir o que se carrega na bagagem traz à tona os conceitos de cultura material e imaterial e pode ser trabalhado com o componente curricular Sociologia. Objetos, ferramentas, roupas, adornos e tudo que é tangível, ao lado do que é intangível, como a fé e a crença, os saberes e os fazeres, a língua, a memória, as tradições e os costumes. Ela traria e trouxe consigo elementos que definem sua existência material e sua bagagem étnica e cultural.
c) O “outro” é representado no poema como incapaz de perceber e valorizar toda a bagagem (material e imaterial) trazida pela personagem. Há referências no poema que remetem à cultura africana, como

“orixás” e “cabelo crespo”. Os aviões podem se referir aos que são obrigados a refugiar-se em outro país. É o mesmo caso dos navios, que podem ser interpretados também como os navios negreiros.

- d)** Espera-se que os estudantes identifiquem aspectos relacionados à escravidão no passado que ainda impactam o presente. No passado, na referência à migração forçada dos povos africanos. No presente, pela permanência de preconceitos que fazem com que o eu lírico feminino manifeste a sensação de que não está integrada a este país.

A seguir, encontre referências e indicações de vídeos e leituras que podem ampliar seu repertório e o de seus estudantes. É claro que a decisão de usá-los ou não será sempre sua, que conhece os estudantes e sabe identificar os interesses e as dificuldades da turma.

Ampliação

- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

Marco nas pesquisas contemporâneas de cultura, esta obra reflete sobre a ideia de modernidade a partir da diáspora africana: perda, exílio, viagens e a cultura criada dos dois lados do Atlântico.

- DIÁSPORA africana, você sabe o que é?. **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53464>. Acesso em: 19 jan. 2020. Página da Fundação Cultural Palmares, que apresenta o conceito de diáspora, a aplicação desse conceito à escravidão africana e a complexidade desse processo. Apresenta ainda o histórico dos povos africanos que aqui aportaram com sua bagagem cultural.
- ROSTOS familiares, lugares inesperados: uma diáspora africana global. 2018. Vídeo (31 min). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g1BceelJlRo&feature=youtu.be>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Documentário com dados, relatos, informações e contribuições da cultura africana espalhada ao redor do mundo pelos milhões de escravizados e seus descendentes por conta da diáspora forçada.

- SANTOS, Luiz Carlos *et al.* (org.). **Antologia da poesia negra brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

Importante antologia de poetas negros brasileiros. São vozes dos últimos três séculos agrupadas em temáticas como: identidade, resistência, música, liberdade, ser negro, entre outras.

SOBRE A ALTERIDADE

Uma das minhas preocupações constantes é o compreender como é que outra gente existe, como é que há almas que não sejam a minha, consciências estranhas à minha consciência, que, por ser consciência, me parece ser a única. Compreendo bem que o homem que está diante de mim, e me fala com palavras iguais às minhas, e me faz gestos que são como eu faço ou poderia fazer, seja de algum modo meu semelhante [...]. Ninguém, suponho, admite verdadeiramente a existência real de outra pessoa. Pode conceder que essa pessoa seja viva, que sinta e pense como ele; mas haverá sempre um elemento anônimo de diferença, uma desvantagem materializada.

SOARES, Bernardo. Fragmento 317. In: PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 302.

Atividade de ampliação

Ampliar o poema com elementos da bagagem material e imaterial dos estudantes é uma forma de envolvê-los na leitura. Uma lista coletiva no quadro é um recurso visual que ilumina os conceitos de cultura material e imaterial trabalhados. É importante, depois do quadro repleto de palavras e ideias, retomar a reflexão apresentada ao final do poema: por que, diante de uma bagagem tão grande e diversa, o que se observa é apenas o corpo e a cor da pele?

Ampliação

- WILD, Bianca. Etnocentrismo, estereótipos, estigmas, preconceito e discriminação. **Geledés**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/etnocentrismo-estereotipos-estigmas-preconceito-e-discriminacao/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

O artigo acima apresenta conceitos fundamentais e exemplos que podem ajudar na compreensão e no debate acerca de questões de gênero, religião, raça/etnia, orientação sexual e a interseccionalidade (combinação destes). O debate sobre o “outro”, a alteridade e a construção do preconceito pode ser realizado de forma integrada por História e Filosofia e contribuir para a cultura da paz e contra o *bullying*.

Páginas 48 e 49

Escravizar: da Antiguidade aos nossos dias

O infográfico apresenta informações sobre as relações de trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e seus efeitos, evidenciados na competência específica 4 e na habilidade EM13CHS404. Informe seus estudantes que o infográfico é um recurso que apresenta informações de forma resumida, com imagens e gráficos, e que privilegia a

linguagem visual e não verbal. A leitura de um infográfico parece simples, mas é preciso ficar atento aos detalhes e às relações entre as informações apresentadas.

Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial os jovens e as gerações futuras.

Atividades propostas na página 49

1. a) Na Antiguidade, de acordo com os dados do infográfico, parte dos escravizados era de prisioneiros de guerra. Você pode acrescentar que alguns eram escravizados por dívida, crime e outros motivos. Havia trabalhadores livres que executavam trabalhos manuais. Na escravidão moderna, houve o trabalho compulsório, a escravização dos indígenas na América e a escravidão de africanos. Na atualidade, o trabalho análogo ao escravo é caracterizado principalmente pela exploração degradante de pessoas em condição de vulnerabilidade social. Você pode acrescentar que, nesse caso, é correto falar em ação criminosa, já que a escravidão foi abolida em tratado internacional na Convenção da Escravidão (Genebra), em 1926, e ratificada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1953. Ao longo de todo o século XIX, a escravidão foi abolida em boa parte dos países, e o Brasil foi um dos últimos a proibir o tráfico (1850) e a abolir a escravidão (1888). Nos demais períodos, a escravização era aceita e não era considerada um crime.
 - b) Na escravidão antiga e moderna, qualquer pessoa livre poderia ter escravizados, a depender de suas condições sociais e materiais. Desde a Revolução Industrial, a superexploração do trabalho é utilizada por empregadores que querem ampliar os lucros.
2. Você pode pedir aos estudantes que descrevam as imagens de escravidão que eles têm em mente e fazer um registro coletivo no quadro. Pode também colocar a palavra “escravidão” no buscador da internet e pedir-lhes que observem e descrevam as imagens que aparecem. Pelourinho, correntes nos pés, navio negreiro, ama de leite são alguns exemplos. A partir deste momento, questione os estudantes sobre outras formas de escravidão. Sugestões de perguntas de cunho mais filosófico: Será que somos escravos do tempo? Da internet? Do celular? Do consumismo? Dos padrões de beleza? Dos jogos eletrônicos? É possível e esperado que você faça apenas a primeira provocação e todas as outras venham da reflexão dos estudantes. Mais do que encontrar uma imagem, é importante pensar nas diferentes formas de escravidão para além da cena clássica de um escravizado sendo chicoteado no pelourinho.

Ampliação

As duas referências a seguir se complementam. A primeira apresenta uma coletânea de documentos históricos com relatos sobre a exploração degradante do trabalho infantil na Revolução Industrial. A segunda é o filme **Oliver Twist**, de Roman Polanski, baseado na obra de Charles Dickens sobre o mesmo período.

- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Compilação de artigos da historiadora que aborda o processo de dominação e resistência nas lutas do movimento operário, a conquista de direitos das mulheres e as injustiças e abusos do sistema carcerário na França do século XIX.
- OLIVER Twist. Direção: Roman Polanski. Inglaterra e França: Columbia, 2005. 1 DVD (130 min).

Trata-se da adaptação fílmica da obra literária homônima do escritor Charles Dickens, eminente escritor que ficou conhecido por sua obra sensível às questões urbanas e dos desvalidos da Revolução Industrial na Londres do século XIX. O filme acompanha a jornada do órfão Oliver, que, juntamente com outros, sofre com as agruras da fome e da exploração.

> Mais atividade

História, Filosofia e Sociologia

Com base no texto a seguir, é possível discutir nas aulas de Filosofia e Sociologia questões sociais que abordam a ausência de proteção trabalhista no capitalismo da era industrial e as conquistas de direitos das mulheres e de crianças. Caso exista tempo disponível, realize a atividade a seguir com os estudantes.

MULHERES NA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

O têxtil foi o grande setor de emprego das mulheres, nas fábricas e nos ateliês. Elas entraram em massa nas fiações e tecelagens da Primeira Revolução Industrial, em Manchester, em Roubaix, em Mulhouse, onde, em 1838, o doutor Villermé as vê em tristes cortejos na entrada das fábricas, muitas vezes acompanhadas dos filhos. Há características que se repetem em seu trabalho. Ele é temporário: as operárias não passam a vida toda na fábrica; são admitidas muito jovens, desde os 12 ou 13 anos, permanecem no trabalho até o casamento ou até o nascimento do primeiro filho, voltando a trabalhar mais tarde, quando os filhos estão criados, e, se necessário, com eles. É, pois, um trabalho cíclico, sem perspectiva de carreira. [...]

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 119.

Após a leitura, proponha que, reunidos em seus grupos de trabalho, os estudantes investiguem artigos de livros, jornais, revistas ou *sites* para refletir sobre as seguintes questões:

- O que mudou e o que permaneceu das condições de trabalho descritas no texto?
- Que conquistas sociais foram alcançadas desde então?

Sessão pipoca

Antes de exibir o documentário indicado aos estudantes, apresente dados da obra e destaque a importância do filme como documento histórico. No Ensino Médio, espera-se que os estudantes possam fazer registros pessoais do filme com autonomia. Os registros e as impressões servirão de base para um debate de ideias entre os estudantes.

> Páginas 50 e 51

Organizando os trabalhos

Investigação: escravidão e trabalho análogo?

Antes de falar na organização dos grupos, mostre as categorias de interesse apresentadas no **Livro do Estudante** e peça que cada um indique a que mais representa suas habilidades. Feitas as escolhas, acompanhe a montagem dos grupos. Outra possibilidade é organizar os grupos em função dos temas. Nesse caso, será necessário apresentar os temas A, B e C propostos na próxima etapa. Nas duas formas sugeridas, os grupos são montados independentemente das preferências pessoais e de amizade entre os colegas, o que evita que alguém seja excluído ou isolado ou que se formem grupos muito homogêneos.

É importante antecipar e discutir coletivamente os indicadores de avaliação do trabalho em grupo apresentando a tabela de autoavaliação atitudinal presente no final do projeto.

Para as próximas etapas, deve-se fazer a leitura compartilhada da introdução do Projeto Integrador, dando destaque à pergunta-chave: **Escravidão: somos livres?**. As demais questões são complementares e todas devem nortear o trabalho dos grupos. A leitura compartilhada é uma oportunidade de compartilhar as dúvidas e os esclarecimentos.

Além das perguntas norteadoras, os estudantes serão apresentados à ideia de criar ou coletar poemas, contos ou relatos para serem apresentados em um sarau. A organização do sarau e as características dele serão apresentadas mais adiante.

Ampliação

Com as referências apresentadas a seguir, será possível munir os estudantes para um debate nas aulas de Língua Portuguesa, História e Filosofia sobre o que é ser livre e o que é ser escravo.

- RÁDIO Poeta – Liberdade (2016) – Cecília Meireles. 2016. Vídeo (4 min). Publicado pelo canal Rádio

Poeta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NS0R2NgxTUo>. Acesso em: 22 jan. 2020.

Narração da crônica sobre liberdade da poeta Cecília Meireles. O trecho, o mais reconhecido do clássico livro da poeta, se encontra no livro indicado a seguir:

- MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 7.

[...] Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
E ninguém que não entenda! [...]

MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2001. p. 191.

➤ **Atividades** propostas na página 51

As atividades 1 a 4 são mais propriamente questões, concebidas como norteadoras para a elaboração da proposta do projeto e para responder à pergunta-chave. Evidencie aos estudantes que essas e outras indagações que deverão surgir serão discutidas nas próximas etapas. Se você achar adequado, peça aos estudantes que proponham novas perguntas para estimular a curiosidade e ampliar o universo da pesquisa.

➤ Página 52

➤ **ETAPA 2: SABER E FAZER**

Escravidão: crime na história da humanidade

Inicie a etapa 2 fazendo a leitura em voz alta da parte introdutória. Em seguida, solicite a cada componente que leia, individualmente, os textos destinados ao grupo – temas A, B ou C – e faça anotações das primeiras impressões e dúvidas. Dessa forma, o grupo tem um ponto de partida, conta com a contribuição de todos e está preparado para dar início à proposta.

É hora de fazer a segunda leitura dos textos em grupo, seguindo os procedimentos apresentados: produção de um glossário/vocabulário, anotação das principais ideias e elaboração da síntese. Espera-se que nesta fase da escolarização todos sejam capazes de produzir uma síntese, mas vale ressaltar que ela deve conter elementos dos textos lidos e não opiniões pessoais de um ou outro componente do grupo.

Oriente a elaboração da síntese e procure fazer uma parceria com o componente curricular Língua Portuguesa para esta tarefa. Procure circular pelos grupos observando

os turnos de fala, a participação dos componentes e se há respeito e consideração às dúvidas e aos comentários de cada um. Atenção redobrada aos casos de *bullying* ou outras formas de desrespeito entre os colegas. Neste caso, a mediação de conflitos pelo professor torna-se fundamental na defesa de uma cultura da paz e da não violência dentro da escola.

Ampliação

- SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Esse livro traça um panorama histórico, cultural e étnico do continente africano e da presença e do legado da África no Brasil.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flavio dos Santos (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

O livro reúne 50 ensaios de especialistas no árido e complexo tema da escravidão em terras brasileiras. A obra foi lançada por ocasião dos 130 anos da abolição da escravidão.

Para cada uma das temáticas apresentadas (A, B e C), sugerimos a seguir algumas indicações de leitura para apoiar e ampliar o entendimento e a investigação sobre o tema. Apresente as sugestões, mas não limite as possibilidades de busca autônoma dos grupos a *sites* e livros de fonte segura. Apresentar fontes seguras é oferecer aos estudantes um bom exemplo de critérios na busca de informações. Neste momento da investigação, a proposta é analisar e comparar diferentes narrativas com vista à compreensão de ideias e processos históricos e sociais, descritos na competência específica 1 e na habilidade EM13CHS101 da BNCC.

➤ Página 53

A. Quilombo: locais de resistência

As duas indicações de ampliação a seguir são para os estudantes.

Ampliação

- SOUZA, Daiane. Comunidades quilombolas: conceito, autodefinição e direitos. **Fundação Cultural Palmares**, 2012. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=19099>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Histórico das definições de quilombo, legislação e entrevista com a pesquisadora Glória Moura sobre a importância cultural e as questões das comunidades quilombolas na atualidade.

- CAMINHOS da Reportagem – Quilombos. 2012. Vídeo (50 min). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xb8hc3QGIQA>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Síntese da história de uma das mais significativas formas de resistência encontrada pelos escravizados. O programa retrata ainda as dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas na atualidade, que as mantêm em permanente resistência pelos direitos básicos, como a terra e o trabalho. No Brasil, são mais de 3 mil quilombos mapeados, mas nem todos são reconhecidos pela esfera estatal e poucos têm titulação de terra.

> Mais atividades

Para ampliar a bagagem de informações sobre a resistência dos povos escravizados, possibilite que os estudantes leiam o trecho a seguir:

TENSÕES ENTRE A DOMINAÇÃO E A RESISTÊNCIA

[...] Devemos lembrar que os quilombos não representaram a única ou exclusiva forma de protesto ou resistência. Os modos do trabalho em torno da escravidão (com opressão, violência, paternalismo, políticas de incentivo e outras formas de dominação) exigiram de senhores e escravos muitas políticas e estratégias. Controle do ritmo do trabalho, organizações familiares, fugas temporárias, insurreições, ideologia da alforria e cooperação em termos étnicos e culturais foram algumas delas. [...] Um olhar plural é essencial até para entender um importante aspecto que se verifica atualmente em diversas regiões americanas: a formação de povoados remanescentes de quilombos, mocambos, *cumbes*, *maroons*, *palenques* e *cimarrones* [...].

GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 10-11.

Após a leitura, solicite aos estudantes que investiguem em livros ou na internet trechos de textos que descrevam as formas de protesto ou resistência da população escravizada no Brasil.

> Páginas 54 e 55

B. Escravidão negra no Brasil

As indicações a seguir estão acompanhadas de um breve comentário a respeito do conteúdo e podem ser analisadas por você e compartilhadas com os estudantes à medida que surgirem as necessidades de ampliação ou compreensão dos temas.

Ampliação

- ANA Maria Gonçalves – **Um defeito de cor**. 2019. Vídeo (1 min). Publicado pelo canal Marcio Debellian. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cgh6fPB0lv8>. Acesso em: 22 jan. 2020.

A escritora Ana Maria Gonçalves recita um trecho de seu romance **Um defeito de cor** (Editora Record, 2006) para o álbum da cantora Marina Iris (**Voz bandeira**, Tratore, 2019). Atendem para a delicadeza do texto, que relata um importante aspecto da dominação: a retirada do nome original africano que se configura como um espólio ao traço fundante da identidade e cultura. Essa negação da humanidade era compatível com a sociedade colonial, que fazia do escravizado uma mercadoria. Sugere-se parceria com Língua Portuguesa. A declamação deve ser ouvida pelo grupo e compartilhada com todos da sala no momento posterior de apresentação das sínteses.

- MANENTI, Caetano. Lista com nomes de navios negreiros escancara cinismo dos comerciantes de seres humanos no Oceano Atlântico. **Geledés**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lista-navios-negreiros-cinismo-comerciantes-seres-humanos-oceano-atlantico/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

O tráfico negreiro foi um dos negócios mais lucrativos e nefastos da história. O artigo explica o que eram os navios negreiros ou tumbeiros que faziam a travessia impiedosa dos africanos no Atlântico rumo à escravidão. Aborda também os irônicos nomes que os tumbeiros tinham, como Boa Intenção e Caridade.

ESCRAVOS

Na rua da Consolação, 72, há 38 ‘peças’ para vender [...] todos bonitas peças. Vende-se barato para “liquidar” (Correio Paulistano, 9 de maio de 1880)

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A fotografia foi amplamente usada no Brasil imperial da segunda metade do século XIX. Tornou-se um importante registro documental da paisagem natural e urbana, mas sobretudo um registro do cotidiano e reveladora da mentalidade da época: foram muitos os fotógrafos que se dedicaram a fotografar o “exótico”, incluindo aí o que se denominava de “tipos de pretos” em cartões postais que ganharam o mundo. Outra importante documentação vinha dos jornais: anúncios que denunciavam como o escravizado era visto como uma mercadoria a ser vendida, liquidada, alugada e resgatada em caso de fuga.

- KOUTSOUKOS, Sandra S. Machado. Amas na fotografia brasileira da segunda metade do século XIX. **Unicamp Studium**, 2007. Disponível em: <https://www.studium.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/index.html>. Acesso em: 22 jan. 2020.

A plataforma Studium Representação Imagética das Africanidades no Brasil, da Unicamp, reúne artigos científicos e banco de imagens com uma vasta gama de temas. O presente artigo aborda as escravas amas de leite na fotografia do século XIX. As poses revelam mais do que um olhar desatento pode ver, o que mostra a complexidade da escravidão e como é árduo o trabalho de desvendar e decodificar essas fotos e suas inúmeras leituras possíveis. São demonstrações ora de afeto, ora de jugo que podem contribuir para a discussão sobre as ainda hoje contraditórias redes de relações com empregados domésticos ou sobre a representação do negro e o racismo.

> Páginas 56 e 57

C. Tráfico de pessoas e trabalho análogo ao escravo

Ampliação

- CICLO do trabalho escravo contemporâneo. 2014. Vídeo (4 min). Publicado pelo canal Escravo, Nem Pensar!. **Repórter Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q1T9qRb9B8E>. Acesso em: 22 jan. 2020.

A animação, feita pela ONG Repórter Brasil, apresenta dados e o ciclo vicioso do trabalho escravo contemporâneo.

- TRÁFICO de pessoas: como é feito no Brasil e no mundo?. **Politize!**, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/trafico-de-pessoas-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

A página **Politize!** traz ampla gama de informações sobre o tráfico de pessoas no Brasil e no mundo, com dados, tabelas, infográficos, leis e caminhos para ações como denúncias, combate à pobreza e à desigualdade e defesa dos direitos humanos. O trabalho pode ser feito com a colaboração do professor de Geografia, para o mapeamento, a leitura e a interpretação de dados.

> Páginas 58 e 59

Escravidão: síntese dos textos

A seguir, estão descritas as ideias principais que devem estar presentes nas sínteses dos grupos:

A. Quilombo: locais de resistência

Locais de refúgio e resistência das populações escravizadas ou marginalizadas. Eram comunidades localizadas

em regiões afastadas com organização hierarquizada. Possuíam uma dinâmica econômica, social e cultural própria, tecendo relações com comunidades próximas. O quilombo dos Palmares é considerado o maior do período colonial, chegando a abrigar cerca de 20 mil pessoas e tendo como líder mais conhecido Zumbi dos Palmares.

B. Escravidão negra no Brasil

A biografia de Rita Maria da Conceição traz indícios de como a população inicialmente escravizada poderia negociar sua condição e chegar à emancipação social e econômica, ainda que com muitas restrições. Rita, africana trazida para o Rio de Janeiro por meio do tráfico transatlântico, com o ofício de ganhadeira comprou sua liberdade e acumulou posses, transcendendo a escravização à qual havia sido submetida. Chegou a se divorciar, algo incomum para o período. O texto trata também das redes de solidariedade da população negra, como as irmandades religiosas.

C. Tráfico de pessoas e trabalho análogo ao escravo

O texto “Mercado de gente” qualifica o que é trabalho análogo ao escravo ressaltando os seguintes pontos: o tráfico de pessoas é extremamente lucrativo; as vítimas estão em situação de vulnerabilidade e acreditam em propostas de trabalho que se concretizam como falsas e exploratórias, com condições degradantes, como prostituição, casamento forçado, tráfico de órgãos, entre outras; as vítimas são reutilizadas até serem descartadas, como um objeto sem importância.

O texto “Saí fugido” é um relato de um jovem vítima de trabalho análogo ao escravo, que ficou preso sob ameaça de morte em uma fazenda localizada em Açailândia (MA). O jovem fugiu pela mata e buscou ajuda do Ministério Público do Trabalho, tendo sido acolhido por um motorista e, depois, por um padre.

O texto “Empregada doméstica indígena é resgatada de trabalho escravo em São José dos Campos, SP” é uma reportagem que descreve a situação de uma jovem indígena vinda do Amazonas, que prestava serviços de faxina, cuidava de um bebê e de uma idosa, sem remuneração nem contato com a família.

Com as sínteses em mãos, é hora de compartilhar com os colegas da sala. Você pode optar por uma das sugestões a seguir considerando o perfil da turma.

- Montar subgrupos com um integrante de cada tema. A vantagem dessa ideia é que todos têm mais chances de participar das discussões, já que ocorre em um grupo pequeno.
- Cada grupo escolhe um orador, que vai contar aos colegas de sala as ideias dos textos lidos. A vantagem dessa ideia é a de que todos podem ouvir os comentários sobre o que está sendo apresentado e a troca resulta maior.

➤ **Atividade** proposta na página 58

1. Foram apresentados cinco textos com diferentes perspectivas sobre a condição de vida dos escravizados e de trabalhadores em situação de trabalho análogo ao escravo. Oriente os estudantes a considerar na síntese que vão elaborar o contexto em que cada texto foi escrito e a diversidade de pontos de vista que o conjunto dos textos oferece.

➤ **Atividades** de ampliação

O professor do projeto, em parceria com Língua Portuguesa, pode conversar com os estudantes sobre o gênero HQ e apresentar dados sobre a obra **Cumbe**.

O autor escolheu o nome Cumbe, que significa sol, força e luz, para representar a resistência negra no período colonial. Trata-se de uma palavra do idioma africano quimbundo. O quadrinho, fruto de uma profunda pesquisa do autor, narra quatro histórias fictícias baseadas em elementos da cultura banto.

Na atividade **1a)** os estudantes devem identificar homens e mulheres negros em conflito com capatazes. Na atividade **b)**, devem dizer que são homens e mulheres fortes, que aparecem lutando por seus interesses, o que evidencia a resistência contra a escravidão.

➤ Páginas 60 a 63

Trabalho, escravidão e liberdade

Os textos apresentam relações de trabalho e hierarquia social em diferentes períodos: Grécia Antiga, Feudalismo, América Espanhola, Revolução Industrial e Brasil atual. A leitura deve ser feita em voz alta por você; os estudantes acompanham e fazem anotações pessoais. É importante criar momentos de leitura e escuta. Ao final de cada texto dê um tempo mínimo para perguntas, dúvidas e comentários dos estudantes e do professor, tornando a leitura colaborativa.

➤ **Atividades** propostas na página 60

Antes de iniciar a busca pelo significado da palavra **trabalho**, vale escrevê-la em letras grandes no centro do quadro e pedir aos estudantes que falem outras palavras, expressões ou sentimentos que podem ter relação com ela. A ideia não é fechar um conceito e sim fazer um mapa mental como aquecimento para as leituras e discussões propostas a seguir sobre o tema.

1. Espera-se que os estudantes descubram que **trabalho** deriva da palavra latina *tripalium*, instrumento de tortura utilizado para castigar especialmente escravizados. Portanto, podemos perceber de antemão

que seu significado carrega aspectos negativos, até mesmo relacionados à escravidão. Ao longo do tempo, o trabalho tem sido relacionado às formas hierárquicas de distribuição de tarefas e mesmo à estratificação social, presente em diversas sociedades. Ler sobre a origem da palavra e comparar com o que foi levantado coletivamente pelo grupo faz com que os estudantes percebam e reconheçam os diferentes sentidos e significados que uma palavra pode ter.

2. As respostas são pessoais e o aquecimento do início da aula contribui com ideias para a sua elaboração. Dizer que uma resposta é pessoal pode dar a ideia de que qualquer coisa pode ser dita ou escrita. Cabe a você falar sobre a importância do uso de argumentos na defesa de ideias ou na apresentação de pontos de vista. Espera-se que os estudantes reconheçam que muitas atividades humanas estão relacionadas ao trabalho e que ele pode ser decisivo na construção da identidade das pessoas, tendo papel central em nossa inserção social. A ausência de trabalho remunerado ou emprego pode, por exemplo, levar à exclusão social

➤ **Atividade** proposta na página 63

Depois da leitura compartilhada e colaborativa dos textos, os estudantes voltam aos grupos de trabalho com suas anotações e impressões pessoais. Você pode definir um período histórico para cada grupo e compartilhar as respostas ao final. Também pode deixar que escolham com base nos interesses negociados entre os componentes. Neste caso, a escolha do período deve ser democrática, contando com o voto de todos. Existe a possibilidade de muitos escolherem o período atual por conta da proximidade temporal e, para os que vivem em grandes centros urbanos, por conta da convivência direta com o tipo de trabalho apresentado.

1. A proposta é identificar as relações de trabalho e a localização espaço-temporal.
 - **Texto 1:** escravidão na Antiguidade. A sociedade ateniense, descrita parcialmente nesse texto, era constituída de: eupátridas (“bem nascidos”, que desempenhavam trabalho intelectual, político e administrativo, tendo direitos políticos); demiurgos (que executavam trabalhos relacionados aos ofícios de artesãos e comércio); *georgóis* (pequenos proprietários de terras); *thetas* (assalariados); metecos (estrangeiros habitantes de Atenas, que se dedicavam ao comércio e artesanato); e escravizados (principalmente prisioneiros de guerra).

- Texto 2: servidão feudal. A sociedade feudal era dividida em três estamentos: clero (que executava o trabalho intelectual religioso e político); nobreza (que executava trabalho intelectual e militar); e servos (que executavam trabalho manual na forma de atividades campesinas, artesanato, comércio, entre outras).
- Texto 3: escravidão ou trabalho compulsório indígena na América espanhola. A sociedade hispano-americana colonial era dividida da seguinte forma: chapetones (espanhóis que ocupavam os postos mais altos da coroa espanhola, relacionados à administração da colônia, militares, cargos jurídicos e comércio colonial); *criollos* (filhos de espanhóis e nascidos na América, podiam ser latifundiários ou arrendatários de minas, ou ocupar cargos administrativos ou militares mais baixos); trabalhadores livres (mestiços, livres, dedicados à atividades manuais); indígenas livres (que realizavam trabalho compulsório, caracterizado por servidão coletiva, dedicados à agricultura ou mineração); e escravizados (que podiam ser indígenas ou africanos, e realizavam os trabalhos braçais mais pesados).
- Texto 4: após a Revolução Industrial, inicialmente a sociedade passou a se dividir nas seguintes classes sociais: burguesia (formada por grandes proprietários de terras, máquinas, fábricas, bancos etc.), que executava trabalho intelectual administrativo; e classe operária, que não era proprietária, e vendia sua força de trabalho em troca de salário.
- Texto 5: o texto trata da sociedade de classes sociais contemporânea e do trabalho ultraflexibilizado, em que se trabalha muito, mas não se tem um emprego estável com direitos garantidos.

Pirâmide social

A classificação dos indivíduos em grupos de acordo com a sua condição socioeconômica é o que a Sociologia chama de estratificação social. Ela pode também levar em conta as crenças e outros elementos culturais. A classificação, representada em uma pirâmide, organiza as classes de forma hierárquica de acordo com o poder econômico e *status* social. A hierarquia de uma pirâmide socioeconômica coloca no topo os indivíduos com maior poder político, com mais recursos e, portanto, maior acesso aos bens materiais. Na base são colocados os de baixo poder econômico e social.

2. Os estudantes podem usar como base a estratificação representada na pirâmide social e, mesmo com uma variação de respostas em função da sociedade

analisada, espera-se que identifiquem que, quanto mais alta a posição social do indivíduo, mais direitos, liberdade e privilégios ele usufruía.

3. Espera-se que os estudantes percebam que há uma clara distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual, que está diretamente ligado à posição dos sujeitos em sua sociedade. Hoje, com raras exceções, o trabalho braçal ainda é executado por quem tem menor escolaridade e não possui os meios de produção.
4. A afirmação feita na atividade coloca em oposição diferentes perspectivas sobre o trabalho. De um lado, a realização pessoal e profissional que possibilita acesso ao consumo de bens e serviços; de outro, o trabalho (ou emprego) que aliena, limita a liberdade e tem como objetivo principal prover apenas a sobrevivência. No Ensino Médio, os estudantes sentem-se tomados pela discussão por estarem próximos da escolha profissional ou por já estarem atuando no mercado de trabalho, nem sempre na área que escolheram. A discussão é ampla e você deve criar um ambiente de fala e escuta onde todos tenham voz e possam apresentar suas ideias e dúvidas. O tempo destinado ao diálogo entre os jovens é valioso e provoca reflexão, colocando os estudantes no centro da discussão sobre o tema trabalho. Depois das conversas, os estudantes terão elementos para a elaboração das frases e poemas propostos e que podem ficar expostos na sala.

► Atividade de ampliação

Sugira aos estudantes que investiguem sobre a saúde do trabalhador em livros, jornais e na internet. Peça a eles que evidenciem na pesquisa aspectos relevantes da visão histórica e da atual sobre a saúde do trabalhador no Brasil, principalmente as leis que regulamentam o tema. Se possível, possibilite que apresentem os resultados das investigações em uma roda de conversa.

Ampliação

A seguir, sugerimos alguns artigos relevantes que podem auxiliar na atividade.

- A HISTÓRIA da saúde dos trabalhadores. **Portal Educação**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/a-historia-da-saude-dostrabalhadores/29328>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- FRIAS JÚNIOR, Carlos Alberto da Silva. **A saúde do trabalhador no Maranhão**: uma visão atual e proposta de atuação. Disponível em: <https://portalteses.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/friasjrcasm/capa.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

- CAMISASSA, Mara. História da Segurança e Saúde no Trabalho no Brasil e no mundo. **Gen Jurídico**, 2016. Disponível em: <http://genjuridico.com.br/2016/03/23/historia-da-seguranca-e-saude-no-trabalho-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

► Páginas 64 e 65

Trabalho análogo ao escravo

Nesta fase do projeto, é importante verificar até que ponto os estudantes conseguem identificar a diferença entre escravidão e trabalho análogo ao escravo. Vale pedir que cada um responda individualmente às perguntas antes de compartilhar com um colega e iniciar as buscas na internet. Na página do Conectas, indicada a seguir, é possível encontrar o conceito e esclarecimentos sobre o tema com base em perguntas e respostas. Os estudantes podem ainda buscar informações em outras organizações, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), Anistia Internacional e Anti-Slavery International (organização mais antiga de direitos humanos).

Ampliação

Estas referências podem ser trabalhadas em parceria com Sociologia e Geografia.

- COMO a lei brasileira define o trabalho análogo ao escravo. **Conectas**, 2019. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/como-a-lei-brasileira-define-o-trabalho-analogo-ao-escravo>. Acesso em: 22 jan. 2020. O texto aborda a definição do trabalho análogo ao escravo na lei do Brasil.
- NEUMANN, Eduardo. Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão. **USP FFLCH**. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/trabalho-america-epanhola-apresentacao>. Acesso em: 23 jan. 2020. O artigo apresenta as diferentes formas de trabalho exploradas na colonização da América espanhola seguidas de exemplos.
- VOCÊ não estava aqui. Direção: Ken Loach. Reino Unido, França e Bélgica: Sixteen Films, 2019. (100 min). A filmografia do diretor inglês Ken Loach aborda as injustiças sociais e do mundo do trabalho, bem como as lutas pela conquista e manutenção de direitos. Neste filme, ele retrata a vida de uma família engolida pela precarização do trabalho.
- UBERIZAÇÃO – a nova condição do trabalho. 2019. Vídeo (5 min). Publicado pelo canal Sociologia Animada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=knE89Ecl-LI>. Acesso em: 23 jan. 2020. Esse vídeo aborda a diferença entre trabalho e em-

prego, as características da uberização e como essas novas relações de flexibilização e informalidade do trabalho levam à sua precarização.

► **Atividades** propostas nas páginas 64 e 65

1. O artigo 149 do Código Penal qualifica o trabalho análogo ao escravo como o cerceamento da locomoção de trabalhadores, com a finalidade de retê-los no local de trabalho, a jornada exaustiva sob condições degradantes e vigilância ostensiva e a tomada de documentos e pertences para restringir a mobilidade. A pena se agrava se a exploração do trabalho análogo ao escravo incidir sobre crianças e adolescentes, se for motivada por preconceitos diversos, se a vítima for submetida a qualquer tipo de servidão, adoção ilegal, tráfico de órgãos ou exploração sexual.
2. A escravidão era legalizada no passado, nas sociedades escravistas. No presente, ela é considerada ilegal e o trabalho análogo ao escravo é prática de exploração degradante de vulneráveis e viola acordos internacionais e leis trabalhistas locais.
3. O infográfico apresentado na proposta é de fácil leitura e espera-se que os estudantes consigam identificar que:
 - a) A maioria é de trabalhadores oriundos dos estados do Maranhão (23,1%), Bahia (9,5%), Pará (8,6%), Minas Gerais (8,3%) e Piauí (5,6%).
 - b) As atividades econômicas que mais exploram esse tipo de mão de obra são a pecuária, o cultivo da cana-de-açúcar e outras lavouras.
 - c) A maioria é do sexo masculino, com idade entre 18 e 44 anos (83%), de pouca escolaridade (39% frequentaram até a 4ª série) ou analfabetos (32%) .
4. Explore com os estudantes as diferentes perspectivas sobre os trabalhos análogos ao escravo contempladas no painel. Peça-lhes que evidenciem as frases que podem ser utilizadas posteriormente na elaboração de poemas para o sarau.

Ampliação

- DEPOIMENTO de um trabalhador escravo. 2019. Vídeo (2 min). Publicado pelo canal Escravo, Nem pensar!. **Repórter Brasil**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gd9wIakhmjc&feature=youtu.be>. Acesso em: 22 jan. 2020.

Relato de um trabalhador submetido a condições perversas de exploração qualificadas como análogas à escravidão.

➤ Páginas 66 e 67

Cordel da princesa guerreira

O trabalho com a literatura de cordel é uma boa oportunidade de parceria com Língua Portuguesa, tanto para entendimento do gênero como para a realização das propostas de leitura e produção de um cordel. Fazendo a parceria, você pode destinar as aulas do projeto a entender e discutir o conteúdo dos versos e oferecer elementos conceituais necessários à produção do cordel.

Ampliação

- GONÇALO Ferreira declama a sua literatura de cordel. 2016. Vídeo (12 min). Publicado em TV Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Cypu_f8ZhQ. Acesso em: 23 jan. 2020.

Esse vídeo é uma entrevista com o cordelista Gonçalo Ferreira, que atua na divulgação do cordel e no apoio aos artistas do gênero. No vídeo, ele declama versos de um cordel sobre um cangaceiro do bando de Lampião. Você pode usar o vídeo para discutir o conteúdo ou a forma como os cordéis podem ser declamados.

➤ **Atividades** propostas na página 67

Nestas atividades, auxilie os estudantes na elaboração de toda a atividade, se possível possibilitando que diferentes estudantes recitem o poema de cordel elaborado pela turma.

Ampliação

- VOCÊ conhece? Aqualtune, a princesa escravizada no Brasil que lutou pela liberdade de seu povo. 2019. Vídeo (2 min). Publicado pelo canal Observatório do 3º Setor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EwWIRUIMg8>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Esse vídeo narra a trajetória da princesa guerreira que ajudou a organizar o quilombo de Palmares. Pode ser assistido como fonte de informação sobre o tema.

➤ Páginas 68 e 69

Memória: resistência e luta pela dignidade

Antes da leitura do texto, você pode colocar no quadro as palavras LEMBRAR e ESQUECER e fazer com os estudantes uma roda de conversa a respeito delas. Algumas perguntas podem nortear o diálogo como: Nossas lembranças mudam ao longo da vida? Há fatos que preferimos esquecer? Todos lembram de um momento coletivo da mesma forma? Por que as memórias são tão diversas? Como se constrói a memória coletiva? Como se dá o esquecimento, o apagamento da memória histórica? Que são memórias dolorosas? E falsas memórias?

A ideia não é fechar um conceito ou definir memória, mas proporcionar uma discussão histórica e filosófica sobre lembrar e esquecer.

Ampliação

- YERUSHALMI, Yosef Hayim *et al.* **Usos do esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

Esse livro reúne textos da Conferência Usos do Esquecimento (1987). Os ensaios versam sobre memória e esquecimento coletivo, história, tradição, legado, transmissão cultural e poder.

Para os estudantes se aprofundarem no tema, recomende os versos da cordelista Jarid Arraes, que inserimos neste projeto. Eles fazem parte da obra da escritora que apresenta histórias de 15 heroínas negras, que foram pouco evidenciadas, ou esquecidas pela historiografia brasileira.

➤ **Atividades** propostas na página 69

1. Espera-se que os estudantes identifiquem que algumas memórias são dolorosas e difíceis de trazer à tona. No caso, a autora evidencia a necessidade de escavar as memórias para conhecer o passado dos ancestrais e os elementos que constituem sua personalidade e o lugar social no presente. Para ela, o ato de rememorar é um ato político.
2. Vale uma conversa sobre as diferentes formas de buscar informações. Combinar coletivamente as palavras-chave mais adequadas pode facilitar a busca e dar acesso fácil às informações que se pretende obter. Dependendo do tamanho da cidade ou comunidade em que os estudantes vivem, o volume de informações pode ser imenso ou raro, sendo necessário propor um recorte espacial no caso das grandes cidades ou uma ampliação da área investigada no caso das pequenas cidades. Se houver, entre os estudantes, alguém que possa relatar um caso próximo, é importante valorizar e compartilhar.
3. Mais que a qualidade estética das imagens, valorize a pertinência das ideias que elas expressam.

MEMÓRIA E HISTÓRIA

[...] A História como discurso capaz de desenharmos a nossa memória coletiva é também um instrumento de poder. Nela, predomina o relato do ponto de vista daqueles que venceram. Esses grupos dominantes acabam (mesmo inconscientemente) contando uma História de acordo com os seus interesses [...]. As diversas versões do passado estão diretamente ligadas ao presente que as produz. Além disso, eleger uma determinada versão para ser a história “oficial” significa deixar as outras versões para trás [...].

BOLOGNESI, Luiz. **Meus heróis não viraram estátua**. São Paulo: Ática, 2012.

► Páginas 70 e 71

> ETAPA 3: PARA FINALIZAR

Sarau: somos livres?

A etapa **Para finalizar** funciona como uma síntese do processo de aprendizagem e é nela que o protagonismo juvenil ganha força. Neste momento da investigação, as competências específicas 5 e 6 e as habilidades EM13CHS501, EM13CHS503 e EM13CHS601 são evidenciadas na compreensão e identificação de processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos, que valorizam a liberdade e atuam no combate das diversas formas de violência e da exclusão e inclusão impostas historicamente a populações afrodescendentes.

Na produção das poesias, contos ou outras manifestações artísticas, os estudantes poderão se expressar sobre a temática discutida durante todo o projeto. As etapas anteriores são uma referência importante para dar repertório diversificado aos estudantes. Você deve compartilhar o maior número de indicações possível. Com o sarau (ou *slam*), os jovens provocam na comunidade uma reflexão a respeito da exploração do trabalho, da escravidão e do trabalho análogo ao escravo. A reflexão e a provocação são ferramentas importantes no processo de transformação da realidade. Quando os estudantes se envolvem com a temática, devem buscar a procedência das informações, questionar as fontes, produzir respostas criativas e capazes de indicar caminhos para a solução dos problemas apresentados. Desta forma, desenvolvem a autonomia, o compromisso social e a responsabilidade cidadã de observar, investigar, denunciar e agir no sentido de transformar.

As etapas propostas devem ser orientadas e acompanhadas por você, que vai dividindo as decisões com os estudantes e deixando que sejam protagonistas do trabalho de produção, divulgação e denúncia.

Ampliação

Estas indicações podem apoiar e repertoriar você e os estudantes na escolha de um gênero que dê visibilidade ao tema do projeto-ação Sarau/*Slam* que o grupo irá apresentar:

- COMO estamos? 2016. Vídeo (1 min). Publicado pelo canal Rashid Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eVfwQDQ7IO8>. Acesso em: 23 jan. 2020

O *rapper* Rashid faz uma crítica contundente à falta de oportunidade, de trabalho, de acesso à cultura, à desigualdade e ao consumismo que levam à violência que atinge a todos.

- O BRASIL do cordel, *rap* e repente. OERJ, 2012. Disponível em: <https://oestadorj.com.br/brasil-do-cordel-rap-e-repente/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

Aborda as definições, semelhanças e diferenças entre o cordel, o repente e o *rap* como manifestações culturais e artísticas da palavra.

SLAM!

A palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês para representar algo como um bater de palmas, e é o nome dado às batalhas de poesia que se espalham Brasil (e mundo) adentro. Adentro e abaixo, já que é nas periferias do hemisfério sul do mundo que essa ferramenta-comunidade-ação mais tem ganhado espaço.

Slam (ou *Poetry Slams*) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Muitos chamam de “esporte da poesia falada” [...]. O que ocorre em um *Slam* é semelhante ao que acontece nos saraus, porém com algumas regras simples: poesias autorais (decoradas ou lidas na hora) de até três minutos; proibição da utilização de figurino, cenário ou instrumento musical [...]. O movimento dos *Slams* pegou carona no que já vinha sendo construído pelos Saraus, como o Sarau da Cooperifa ou o Sarau Elo da Corrente, e ajudou a espalhar esse vírus da literatura em ruas, praças, bares, universidades e escolas [...].

XAVIER, Igor G. O que é *Slam*? Poesia, educação e protesto. **PROFS Educação**, 2019. Disponível em: <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

► Páginas 72 e 73

> Avaliação e autoavaliação do projeto

Escravidão: somos livres?

As pautas de avaliação e autoavaliação precisam ser discutidas com os estudantes antes de serem preenchidas. Sem a devida contextualização e justificativa de sua necessidade, corre-se o risco de serem banalizadas ou respondidas de forma incorreta. Sendo assim, é importante valorizar o momento de reflexão sobre esse processo e deve-se destinar uma aula para o preenchimento dos quadros. Depois de preenchidos, você deve propor uma conversa individual a respeito dos aspectos que tiveram um destaque positivo e daquilo que representou um desafio para os estudantes.

Objetivo a ser desenvolvido no âmbito do tema integrador:

Investigar a ausência de liberdade imposta pela escravidão no passado e pelo trabalho análogo ao escravo no presente leva a reconhecer a necessidade de que todos os seres humanos sejam considerados iguais e que ninguém deve ser excluído das condições de dignidade.

Produto final: Apresentação de um sarau.

Competências gerais da BNCC: 1, 3, 7 e 8

Competências específicas da BNCC: 1, 4, 5 e 6

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS101, EM13CHS404, EM13CHS501, EM13CHS503 e EM13CHS601.

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar				
Escravidão: da Antiguidade aos nossos dias: Interpretar e selecionar trechos significativos do poema inicial. Ampliar o tema inserindo novas frases no poema. Interpretar infográfico sobre formas da escravidão em períodos da história. Produzir legendas sobre o tema. Relacionar informações sobre a pergunta-chave: Escravidão: somos livres? e o produto final (sarau). Organizar grupos de trabalho da investigação.				
Etapa 2 – Saber e fazer				
Escravidão: crime na história da humanidade: Produzir e compartilhar sínteses de diferentes gêneros textuais sobre o tema. Investigar em história em quadrinhos situações e personagens relacionadas à escravidão. Pesquisar imagens relacionadas ao trabalho análogo ao escravo.				
Trabalho, escravidão e liberdade: Interpretar documentos sobre o trabalho em diferentes períodos. Reconhecer as condições de escravidão e trabalho em classes sociais distintas. Identificar se a maneira como o trabalho foi dividido nessas civilizações influenciou de alguma forma o nosso tempo. Produzir frases ou poema sobre o conflito constante entre o trabalho que nos traz realização pessoal e o trabalho que rouba a liberdade e causa alienação.				
Trabalho análogo ao escravo: Definir e diferenciar trabalho e trabalho análogo ao escravo. Produzir um painel coletivo com frases de reflexão e de repúdio às condições indignas e humilhantes do trabalho análogo ao escravo no Brasil. Investigar biografias sobre a luta contra a escravidão e o trabalho análogo ao escravo e pela conquista da igualdade de direitos no Brasil, no estado ou na cidade onde moram.				
Memória: resistência e luta pela dignidade: Identificar em um relato histórias e memórias sobre o tema. Investigar, produzir e compartilhar desenhos de bens materiais e imateriais relacionados à escravidão ou outras relações de trabalho na cidade onde vivem.				

Etapa 3 – Para finalizar				
Sarau: somos livres?: Conhecer informações sobre sarau e produzir um na sala de aula ou em outro espaço da escola.				
Autoavaliação: Refletir sobre as propostas sugeridas no projeto. Elaborar respostas para a pergunta-chave.				
Orientações para aprimorar o desempenho:				

Refugiados: como vivem no Brasil?

> **TEMA INTEGRADOR:** Mídiaeducação

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar aspectos de movimentos migratórios, com foco nos refugiados do Brasil atual, e a situação deles na cidade ou no estado onde vocês moram.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

Diversos tipos de migração fazem parte da constituição e identidade da população brasileira. Em nossa história recente, uma nova categoria de migrantes internacionais se inscreve em território brasileiro: os refugiados.

O trabalho proposto neste projeto é conhecer e qualificar a migração caracterizada como refúgio, analisando a interação e inserção dessas pessoas em um novo país para considerar, especialmente, se os refugiados da região onde vocês moram sofrem algum tipo de discriminação ou de privação de direitos.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 4, 5, 7 e 9

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 1, 2, 5 e 6

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS502, EM13CHS604 e EM13CHS605

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Dicionários físicos e virtuais.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 3:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Aplicativos e ferramentas digitais.
- Recursos para a apresentação do painel.

Introdução

O projeto **Refugiados: como vivem no Brasil?** é um convite à reflexão e ao exercício de colocar-se no lugar do outro, buscando compreender toda a fragilidade emocional, física, social e econômica que a condição de refugiado pode acarretar. A temática central deste Projeto Integrador inclui as dinâmicas das populações e a mobilidade e a fixação de pessoas, retratadas na competência específica 2 e na habilidade EM13CHS201 da BNCC.

Pensar para além do conforto de viver em seu próprio país com a segurança de conhecer o idioma, a cultura e o funcionamento das esferas política e social é, sem dúvida, um grande desafio para jovens na faixa etária predominante no Ensino Médio. Exercitar a empatia e o diálogo sobre o tema, e entender o refugiado como detentor de direitos e merecedor de respeito, cuidado e hospitalidade são duas tarefas muito gratificantes e transformadoras do projeto, evidenciadas na competência geral 9 da BNCC.

Neste projeto, os estudantes serão convidados a elaborar argumentos com base em dados e informações confiáveis,

apoiados pelas mídias digitais, que trazem para a sala de aula o rosto, os objetos e as histórias dos que estão refugiados no Brasil e no mundo, como meio de atender a competência geral 7 da BNCC. Há também as imagens e os dados estatísticos e cartográficos, e tudo isso alimenta nos jovens o desejo de entender, questionar e investigar, conforme proposto nas competências gerais 4 e 5 da BNCC.

A montagem de um painel em mídias digitais com textos e imagens comunica o que foi descoberto pelo grupo de uma forma que atrai a atenção dos ouvintes e espectadores. Para a produção do painel, diferentes fontes e narrativas serão utilizadas para que os estudantes compreendam os aspectos geográficos, filosóficos e históricos que envolvem o tema, descritos na competência geral 1 da BNCC e na habilidade EM13CHS101.

Durante a descrição das etapas de desenvolvimento do projeto, evidenciaremos outras competências e habilidades que atuarão na construção dos conhecimentos.

O professor de Geografia pode conduzir o processo em parceria com a Sociologia, a Filosofia, a História e a Língua Portuguesa.

Orientações didáticas

> Páginas 78 e 79

> ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR

Olhares sobre os refugiados

Antes de observar fotografias de refugiados, é interessante conversar com os estudantes sobre o poder da imagem e o quanto ela pode revelar sobre uma pessoa, uma situação ou um lugar. Deve-se destinar um tempo para a discussão sobre a observação atenta de imagens e a diferença entre ver e olhar. Com as imagens apresentadas, é importante manter o foco nas questões: O que é valioso e importante para as pessoas na condição de refugiados? O que as pessoas refugiadas levariam para um novo lugar?

Durante essa reflexão, é possível que a palavra “refugiado” não seja compreendida por todos, mas ela será apresentada e explicada na etapa 2 do projeto. Cabe a você avaliar se é o momento de propor uma conversa, buscando explicar os diferentes sentidos e significados que ela tem e fazer um diagnóstico do quanto cada um sabe sobre o conceito.

BOM DIA PRA NASCER

[...] O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. [...] O hábito suja os olhos e lhes baixa a volta-gem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos. Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. [...]

RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. In: WERNECK, H. (org.). *Bom dia para nascer*. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. p. 121-122.

Ampliação

- GENTILE, Paola. Um mundo de imagens para ler. *Nova Escola*, 2003. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1018/um-mundo-de-imagens-para-ler>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Esse artigo aborda a cultura visual e a leitura de imagens na sala de aula e apresenta as etapas dessa leitura fundamental.

> **Atividades** propostas na página 79

- A atividade pode ser feita coletivamente e de forma oral, já que o mais importante é conversar sobre os sentimentos despertados pelas imagens, e não apenas escrever no caderno. A troca de impressões entre os estudantes pode ser bem rica.
- O registro individual funciona como um exercício de observação, e a resposta pode ser um breve texto englobando as três perguntas apresentadas. Espera-se que os estudantes identifiquem que as fotografias tratam de pessoas refugiadas que carregam objetos de valor pessoal escolhidos para serem levados. O refugiado sírio trouxe um instrumento musical; a família do Mali, uma moto; e a família sudanesa, uma panela. Além dos objetos, é possível observar as tendas e o uso dos véus.
- Os estudantes deverão conversar e apresentar suas hipóteses sobre o que poderia ter motivado o refúgio em outro país. Espera-se que os estudantes falem de guerras militares ou civis; perseguição política, étnica ou religiosa; catástrofes ambientais; entre outras.

> **Atividade** de ampliação

Na abertura do projeto, parte da atividade foi realizada. Agora é a vez de buscar imagens que representem os objetos de valor de cada um. Depois de tirar uma foto do objeto, é hora de compartilhar, e a forma como isso pode ser feito deve ser discutida e conversada com o grupo. Algumas sugestões são: imprimir as fotos e montar um painel na sala, criar um documento compartilhado em que todos possam colocar suas imagens com legendas e ver as dos colegas ou outros recursos das redes sociais.

Ampliação

- SÉRIE de fotos emocionantes retrata o que refugiados de guerras estão levando consigo de suas casas. **Hypeness**, 2015. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/09/serie-de-fotos-emocionante-retrata-o-que-refugiados-de-guerras-estao-levando-consigo-de-suas-casas/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- FOTOGRAFIA documental com Érico Hiller. 2016. Vídeo (3min59s). Publicado pelo canal O Beijo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ath1oMvtRg>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Essa referência é um depoimento do fotógrafo documental Érico Hiller, que compartilha suas impressões sobre a profissão, como um testemunho e uma interpretação do seu tempo. Ele fala de seus interesses e temáticas na fotografia e dos desafios do ofício.

> Mais atividade

Neste momento do projeto, despertamos no jovem o desejo de entender, questionar, investigar e aprender. Colocando um desafio de reflexão, pode-se atrair a atenção de todos. Proponha para a turma a pergunta: O que você faria se fosse obrigado a sair às pressas e deixar o Brasil? O que levaria de mais precioso para o novo país? A palavra “obrigado” precisa ter destaque, pois não se trata de uma saída espontânea para trabalhar, estudar ou viver uma nova experiência. A ideia é deixar que os estudantes pensem, manifestem opiniões, comentários e dúvidas para serem envolvidos e sensibilizados pelo tema do projeto.

Ampliação

- PEREZ, Francisco; MOREIRA, Mônica; PIMENTA, Vânia; Se fosse um refugiado o que levaria na mochila? **JPN**, 2016. Disponível em: <https://jpn.up.pt/2016/04/06/fose-um-refugiado-levaria-na-mochila/>. Acesso em: 27 jan. 2020.
“E se fosses tu? Se tivesses que fugir da guerra, o que levarias na mochila?” Essa foi a campanha lançada em 600 escolas portuguesas para sensibilizar os estudantes e convocá-los a se colocar na pele do refugiado.

Sessão pipoca

Ao indicar o documentário *Refugee* (2016), você pode conversar com os estudantes sobre a difícil tarefa de ser um fotógrafo em situações em que se observam desconforto e tristeza naqueles que estão sendo fotografados. O uso intenso dos celulares criou, na atualidade, quase uma banalização da imagem. Fotografamos tudo o tempo todo e compartilhamos sem, muitas vezes, ter o cuidado de pedir autorização às pessoas que estão nas fotos. Fotos são tiradas para registrar um sorriso ou um momento de alegria, mas será que no caso da foto documental de refugiados é a mesma situação? Deve-se ter delicadeza com essas pessoas? E quais são os cuidados que se deve ter? Conversar sobre isso é uma forma de convidar os estudantes a ter um olhar atento ao documentário. Nas aulas de Filosofia, é possível fazer uma reflexão sobre ética e fotografia.

- Páginas 80 e 81

Uma dinâmica mundial

O infográfico deve ser lido levando em consideração a linguagem cartográfica, em que os tons de verde e o tamanho dos círculos revelam maior ou menor quantidade de pessoas que foram viver em outros países. Antes de analisar os números em cada região, é interessante criar uma legenda para a variação de tons de verde e o tamanho dos círculos. Assim, é possível verificar as hipóteses dos estudantes sobre os deslocamentos e seu domínio da linguagem cartográfica. Espera-se que eles percebam que os números revelam a

quantidade de pessoas que saíram, e não o contrário, e isso pode ser discutido com base no estudo comparativo entre a América do Sul e a África, por exemplo.

É possível que, na fala dos estudantes, não haja um reconhecimento de que brasileiros (no grupo da América Latina) sejam classificados como pessoas que saem do país em busca de refúgio. Quanto a isso, vale ouvir os estudantes e pedir que discutam ou mesmo investiguem sobre o que levaria um brasileiro a pedir refúgio em outro país. Neste momento, são evidenciadas a competência específica 1 e a habilidade EM13CHS106, que compreendem a utilização de linguagens cartográficas de forma crítica, significativa e reflexiva para acessar e disseminar informações e produzir conhecimentos.

- **Atividade** proposta na página 81

Na atividade proposta, auxilie os estudantes na investigação sobre as principais nacionalidades das pessoas que escolheram o Brasil como destino de refúgio. Se possível, evidencie os refugiados que se estabeleceram na cidade ou no estado onde os estudantes moram.

> Mais atividade

Você pode fazer um levantamento coletivo a respeito de quais seriam as razões para que uma pessoa escolhesse o Brasil para se refugiar. Colocar as ideias no quadro e promover uma discussão com a sala toda é uma forma de deixar as primeiras impressões registradas para serem usadas na proposta de finalização do projeto.

Ampliação

- UNHCR/ACNUR. **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil**: subsídios para elaboração de políticas, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Pesquisa-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-Refugiados-ACNUR.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2020.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em números**. 4. ed. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%C3%A9meros_versa%C3%83o-23-de-julho-002.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.
- PEDUZZI, Pedro. Brasil já reconheceu mais de 11 mil refugiados até 2018, diz Conare. **EBC**, 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-07/brasil-ja-reconheceu-mais-de-11-mil-refugiados-ate-2018-diz-conare>. Acesso em: 27 jan. 2020.
Dois dossiês completos com dados oficiais e análises sobre os refugiados no Brasil e uma matéria que sintetiza parte desses dados, que podem nortear o projeto durante todo seu percurso.

> Páginas 82 e 83

Organizando os trabalhos

Painel: Refugiados: como vivem no Brasil?

Nessa parte do projeto, é interessante começar a aula explicando aos estudantes as diferenças entre “migração”, “emigração” e “imigração”. É bem possível que eles conheçam as palavras de outro período da escolaridade, mas é importante retomá-las. Em linhas gerais, pode-se falar de migração como o conceito mais amplo de deslocamento de pessoas pelo território (nacional ou internacional). Já o processo de entrada é a imigração, e o de saída, a emigração. As motivações para o deslocamento das pessoas podem variar muito, como a busca de uma vida nova, trabalho ou estudos, mas não há dúvidas de que, no caso dos refugiados, as motivações são extremamente penosas.

Ampliação

- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. **Glossário sobre migração**, 22. Genebra: OIM, 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

Obra de referência com glossário oficial do direito internacional sobre migração criado pela Organização Internacional para as Migrações. Pode ser consultado durante todo o percurso do projeto por professores e estudantes.

Painel

Você deve apresentar a proposta da montagem de um painel de fotografias e imagens de refugiados retomando o que conversaram sobre a foto documental. Para a montagem dos grupos, pode listar no quadro as diferentes habilidades necessárias para a produção de um painel e conversar sobre o significado de cada uma. Ao final da conversa, é importante que cada estudante demonstre interesse e afinidade com pelo menos uma das propostas apresentadas. Assim, fica mais fácil conseguir a formação de grupos diversificados.

> Páginas 84 e 85

> ETAPA 2: SABER E FAZER

Fragilidade política e social

O infográfico das páginas 84 e 85 pode ser lido com certa facilidade, pois as informações estão dispostas de forma clara, mas o significado das siglas UNRWA e ACNUR precisa ser compartilhado com os estudantes. A palavra “apátrida” também pode gerar dúvidas, mas será trabalhada logo a seguir.

UNRWA – Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Médio. Oferece assistência humanitária com cuidados à saúde, serviços sociais e educação aos refugiados palestinos.

ACNUR – Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Tem a missão de oferecer proteção e apoio a refugiados do mundo todo.

> **Atividades** propostas na página 85

1. a) De 70,8 milhões de pessoas em situação de deslocamento forçado, 25,9 milhões são consideradas refugiadas e 3,5 milhões solicitaram essa condição.
b) Síria (6,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões) e Sudão do Sul (2,3 milhões). A Venezuela também aparece no infográfico com 314,8 mil pedidos somente em 2018.
c) 80% se deslocam para países vizinhos. Os países que mais abrigam refugiados são: Sudão, Paquistão e Turquia.
2. O maior desafio dos estudantes é selecionar infográficos atualizados e fazer a leitura de dados que, muitas vezes, aparecem em inglês. Considerando que a linguagem visual e numérica dos infográficos é bastante comunicativa, talvez o idioma não interfira na leitura, mas o apoio do professor da área de Língua Inglesa pode ser uma opção.

Ampliação

- GRIJÓ, Danielle Porto S. O infográfico na sala de aula: uma experiência multimodal. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2019/01/RELATO-6-372-380-O-infogr%C3%A1fico-na-sala-de-aula-uma-experi%C3%Aancia-multimodal.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2020.

Esse artigo pode auxiliar no trabalho com infográficos na sala de aula.

> Páginas 86 e 87

Migrações, refúgio e apatridia

É hora de trabalhar com os verbetes relacionados ao tema, os quais podem ajudar na compreensão de tudo que vem sendo conversado e discutido em aula. As palavras e expressões “apatridia”, “deslocados internos”, “solicitante de refúgio” e “refugiado(a)” podem ser discutidas em grupos ou com toda a sala, com base em hipóteses e conhecimentos prévios dos estudantes antes da leitura.

É conveniente lembrar aos estudantes o conceito de verbe.

Verbe é um gênero textual de caráter informativo destinado a oferecer os significados e definições de uma palavra ou expressão. É apresentado de forma objetiva, seguindo padrões descritivos. Pode aparecer em dicionários e enciclopédias (físicos e digitais) e ser acompanhado de ilustrações e *links* para outros sites.

► **Atividades** propostas na página 87

1. a) Espera-se que os estudantes consigam apresentar verbetes com significados próximos aos sugeridos a seguir.

Asilo político: É concedido a pessoas que não podem retornar ao seu Estado de origem em razão de perseguição injustificada. No entanto, difere do refúgio porque sua concessão a um determinado indivíduo é de ordem estritamente política e não há um procedimento ou requisito definido para tal. É decidido no âmbito do poder discricionário do Presidente da República.

Xenofobia: É o sentimento de aversão, desconfiança, medo, antipatia, rejeição em relação ao estrangeiro, ao que vem de outro país, ao que vem de fora. O sentimento de xenofobia se manifesta em atitudes discriminatórias e, muitas vezes, violentas, tanto verbais como físicas e psicológicas, contra migrantes. Abordagens xenófobas também podem ser encontradas em políticas adotadas por países que buscam restringir fluxos migratórios.

- b) e c) Você pode perguntar aos estudantes sobre as possíveis palavras e expressões ligadas ao tema. Na ausência de repertório por parte dos estudantes ou no intuito de ampliar a lista sugerida por eles, você pode apresentar as sugestões a seguir: “êxodo”, “migração forçada”, “deslocados”, “direito internacional”, “discriminação”, “racismo”, “retornados”, “solicitante de asilo”, “intolerância”, “direitos humanos”, “desterro” e outras.

Uma possibilidade é dividir as palavras entre os grupos ou duplas para que façam uma busca de informações e produzam os verbetes. Assim, os estudantes terão uma ampla gama de verbetes que poderão ser compartilhados na sala e usados na etapa final do projeto.

XENOFOBIA

[...] A xenofobia contemporânea, portanto, continua repercutindo essa distinção entre vidas que contam, entre vidas que são humanas e vidas que vivem num estado à beira do humano ou do inumano. Em várias situações, os Estados que deveriam fazer viver, garantir a vida, não deixar morrer, pelas próprias exigências legais e jurídicas que implicam, pela própria discricionariedade dos agentes públicos que os compõem, condenam a situações de perigo à vida os muitos corpos que são definidos e marcados com a condição de estrangeiros. [...]

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Xenofobia:** medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

XENOFOBIA É CRIME

[...] Assim como o racismo, xenofobia é crime. De acordo com a Lei nº 9459, de 13 de maio de 1997, serão punidos os crimes “resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” [...].

MELLONE, Maurício. Xenofobia é crime. **Instituto ADUS**, 15 ago. 2019. Disponível em: <http://www.adus.org.br/xenofobia-e-crime/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

2. Com base na discussão coletiva sobre discriminação, os estudantes podem prosseguir na busca por outros exemplos. Se a presença de refugiados fizer parte do contexto da comunidade escolar, a discussão será ainda mais séria e profunda, pois a turma poderá contar com o depoimento das pessoas da própria escola, moradores do bairro ou da região.

Ampliação

- MAIS de 40% dos refugiados no Brasil dizem ter sofrido discriminação, revela pesquisa. **ONU Brasil**, 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-40-dos-refugiados-no-brasil-dizem-ter-sofrido-discriminacao-revela-pesquisa/>. Acesso em: 28 jan. 2020
- Essa matéria aponta que 41% dos refugiados no Brasil já sofreram algum tipo de discriminação.

- Páginas 88 a 91

Migração: direito humano

A atividade de leitura da Lei nº 9.474/1997, que implantou o Estatuto dos Refugiados no Brasil, deve ser coletiva, e o registro das informações solicitadas pode ser feito no quadro, em um painel da sala ou em arquivo digital compartilhado entre os estudantes. O trabalho consiste em localizar a informação e apresentá-la de forma resumida ao redator, que pode ser um estudante ou você. É indicado dividir o local de registro em duas colunas com a palavra “refugiados” no centro e uma linha divisória. De um lado, a palavra “reconhecidos”; e, do outro, “excluídos”.

- **Atividade** proposta na página 89

Reconhecidos – Os que sofrem de temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas ou violações graves de direitos humanos em seu país de origem; que já estejam em território brasileiro e não possam retornar à sua pátria pelos motivos descritos anteriormente, ou, ainda, dependentes econômicos ou familiares da pessoa em situação de refúgio.

Excluídos – Pessoas que já desfrutam de proteção ou assistência por parte de organismo ou instituição das Nações Unidas que não o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados; sejam residentes no território nacional e tenham direitos e obrigações relacionados com a condição de nacional brasileiro; tenham cometido crime contra a paz, crime de guerra, crime contra a humanidade, crime hediondo ou participado de atos terroristas ou tráfico de drogas; sejam considerados culpados de atos contrários aos fins e princípios das Nações Unidas.

Ampliação

- UNHCR/ACNUR. Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Site que dá suporte aos refugiados e solicitantes de refúgio no Brasil, com direitos e deveres e um guia de como viver no Brasil (moradia, educação, trabalho, documentação, saúde e outros).

Você pode promover uma conversa a respeito da necessidade de atualização das leis. A nova Lei de Migração é considerada por muitos um avanço no reconhecimento de direitos que só eram garantidos aos nacionais. Apesar de ter recebido elogios por seu caráter humanitário, a nova lei sofreu várias críticas e ataques de uma parcela da sociedade que não aceita a entrada de estrangeiros no Brasil. Essa é uma discussão delicada e séria que precisa ser considerada por você no encaminhamento das propostas.

Silenciar o estudante que não concorda com os avanços humanitários apresentados na lei não promoverá o debate, a reflexão e a transformação. O diálogo aberto com os jovens é uma excelente oportunidade de abordar a cultura da paz e da não violência, colocando cada um deles como protagonista de uma possível mudança nas relações pessoais em âmbito local, regional e global.

Muitos jovens temem a presença dos refugiados como uma ameaça aos seus direitos e oportunidades de futuro profissional. Acolher as angústias e medos dos jovens é uma tarefa importante, assim como propiciar um ambiente livre de agressões, em que o diálogo prevaleça. O respeito às diferentes posições deve ser acompanhado de uma profunda reflexão, em que as discussões estejam pautadas em argumentos sólidos a respeito dos direitos humanos. Nesse ponto da investigação, contemplam-se a competência específica 6 e as habilidades EM13CHS604 e EM13CHS605, ao apresentar e discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial e analisar leis nacionais

e os princípios da Declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça e igualdade.

Ampliação

- REFUGIADOS – Quais os seus direitos? 2018. Vídeo (30s). Publicado pelo canal Direito no popular. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5tdsSXgdbsk>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Síntese que une a perspectiva do direito com as questões filosóficas e sociológicas a respeito dos refugiados.

- FRANCESCO, Wagner. Por que devemos acolher os refugiados? Um debate sobre a globalização da fraternidade. **Jusbrasil**, 2016. Disponível em: <https://wagnerfrancesco.jusbrasil.com.br/artigos/259249432/por-que-devemos-acolher-os-refugiados>. Acesso em: 29 jan. 2020.

Artigo que aborda a tolerância e aspectos polêmicos sobre a acolhida aos refugiados. Pode ser trabalhado com o professor de Filosofia.

► Atividades propostas na página 91

1. A ideia da atividade é fazer os estudantes construírem argumentos de defesa de alguns dos 16 incisos do Artigo 4 do Estatuto dos Refugiados no Brasil. Para defender um ponto de vista, eles precisam apresentar explicações e exemplos que justifiquem a escolha. Uma sugestão para abarcar todos os direitos apresentados é ler e pedir a cada dupla que fique com um direito para o qual deve apresentar defesa. O mais importante desta atividade são o exercício de reflexão e a elaboração de argumentos sólidos pautados em fatos e informações seguras, e não na opinião pessoal.
2. Para realizar a atividade, é importante apresentar a indicação a seguir, que aborda o direito e as normas internacionais para a questão dos refugiados, mas os estudantes devem ter autonomia na busca pelas informações, com a orientação de coletar dados em sites oficiais e seguros.

Ampliação

- NOGUEIRA, Rafael. O direito internacional dos refugiados e os direitos humanos internacionalmente. **Direito Diário**, 5 ago., 2017. Disponível em: <https://direitodiario.com.br/o-direito-internacional-dos-refugiados-e-os-direitos-humanos/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Síntese que aborda a temática dos refugiados na perspectiva da intersecção entre o direito internacional e os direitos humanos.

➤ Páginas 92 e 93

Breve história do refúgio

Você pode fazer a leitura em voz alta enquanto os estudantes fazem anotações pessoais. Se julgar pertinente, peça a eles que realizem as atividades **1** e **2** em conjunto, ou seja, pode sugerir que escrevam um texto comparativo entre o refúgio na atualidade e na Antiguidade.

➤ **Atividade** proposta na página 93

1. Na Antiguidade, o refúgio se dava nos templos em que o exército e outras autoridades não podiam entrar para perseguir os criminosos comuns. Com o tempo, o refúgio passou a ser assunto de Estado e, a partir da Revolução Francesa, fortalecido pelos ideais de liberdade e direitos individuais, o refúgio passou a ser aplicado a criminosos políticos. Espera-se que os estudantes identifiquem no texto e na imagem que o refúgio na atualidade se caracteriza pela proteção dos Estados a indivíduos perseguidos que não sejam criminosos.

Ampliação

- SOUSA, Suzyanne V. M. O conceito de refugiado: historicidade e institucionalização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXX. **Anais** [...]. ANPUH Brasil, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554764413_ARQUIVO_HISTORICIDADEDOCONCEITODEREFUGIADO_ANPUH-RECIFE.pdf. Acesso em: 4 jan. 2020.

- BURKE, P. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Unesp, 2017.

Essas obras tratam do exílio e do refúgio ao longo da história. São indicadas principalmente ao professor de História.

➤ Páginas 94 e 95

Pesquisa: refugiados no Brasil

O foco principal do infográfico apresentado é a síntese de uma pesquisa realizada com 487 pessoas nos oito estados brasileiros que receberam o maior número de refugiados. Segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), até 2018 eram mais de 11 mil pessoas reconhecidas pelo Brasil como refugiadas. Vale apresentar as informações aos estudantes para que eles conversem sobre a validade dos dados e entendam o significado de uma pesquisa por amostragem.

➤ **Atividades** propostas na página 95

1. a) Principalmente nas regiões Sudeste e Sul, que concentram maior riqueza e postos de trabalho. Há um

menor número de refugiados vivendo no estado do Amazonas, que é porta de entrada para migrantes de países latino-americanos.

b) Segundo a pesquisa, Síria e República Democrática do Congo, seguidas de Colômbia e Angola.

c) A maioria dos entrevistados tem Ensino Médio completo (242), superior completo (151) e está empregada (57%). Dentro dessa parcela, 39,9% trabalham por conta própria ou são pequenos empresários.

2. Espera-se que os estudantes citem aspectos relacionados ao trabalho e à escolaridade. Muitos trabalham por conta própria ou estão desempregados, e há um alto índice de diplomas não revalidados.

3. Os estudantes devem responder que, em linhas gerais, podemos dizer que sírios e congoleses foram atingidos por guerras civis em seus países de origem. Na Síria, existem conflitos entre apoiadores do governo, opositores e grupos terroristas. No Congo, a origem do conflito é étnica, entre tutsis e hutus. Pessoas de nacionalidades que solicitam reconhecimento como refugiados no Brasil são venezuelanas, angolanas, colombianas e haitianas, entre outros.

4. Ressalte aos estudantes que o resultado desta atividade será aproveitado no trabalho final.

Ampliação

- IDOETA, Paula Adamo. De onde vêm as pessoas que pedem refúgio no Brasil – e qual a situação em seus países? **BBC**, 21 maio 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44177606>. Acesso em: 27 jan. 2020.

Esse texto apresenta a origem dos refugiados que chegam ao Brasil.

- COMO é ser refugiado em um país de herança escravocrata como o Brasil? **Missão Paz**, 2018. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/noticias/cpmm/25-06-2018/como-ser-refugiado-em-um-pas-de-herana-escravocrata-como-o-brasil>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Refugiada do Congo Prudence Kalambay Libonza fala sobre o imaginário antes da vinda para o Brasil e os preconceitos que sofreu ao chegar.

➤ Páginas 96 e 97

Quem acolhe e ampara os refugiados?

Neste momento da investigação, serão evidenciadas ações que promovam a solidariedade e os direitos humanos, para o acolhimento e amparo de refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade, que são tratados na competência específica 5 e na habilidade EM13CHS502 da BNCC.

A leitura compartilhada do texto pode evidenciar a delicadeza do professor, que usa músicas para ensinar e trazer um pouco de alegria aos jovens refugiados em suas aulas. Chama a atenção também o fato de que dois terços dos refugiados do Sudão do Sul que vivem no campo de Jewi, na Etiópia, são crianças.

Ampliação

- O QUE é um lar? 2019. Vídeo (2min47s). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRh4vBUjW8Y>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Bigoa Chuol, poeta sul-sudanesa, recita seu poema “*Birth Water*” sobre fuga, exílio e lar na perspectiva dos deslocados e refugiados.

Atividades propostas na página 97

As atividades propostas devem partir de um levantamento coletivo em sala de aula. Você e os estudantes precisam conversar sobre a percepção de todos a respeito da presença de refugiados nas proximidades da escola a até mesmo dentro dela. Dependendo do estado, da cidade e até do bairro onde a escola está inserida, a presença pode ser muito marcante ou inexistente. Cabe ao grupo avaliar as condições para a realização da coleta de dados. Em alguns casos, entrevistas, visitas à biblioteca e centros culturais, assim como fotos tiradas pelos próprios estudantes, podem fazer parte do trabalho. Em outros casos, a tarefa estará restrita a uma coleta de dados na internet sobre a presença de refugiados no estado ou na região do Brasil em que vivem.

Ampliação

- CONHEÇA ONGs que apoiam migrantes e refugiados no Brasil e aceitam voluntários. **MigraMundo**, 28 ago. 2019. Disponível em: <https://www.migramundo.com/conheca-ongs-que-apoiam-migrantes-e-refugiados-no-brasil-e-aceitam-voluntarios/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Uma lista de Organizações Não Governamentais (ONGs) e a síntese do trabalho que realizam no suporte aos refugiados no país.

Páginas 98 e 99

Uma vida melhor no Brasil?

A proposta de leitura do poema pode vir acompanhada de uma representação artística. Você pode preparar a sala pedindo aos estudantes que guardem todo material e usem apenas o estojo, com lápis e canetas coloridas. Cada um receberá uma folha de papel sulfite em branco e você pedirá silêncio e escuta atenta. A ideia é que, enquanto você faz a leitura vagarosa do poema em voz alta, os estudantes

registrem suas impressões com cores, desenhos, palavras e frases. A intenção é que sejam tocados pelo poema e sintam a emoção contida nos versos. Ao final, é interessante que haja a troca das folhas e que todos possam compartilhar o que fizeram e observar o registro dos colegas.

Ampliação

- IMIGRAÇÃO e chegada de refugiados trazem a SP diversidade cultural. 2018. Vídeo (10min04s). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2RQtfLc2nUk>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Esse vídeo mostra a Hospedaria dos Imigrante, do século XIX até a vinda dos refugiados na atualidade, a forma como a cidade de São Paulo recebeu e recebe imigrantes, os problemas que enfrentam e a riqueza do multiculturalismo.

- ZYLBERKAN, Mariana. Vida de refugiado: por uma segunda chance. **TAB UOL**, n. 45, 2015. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/refugiados/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

Página sobre questões da atualidade com conteúdo apresentado de forma interativa e dinâmica. Nesta edição, trata-se da vida dos refugiados no Brasil.

Atividade proposta na página 99

A proposta de buscar imagens e criar legendas sobre as impressões do poema pode complementar a sugestão da representação artística apresentada acima. Cabe a você escolher a opção que mais se adapta ao grupo com o qual trabalha.

Ampliação

- O MENINO na areia, por Emi Mahmoud. 2016. Vídeo (1min36s). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=82&v=rzUBTSi6DRY&feature=emb_title. Acesso em: 28 jan. 2020.

A poeta islâmica Emi Mahmoud recita seu poema “O menino na areia”, que faz uma emocionante reflexão sobre a travessia e morte dos refugiados no mar Mediterrâneo.

Páginas 100 e 101

Relatos do refúgio

A leitura de um relato sempre sensibiliza mais do que qualquer gráfico, tabela ou dado estatístico. O relato humaniza as relações e aproxima os estudantes do que realmente acontece com as pessoas, para além dos preconceitos e opiniões pessoais. É preciso estar aberto para ouvir, observar e entender. Ter uma conversa antes

de iniciar a leitura pode ser um caminho para torná-la atenta, respeitosa e produtiva.

Ampliação

- BORGES, Nina. Eu nunca imaginei que iria viver no Brasil. **UNCR/ACNUR**, 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/09/19/eu-nunca-imaginei-que-iria-viver-no-brasil/>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- A VIAGEM de Khalid: uma jornada perigosa. A história real da transformação de um sírio 'ocidental' em refugiado na Europa. **TAB UOL**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/jornada-siria-europa-1/>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- HANAN Dacka dá voz aos jovens refugiados sírios no Brasil. 2018. Vídeo (3min18s). Publicado pelo canal Capricho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=moV9lJr4BU8>. Acesso em: 28 jan. 2020

Essas indicações trazem relatos de refugiados sírios em formatos diferentes: depoimentos escritos, HQ e vídeo. Mas há muitos outros depoimentos na internet. No caso de haver refugiados nas proximidades da escola, vale a indicação de uma atividade de entrevista, vídeo ou relato oral.

> Atividades propostas na página 101

Com base na leitura dos relatos, é esperado que os estudantes entendam que o congolês foi um perseguido político e teve sua vida diretamente ameaçada, e a haitiana deixou família e perdeu a filha. Ela faz parte da leva migratória de pessoas do Haiti vitimadas pelos terremotos em janeiro de 2010. O congolês se sente triste, mas pensa em fazer a vida aqui. A haitiana encontrou trabalho e amigos no Brasil que lhe dão força para lidar com suas angústias e dificuldades.

Ampliação

- CARNEIRO, J.; SOUZA, F.; TEIXEIRA, F. Fugindo da guerra, congolezes enfrentam violência, racismo e desemprego para recomeçar no Brasil. **BBC Brasil**, 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44893024>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- COTINGUIBA, Geraldo C.; COTINGUIBA, Marília L. P. Balanço e reflexões sobre a imigração haitiana no Brasil: um ensaio. In: INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Caderno de Debates. Refúgio, Migrações e Cidadania**. Brasília, v. 12, n. 12, dez. 2017. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-12_Ref%C3%BAgio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf. Acesso em: 29 jan. 2020.

Essas duas indicações ajudam a compreender as motivações migratórias de congolezes e haitianos e traçam um panorama da vida e das dificuldades que enfrentam no Brasil.

> Páginas 102 e 103

> ETAPA 3: PARA FINALIZAR

Produção de painel

Chega o momento em que é necessário recolher tudo que foi desenvolvido ao longo do projeto para pensar no produto final. O resgate das etapas e das propostas pode ser coletivo, assim todos os estudantes podem participar observando suas anotações pessoais ou voltando no livro e nas propostas. Resgatar é um exercício importante, pois, ao longo das aulas, muito se perde e nem todos têm clareza do volume de produção. Além disso, a retomada do processo pode dar pistas de como cada grupo vai compartilhar os aprendizados e as impressões.

Feito o resgate, é hora de orientar e acompanhar os grupos na elaboração do painel. Considerar as diferentes possibilidades de uso das mídias digitais disponíveis na escola é a primeira tarefa a ser feita, já que ela define minimamente quais caminhos poderão ser seguidos.

Vivemos a era digital, que oferece recursos de filmagem, fotografia, edição, som e efeitos visuais na palma da mão, mas para acessar e usar é preciso acesso à internet e parceria com a área de **Linguagens e suas Tecnologias**. Isso tudo pode levar tempo e exige planejamento. Estabelecer junto aos estudantes um cronograma de ações e divisão de tarefas pode ser definitivo no desenvolvimento do produto final.

A apresentação para o público merece ser ensaiada e mostrada previamente aos colegas para que eles possam fazer críticas, comentários e sugestões quanto ao uso das imagens, da linguagem e dos recursos. Trata-se de um tema delicado que aborda a vida de pessoas em condições de vulnerabilidade social, emocional e econômica e, portanto, merece todo cuidado. No fechamento do trabalho, cada estudante deve considerar o que foi apresentado nos painéis para refletir se os refugiados são tratados com hospitalidade no Brasil.

O painel pode ser produzido em uma mídia eletrônica, para ser compartilhado pela rede com os colegas ou projetado em uma tela grande para a turma. Muitos aplicativos e ferramentas digitais estão disponíveis na internet, grande parte deles gratuita, e podem ser utilizados na produção e apresentação do painel. O meio digital pode ser um editor de *slides*, acessível a computadores e *smartphones*. Segue uma sugestão de aplicativo.

Ampliação

- CANVA. Disponível em: https://www.canva.com/pt_br/criar/painel/sala-de-aula/. Acesso em: 29 jan. 2020.
- Esse aplicativo oferece gratuitamente e de forma intuitiva recursos e modelos para criação de painéis que podem ser socializados.

► Páginas 104 e 105

> Autoavaliação

O momento da autoavaliação é muito importante e merece toda a atenção dos envolvidos. Vale uma conversa sobre a função desse instrumento, que tem por objetivo promover uma reflexão acerca do desempenho de cada um em cada etapa. No caso de um projeto em que muitas

tarefas são realizadas ao longo de um período, é possível que alguns momentos sejam mais produtivos e ricos que outros, ou que algumas tarefas sejam realizadas com maior ou menor facilidade. Pensar sobre todas as etapas é uma forma de ser honesto consigo mesmo e de identificar pontos de avanço e desafios para os próximos trabalhos escolares ou mesmo projetos além da escola.

3 REFUGIADOS: COMO VIVEM NO BRASIL?

> TEMA INTEGRADOR: Mídiaeducação

Objetivo a ser desenvolvido no âmbito do tema integrador:

Investigar aspectos de movimentos migratórios, com foco nos refugiados do Brasil atual, e a situação deles na cidade ou no estado onde vocês moram.

Produto final: Produção de painel

Competências gerais da BNCC: 4, 5, 7 e 9

Competências específicas da BNCC: 1, 2, 5 e 6

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS502, EM13CHS604 e EM13CHS605

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar				
Olhares sobre o refúgio: Interpretar fotografias de pessoas refugiadas e produzir e legendar fotografias pessoais.				
Refúgio: uma dinâmica mundial: Ler, interpretar e sistematizar informações a partir do infográfico com dados sobre essa dinâmica migratória.				
Refúgio: organizando o projeto: Conhecer informações sobre a pergunta-chave: “Refugiados: como vivem no Brasil?” e o produto final (painel) e atuar na formação de grupos de trabalho de investigação.				
Etapa 2 – Saber e fazer				
Refugiados: fragilidade política e econômica: Observar e interpretar informações sobre a situação de fragilidade política, social e econômica no infográfico sobre os refugiados no mundo.				
Migrações, refúgio e apatridia: Ler, interpretar e produzir verbetes sobre o refúgio.				
Migração: direito humano: Ler, analisar e interpretar leis de amparo a imigrantes e refugiados; compreender a história do refúgio.				
Breve história do refúgio: Caracterizar o refúgio no passado a partir de um texto e produzir texto e imagem sobre o tema na atualidade.				
Pesquisa: refugiados no Brasil: Identificar e interpretar dados de pesquisa em infográfico sobre refugiados no Brasil. Investigar as razões que motivaram o refúgio de sírios, congoleses, angolanos e colombianos no Brasil.				

<p>Refugiados: quem acolhe e ampara?: Compreender o texto sobre a atuação de um professor em escola de campo de refugiados na Etiópia. Investigar a atuação da sociedade civil, de instituições e de ONGs no auxílio e amparo a populações refugiadas no estado ou cidade onde mora.</p>				
<p>Uma vida melhor no Brasil?: Ler poema e relatos, identificar imagens sobre o tema, produzir frases ou poemas e pesquisar relatos sobre o refúgio e os refugiados.</p>				
<p>Etapa 3 – Para finalizar</p>				
<p>Painel: Refugiados: como vivem no Brasil?: Participar da produção do painel com textos e imagens sobre o tema.</p>				
<p>Autoavaliação: Refletir sobre as propostas sugeridas no projeto.</p>				
<p>Orientações para aprimorar o desempenho:</p>				

Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?

> **TEMA INTEGRADOR:** Mediação de Conflitos

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Pesquisar e conhecer o Estatuto da Juventude, que dispõe sobre os direitos dos jovens e os princípios e diretrizes das políticas públicas para a juventude, visando identificar e descrever situações cotidianas vivenciadas pelos estudantes relacionadas aos temas tratados no documento.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

O Estatuto da Juventude, que ainda é pouco conhecido entre os jovens, está em vigor desde 2014. Estabelece a criação de políticas públicas direcionadas aos jovens de 15 a 29 anos. O documento determina que o Estado brasileiro deve garantir 11 direitos básicos para a população jovem, dentre eles o direito a educação, trabalho, saúde e cultura. O Projeto Integrador que estamos iniciando visa promover o conhecimento, a reflexão e o debate das propostas do documento. O projeto será finalizado com a produção de um seminário e uma roda de conversa sobre o tema.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 7, 8, 9, e 10

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 4, 5 e 6

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS605

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Papel, lápis, canetas coloridas, borracha e régua para a elaboração de mapa mental.

Etapa 2:

- Dicionário físico ou digital.
- Livros/revistas ou jornais..
- Material para elaboração de seminário sobre os direitos dos jovens estabelecidos no Estatuto da Juventude.
- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.

Etapa 3:

- Material para elaboração de desenhos para responder à pergunta: "Como devemos agir para nos tornar sujeitos de direitos?".

Introdução

O projeto **Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?** proporciona um olhar para as questões que encantam e afligem a vida dos jovens. Pensar que há leis que garantem direitos fundamentais das juventudes pode ser o ponto de partida para o entendimento sobre o que é ser jovem, o que o jovem precisa e como é possível garantir que suas necessidades sejam atendidas. Os medos, desejos, sonhos e desafios são apresentados, discutidos e investigados aos estudantes considerando-os como protagonistas do seu processo de educação e reflexão.

A temática do projeto é apoiada pelo tema integrador da Mediação de Conflitos e durante todas as etapas do trabalho o diálogo e o respeito às diferentes posições é estimulado e gerenciado pela postura mediadora do professor.

O fechamento do projeto apresenta uma roda de conversa que busca revelar a necessidade de colocar o jovem diante da pesquisa e da construção de argumentos para fundamentar seus pontos de vista sobre os direitos

da juventude. Em paralelo, o percurso proposto traz o desafio da comunicação não violenta e respeitosa entre quem concorda ou discorda de ideias que serão debatidas.

Neste projeto, os jovens são convidados a argumentar com base em informações confiáveis, para negociar e defender ideias que respeitem e promovam os direitos humanos; a conhecer-se e a ter autocrítica; a exercitar o diálogo, a cooperação e a valorização da diversidade; a agir com autonomia e com base em princípios éticos e inclusivos – atendendo, assim, às competências gerais 7, 8, 9 e 10 da BNCC. Além disso, em todas as propostas elaboradas, situações problematizadoras da vida cotidiana são destacadas para propor ações que promovam a cidadania e a solidariedade, contemplada na competência específica 5 e na habilidade EM13CHS502. Outras competências e habilidades específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas serão evidenciadas no decorrer do projeto.

Sugerimos que os professores de Geografia ou Sociologia podem conduzir o processo em parceria com Filosofia e História.

Orientações didáticas

> Páginas 110 e 111

> ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR

Nossos direitos: por que precisamos conhecer?

A partir do que foi discutido na abertura do projeto, você pode continuar apresentando perguntas. A ideia é estimular os estudantes a refletir sobre sonhos, planos, medos e, agora, sobre direitos. Grande parte dos jovens conhece a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas nunca ouviu falar do Estatuto da Juventude.

A pergunta “O que vocês sabem sobre o Estatuto da Juventude?” deve ser respondida com base em conhecimentos prévios sobre o Estatuto, no caso dos que o conhecem, ou com base nas hipóteses do que seria esse documento, por parte dos que não o conhecem. A troca de informações, via diálogo ou documento compartilhado, tem a função de levantar as primeiras ideias sobre o assunto.

Para dar início ao projeto, fizemos as seguintes perguntas para jovens que estudam no Ensino Médio em diferentes localidades no Brasil:

- O que vocês sabem sobre o Estatuto da Juventude?
- Vocês conhecem os direitos dos jovens estabelecidos nesse documento?

Algumas das respostas foram inseridas neste momento introdutório da investigação. Sugerimos que você faça aos estudantes essas mesmas perguntas, propostas na página 111. Permita a eles que respondam de forma espontânea e anote no caderno as respostas que considerem relevantes, tendo em vista a elaboração do seminário como produto final do projeto.

Em uma entrevista com a juíza Luciana Leal Halbritter, publicada pela Rede Mobilizadores, ela fala sobre os conceitos que fundamentam a cidadania, a importância de se conhecer as leis e os instrumentos disponíveis para fazer valer os direitos do cidadão. Leia o trecho reproduzido a seguir, que faz parte da introdução à entrevista.

DIREITOS DE CIDADANIA

Cidadania, direitos básicos fundamentais, deveres, violação de direitos. Você sabe exercer bem a sua cidadania? Pois é, muitas vezes, o cidadão se vê diante de situações em

que seus direitos básicos fundamentais, previstos no artigo 6º da Constituição Federal, são violados. Os exemplos estão todos os dias nos jornais: escolas sem professores, pais que não conseguem matricular seus filhos, hospitais sem material básico para atendimento, falta de médicos e superlotação nas unidades de saúde; famílias vivendo em locais insalubres etc. É preciso, portanto, que o cidadão saiba quais os instrumentos jurídicos de que dispõe para fazer valer seus direitos e a que órgãos recorrer quando necessário [...].

O QUE é preciso para exercer bem os direitos de cidadania. **Rede Mobilizadores**, 1 ago. 2012. 2016. Disponível em: www.mobilizadores.org.br/entrevistas/o-que-e-preciso-para-exercer-bem-os-direitos-de-cidadania. Acesso em: 24 jan. 2020.

Ampliação

- ESTATUTO da juventude: discutindo os Direitos. Vídeo (15min12s). Publicado pelo canal Juventude Arretada. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=zIJz-nHumFVQ. Acesso em: 25 jan. 2020.

Coletânea de vídeos em que jovens ativistas comentam os direitos garantidos pelo Estatuto da Juventude.

> Atividade proposta na página 111

Neste momento, permita aos estudantes que se expressem livremente e possibilite a construção coletiva das respostas no quadro ou em um painel virtual, de acordo com os recursos disponíveis na escola.

Sessão pipoca

Esta atividade pode ser realizada em sala de aula ou encaminhada como uma proposta para ser feita em casa, individualmente, com colegas ou com a família. Oriente os estudantes a assistirem o programa sugerido para, depois, produzirem a sinopse. Caso tenham dúvidas sobre esse gênero de texto, sugira a eles que solicitem apoio do professor de Língua Portuguesa ou consultem o *site* indicado a seguir, que apresenta a definição, os objetivos e as características de uma sinopse.

Ampliação

- SIGNIFICADO de sinopse. **Significados**, 22 out. 2014. Disponível em: www.significados.com.br/sinopse. Acesso em: 25 jan. 2020.

> Mais atividade

Para ampliar a conversa, você pode apresentar a pergunta aos estudantes: “O que vocês esperam do futuro?”. Neste momento, é importante deixar que eles falem de seus sonhos, planos e medos.

Ampliação

- WERNECK, Gustavo. Com 20 em 2020: jovens nascidos em 2000 falam sobre o desafio de construir o futuro. **Jornal Estado de Minas**, 1 jan. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/01/interna_gerais,1111506/jovens-nascidos-em-2000-falam-sobre-o-desafio-de-construir-o-futuro.shtml. Acesso em: 23 jan. 2020.
- RIO+20: O que os jovens esperam do futuro do Brasil. 2012. Vídeo (4min03s). Publicado pelo canal Planeta Sustentável. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=xu0RgAdSycc. Acesso em: 23 jan. 2020.

As duas indicações abordam as expectativas e os desafios para o futuro na visão de jovens de diferentes perfis. Essa ampliação pode ser trabalhada junto ao componente curricular Filosofia.

- Páginas 112 e 113

Ser jovem é...

Inicie a aula escrevendo no quadro a frase “Ser jovem é...” para aproximar os estudantes do tema proposto e os convidar à leitura. Peça a alguns deles que leiam o texto para a turma e estimule o diálogo entre eles, questionando como eles entendem e interpretam o que está sendo lido. No texto, encontrarão algumas definições de “jovem” que podem ou não ser semelhantes às pensadas e apresentadas anteriormente pelos estudantes. “Jovem” pode ser um “estado de espírito e não ter relação direta com a idade; “jovem negro” pode ser diferente de “jovem branco”; os termos “jovem homossexual” e “jovem transgênero” podem estar relacionados com sonhos e medos muito diferentes dos associados a “jovem heterossexual”. Jovens da periferia das grandes cidades, jovens da elite e jovens das áreas rurais também diferem em muitos aspectos. A pergunta pode ser: “De que jovem estamos falando?”. Você pode ampliar as possibilidades do texto questionando os estudantes e fazendo-os refletir sobre a imensa diversidade de jovens brasileiros.

Ampliação

- DIAS de Luta. 2017. Vídeo (4min27s). Publicado pelo canal Ira! – Topic. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=6aum1ViBAAC. Acesso em: 26 jan. 2020.
- A faixa musical “Dias de Luta” (DIAS de Luta. IRA!. In: VIVENDO e não aprendendo. São Paulo: Warner, 1986. Faixa 3.), da banda paulista de rock **Ira!**, traz uma reflexão: “Se sou eu ainda jovem passando por cima de tudo/ Se hoje canto essa canção o que cantarei depois?”. A letra pode ser analisada com a ajuda do professor de Filosofia e amparar a discussão sobre o constante processo de “des/re/construção”, de que fala o texto.

- PASSAGEM. 2005. Vídeo (15min37s). Publicado pelo site CurtaDoc. Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/comportamento/passagem-2>. Acesso em: 24 jan. 2020.
- O documentário curta-metragem foi realizado coletivamente por estudantes de audiovisual em Santa Catarina, e traz um grupo plural de jovens que dão depoimentos sobre ser adolescente e apresentam suas visões de mundo. Você pode apresentar aos estudantes em sala ou sugerir que assistam em casa.

- Páginas 114 e 115

Atividades propostas na página 114

1. Espera-se que os estudantes citem que diversas definições de “jovem” são evidenciadas e comentadas no texto, como: período de vida compreendido entre a infância e a idade adulta; aquele que está em seu início; que existe há pouco tempo; que é recente. Porém, o texto amplia essas respostas destacando que jovem é muito mais do que alguém que desconhece o mundo, um aprendiz que precisa ser preenchido de conhecimentos de fora. O texto apresenta um jovem “mestre dos seus saberes, da sua linguagem, dos seus modos de se deslocar pelos lugares”. Cita ainda que a juventude forma um “corpo múltiplo, aberto e em constante processo de des/re/construção, que só pode ser tratado no plural: juventudes”.
2. Possibilite a elaboração de um painel coletivo com as frases produzidas e organize uma roda de conversa em que os estudantes possam refletir sobre as principais ideias propostas, suas semelhanças e possíveis diferenças.

Atividade de ampliação

Antes de conversar sobre os diferentes significados e sentidos das palavras, vale retomar o texto, que cita vários exemplos de comportamento “paradoxal” dos jovens, no sentido de carregar em si uma contradição. Para conversar sobre juventudes é importante retomar as ideias iniciais: de que jovens estamos falando? Assim, a pluralidade fica evidente e os exemplos trazidos pelos estudantes podem ampliar ainda mais a discussão.

A expressão “des/re/construção” para definir as juventudes apresenta a ideia de um indivíduo em constante processo de mudança. Você pode instigar a discussão a partir de alguma temática de interesse da turma, como gosto musical, referências na literatura ou no cinema, moda ou qualquer outro tema sobre os quais consigam perceber as transformações que acontecem em curtos espaços tempo. É uma discussão filosófica que pode ser

abordada a partir de exemplos bem próximos e que traz a possibilidade de refletir sobre a seguinte questão: o que se pensa, defende ou acredita poder sofrer alterações e se transformar em nova forma de pensar, portanto, uma nova forma de acreditar e defender.

> Mais atividade

Ao final das conversas sobre o que é ser jovem, os estudantes podem montar o mural da sala com frases e expressões que apareceram durante as conversas. Com o painel afixado na sala, outras frases e palavras podem ser acrescentadas ao longo do projeto.

Os textos e as discussões podem ser utilizadas como fonte de consulta e ampliação para o professor que estiver conduzindo as discussões, além de fornecerem os elementos necessários para a produção do esquema/mapa mental proposto para os grupos. Os mapas prontos podem ser inseridos no painel da sala ampliando ainda mais as ideias da turma sobre o que é ser jovem.

Ampliando

- 7 APLICATIVOS para criação de mapa mental. **Mapa Mental**, 2020. Disponível em: www.mapamental.org/mapas-mentais/7-aplicativos-para-criacao-de-mapamental. Acesso em: 26 jan. 2020.

Esse *site* apresenta aplicativos que podem ser usados na criação de mapas mentais digitais.

- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe** [on-line], 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1203> quotation. Acesso em: 24 jan. 2020.

Esse artigo retoma a construção social do conceito de juventude de forma plural e em debate nas Ciências Humanas e Sociais, além de levantar questões emergenciais sobre o tema.

- GONÇALVES, Albertino. Idades da vida. **Tendências do imaginário**, 2016. Disponível em: <https://tendimag.com/2016/12/23/as-idades-da-vida>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Esse artigo traça um panorama histórico sobre as diferentes concepções a respeito das “fases da vida”. Apresenta ainda documentos, iconografia e vídeos sobre o tema.

Investigando o Estatuto da Juventude

Neste momento, é proposta a formação dos grupos de trabalho, com a respectiva escolha dos integrantes de cada grupo. Para isso, sugerimos que os estudantes sejam agrupados levando-se em consideração as dife-

rentes posturas e habilidades. Nesse caso, é importante que você se atente ao equilíbrio e à diversidade, garantindo que a pluralidade de perfis nos grupos estimule a produção e colabore para uma atitude de respeito e cooperação. O número de componentes no grupo pode variar de acordo com o tamanho das turmas.

Nessa fase do projeto, você também pode compartilhar com os estudantes a proposta de uma roda de conversa que vai acontecer ao final do processo. Para iniciar, pergunte o que pensam e sabem sobre uma roda. O artigo científico a seguir auxilia a auxiliar essas discussões.

Na preparação da roda de conversa será necessário montar 11 grupos de trabalho; avalie qual é a melhor forma de organizar esses agrupamentos. O primeiro critério se baseia no número de estudantes da sala; o total de estudantes deve ser dividido por 11. Então, sugerimos que os agrupamentos se deem por área de interesse ou por perfil escolar/estudantil, de forma que as competências reunidas possam se complementar e cada grupo fique o mais diversificado possível. Para agrupar por área de interesse, será necessário apresentar os 11 temas relacionados aos direitos estabelecidos pelo Estatuto da Juventude, que se encontram na página **129** do projeto.

Ampliando

- MELO, Marcia Cristina H.; CRUZ, Gilmar de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 4 n. 2, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>. Acesso em: 26 jan. 2020.

Esse texto aborda a metodologia das rodas de conversa entre estudantes e professores de Ensino Médio e o potencial delas para o diálogo e a interação. No estudo, são apresentados exemplos de roda a partir do entendimento dos envolvidos sobre o que é ser jovem e as questões que envolvem esse tema.

> Páginas 116 e 117

> ETAPA 2: SABER E FAZER

Linha do tempo: direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens

A linha do tempo é um recurso didático conhecido pelos estudantes desta faixa etária e muito utilizado pelo componente curricular História. A linha do tempo

apresenta os fatos em sequência, respeitando uma escala cronológica. Normalmente é fonte de consulta e coleta de informações, pois oferece uma visão ampla de um processo relacionado a um tema, no caso, os direitos de crianças, adolescentes e jovens, ao longo de um período.

Ampliação

- PINSKY, Jaime (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

Essa obra reúne artigos de diferentes historiadores sobre o processo histórico e a luta pela cidadania, da antiguidade ao mundo contemporâneo.

- IANDONI, Rafael; PIMENTEL, Matheus. Estatuto da Criança e do Adolescente: um avanço legal a ser descoberto. **Nexo**, 2 de abril 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/04/02/Estatuto-da-Crian%C3%A7a-e-do-Adolescente-um-avan%C3%A7o-legal-a-ser-descoberto>. Acesso em: 25 jan. 2020.

Essa matéria apresenta o contexto histórico envolvido na criação do ECA, bem como os direitos consagrados no documento, dados estatísticos e a organização da sociedade civil em torno de sua conquista.

Atividades propostas na página 117

1. a) Lei – do latim *lex*, é uma norma, um preceito ou princípio criado com o objetivo de ser obrigatória e de estabelecer regras que devem ser seguidas pelos indivíduos submetidos a ela.
b) Estatuto – está ligado à ideia de estabelecer e regular. Define-se como um conjunto de leis, normas e regras a serem seguidas por um determinado grupo para garantir o funcionamento de uma sociedade, associação ou fundação.
2. Para a produção do texto com base na linha do tempo, é importante anotar as datas e conquistas em ordem cronológica para que possam ser usadas na construção de argumentos que provem que a conquista de direitos é fruto de um longo percurso de luta. Compartilhar os textos entre os grupos oferece a oportunidade de refazer e complementar o que foi produzido.

Ampliação

- BRASIL. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Legislação. **Conceitos**, 2012. Disponível em: <https://legislacao.ufsc.br/conceitos>. Acesso em: 25 jan. 2020.
Página da Universidade Federal de Santa Catarina que traz a explicação de conceitos jurídicos como lei, estatuto, regimento, portaria, resolução. Pode ser lido com apoio do professor de Sociologia.

- CORBETT, Claudia. Jovens protagonistas criam *rap* em defesa dos seus direitos. **Fundação FEAC**, 24 fev. 2017. Disponível em: www.feac.org.br/jovens-protagonistas-criam-rap-em-defesa-dos-seus-direitos. Acesso em: 26 jan. 2020.

O 4º Encontro de Juventudes de Campinas resultou em um manifesto coletivo em forma de *rap*, após debates sobre os direitos assegurados pelo Estatuto da Juventude e sua violação ou não cumprimento. Esse *rap* é interessante e pode ser compartilhado com os estudantes.

Páginas 118 e 119

População jovem no Brasil

Antes da leitura do infográfico, vale retomar ou apresentar a sigla IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – explicando sua função na coleta, organização e divulgação de dados estatísticos sobre a população brasileira. A palavra “demografia” também merece ser retomada, assim como a organização dos dados demográficos na pirâmide etária. As indicações a seguir podem apoiar e ampliar as informações apresentadas.

DEMOGRAFIA

A DEMOGRAFIA é a disciplina que coleta, analisa e interpreta dados populacionais, relacionando-os com fatores educacionais, da saúde, do território, da economia e do meio ambiente. Demógrafos estudam, por exemplo, como as taxa de natalidade, mortalidade e migração são determinantes para aplicação de políticas públicas de saúde e educação em países de todo mundo [...].

O QUE é demografia? **Observatório Juventude C&T**. 2013-2014. Disponível em: www.juventudect.fiocruz.br/categoria-ciencia/ciencias-sociais-aplicadas/demografia. Acesso em: 24 jan. 2020.

Ampliação

- Conheça o Brasil – População: pirâmide etária. **IBGEeduca**, 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 24 jan. 2020.
Esse portal fornece informações sobre natalidade, idade média da população, longevidade, entre outros temas.

Atividades propostas na página 119

1. Espera-se que os estudantes identifiquem os seguintes assuntos: número de jovens e sua distribuição percentual por região, rendimentos, percentagem de jovens empregados e principais causas de morte entre jovens.

2. Espera-se que se reconheçam nos dados percebendo em que estatísticas do infográfico estão inseridos, pesquisem mais informações em livros, revistas ou na internet e compartilhem os resultados com os colegas. Essas informações serão utilizadas nas próximas etapas da investigação.

Ampliação

- ORGANIZADORES: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo, 2020. Disponível em: www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/6537-atlas2019.pdf. Acesso em: 24 jan. 2020.

A escola pode ser um espaço de diálogo a respeito das diferentes faces da violência, com ênfase nos casos de *bullying* e no comprometimento (cada vez mais necessário) de professores e estudantes com a cultura da paz. O **Atlas da Violência 2019** e o mapeamento do **PISA 2018** abordam essas questões.

O **Atlas da Violência** é uma importante publicação, que mapeia os indicadores de violência do país. Homem, jovem, negro, entre 15 e 29 anos de idade, está em maior situação de vulnerabilidade por morte violenta. O documento também aponta o aumento da violência letal contra mulheres, negros e a população LGBTQI+.

- OLIVEIRA, Regiane. Estudante brasileiro sofre '*bullying*', é mais solitário e admite problemas de indisciplina nas escolas. **El País**, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-03/estudante-brasileiro-sofre-bullying-e-mais-solitario-e-admite-problemas-de-indisciplina-nas-escolas.html>. Acesso em: 25 jan. 2020.

Reportagem sobre os dados relacionados ao bem-estar de estudantes na pesquisa **Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes 2018** (PISA 2018), que avalia o conhecimento de leitura, ciências e matemática de estudantes de 15 anos de vários países. Apresenta informações sobre *bullying* e indisciplina em escolas brasileiras.

- > Páginas 120, 121, 122 e 123

Jovem: educação e mercado de trabalho

Neste momento da investigação, é possível identificar múltiplos aspectos relacionados ao mercado de trabalho e ao acesso à educação, evidenciados na competência 4 e na habilidade EM13CHS404 da BNCC. Você pode encaminhar a proposta de leitura do texto considerando as características dos grupos. A leitura em grupo pode ser enriquecedora pelas possibilidades de troca, mas, em alguns casos, ler individualmente, fazer anotações

individuais e só depois compartilhar e discutir o texto com os demais membros do grupo pode ser uma alternativa produtiva. O importante é manter um combinado quanto aos procedimentos: ler atentamente, fazer um glossário e anotar as ideias principais de forma autônoma.

A questão da mulher no mercado de trabalho merece destaque e a leitura do texto tematiza essa discussão, por meio dos depoimentos de duas jovens. Os indicadores sociais apresentados pelo IBGE representam bem a situação.

Ampliação

- Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **IBGEeduca**, 2020. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Esse texto apresenta indicadores para se pensar questões de gênero e desigualdade e o cenário dos direitos das mulheres.

- PRO DIA nascer feliz. Direção: João Jardim. BRA: Globo Filmes, 2006. DVD (88 min).

Nesse documentário, professores e jovens de escolas públicas e privadas falam de suas esperanças, problemas e inquietações; evidenciam-se temas como desigualdade social, violência e problemas estruturais do sistema educacional.

- NOVAES, Regina Novaes; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2004.

Esse livro reúne artigos de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento com reflexões sobre o jovem brasileiro nas esferas da educação, do trabalho, da família, dos direitos e políticas públicas, da violência e questões ambientais.

> Atividades propostas na página 123

1. a) Os estudantes devem localizar no texto a informação de que os afazeres domésticos e os cuidados com filhos ou outros familiares são as principais dificuldades para quem pretende estudar ou trabalhar e isso é ainda mais grave no caso das mulheres.
b) A expressão "nem nem" (nem trabalha/nem estuda) tem um caráter pejorativo, já que coloca a condição de não estudar e não trabalhar como opcional, culpando o jovem pela situação e ignorando o peso das barreiras enfrentadas.
2. O texto apresenta a ideia de investir na formação e qualificação dos estudantes para que possam continuar estudando e tenham boas condições de ingressar no mercado de trabalho. Isso parece interessante, mas

lendo com atenção, percebe-se que a palavra **aproveitar** aparece duas vezes, sugerindo que é preciso formar os jovens para garantir a produtividade no futuro e não para respeitar as escolhas e os caminhos escolhidos por eles. Talvez os estudantes não tenham essa percepção e você pode incluir esse questionamento nas discussões.

Ampliação

- LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira (org.). Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio. **Observatório da Juventude – UFMG, 2014.** Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/colecao-cadernos-tematicos-juventude-e-trabalho>. Acesso em: 26 jan. 2020.

Esse material aborda o que os jovens pensam sobre o trabalho, suas perspectivas sobre o tema e o papel da escola na formação para o mercado profissional.

- JUVENTUDE e trabalho. Vídeo (14min58s). Publicado pelo canal Tô no Rumo. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=cDfNI7Rz7_4. Acesso em: 26 jan. 2020.
- Esse vídeo apresenta jovens e especialistas falando sobre formação profissional, desafios, carreira, desemprego, informalidade e preconceito racial, de gênero e idade.

Atividade de ampliação

A ideia é trazer depoimentos de jovens da comunidade escolar ou do entorno para que a temática fique ainda mais próxima do contexto dos estudantes. É importante que você propicie um ambiente acolhedor para que eles se sintam à vontade para compartilhar com os suas dificuldades na escola e na busca de um trabalho. Se achar adequado, sugira aos estudantes que mantenham o nome dos jovens citados no anonimato, pois assim se estabelece um ambiente respeitoso e de menor exposição das fragilidades.

Páginas 124 e 125

Jovens: lazer

Falar de lazer é algo que agrada a todos. Você pode iniciar a aula perguntando aos estudantes que uso fazem do tempo livre. O que há pra fazer na cidade onde vivem? Será que as opções de lazer são as mesmas para todos os jovens da cidade? Quais seriam as variáveis? Pensar que o lazer varia muito em função do lugar onde se vive ou do grupo social ao qual cada um pertence é um ótimo exercício de ampliação do olhar para as diferentes juventudes.

A leitura do texto traz a perspectiva de lazer dos jovens da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, e ela pode ser semelhante ou diferente da vivida pelos estudantes. Fazer uma comparação é um caminho importante para identificação das diferentes realidades.

Ampliação

- VOCÊ repórter da periferia – A importância de equipamentos culturais nas periferias. Vídeo (6min19s). Publicado pelo canal Desenrola E Não Me Enrola. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=K4ATVB-XDXY. Acesso em: 26 jan. 2020.

O coletivo de comunicação Desenrola e Não Me Enrola atua em diversos projetos na periferia de São Paulo, entre eles o **Você Repórter na Periferia**, no qual jovens realizam programas de jornalismo comunitário e cultural. Nesta edição, a pauta é o lazer e a cultura fomentados pelos coletivos e o impacto disso na vida dos moradores, para além do consumismo e da ausência do Estado.

Atividades propostas na página 125

1. Espera-se que os estudantes destaquem: a música, principalmente *funk* ou forró, além da expressiva oferta de *lan houses*, bares, festas de ruas e locadoras de filmes.
2. A atividade pode dar continuidade ao levantamento das opções de lazer feito antes da leitura do texto e propiciar a reflexão de outras formas que não existem e seriam do agrado da maioria. A discussão deve suscitar os benefícios de se ter boas opções de lazer sem perder o foco nas várias juventudes e, portanto, nos diferentes contextos socioeconômicos que se apresentam.

Páginas 126 e 127

Jovens que lutam pelos seus direitos

Considerando que neste projeto a temática principal está ligada aos direitos dos jovens, é importante conversar sobre as diferentes formas de pleitear, denunciar e reivindicar. Muitas vezes, as partidas de futebol no Brasil são palco de protestos, por parte dos jogadores ou mesmo das torcidas; os estudantes podem apresentar alguns exemplos relacionados a essa esfera. Depois dessa conversa inicial, faça a leitura compartilhada do texto, na qual os estudantes podem participar com comentários e perguntas e levantar dúvidas e hipóteses sobre a questão da demarcação de terras indígenas.

Atividades propostas na página 127

1. A demarcação de terras foi a razão do protesto do jovem Werá.
2. Auxilie os estudantes na elaboração do texto e, caso precisem de mais informações, sugira como fonte o *site* da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), indicado a seguir. É uma importante plataforma que apresenta, entre outras, informações confiáveis sobre terras indígenas e sua demarcação e pode dar apoio à elaboração do texto que será produzido pelo grupo.

3. Os estudantes podem buscar matérias que mostram a repercussão da ação de Werá na mídia nacional e internacional. Com a leitura e o debate nos grupos, espera-se que os estudantes concluam que em um evento de visibilidade mundial como a Copa do Mundo é provável que os países-sedes queiram esconder seus problemas internos e de difícil resolução.

Ampliação

- BRASIL. Fundação Nacional do Índio (FUNAI). **Terras indígenas**: o que é?. Disponível em: www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas?start=2. Acesso em: 26 jan. 2020.

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil.

Atividade de ampliação

Orientar os estudantes na busca das informações sobre jovens ativistas. Vale uma conversa sobre o significado da palavra **ativista**. É possível que os estudantes apresentem o ativista como aquele que defende uma ideia, e é importante destacar que ser ativista é ir além do discurso. Trata-se, normalmente, da pessoa que procura organizar ou participar de ações práticas e concretas em defesa de uma causa que considere prioritária e urgente.

Ampliação

- #JuventudePoderAção Jovens que estão mudando o mundo e que você precisa conhecer! (pt. 1). **Blog da Anistia Internacional**, 2020. Disponível em: <https://anistia.org.br/juventudepoderacao-jovens-que-estao-mudando-o-mundo-e-que-voce-precisa-conhecer-pt-1>. Acesso em: 26 jan. 2020.

O **Blog da Anistia Internacional** traça os perfis de jovens ativistas do mundo e do Brasil.

- LEFFA, Lisiane Molina. Ocupação das escolas no Brasil: uma origem, a cadeira e outras dobras na ilha de papel. **Jornal GGN**, 9 out. 2017. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/movimentos-sociais/ocupacao-das-escolas-no-brasil-uma-origem-a-cadeira-e-outras-dobras-na-ilha-de-papel-por-lisiane-molina-leffa>. Acesso em: 1 fev. 2020.

O movimento dos jovens estudantes do Ensino Médio na ocupação das escolas públicas, entre 2015 e 2017, foi amplamente documentado e originou filmes, peças de teatro, livros, teses e exposições. As ocupações começaram em São Paulo e se espalharam pelo Brasil e tinham como pauta melhorias na educação pública.

Páginas 128 e 129

Estatuto da Juventude

Os 11 princípios básicos estabelecidos pelo Estatuto da Juventude podem ser observados no cartaz da página **129**. Mesmo sem ter lido o documento, os estudantes podem apresentar suas hipóteses sobre seu conteúdo, tendo como base o nome de cada princípio e tudo que foi discutido até o momento. Os estudantes podem escolher alguns princípios, pelos quais tenham maior interesse, para investigar e buscar informações. A cartilha indicada a seguir pode apoiar a leitura do Estatuto da Juventude.

Ampliação

- CARTILHA de (in)formação sobre o Estatuto da Juventude. **Issuu**, 26 nov. 2013. Disponível em: https://issuu.com/associacaojovemdeitapaje/docs/cartilha_de_in_forma_o_sobre_o_. Acesso em: 27 jan. 2020. Cartilha elaborada com o objetivo de difundir entre os jovens os direitos garantidos no Estatuto da Juventude.

Páginas 130 e 131

Seminário: Estatuto da Juventude

As orientações para elaboração do seminário estão bem definidas e podem ser seguidas passo a passo pelos integrantes dos grupos, já determinados na primeira etapa do projeto. Você pode circular pelos grupos para apoiar os estudantes em suas decisões, orientar caminhos, esclarecer dúvidas e mediar possíveis conflitos. É importante você orientar a realização do seminário e possibilitar um ambiente democrático, no qual os estudantes possam se expressar livremente e de forma respeitosa.

O tempo estipulado para a apresentação pode ser negociado e o registro autônomo das informações apresentadas pode ser um instrumento de avaliação para o professor – e, sem dúvida, será um material importante na roda de conversa da próxima etapa do projeto.

Páginas 132 e 133

> ETAPA 3: PARA FINALIZAR

Roda de conversa: direitos da juventude

Espera-se que a apresentação dos seminários tenha dado aos estudantes uma visão ampla do Estatuto da Juventude. Com isso, eles serão capazes de escolher qual princípio ou direito será levado para a roda de conversa. A escolha deve ser democrática e pautada em argumentos que possam justificar a relevância da escolha do princípio, tendo como base a pergunta norteadora: Esse direito é respeitado no nosso dia a dia?

Feita a escolha do direito é hora de organizar a roda, mas antes vale apresentar aos estudantes o vídeo **Você**

tem identidade?, indicado a seguir. Mais do que conversar sobre o conteúdo da fala de cada um dos jovens, é importante perceber a clareza com que apresentam suas ideias e a sensibilidade e leveza que demonstram ao se expressar. É esse clima que precisa ser levado para a roda de conversa. A escuta atenta, a liberdade de poder colocar seus pontos de vista e até mesmo de discordar dos colegas é algo que se constrói aos poucos e precisa ser valorizado pelo grupo. Praticar a cultura da paz é um exercício contínuo.

Neste momento da investigação, consideramos que o Estatuto da Juventude e os direitos fundamentais estabelecidos por ele e por outros documentos, como a Declaração dos Direitos Humanos, precisam ser reconhecidos e utilizados para propor ações concretas que fundamentam a igualdade e a justiça em diferentes espaços de vivências dos jovens, como é evidenciado na competência específica 6 e na habilidade EM13CHS605.

Ampliação

- **VOCÊ tem identidade?**. Direção: Marcelo Reis. Brasil, 2007. Vídeo (11min58s). Disponível em: <https://curtadoc.tv/curta/comportamento/voce-tem-identidade/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

Curta-metragem documental que traz os depoimentos de dois jovens que vivem em contextos sociais opostos. A trilha sonora é assinada pelo *rapper* Criolo.

> Páginas 134 e 135

Sujeitos de direitos

O fechamento do projeto apresenta uma imagem que destaca de forma sensível pessoas em um espaço

urbano. Permita que os estudantes expressem, a partir dessa imagem, se os nossos direitos são considerados e respeitados nos lugares que habitamos e frequentamos. Inspirados pela imagem, sugira a produção de desenhos para responder à pergunta: “Como devemos agir para nos tornar sujeitos de direitos?”. Após a elaboração, compartilhem os desenhos produzidos. A abordagem das representações fará com que o grupo crie um sentido coletivo. Representar as reflexões finais com um desenho pode ser uma tarefa descontraída e desafiadora para alguns e muito limitante para outros. Diante das possíveis dificuldades dos que não querem desenhar, se achar necessário, apresente outras possibilidades de expressão artística, como a poesia, a música, a colagem, a escolha de uma imagem etc.

> Páginas 136 e 137

> Autoavaliação

Apoiando-se na ideia dos direitos, você pode conversar sobre o direito à educação de qualidade e o direito de refletir de forma autônoma sobre o próprio processo. Rever todo caminho percorrido e pensar sobre as atitudes e tarefas é desafiador e pode gerar bons frutos. Se o olhar para o próprio desempenho for honesto e justo, cada estudante terá consciência de quais pontos precisam ser mais bem trabalhados e quais podem ser compartilhados com os colegas numa atitude de cooperação e solidariedade.

4 ESTATUTO DA JUVENTUDE: POR QUE PRECISAMOS CONHECER?

> **TEMA INTEGRADOR:** Mediação de Conflitos

Objetivo a ser desenvolvido no âmbito do tema integrador:

Pesquisar e conhecer o Estatuto da Juventude, que dispõe sobre os direitos dos jovens e os princípios e diretrizes das políticas públicas para a juventude, visando identificar e descrever situações cotidianas vivenciadas pelos estudantes relacionadas aos temas tratados no documento.

Produto final: Seminário e roda de conversa

Competências gerais da BNCC: 7, 8, 9 e 10

Competências específicas da BNCC: 4, 5 e 6

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS605

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar Nossos direitos: por que precisamos conhecer?: Descrever e compartilhar informações em um painel de ideias sobre o que os jovens conhecem dos direitos estabelecidos no Estatuto da Juventude e produzir uma lista de dúvidas sobre o tema.				

<p>Ser jovem é...: Identificar diversas definições em um texto e elaborar um painel com as frases produzidas pelos grupos para a palavra jovem. Produzir um mapa mental sobre o tema.</p>				
<p>Etapa 2 – Saber e fazer</p>				
<p>Linha do tempo: direitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens: Identificar termos importantes para o entendimento do tema, na linha do tempo, e produzir um glossário com o significado das palavras. Além disso, conversar e refletir com os colegas de sala se crianças e jovens sempre foram respeitados e tiveram seus direitos garantidos no Brasil.</p>				
<p>População jovem no Brasil: Interpretar um infográfico e investigar em diferentes fontes características da população brasileira.</p>				
<p>Jovem: educação e mercado de trabalho: Identificar em um texto as dificuldades que alguns jovens encontram para estudar ou trabalhar e investigar relatos e histórias sobre o tema.</p>				
<p>Jovens: lazer: Identificar em um texto os problemas de uma comunidade e evidenciar as opções de lazer a que ela tem acesso. Investigar as opções de lazer dos colegas na escola.</p>				
<p>Jovens que lutam pelos seus direitos: Conhecer a história de um jovem indígena que luta pelos direitos do povo dele e investigar outros jovens que atuam em causas relacionadas com outros direitos.</p>				
<p>Estatuto da Juventude: Identificar o que é sujeito de direitos e conhecer os direitos dos jovens no Estatuto da Juventude.</p>				
<p>Seminário: Estatuto da juventude: Planejar, produzir e apresentar um seminário sobre os direitos dos jovens previstos no Estatuto da Juventude.</p>				
<p>Etapa 3 – Para finalizar</p>				
<p>Roda de conversa: direitos da juventude: Participar de uma roda de conversa sobre um direito não assistido dos jovens.</p>				
<p>Sujeitos de direitos: Observar uma ilustração e avaliar aspectos relacionados a nossa condição de sujeito de direitos produzindo um desenho.</p>				
<p>Orientações para aprimorar o desempenho:</p>				

Rádio: como envolver a comunidade?

> **TEMA INTEGRADOR:** Mídiaeducação

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

Investigar a história do rádio e seu papel na construção de ecossistemas comunicativos com objetivo de levar à reflexão sobre a transformação do rádio com os avanços tecnológicos e suas implicações em aspectos sociais, culturais e educativos.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

Conhecer a história do rádio e suas transformações conforme os avanços tecnológicos, a criação de novos formatos e conteúdos relacionados aos tipos de rádio e os interesses dos ouvintes, garantindo uma maior interatividade e suas implicações socioculturais.

O Projeto Integrador **Rádio: como envolver a comunidade?** tem o objetivo de motivar a pesquisa por meio de artigos, reportagens, literatura e projetos, apresentando a possibilidade de formular uma proposta de criação e implantação de uma rádio na comunidade escolar, contribuindo, assim, positivamente para superar os desafios locais e globais.

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 4, 5, 7 e 10

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 1, 3 e 4

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS101, EM13CHS303 e EM13CHS403

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros e revistas.

Etapa 2:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros e revistas.
- Aparelho de rádio.

Etapa 3:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, revistas ou jornais.
- Computadores, fones de ouvido, microfone, caixas de som, programa de edição de áudio.

Introdução

No projeto **Rádio: como envolver a comunidade?**, os componentes curriculares História, Geografia, Sociologia e Filosofia têm um grande papel na reflexão sobre o direito à liberdade de opinião e expressão já garantidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. O professor de História pode ser o líder deste projeto. A intenção é proporcionar aos estudantes experiências de autoria de forma autônoma com o uso de uma “ferramenta” midiática, o rádio.

Neste projeto, os estudantes saem da condição de meros observadores e passam a integrar um projeto de ação que os coloca no patamar de protagonistas e agentes de transformação no lugar e no espaço que habitam. Mídiaeducação é o tema integrador deste projeto, que permite ao estudante participar de atividades interdisciplinares e colaborativas, tendo o professor como orientador e mediador em todas as etapas.

Elaboradas com a intenção de serem as grandes metas do ensino, as competências gerais propostas na BNCC contribuem com a formação integral dos indivíduos e devem ser alcançadas ao longo de toda a escolaridade em todos os componentes curriculares. As propostas deste projeto têm relação direta com as competências gerais 4, 5 e 10 da BNCC, que se utilizam da linguagem verbal, sonora e de tecnologias digitais de comunicação para expressar e partilhar informações, de forma crítica e reflexiva, para produzir conhecimentos coletivamente e tomar decisões com base em princípios éticos e solidários.

Para que o protagonismo do estudante se concretize, eles serão estimulados a argumentar com base em informações confiáveis e a planejar e criar um programa de rádio que atenda aos anseios da comunidade escolar, de acordo com a competência geral 7 da BNCC.

O professor precisa conhecer também as competências específicas 1, 3 e 4 e as habilidades EM13CHS101,

EM13CHS303 e EM13CHS403, que buscam analisar o rádio como um produto da indústria cultural e da cultura de massa, expressas em diversas linguagens da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas para formular uma proposta de criação e implantação de um programa de rádio e contribuir positivamente com os desafios políticos, sociais, culturais e ambientais da comunidade onde o estudante se insere.

Orientações didáticas

➤ Páginas 142 e 143

➤ ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR

Web rádios e a participação de ouvintes

Antes de iniciar o projeto, é importante abrir o diálogo com os estudantes para verificar como o rádio participa da vida deles. O levantamento das ideias e conhecimentos prévios é fundamental para mobilizá-los para o tema e também para verificar o quanto eles estão sintonizados com esse meio de comunicação. Será que todas as pessoas ouvem rádio da mesma maneira? O rádio vai acabar? Ele atinge todo o território nacional? Quem ouve o rádio atualmente? É possível acessar rádios do mundo todo? Essas questões podem aquecer o início do projeto e, claro, não se trata de esgotar respostas para elas. Se preferir, anote no quadro as palavras principais relativas ao conhecimento prévio dos estudantes. Levantar dúvidas e inquietações é importante para instigar o estudante para a investigação. Deixar que falem livremente, que façam perguntas uns aos outros e que inclusive tenham dúvidas é uma forma de aproximá-los da primeira leitura proposta no texto (página 143).

Solicite aos estudantes que usem o caderno para anotar dúvidas, comentários e informações enquanto leem o texto. Dessa forma, estarão mais preparados para resolver as atividades propostas. Ofereça aos estudantes o tempo necessário para a resolução das atividades 1 e 2 e para a elaboração da investigação proposta na atividade 3. Sugerimos que em seguida as respostas sejam compartilhadas. Para isso, solicite aos estudantes que leiam o que produziram para os colegas e estimule que as discussões ocorram de forma que todos tenham voz e sejam ouvidos e respeitados. A atividade deve ser acompanhada de perto por você, que deve monitorar as discussões e fazer as intervenções necessárias.

Ampliação

- CARVALHO, Paula Marques. Rádio na internet: um espaço de experimentação, educação e comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30. **Anais** [...]. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1194-1.pdf>. Acesso em 1 fev. 2020.

O artigo discorre sobre as possibilidades e potenciais de uso de rádios na internet como ferramentas de ensino-aprendizagem.

- **PODCAST** ou rádio escolar: qual utilizar com seus alunos? **SophiA**, 2 abr. 2019. Disponível em: <https://www.sophia.com.br/blog/gestao-escolar/podcast-ou-radio-escolar-qual-utilizar-com-seus-alunos>. Acesso em: 2 fev. 2020. Esse artigo explica o que são a rádio escolar e o *podcast*, e os compara, mostrando o uso deles na escola como ferramentas que podem se complementar.

➤ Atividades propostas na página 143

1. O rádio é um meio de comunicação relativamente antigo. Muitos acreditavam que ele poderia deixar de existir com o advento das novas tecnologias, mas com a criação do rádio *on-line* as novas gerações estão podendo reinventá-lo por meio da interação com os ouvintes.
2. As mídias em geral podem colaborar para o engajamento das pessoas. É também o caso da internet. Para a audiência da rádio, ela também contribui para a interação entre os ouvintes, possibilitando que participem ao vivo e de forma colaborativa na programação das rádios.
3. Essa resposta será dada pelos grupos de estudantes. Espera-se que eles relacionem os direitos humanos aos problemas que eles enfrentam no dia a dia das cidades brasileiras ou da zona rural, tais como: violência contra o jovem, falta de lazer, falta de equipamentos culturais para a juventude, dificuldade de transporte, entre outras. Espera-se que os estudantes também percebam o rádio como uma “ferramenta” social capaz de mudar sua relação com o lugar onde vive e com a comunidade escolar.

➤ Atividade de ampliação

Para a realização da atividade é possível fazer uma investigação coletiva a partir de uma rádio que seja do interesse de todos ou da maioria. O professor pode agrupar os estudantes por tipos de rádios escolhidos. Caso algum estudante não tenha contato com nenhuma rádio, ficará como ouvinte e poderá fazer os registros do grupo. Para os trabalhos em grupo, é importante criar momentos de discussão das ideias e impressões.

Ampliação

- ACAERT. IBOPE Media divulga infográfico que detalha consumo de rádio no Brasil. 2015. Disponível em: <http://www.acaert.com.br/ibope-media-divulga-infografico-que-detalha-o-consumo-de-radio-no-brasil.XjbyWY7Yqlc>. Acesso em: 2 jan. 2020.

Esse infográfico mostra dados sobre o perfil do ouvinte-consumidor de rádio no Brasil.

- RADIO GARDEN. Disponível em: <https://radio.garden/>. Acesso em: 2 fev. 2020.

A navegação nesse *site* permite o acesso a rádios de todo o planeta. Os estudantes encontrarão estações de rádio em diversas línguas. Você pode deixar que naveguem livremente em grupo ou individualmente. Depois de usufruir da programação oferecida, proponha um debate sobre como a globalização econômica e cultural está presente nas rádios. Peça que identifiquem em quais partes do mundo há mais estações de rádio.

- Páginas 144 e 145

Rádio: quem foi o inventor?

Primeiramente, para esta fase do trabalho, sugerimos a leitura do texto “Afiml, quem inventou o rádio?”.

A leitura pode ser feita em voz alta e com os estudantes em roda, cada um lendo um trecho. Este é um bom momento para refletir sobre a descoberta das tecnologias que permitiram a invenção do rádio e quais técnicas permitiram a humanidade se comunicar de forma mais eficaz. Outro aspecto relevante é contextualizar no tempo e no espaço tais invenções.

A construção de uma breve linha do tempo pode auxiliar a esclarecer aos estudantes a respeito do surgimento do rádio. A linha do tempo pode ser construída de forma colaborativa e depois ficar exposta na sala. Alguns estudantes podem se responsabilizar pela coleta de dados e outros pelos registros.

- **Atividades** propostas na página 145

1. O rádio é a superação de outras tecnologias, como a telegrafia sem fios e a telefonia sem fios. Algumas das descobertas e contribuições possibilitaram que o rádio se transformasse depois em um meio de comunicação de massas. Essa é uma das explicações para o fato de diversos nomes estarem relacionados à invenção e ao desenvolvimento do rádio, como Guglielmo Marconi e Roberto Landell de Moura; o russo David Sarnoff foi pioneiro em explorar o potencial do rádio como veículo de comunicação de massa.

2. Em um primeiro momento, seria ideal que os estudantes se expressassem e construíssem o significado de “meio de comunicação de massa” a partir de seus conhecimentos prévios. Se considerar conveniente, apresente uma definição prévia para que analisem: meios de comunicação de massa ou mídias são os meios ou canais de comunicação usados na transmissão de mensagens a um grande número de receptores. Os meios de comunicação de massa mais comuns no cotidiano são os jornais, as revistas, o rádio, a televisão e a internet. A Sociologia e a Filosofia ocupam-se bastante na análise das mídias. Os filósofos da Escola de Frankfurt esmiuçaram esse problema na chamada Teoria Crítica. Os sociólogos investigam incessantemente os usos e efeitos dos meios de comunicação de massa nos indivíduos e na sociedade.

Ampliação

- DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

O autor do texto faz um panorama histórico dos conceitos de indústria cultural e *mass media*, bem como dos pensadores da Sociologia e Filosofia que se debruçaram sobre o tema, bem como dos impactos dessa indústria sobre a sociedade na era da informação.

- **Atividades** de ampliação

1. Para a produção da linha do tempo, sugerimos assistir a dois episódios da série indicada a seguir, para selecionar algumas datas e fatos importantes sobre a Era do Rádio.

Ampliação

- A HISTÓRIA do rádio. 2019. Vídeo (16 min). Publicado pelo canal TecMundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Btbj8Qdg7uc>. Acesso em: 2 fev. 2020.

O primeiro episódio apresenta uma linha do tempo comentada da história do rádio: da série de experimentos e inventores que o criaram passando por sua presença e importância na vida cotidiana e nos eventos históricos do século XX. Aborda também a Era do Rádio e a atualidade deste meio.

- A HISTÓRIA do rádio no Brasil. 2019. Vídeo (15 min). Publicado pelo canal TecMundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRFQaJVXq88>. Acesso em: 2 fev. 2020.

O segundo episódio traz uma linha do tempo comentada que dá continuidade à história do rádio com foco no Brasil.

- PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012. O livro de Magaly Prado traz um panorama sobre a história do veículo no Brasil.

2. A reação das pessoas prova que as notícias do rádio prendiam muito a atenção dos ouvintes, estimulando a construção de imagens mentais a partir do que era narrado. A propaganda soube explorar a força comunicativa do rádio para vender os produtos descritos nas narrativas dos programas e dos intervalos.

➤ Páginas 146 e 147

O rádio: a investigação

Após a leitura e observação das imagens é hora de reunir os estudantes e pedir que façam as discussões a partir da ideia de que a rádio provoca emoção nos ouvintes e pode valorizar e ampliar a voz dos membros da comunidade. O momento seguinte é de compartilhar entre os estudantes. Escolha a melhor forma de conduzir a conversa, mas a sugestão é iniciar com a fala de um representante de cada grupo e depois abrir para os comentários dos demais. Ao final, vale pedir um registro pessoal como síntese do que foi discutido. Não há uma resposta única, mas é possível que alguns estudantes comentem como o rádio dá a sensação de que estamos conversando de perto com o radialista e com as pessoas entrevistadas.

Ampliação

- GUIA de profissões: radialismo. 2017. Vídeo (14 min). Publicado pelo canal TV Unesp. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_fz6K-CyWM. Acesso em: 2 fev. 2020.

Esse programa apresenta a formação do radialista no curso de Rádio e TV. Apresenta ainda os potenciais e as diversas áreas de atuação deste profissional.

- SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**: República: da *Belle Époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

O volume da coleção apresenta o mundo em transformação nas primeiras décadas do século XX. Importantes historiadores se debruçaram sobre o impacto dessas mudanças na vida cotidiana dos brasileiros, entre elas a chegada do rádio e como ele vai intervir no imaginário nacional na Era do Rádio. Serve como material de apoio para o trabalho em História.

➤ Páginas 148 e 149

Organizar uma programação para a comunidade escolar

Nesta fase, o professor apresenta a proposta de produto final do projeto: a criação de um programa de rádio para a comunidade escolar. Ao apresentá-la, é importante dar espaço para as dúvidas, perguntas e comentários, mas

vale ressaltar que será um projeto para se desenvolver ao longo do curso e que a primeira etapa está relacionada ao público-alvo. Quem serão os ouvintes da rádio?

Para ajudar os estudantes a investigar o perfil dos futuros ouvintes e como será a programação da rádio a ser construída, o professor pode sugerir e organizar com os estudantes um pequeno questionário para o direcionamento dos trabalhos. O questionário será voltado à comunidade escolar. Sugestões de perguntas:

Quantos anos você tem?

O que você mais ouve nas rádios?

- () Música. () Futebol.
() Notícias. () Outros.

Você acha importante um programa de rádio sobre cidadania e Direitos Humanos?

- () Sim.
() Não.
() Não sei responder.

Que sugestão de temas você daria para a programação de uma rádio em nossa comunidade escolar?

- () Lazer da juventude.
() Participação do jovem na política.
() A violência contra os jovens.
() A formação profissional.
() Outros.

Depois de aplicar o questionário é hora de tabular os dados e, dependendo do volume de respostas, elaborar um gráfico do perfil dos ouvintes. As etapas seguintes estão relacionadas ao uso dos recursos e equipamentos necessários para a execução do programa e a sua apresentação para a comunidade.

➤ Páginas 150, 151 e 152

> ETAPA 2: SABER E FAZER

Rádio: quem são os ouvintes?

Depois de identificar o perfil dos ouvintes da comunidade escolar, a próxima etapa é o momento de exercitar os procedimentos de estudo importantes para a formação dos estudantes, tais como: saber observar dados de infográficos; analisar o comportamento da audiência; comparar dados dos impactos da rádio em diversas regiões do Brasil e identificar os diversos tipos de rádio no Brasil.

Organize os estudantes em grupos de trabalho seguindo critérios claros e compartilhados com a turma. Formar grupos com diversidade de perfis garante que nenhum estudante fique isolado e nem que haja formação de grupos muito homogêneos.

Apresente os dados do infográfico no telão da classe ou na sala de informática para que todos compreendam

os dados. Faça uma seleção de dados semelhantes aos da região em que a escola se localiza. Comente os destaques, como: 71% entre os ouvintes acessam o rádio das próprias casas; 85% ouvem pelo rádio comum. Esses dois dados demonstram que o rádio ainda é um instrumento ouvido em casa e por meio de aparelhos comuns. Mas, por outro lado, o uso do celular cresce como meio para acessar diversas rádios no Brasil e no mundo, por meio de aplicativos.

> Mais atividade

A obra de Jenkins, estudioso americano de mídias, analisa as mudanças nas formas de produzir e consumir conteúdos midiáticos e como as mídias antigas e novas convergem ao invés de desaparecerem. Leia o trecho selecionado aos estudantes:

CONTEÚDO MIDIÁTICO

[...] Desde que o som gravado se tornou uma possibilidade, continuamos a desenvolver novos e aprimorados meios de gravação e reprodução do som. Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes [...].

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009. p. 41.

Após a leitura, sugira aos estudantes que descrevam exemplos de recursos midiáticos antigos que se transformaram, convergiram e evoluíram na atualidade.

> Atividades propostas na página 152

1. Espera-se que os estudantes consigam fazer o levantamento do perfil dos ouvintes de rádio e apresentem alguma informação que os tenha surpreendido. É importante que reconheçam a permanência do rádio como um meio de comunicação significativo no Brasil, principalmente entre os jovens de 20 a 34 anos, parcela da população em que 89% se dizem ouvintes.
2. Respostas de acordo com o hábito de cada estudante.

Ampliação

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (Abert). **Rádio**: credibilidade, resultado e união nacional. 2019. Disponível em: http://www.abert.org.br/web/plano/Ra%CC%81dio_Credibilidade_Resultado_e_Unia%CC%83o_Nacional.pdf. Acesso em: 2 jan. 2020.

Um estudo em gráficos e análises sobre a presença do rádio e os hábitos do brasileiro em relação a esse importante veículo de comunicação.

Proposta de ação para a criação de programa de rádio

> Página 153

Nesta fase do projeto, é hora de avaliar os dados coletados na proposta das páginas **148** e **149** e ampliar a busca de informações. Quanto maior for o número e a qualidade dos dados coletados, maior será o alcance do programa que os estudantes irão produzir. O professor pode apoiar os grupos quanto à necessidade de ampliar as perguntas e enriquecer os resultados.

É importante considerar o número de pessoas da comunidade escolar e as principais preferências, garantindo que a maioria seja ouvida e tenha suas opiniões e desejos respeitados. Os dados coletados nas pesquisas entre os colegas e a comunidade escolar darão uma dimensão das características dos ouvintes e da programação desejada a ser construída coletivamente.

Ampliação

- DESIDERATA: mídia e educação. 2016. Vídeo (26 min). Publicado pelo canal Conexão Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8ZsKvRFqyg>. Acesso em: 2 fev. 2020.

O episódio do programa **Conexão Futura** trata das relações entre mídia, tecnologia e educação e seus impactos na comunidade escolar. Aborda experiências de apropriação e uso das tecnologias a serviço da educação e apresenta resultados da pesquisa do Instituto Desiderata sobre projetos desenvolvidos por professores.

> Páginas 154 e 155

O rádio e o futebol

O professor pode pedir a leitura individual e silenciosa do texto e o registro pessoal das informações mais significativas. Ao final da leitura, vale perguntar se os estudantes já ouviram futebol pelo rádio e como foi a experiência. Uma comparação com as transmissões pelo rádio e pela TV também é interessante.

Ampliação

- DIFERENÇA entre futebol no rádio e na TV. [201-]. Vídeo (3 min). Publicado pelo canal Rogério Locutor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rek0yLTSdMw>. Acesso em: 2 fev. 2020.

O vídeo sugerido apresenta, de forma bem-humorada, a diferença entre as transmissões via rádio e TV. Por meio dele, percebe-se como a imaginação estimulada pela audição radiofônica é bastante diferente da despertada pela mídia televisiva.

Mostra que, durante a premiação do Campeonato Brasileiro de 2010, o humorista Marcelo Adnet fez narração cômica de partida imaginária de futebol na TV e no rádio, e trazendo à tona as diferenças entre esses dois veículos.

➤ **Atividades** propostas na página 155

No primeiro grupo de atividades 1 e 2, espera-se que os estudantes encontrem informações e destaquem alguns fatos da história do futebol e a relação do rádio com o esporte. É possível que todos concordem que a transmissão via rádio estimula a imaginação de quem está ouvindo o jogo, que cria imagens mentais das jogadas narradas.

➤ **Atividade** de ampliação

A lista iniciada anteriormente pode ser ampliada para temas que, assim como o futebol, despertam a paixão dos brasileiros. A lista pode servir de indicação sobre temas que podem ser explorados na programação das rádios dos estudantes, mas é importante alertá-los sobre a importância de incluir temas significativos para o público em geral.

Proposta de ação para a criação da rádio

Dá-se continuidade ao tema da transmissão via rádio e propõe-se aos estudantes o levantamento dos diferentes tipos de programa que gostariam de ouvir. Uma lista coletiva no quadro ou no painel pode ser complementada ao longo das aulas. Algumas rádios apresentam programas de política, entrevistas, música, saúde, esportes, culinária, opções de lazer, entre outros. Você pode comentar alguns desses programas para dar início à lista coletiva.

➤ Páginas 156 e 157

Rádio: a internet e as plataformas

Você pode fazer a leitura dos dois fragmentos de texto em voz alta e chamar a atenção para o destaque dado ao uso de novas tecnologias nas transmissões radiofônicas e na interatividade com os ouvintes. Sugere-se selecionar palavras ou ideias e anotá-las no quadro, com o objetivo de registrar o que foi entendido pelos estudantes. As dúvidas ou comentários também podem compor o registro.

➤ **Atividades** propostas na página 157

1. Nesta atividade, espera-se que os estudantes respondam que o *podcast* é um arquivo digital de áudio com conteúdos transmitidos pela internet, conhecido como “texto para ouvir”. O *streaming*, traduzido como fluxo contínuo, pode ser definido como a transferência de áudio ou vídeo via internet.

2. Na atividade os estudantes devem reconhecer que a internet e a participação dos ouvintes por meio de diferentes plataformas midiáticas têm contribuído para que o rádio se mantenha como um importante meio de comunicação, abrindo um canal de aproximação com os ouvintes, principalmente os jovens.

➤ **Atividade** de ampliação

Após a leitura do fragmento deste artigo, conversem sobre a participação dos estudantes em transmissões radiofônicas que permitem a interação dos ouvintes e a programação transmitida. Reflitam sobre: em que medida é válida a interação dos ouvintes? Até que ponto a opinião de todos pode ajudar ou atrapalhar um programa de rádio? Como as pessoas lidam com o contraditório nas diversas opiniões manifestadas? Geralmente, a opinião e os argumentos dos ouvintes são sólidos? Estão livres de preconceitos e discriminações? O que fazer quando alguém fere a ética ou as leis? Essas questões podem auxiliar os estudantes a perceber que a interatividade em uma rádio pode apresentar problemas. Diante disso, o que fazer? Quais decisões coletivas podem reforçar e balizar a participação das pessoas?

O trecho de artigo a seguir ressalta a interação dos ouvintes com a programação do rádio.

O RÁDIO COMO TRIBUNA

[...] O rádio é, portanto, uma tribuna onde diversos atores dialogam sobre a cidade. No polo da produção, as emissoras têm os apresentadores fixos nos estúdios e os repórteres percorrendo a cidade ou fazendo coberturas setoriais na Câmara de Vereadores e na Assembleia Legislativa. Na recepção, os ouvintes interferem na programação participando principalmente com entradas ao vivo por telefone, ou pelas plataformas na internet (redes sociais, *blogs* e outros), mensagens de texto e aplicativos de celular, enviando fotografias e vídeos. O tecido informativo do rádio é costurado por múltiplas vozes. [...]

ARAÚJO, Ed Wilson F. O rádio debate a cidade: a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras AM em São Luís. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 7. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2015. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo5/o-radio-debate-a-cidade-a-participacao-dos-ouvintes-nos-programas-jornalisticos-das-emissoras-am-em-sao-luis.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2020.

Ampliação

- RÁDIO experiência. Intérprete: Milton Nascimento. *In: ENCONTROS e despedidas*. São Paulo: Barclay/Ariola, 1985. Faixa 11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJQhLH6whdE>. Acesso em: 2 fev. 2020.

Na canção “Rádio experiência”, do álbum **Encontros e Despedidas** (1985), de Milton Nascimento, o cantor fala com sua plateia como se fosse um narrador de programa de rádio.

- WEIGELT, Diego. **Como os jovens ouvem rádio?**: uma cultura lusófona de consumo radiofônico. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

As mudanças tecnológicas impactaram a circulação e modos de consumo de informações em todos os meios de comunicação, especialmente sobre a juventude e suas culturas. O livro indicado trata desse processo, levando em consideração as novas tecnologias digitais e sua apropriação para a radiodifusão. É uma referência importante para os estudantes.

Proposta de ação para a criação da rádio

Agora é a vez dos estudantes planejarem as ações para a utilização de recursos tecnológicos, como *podcasts*, serviços de *streaming* e formas de interatividade para o programa de rádio do projeto.

Nesta fase, é importante que a formação dos grupos esteja definida.

Os trabalhos em grupo sempre oferecem a possibilidade de discutir com os jovens sobre a importância da escuta ativa, o respeito às diferentes ideias e opiniões e a solidariedade diante das dificuldades de cada um. O espaço escolar é privilegiado para a mediação de possíveis conflitos e estímulo à cultura da paz. Sendo uma prática recorrente em algumas escolas, o *bullying* pode ser tema de um dos programas das rádios.

> Páginas 158, 159 e 160

Educomunicação: o que é?

A leitura dos textos e a observação das imagens pode ser feita individualmente ou em duplas, garantindo a escuta atenta e o ambiente de silêncio que a leitura exige.

O conceito de “educomunicação” é valioso para os estudantes e pode ser um eficiente método de ensino para aproximar o tema da comunicação de massa, como o rádio, ao aprendizado na sala de aula. Por meio da educomunicação, os professores podem estimular os estudantes a usar a “ferramenta” rádio para desenvolver temas sociais e políticos, garantindo voz e protagonismo juvenil.

Ampliação

- TAVARES, Paulo C. Souza. **A rádio escola e a educomunicação. Um espaço para a alteridade:** através da educomunicação aprendendo a alteridade. Letônia: Novas Edições Acadêmicas, 2018. O autor constrói a relação entre educação, alteridade e cidadania sob a ótica da educomunicação e o auxílio da radiofonia escolar.

> **Atividades** propostas na página 160

1. A atividade é um trabalho com vocabulário, palavras desconhecidas e criação de um glossário. Espera-se que os estudantes do Ensino Médio consigam entender algumas palavras pelo contexto e que tenham condições de buscar as outras, com autonomia, usando dicionários impressos ou digitais.
2. Na atividade, os estudantes devem explicar que a produção coletiva de comunicação acontece quando grupos de estudantes, em uma perspectiva da educomunicação, produzem em conjunto com base na reflexão sobre a realidade e sobre si mesmos. A educomunicação é um campo de estudo teórico e prático da educação voltada para as mídias, no caso específico deste projeto, para o rádio. É voltada também para produzir conteúdos educativos em uma perspectiva democrática. Assim, o rádio deve ser visto como um recurso tecnológico para intervenção na comunidade escolar.

Ampliação

- DESAFIO profissão: educador. 2018. Vídeo (27 min). Publicado pelo canal TVPUC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6Pu6l-arK8>. Acesso em: 2 jan. 2020.

Esse programa televisivo reproduz entrevista de Claudemir Edson Viana, coordenador do curso de Educomunicação da ECA/USP. Ele fala sobre a formação e atuação do educador a partir da metodologia de projetos, tecnologias e cultura digital.

> Páginas 161, 162 e 163

As rádios comunitárias

O texto “O papel social das rádios comunitárias” é um disparador para os estudantes compreenderem a importância das rádios comunitárias na sociedade e perceberem de que forma os problemas e as questões deles são discutidos e se refletem no contexto social e político. Após a leitura, os estudantes devem fazer um registro pessoal e autônomo da importância social das rádios comunitárias.

Ampliação

- LUZ, Dioclécio. A saga das rádios comunitárias no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8. **Anais** [...]. Guarapuava: Unicentro, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/a%20saga%20das%20radios%20comunitarias.pdf/view>. Acesso em: 2 fev. 2020.

O artigo discorre sobre a história de luta e resistência das rádios comunitárias da clandestinidade à legalidade e o importante papel social que desempenham nas comunidades.

- GIRARDI, Ilza; JACOBUS, Rodrigo (org.). **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Ideias, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012420.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

Importante e completa cartilha, com história das rádios comunitárias e um passo a passo para sua implementação.

➤ **Atividades** propostas na página 163

1. Uma rádio comunitária tem como objetivo proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Deve divulgar a cultura, o convívio social e os eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população.
2. Espera-se que os estudantes percebam que o papel principal das rádios comunitárias é transformar os indivíduos de uma comunidade em cidadãos participativos, que busquem melhorar sua condição social, que tenham certo conhecimento político e cultural e que saibam lutar por seus direitos, contribuindo na organização de um grupo, ganhando força e identidade, levando esse grupo a conhecer e exercer o papel da cidadania e participar dele.

Proposta de ação para a criação da rádio

Faça uma lista de ações sugeridas pelos estudantes, com o objetivo de transformar a comunicação na comunidade escolar, considerando que uma emissora de rádio pode se configurar como uma importante “ferramenta” de comunicação, sendo eficaz na divulgação dos problemas da escola e da comunidade e de seus eventos. Devem discutir que tipos de programa podem colaborar para minimizar os problemas encontrados, como parte da elaboração da programação das rádios.

➤ Páginas 164 e 165

Rádios: experiências bem-sucedidas

A intenção da leitura proposta é apresentar, por meio de exemplos, experiências de rádios comunitárias bem-sucedidas em diversas regiões do Brasil.

Ampliação

- SILVA, Ramiro Gregório da. Rádio educativa: o que deve fazer e o que não pode fazer. **Caros Ouvintes**, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://www3.carosouvintes.org.br/radio-educativa-o-que-deve-fazer-e-o-que-nao-pode-fazer/>. Acesso em: 2 fev. 2020. Esse texto mostra como as rádios educativas têm como objetivo promover conteúdos educacionais e culturais. Explana-se também sobre ética nas rádios educativas, suas possibilidades e limites de ação (o que não deve fazer ou conter).

➤ **Atividades** propostas na página 165

1. Na atividade, os estudantes devem buscar a existência das rádios educativas na cidade ou no estado em que vivem. Com apoio do professor, registrem a programação e discutam a validade dos temas em relação ao que foi investigado pelos estudantes e que é de interesse da comunidade escolar. A rádio educativa cumpre a tarefa de trazer conteúdo que alimenta a comunidade com informações importantes e significativas? Esta pergunta só pode ser respondida se houver um tempo de escuta e apreciação de ao menos parte da programação. Essa tarefa pode ser feita coletivamente na sala ou ser dividida entre os grupos, para ser realizada em casa.
2. Na atividade espera-se que os estudantes estejam prontos para dar encaminhamento ao projeto-piloto de seus grupos. O tema principal e o nome do programa podem tomar bastante tempo em negociações entre os integrantes do grupo. É importante deixar que decidam com tranquilidade, já que a temática escolhida vai definir todos os caminhos do projeto.

Ampliação

- LIMA, Carlos A. Mendes de. Como implementar rádio escolar: sua escola antenada nas ondas da comunicação. *In*: LIMA, Carlos A. Mendes de. **Guia de implementação de projeto rádio escolar**. São Paulo: SME, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/manual/paginas/manual1.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020. Para pensar no projeto-piloto os estudantes podem acessar o *site*. Nele há a apresentação de um projeto de implantação de rádio em ambiente escolar. Traz proposta e objetivos e contém modelos de fichas de grade de programação, ficha de avaliação e outras.

➤ Páginas 166 e 167

> **ETAPA 3: PARA FINALIZAR**

Programa de rádio: como envolver a comunidade?

Nesta etapa final, o objetivo é reunir as informações coletadas e discutidas ao longo do projeto. Cada grupo de trabalho tem condições de partir do projeto-piloto e seguir com o roteiro apresentado. O professor deverá:

- orientar os estudantes sobre o roteiro apresentado;
- tirar as dúvidas e compartilhar com outros grupos que possam ter questionamentos semelhantes;
- dar ideias e sugestões que possam enriquecer o trabalho;
- estimular a criatividade e o empenho de todos;
- circular entre os grupos verificando a participação de todos;
- garantir que haja respeito às diferentes ideias e que todos tenham voz;

- mediar os conflitos, colocando os estudantes como agentes de solução;
- oferecer tempo e espaço para a organização dos ensaios e gravações;
- criar um ambiente colaborativo e respeitoso com todos da sala;
- apoiar os grupos nas apresentações buscando os recursos necessários.

Ampliação

- UMA ONDA no ar (*trailer*). 2016. Vídeo (2 min). Publicado pelo canal QuimeraFilmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PIOKVFOI1-E>. Acesso em: 2 fev. 2020.
Esse *trailer* resume o filme **Uma onda no ar** (2002), do diretor Helvécio Raton, que retrata a resistência da Rádio Favela, uma emissora comunitária clandestina e perseguida, que dá voz aos moradores de uma comunidade.
- ESSA é pra tocar no rádio. Intérprete: Gilberto Gil. In: CIDADE do Salvador. Rio de Janeiro: Phonogram,

1973. Faixa 5. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u_YeXoUIKrA. Acesso em: 2 fev. 2020.
A canção “Essa é pra tocar no rádio”, do álbum **Cidade do Salvador** (1973), de Gilberto Gil, mostra como o rádio acompanha o cotidiano de diferentes ouvintes.

➤ Página 168

Autoavaliação

Acompanhar, orientar e avaliar o desempenho do grupo: é importante voltar às etapas anteriores e sugerir que os grupos se autoavaliem. Nesta fase, cabe também discutir as atribuições dos componentes. Alguns grupos funcionam muito bem quando há distribuição explícita de tarefas, como registrar ideias, organizar e coletar dados, controlar as ações e outras.

Portanto, para avaliar o processo de construção dos saberes, das competências, habilidades e atitudes nos Projetos Integradores, sugerimos os quadros propostos, que permitem o acompanhamento detalhado do desenvolvimento da produção. Oriente os estudantes no preenchimento.

5 RÁDIO: COMO ENVOLVER UMA COMUNIDADE?

➤ TEMA INTEGRADOR: Mídiaeducação

Objetivo a ser desenvolvido no âmbito do tema integrador:

Investigar a história do rádio e seu papel na construção de ecossistemas comunicativos com o objetivo de levar à reflexão sobre a transformação do rádio com os avanços tecnológicos que contribuíram com as implicações nos aspectos sociais, culturais e educativos.

Produto final: criação de uma rádio

Competências gerais da BNCC: 4, 5, 7 e 10

Competências específicas da BNCC: 1, 3 e 4

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS101, EM13CHS303 e EM13CHS403

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar				
Web rádios e a participação de ouvintes: Interpretar reportagem e elaborar argumentos que possam engajar pessoas em propostas que disseminem conhecimentos e ações de cidadania.				
Radio: quem foi o inventor?: Ler, interpretar e comparar as concepções que contextualizam a criação do rádio e a sua concepção como meio de comunicação de massa, construir coletivamente uma definição de meio de comunicação de massa, construir uma linha do tempo com invenções e ações que contribuíram com o aperfeiçoamento do rádio e pesquisar programas de memórias.				
O rádio: a investigação: Planejar um programa de rádio escolar com os interesses da comunidade escolar, como produto final do projeto.				

Etapa 2 – Saber e fazer				
Rádio: quem são os ouvintes?: Ler, interpretar dados nos infográficos sobre o uso do rádio e a análise comportamental dos ouvintes nas regiões do Brasil e pesquisar os prováveis ouvintes do programa que será produzido.				
O rádio e o futebol: Ler, interpretar e identificar a relação de interdependência entre o rádio e o futebol que ajudaram a construir a identidade cultural do Brasil e investigar outras paixões que podem ser exploradas por esta mídia.				
Rádio: a internet e as plataformas: Investigar iniciativas de interatividade e planejar ações interativas no programa que será produzido.				
Educomunicação: o que é?: Ler, interpretar e identificar as principais ideias da educomunicação, selecionou as ideias ou frases fundamentais para a elaboração da proposta de ação para comunidade escolar.				
As rádios comunitárias: Ler, interpretar e identificar a importância das rádios comunitárias na melhoria da condição social e na transformação de cidadãos participativos e conscientes de seus direitos.				
Rádios: experiências bem-sucedidas: Identificar e pesquisar projetos de rádio educativa e criar uma proposta do projeto piloto de programa de rádio.				
Etapa 3 – Para finalizar				
Programa de rádio: como envolver a comunidade?: Coletar as informações e dados necessários para o trabalho, levando em consideração todas as informações obtidas na investigação, retomar os textos e imagens produzidos e selecionados, verificar que outras informações são necessárias para a elaboração do trabalho, produzir a proposta de implantação de programa de rádio voltado à comunidade escolar e selecionar a programação que atenda ao interesse dos ouvintes e que colabore para responder à pergunta-chave.				
Autoavaliação: Refletir e discutir sobre as propostas sugeridas nos projetos e elaborar respostas para a pergunta-chave.				
Orientações para aprimorar o desempenho:				

Povos e comunidades tradicionais: quem são?

> **TEMA INTEGRADOR:** Protagonismo Juvenil

> **OBJETIVO A SER DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO TEMA INTEGRADOR:**

A proposta é investigar os povos e as comunidades tradicionais do Brasil, mapeando a localização, o território, os modos de fazer desses povos e comunidades e a relação que eles têm com a natureza.

> **JUSTIFICATIVA DA PERTINÊNCIA DO OBJETIVO:**

O Brasil é um país de muitas etnias, línguas e dialetos diferentes num mesmo território. O projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?** pretende que os estudantes investiguem e aprofundem seus conhecimentos sobre o tema, com base no estudo dos povos indígenas, quilombolas, ciganos, extrativistas, ribeirinhos, caiçaras e povos de terreiro. Quem são? O que os diferencia do restante da sociedade?

> **COMPETÊNCIAS GERAIS DA BNCC:** 1, 3, 7, 8 e 9

> **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA BNCC:** 1, 4, 5 e 6

> **HABILIDADES DA BNCC:** EM13CHS104, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS601

> **MATERIAIS SUGERIDOS:**

Etapa 1:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 2:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.

Etapa 3:

- Dispositivos eletrônicos com acesso à internet.
- Livros, jornais e revistas.
- Papel vegetal, folhas de papel sulfite, papel pardo ou cartolina, canetas, colas, fitas adesivas e tachinhas.

Introdução

Os povos e as comunidades tradicionais estão presentes em diferentes regiões do território brasileiro, em locais onde preservam suas culturas e o meio ambiente. O processo de colonização e a história agrária do Brasil moldaram de algum modo as características desses grupos, transformando-os no que são atualmente. Muitas vezes, esses grupos falam línguas próprias, além do português brasileiro, e seus territórios não estão demarcados oficialmente pelo Estado, o que garantiria, em tese, sua preservação. A falta de demarcação gera conflitos de interesses e ameaça a sobrevivência desses povos e comunidades.

Neste projeto serão produzidos mapas pictóricos com informações de povos e comunidades tradicionais. Esse tipo de mapa representa lugares e aspectos culturais por meio de símbolos pictóricos, ou seja, desenhos figurativos. O levantamento de elementos que representam esses grupos de pessoas (símbolos, textos, imagens) deve ser

realizado durante a pesquisa, pois eles contribuirão para a composição dos mapas.

Em **Povos e comunidades tradicionais: quem são?**, o componente curricular Geografia tem maior destaque, podendo o professor desta disciplina liderar o projeto; contudo, sua condução não deve ser dissociada de História, Filosofia e Sociologia, requisitadas durante o desenvolvimento do projeto. A presença do protagonismo juvenil neste projeto está ligada à valorização e utilização de conhecimentos historicamente construídos e à reflexão sobre identidades culturais e pluralidade, assim como ao exercício de alteridade e empatia, relacionado às competências gerais 1 e 9 da BNCC. Durante a realização deste projeto, os estudantes refletirão sobre as manifestações culturais e artísticas de diferentes grupos e as suas próprias culturas, desenvolvendo a capacidade argumentativa e fortalecendo o protagonismo juvenil, determinados nas competências gerais 3 e 7 da BNCC. Os estudantes também analisarão a implantação de direitos e políticas públicas para essa parcela da população, temas que estão relacionados à competência geral 8.

Já as competências específicas relacionam-se ao desenvolvimento de habilidades correlatas que serão evidenciadas ao longo do projeto.

Orientações didáticas

► Páginas 174 e 175

> ETAPA 1: VAMOS COMEÇAR

Representando os povos tradicionais

Para iniciar o projeto **Povos e comunidades tradicionais: quem são?**, é importante reunir a turma em uma conversa informal e questionar o que os estudantes sabem sobre o assunto, na intenção de diagnosticar seus conhecimentos prévios sobre o tema. É interessante solicitar aos estudantes que anotem essas informações no caderno, para compará-las com o conhecimento produzido ao final da etapa.

Em um segundo momento, sugere-se mostrar à turma as obras de arte *naïf* dispostas nas páginas **174** e **175**, atentando para detalhes como características estéticas, sujeitos representados, aspectos do território e elementos que possam trazer informações sobre os modos de vida e a vivência dos grupos representados. É importante evidenciar que a arte *naïf* é um modo de representação artística que nos traz elementos sobre a visão de artistas, e não necessariamente corresponde a uma realidade totalizante. Nessa etapa, ela pode inspirar a turma para a realização do projeto.

Se considerar pertinente, você pode utilizar o texto a seguir para ampliar a definição de arte *naïf*:

ARTE NAÏF

Definição

O termo arte *naïf* aparece no vocabulário artístico, em geral, como sinônimo de arte ingênua, original e/ou instintiva, produzida por autodidatas que não têm formação culta no campo das artes. Nesse sentido, a expressão se confunde frequentemente com arte popular, arte primitiva e *art brut*, por tentar descrever modos expressivos autênticos, originários da subjetividade e da imaginação criadora de pessoas estranhas à tradição e ao sistema artístico. A pintura *naïf* se caracteriza pela ausência das técnicas usuais de representação (uso científico da perspectiva, formas convencionais de

composição e de utilização das cores) e pela visão ingênua do mundo. As cores brilhantes e alegres – fora dos padrões usuais –, a simplificação dos elementos decorativos, o gosto pela descrição minuciosa, a visão idealizada da natureza e a presença de elementos do universo onírico são alguns dos traços considerados típicos dessa modalidade artística. [...].

ARTE *Naïf*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5357/arte-naif>. Acesso em: 28 jan. 2020.

O verbete completo sobre arte *naïf* da enciclopédia citada versa de maneira mais aprofundada sobre esse gênero artístico, trazendo *links* de artistas do Brasil.

► **Atividades** propostas na página 175

- 1. a)** Espera-se que os estudantes identifiquem: Indígenas, Caiçaras, Quilombolas, Ciganos, Extrativistas, Ribeirinhos, Povos de terreiro.
 - b)** Floresta, religiosidade, festa, meio ambiente, moradia etc.
- Espera-se que os estudantes percebam elementos como:
 - **Indígenas:** A representação de uma densa mata, rios e indígenas que vivem nesse lugar. Na tela é destacado o trabalho dos indígenas na floresta por meio de seus instrumentos, como arco e flecha, lanças, canoa e extrativismo. Também são representados os modos de morar, por meio das malocas e a reprodução da vida social e cultural nesse território, marcada pela relação com a floresta e os rios.
 - **Caiçaras:** A comunidade caiçara é representada geograficamente com uma densa mata ao fundo, uma faixa de areia e mar. A vida cultural e social é marcada pelos modos de morar e o trabalho, por meio dos barcos, redes, recipientes e transporte de produtos. A religiosidade é destacada por meio da presença de uma igreja na imagem.
 - **Quilombolas:** A imagem destaca uma comunidade quilombola marcada pelas moradias tradicionais de pau-a-pique (taipa de mão), além da mata, dos instrumentos musicais, da capelinha e da fogueira, relacionados a uma festa religiosa.
 - **Ribeirinhos:** Os ribeirinhos são representados com o rio em destaque, de onde tiram sua subsistência, simbolizada pela fatura de sua colheita, embarcações e uma pequena comunidade ao fundo.
 - **Povos de terreiro:** Os povos de terreiro são representados com vestimentas e artefatos de religiões de matriz africana, dentro de uma cidade.

- **Extrativistas:** Os extrativistas (fotos 5 e 6) são representados pelo trabalho nos seringais, com a extração da seiva da seringueira e instrumentos de trabalho.

3. Essa resposta é pessoal e pretende qualificar o interesse dos estudantes sobre o objeto de desenvolvimento do projeto.

➤ **Atividade** de ampliação

Para ampliar a atividade de sensibilização inicial, sugerimos que os estudantes reflitam sobre elementos que caracterizem suas culturas. É importante estimulá-los questionando oralmente sobre o lugar onde vivem, o que reconhecem como seu território, quais são as características de sua alimentação, como exercem trabalhos diversos, como se vestem, se utilizam ornamentos que os identifiquem como pertencentes a um grupo específico (*piercings*, tatuagens, cortes de cabelo, bonés, pinturas corporais ou maquiagens, turbantes, anéis, entre muitas outras possibilidades), além dos laços familiares. Com base nessa discussão, pode-se pedir que eles elaborem uma lista para ser utilizada posteriormente. Por fim, se considerar adequado, você pode pedir a eles que comparem os seus elementos culturais próprios com o povo ou comunidade que lhes chamou mais atenção na observação das pinturas, destacando semelhanças e diferenças e estimulando-os a fazer uma reflexão introdutória sobre identidades culturais. A discussão sobre identidades permeia todo o projeto de forma implícita, por isso é importante desenvolvê-la. Neste e em outros momentos da investigação, é evidenciada a competência específica 1 e a habilidade EM13CHS104, que analisa a cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos e práticas que singularizam esses povos e comunidades no tempo e no espaço.

O livro sugerido a seguir sintetiza a discussão sobre identidades em vários aspectos, abordando etnia, gênero, nação e classes sociais.

Para subsidiar o trabalho do conceito de identidades culturais, sugerimos a leitura do livro **A identidade cultural na pós-modernidade**, do renomado pesquisador jamaicano Stuart Hall.

Ampliação

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In: SALLUM JR., Brasília; SCHWARCZ, Lilia Moritz; Vidal, Diana Gonçalves; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Identidades**. São Paulo: Edusp, 2016. p. 17-32.

O autor discute a crise da identidade nacional, considerada um ponto fixo e generalizante de autoidentificação, em relação à percepção de novas formas de “pertencimento”, como étnicas, raciais, linguísticas e religiosas.

➤ Páginas 176 e 177

Território: vida

Este momento do percurso é dedicado ao conhecimento do conceito de povos e comunidades tradicionais e sua intrínseca relação com o território onde vivem e asseguram sua reprodução cultural e material. Na parte conceitual, os estudantes devem fazer a leitura do trecho decreto-lei que define o que caracteriza juridicamente essa parcela da população brasileira. É importante ressaltar que essa lei visa promover e assegurar direitos aos povos e comunidades tradicionais, mas que sua implantação depende de contextos políticos, que podem ou não buscar implementar essa política local e nacionalmente.

Em um segundo momento, os estudantes poderão desenvolver a abstração conceitual analisando as fotografias do livro, que trazem elementos que distinguem e aproximam as comunidades tradicionais do restante da sociedade. Nessa ocasião, eles podem retomar a lista de elementos culturais próprios produzida anteriormente e comparar com os elementos representados nas fotografias, realizando um exercício de alteridade. Essa análise também os preparará para responder às perguntas que serão propostas.

➤ **Atividades** propostas na página 177

1. a) Essa é uma atividade de observação das imagens, cujo objetivo principal é que os estudantes entrem em contato com elementos conhecidos e desconhecidos das comunidades tradicionais representadas nas fotografias. É importante que eles identifiquem aspectos como vestimentas, características de moradias e do território onde as comunidades estão inseridas, atividades cotidianas, entre outros.
- b) Espera-se que neste momento da investigação os estudantes observem o modo de vida e a cultura dos povos tradicionais. Deixe claro que as imagens evidenciam apenas alguns aspectos sobre a diversidade e a cultura desses povos. Possibilite que os estudantes descrevam semelhanças e diferenças de forma respeitosa e, se achar necessário, amplie a investigação, possibilitando a pesquisa de novas imagens sobre os povos apresentados.
2. a) **Fotografia 1:** casas de madeira e palafita. **Fotografia 2:** casas de lona e madeira. **Fotografia 3:** casas de barro e madeira. **Fotografia 4:** casas de alvenaria.
- b) **Fotografia 1:** as casas de madeira e palafita foram construídas de modo a aproveitar um espaço sobre o rio, onde se dispõe a comunidade, numa região de mata densa e cheias constantes. **Fotografia 2:**

as casas de lona e madeira, para cada família, foram dispostas num terreno pequeno e de terra batida.

Fotografia 3: as casas de barro e madeira das famílias foram construídas em um terreno em que existem lugares de aproveitamento coletivo, como a mata ao redor da comunidade. **Fotografia 4:** duas casas, uma mais antiga e outra mais recente, em rua de terra batida.

- c) Espera-se que os estudantes percebam que, com base na observação das casas, é possível identificar alguns elementos relacionados aos modos de vida e às culturas tradicionais. As casas foram construídas principalmente com recursos disponíveis nos locais onde elas estão inseridas, respeitando as condições naturais do território. Em todas as fotografias é possível observar que essas comunidades vivem uma forte identidade, que se realiza na coletividade. Exemplos: **Fotografia 1:** a relação dos ribeirinhos com o rio, sendo as construções e os meios de transporte adaptados a ele. **Fotografia 2:** a família cigana é identificada pelas suas vestimentas tradicionais. **Fotografia 3:** os indígenas vivem em uma aldeia na qual podemos observar elementos culturais, como as características das casas. **Fotografia 4:** os idosos fazem parte de uma comunidade quilombola.

> **Atividade** de ampliação

A atividade de ampliação sugerida tem o objetivo de ampliar as noções discutidas nesta etapa com a análise das fotografias das páginas **176** e **177** e a busca de novas imagens que mobilizem essa reflexão conceitual.

- > Páginas 178, 179, 180 e 181

Povos tradicionais: vamos localizar?

Neste tópico, os estudantes farão a leitura dos mapas da localização de diferentes povos e comunidades tradicionais. Essa atividade exige o domínio das habilidades relacionadas à localização geográfica, especialmente sobre o território brasileiro. Para que haja sucesso na proposta, os estudantes devem relacionar a distribuição demográfica dessa população com as fronteiras políticas de cada estado. Caso eles encontrem dificuldades nesse processo, pode ser interessante oferecer um mapa político do Brasil como referência, projetado, em livro impresso ou em atlas. Nessa situação, é desejável atuar na mediação da leitura cartográfica, auxiliando-os nesse processo de localização, nomeando as regiões encontradas e, se possível, formulando inferências que relacionem bioma/território/população. Com base nessa discussão, é possível abordar o gráfico da página **180**, que pormenoriza a

concentração dessa população em diferentes estados. As atividades propostas nessa parte visam à sistematização da discussão.

> **Atividades** propostas na página 180

1. Com base na leitura das legendas e dos mapas, espera-se que os estudantes identifiquem os seguintes povos: indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, pescadores artesanais, ciganos e comunidades de terreiro. Observando-se os mapas conjuntamente percebe-se que, a nordeste, predominam quilombolas, comunidades de terreiro e pescadores artesanais. Ao centro, sudeste e sul, povos indígenas, pescadores artesanais, ciganos, quilombolas e povos de terreiro. É importante ressaltar que na região amazônica existem muitas terras indígenas demarcadas cuja população não é expressa no mapa.
2. Essa resposta depende da região onde os estudantes moram. É preciso identificar as comunidades tradicionais existentes e comparar com os mapas e gráfico apresentados e analisados anteriormente.

> **Mais atividade**

Para ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre um dos povos tradicionais, é interessante sugerir a eles que assistam à reportagem sobre o Quilombo Kalunga, indicada a seguir, e produzam uma síntese descrevendo aspectos relacionados às formas de trabalho e à cultura desses povos. Em seguida, sugere-se pedir que compartilhem os resultados com os colegas da turma.

Ampliação

- PAULO, Paula Paiva. 650 mil famílias se declaram 'povos tradicionais' no Brasil; conheça os kalungas, do maior quilombo do país. **G1**, 29 out 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/10/29/650-mil-familias-se-declaram-povos-tradicionais-no-brasil-conheca-os-kalungas-do-maior-quilombo-do-pais.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2020.

A abrangente reportagem sobre o quilombo localizado em Goiás inclui, em formato animado, os mapas do Ministério Público Federal apresentados neste tópico, juntamente com os gráficos. Ela ainda conta com uma pequena reportagem em vídeo sobre os Kalungas, que pode ser exibida para os estudantes.

Mapeando a pluralidade

Nesse momento, os grupos serão divididos para a execução das próximas etapas. Para essa divisão, é importante que pessoas com interesses e habilidades distintos

componham os grupos, como: habilidade para analisar, descrever e produzir textos e imagens, para localizar-se geograficamente e que tenha conhecimentos sobre biomas e recursos naturais.

Após essa organização, é preciso mediar a leitura da ficha de pesquisa e sistematização proposta na página 181. É importante questionar os estudantes se eles compreenderam o que é pedido. Caso haja dúvidas, você pode utilizar este quadro como roteiro:

Nome do povo ou da comunidade tradicional
Identifica o povo ou a comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Localização do povo ou da comunidade tradicional
Localiza o povo ou a comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Bioma e ecossistemas onde o povo ou a comunidade está localizado
Identifica o bioma e ecossistemas em que o povo ou a comunidade está localizado, que influencia a apropriação do território e reprodução da vida cultural e material do povo ou da comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Produção predominante (artesanato e outras atividades econômicas)
Identifica e analisa a transformação da natureza por meio dos trabalhos executados pelo povo ou pela comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Religiosidade e festas tradicionais
Identifica como os elementos analisados anteriormente colaboram para a religiosidade e manifestações culturais relacionadas ao povo ou à comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Infraestrutura disponível para o povo ou para a comunidade (habitação, educação, saúde, entre outras)
Analisa o acesso e as condições dos serviços essenciais para essa parcela da população.
Patrimônio natural ou cultural de que são portadores
Identifica bens e patrimônios naturais e culturais com forte significado material e imaterial para o povo ou a comunidade a ser pesquisada pelos grupos.
Outras informações que vocês considerarem importantes para descrever o modo de vida do povo ou da comunidade tradicional investigada
Privilegia a introdução de outros aspectos importantes encontrados pelos grupos durante a pesquisa que não foram contemplados na ficha.

Por fim, o projeto será apresentado em sua totalidade, inaugurando a etapa de pesquisa. Nesse momento, é importante reforçar a desconstrução de estereótipos e o respeito à pluralidade cultural, atentando para a realização constante do exercício de alteridade.

➤ Páginas 182 e 183

➤ ETAPA 2: SABER E FAZER

Povos e comunidades tradicionais

Nesta etapa, os estudantes aprofundarão os conceitos apresentados anteriormente por meio de pesquisa em diferentes meios e fontes. Para iniciar, eles devem realizar a leitura do texto que conceitua povos e comunidades tradicionais, elaborado pelo Ministério Público. É desejável que a leitura seja feita individualmente, destacando palavras-chave para a definição do conceito, como território, meio ambiente, sustentabilidade, entre outras, o que contribuirá para responder às atividades propostas.

➤ **Atividades** propostas na página 182

As atividades propostas têm o objetivo de incentivar a pesquisa em fontes confiáveis e aprofundar o conceito dos elementos descritos no texto.

1. Espera-se que os estudantes destaquem os seguintes pontos: são grupos culturalmente diferenciados, profundamente ligados ao território e ao meio ambiente em que estão inseridos. Seus modos de produzir são relacionados à subsistência, promovendo a sustentabilidade. Cultura, economia, produção e religiosidade não se dissociam e são completamente integradas.
2. Antes de começar, é preciso ler o exemplo de síntese esperada, que está na página 183. Ele foi elaborado com base na pesquisa de diferentes fontes, como *sites* governamentais ou análises de especialistas no tema. É esse tipo de busca que, nesse momento, deve ser realizada. Os resultados desejáveis podem ser resumidos em:
 - **Quilombolas:** populações remanescentes de comunidades negras com ancestralidade relacionada aos africanos, livres ou escravizados. Vivem em territórios comunitários há centenas de anos, que não necessariamente eram quilombos no passado. Suas terras são de uso comunitário, mas podem se relacionar com a propriedade privada de outros grupos ou mesmo de sua posse, como ocupações, heranças, compras, doações, entre outras. Suas principais atividades são o extrativismo e a agricultura de subsistência. São comunidades heterogêneas não

circunscritas apenas ao campo, ocupando também as cidades. O número de quilombolas no Brasil não foi quantificado, porém a Fundação Palmares estima que haja cerca de 3.524 grupos remanescentes.

- **Ciganos:** povo bastante complexo e heterogêneo, que tem um modo de vida nômade, sedentário ou ambos, alternadamente, conforme as necessidades econômicas e de sobrevivência do grupo. Estudos apontam que sua ancestralidade está ligada a povos nômades que saíram da Índia há milhares de anos, migrando pelo mundo. Tem língua e culturas próprias e suas atividades econômicas são as mesmas dos não ciganos, extrapolando estereótipos atribuídos a eles. O Censo de 2010 registrou 800 mil pessoas que se declararam ciganas no Brasil, sendo os maiores clãs presentes no país os *Calón*, de origem portuguesa, e os *Rom*, do Leste Europeu. Estão presentes em terras brasileiras desde o início da colonização.
 - **Extrativistas, ribeirinhos e pescadores artesanais:** apesar de serem grupos diferentes, eles podem se relacionar entre si ou com outros apresentados nos mapas. Essas relações se referem ao modo de produzir, o que não está circunscrito a uma característica étnica; por exemplo, algo que predomina em outros povos. Indígenas, quilombolas, sertanejos, caboclos, caiçaras, ribeirinhos, entre outros, podem praticar atividades extrativistas e/ou de pesca no litoral ou no sertão. O que os qualifica são as maneiras tradicionais de produção e subsistência e a preservação de seus territórios de forma sustentável. Essa relação com produção, bioma e ecossistema singulariza essas culturas. Daí temos geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco babaçu, faxinalenses, marisqueiras, varjeiros, entre muitos outros.
 - **Povos ou comunidades de terreiro:** comunidades formadas com base em templos religiosos de matriz africana, os terreiros. Existem no campo e na cidade, e sua ligação ancestral está ligada a sacerdotes que lideraram essas comunidades no passado e no presente. Seu laço é principalmente religioso, destacando-se de outras categorias, que construíram suas identidades baseadas no meio ambiente e nas formas de produção de determinado bem. É no cotidiano de suas religiões que constroem as culturas e a organização social do grupo.
3. Essa atividade tem o objetivo de singularizar a pluralidade dos povos e comunidades tradicionais escolhidos pelo grupo, de forma a não os homogeneizar. O modelo oferecido na página **183** se refere a diferentes povos

indígenas e seus modos de morar. Assim, é preciso estimular os grupos a pesquisar, dentro de um grupo, comunidades diferentes. Por exemplo, se a escolha foi quilombolas, eles podem buscar uma comunidade no Sul do país em contexto urbano, uma no Sudeste e outra no Nordeste, por exemplo.

Ampliação

- NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2020. O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) reúne em seu *site* informações sobre povos e comunidades tradicionais do Brasil. São artigos, fascículos, livros, mapas de cartografia social e muitos outros materiais que podem subsidiar a pesquisa dos estudantes.
- REDE CERRADO. Disponível em: <https://redecerrado.org.br/nossa-atuacao/defesa-de-povos-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

A organização social Rede Cerrado disponibiliza em seu *site* informações sobre povos e comunidades tradicionais do cerrado, entre eles quilombolas, extrativistas, comunidades de findo de pasto, vazanteiros, veredeiros e outros, com características muito singulares, que ampliam as categorias iniciais propostas para a pesquisa Cerrado.

► Páginas 184 e 185

Os povos tradicionais e seus territórios

Nesse tópico, os estudantes aprofundarão o conceito de território para os povos e as comunidades tradicionais, assim como identificarão as dificuldades comuns dessa população para garantir a posse dos locais onde vivem. Para isso, lerão o texto elaborado pelo Ministério Público Federal, que se utiliza principalmente de conhecimentos acadêmicos de Geografia, História e Antropologia. É importante que os estudantes compreendam que a dinâmica do Brasil Colônia e Império, por meio da doação de sesmarias e territórios aos colonizadores, ensinou a ocupação do território por parte dos povos tradicionais em áreas que escapavam dessa esfera. O fato é que as comunidades tradicionais habitam seus territórios há centenas de anos. A partir de 1850, com a Lei de Terras, suas dificuldades se aprofundaram, pois as elites detinham os recursos para legalizar as terras que elas ocupavam, diferentemente dos demais grupos da sociedade. Um outro ponto, que não foi comentado nas páginas **184** e **185**, é a colonização dos imigrantes, ocorrida por meio de doação ou compra de lotes de terras, por parte dos governos do Império e da República. Muitas terras ocupadas por povos tra-

dicionais foram loteadas, frequentemente ocasionando a expulsão, a extinção ou o genocídio dessa população. Essa questão em nosso passado recente é agravada por forças econômicas que disputam riquezas e recursos naturais, conforme demonstram diversas reportagens e relatórios sobre o tema.

➤ **Atividades** propostas na página 185

1. Espera-se que os estudantes percebam as dimensões simbólicas do território onde estão impressas a ancestralidade, a memória e a história das comunidades e povos tradicionais, por meio dos lugares sagrados, de subsistência e de um sistema de conhecimentos sobre ele. O território também ultrapassa as demarcações oficiais.
2. Essa atividade visa à aplicação dos conhecimentos levantados sobre a comunidade ou povo escolhido pelos grupos. É importante observar a capacidade crítica de leitura e argumentação e o cruzamento de informações obtidas por diferentes fontes.
3. Aqui, é importante que os estudantes sintetizem as informações levantadas na atividade anterior para inseri-las na ficha, com um texto informativo e de qualidade.

Ampliação

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa (2014). O lugar da vida – Comunidade e Comunidade Tradicional / El lugar de la vida – Comunidad y Comunidad Tradicional. **Campo – território: revista de geografia agrária**, 9(18). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/27067>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Esse artigo discute a territorialidade de povos tradicionais partindo do conceito de comunidade, que é ampliado por todo o texto. É ideal para a pesquisa docente.

- LITTLE, Paul E. (2018). Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil – Por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia n. 322. Brasília: UnB, 2002. SANTILLI, Juliana. **Socioambientalismo e novos direitos**: proteção jurídica à diversidade biológica cultural. São Paulo: Peirópolis, 2005. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/territorios-sociais-e-povos-tradicionais-no-brasil-por-uma-antropologia-da>. Acesso em: 3 fev. 2020.

Esse artigo do renomado antropólogo Paul E. Little aborda de maneira profunda as relações históricas e dinâmicas contemporâneas na disputa da terra entre povos tradicionais e o restante da sociedade, ampliando conceitos de territórios. É ideal para a pesquisa docente.

➤ Páginas 186 e 187

Direitos dos povos e das comunidades tradicionais

Nesse momento, os estudantes irão ler, conhecer e analisar os direitos almejados expressos na Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Geralmente, os documentos jurídicos têm uma linguagem complexa, havendo a necessidade de investigação de todos os termos desconhecidos, discutindo-os ponto a ponto.

É importante ressaltar que a PNPCT ainda tem dificuldades para ser implantada, sendo indutora de políticas públicas, e não um decreto, que tornaria obrigatórias as disposições do documento, perdendo força de ação.

Espera-se que os estudantes percebam que os princípios da PNPCT pretendem assegurar o direito à pluralidade e às identidades dos povos e das comunidades tradicionais, por meio da implantação de políticas que garantam direitos a alimentação, saúde, território, meio ambiente, entre outros.

➤ **Atividades** propostas na página 187

Nessa atividade, para facilitar a pesquisa, os grupos podem fazer uma lista com os direitos e as políticas públicas que consideram essenciais para assegurar dignidade ao povo ou à comunidade escolhida. A investigação pode ser feita em *sites* de instituições governamentais, de ONGs ou mesmo em *blogs* ou páginas de rede social do povo ou da comunidade pesquisados.

➤ Páginas 188 a 189

Viver e conviver em uma comunidade tradicional

Essa etapa é marcada pela leitura de diferentes gêneros textuais: entrevistas, depoimentos de pessoas que são de comunidades tradicionais e um texto de divulgação oficial. Nesses textos, são desenvolvidos aspectos relacionados às competências gerais 4, 5 e 6 e às habilidades EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS601, que relacionam as demandas históricas, políticas, sociais e culturais dos indígenas, dos afrodescendentes e de outros povos e comunidades tradicionais no Brasil. Além disso, nas leituras propostas, os estudantes poderão identificar aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos geográficos e as formas de desigualdade e preconceito impostas a esses povos. As leituras podem ser feitas individualmente, e a troca de ideias sobre os

textos, de forma coletiva. É importante identificar o que diferencia um gênero textual de outro.

O trecho de entrevista das páginas **188** e **189** traz a narrativa do quilombola Mauro Gonçalves, do norte de Minas Gerais, sobre as transformações da paisagem, do território, da economia de subsistência e da escassez dos recursos naturais ocasionados pela apropriação de terras e pelas plantações de eucalipto na região. Por meio do texto, é possível identificar aspectos da dinâmica econômica da comunidade de Campinhos.

> **Atividades** propostas na página 189

- a)** Ele foi ocupado há mais de 100 anos pela família de Mauro Gonçalves, a partir de uma fazenda.
 - b)** Agricultura de subsistência e extrativismo.
 - c)** A escassez de água, devida às plantações de eucalipto nos arredores de Campinhos.
2. Os estudantes devem pesquisar aspectos correlatos aos evidenciados no texto sobre o povo ou a comunidade tradicional que escolheram e inseri-los na ficha de pesquisa.

> **Mais atividade**

Para ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre os povos tradicionais e o gênero entrevista, é interessante sugerir a eles que investiguem entrevistas em diferentes meios de comunicação (televisão, rádio, jornal, revista ou internet), em que as pessoas entrevistadas citem aspectos interessantes sobre o modo de vida e a cultura desses povos. Indica-se que os estudantes compartilhem os resultados da investigação.

> Páginas 190 e 191

As páginas **190** e **191** trazem a perspectiva de indígenas de diferentes povos sobre os seus locais sagrados. O primeiro texto é de Ailton Krenak e trata os elementos da natureza como entidades sagradas. Os outros excertos são depoimentos de duas jovens indígenas, Margarida, da etnia Piratapuia, e Francimar, da etnia Baré, residentes na região do Baixo Rio Negro, na Amazônia. Elas descrevem os lugares sagrados de suas comunidades e o ritual do Dabucurí. Para um exemplo concreto de lugar sagrado, os estudantes devem observar a fotografia da página **191**, da coredeira da Cachoeira das Onças, considerada sagrada por povos indígenas da região do Alto Rio Negro (AM). Se considerar adequado, você pode localizá-la em um aplicativo de mapas.

> **Atividades** propostas na página 190

1. A natureza, as entidades naturais e todos os seres são sagrados. Os rios, as montanhas, o vento, as águas, todos têm espírito que se relacionam com o mundo ancestral e espiritual dos Krenak.
2. A colonização e o contato com os não indígenas privaram os Krenak de seus lugares tradicionalmente sagrados, fundadores de sua herança cultural.

> **Atividades** propostas na página 191

1. Em linhas gerais, os Dabucurí são rituais mágico-religiosos que podem ser realizados por humanos ou entidades da natureza. Eles asseguram a sua reprodução cultural e ambiental. São oferecidos alimentos aos espíritos dos lugares e às comunidades, reproduzindo a abundância e fertilidade.
2. Margarida descreve em seu sítio a pedra do Waimi, avô dos encantados. Nesse lugar está assegurada a reprodução de peixes (piracema), por meio do Dabucurí dos encantados. Francimar descreve a Ita de Caieira (ou Ita Pereira), lugar sagrado do Dabucurí de sua comunidade.
3. Após a leitura dos textos, essa atividade objetiva que os estudantes reflitam sobre o significado de lugares sagrados, analisando se a comunidade e o povo sobre os quais estão pesquisando possuem lugares sagrados como bens culturais ou patrimônios.

> Páginas 192 e 193

O último conjunto de textos desse momento traz o depoimento de homens que vivem tradicionalmente em Jureia (SP), sobrevivendo de atividades extrativistas e pescadoras. Em suas falas, é possível notar o seguinte problema, de difícil solução para muitas comunidades tradicionais: e quando um território ancestralmente habitado se torna protegido pelo Estado? É possível conciliar interesses?

Os estudantes lerão um texto oficial de divulgação, do *site* da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), de Barra do Una, região próxima ao lugar onde pescadores viveram e vivem, que traz indícios sobre o que foi considerado importante para a proteção da área. Vale ressaltar que ela teve *status* de RDS após anos de reivindicações de associações civis, juristas e dos moradores.

> **Atividades** propostas na página 193

- a)** Uma empresa de loteamento, uma estatal de produção de energia nuclear e os ambientalistas, que queriam converter seus territórios em parque.
- b)** Muitos mudaram para a cidade e não podem frequentar o território tradicionalmente ocupado.

- c) Para responder à pergunta, oriente os estudantes a investigar informações em livros ou sites da internet. É desejável também que os estudantes identifiquem o conceito de Reserva de Desenvolvimento Sustentável, uma alternativa às demarcações arbitrárias. No caso da Jureia, por exemplo, as comunidades tradicionais reivindicaram quatro, porém foram demarcadas apenas duas, influenciando o seu desterro, que poderá ser revertido após a recente decisão judicial.

Ampliação

- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2014.

O livro sintetiza de forma rigorosa as discussões sobre história, identidades indígenas, organização sociocultural e política dessa parcela da população brasileira. É ideal para a pesquisa docente.

Para ampliar o repertório dos estudantes para além do conjunto de textos apresentados neste tópico, você pode exibir o documentário:

- CIGANOS: Povo Invisível. 2018. Vídeo (20min57s). Publicado pelo canal TV Justiça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IE7UdY2k2Tk>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Esse vídeo traz informações sobre essa parcela invisibilizada e discriminada da população brasileira.

- > Páginas 194 e 195

Os jovens dos povos e das comunidades tradicionais

Neste tópico são ressaltadas as narrativas de jovens pertencentes às comunidades tradicionais. O primeiro é um texto coletivo de jovens quilombolas que afirmam suas identidades, trazendo elementos que singularizam essa categoria. O segundo é o relato de um jovem morador da Jureia (SP), que se tornou biólogo marinho. Ambos ressaltam o protagonismo desses jovens em suas comunidades e também no restante da sociedade, atuando em diversos seguimentos sociais.

- > **Atividades** propostas na página 194

- São plurais, física e culturalmente. Além disso, os jovens quilombolas têm “em comum a solidariedade, o respeito à ancestralidade, aos ensinamentos coletivos, a vontade de superação das desigualdades, a alegria e fé na Ação, e a força de quem sabe de onde veio”.
- Os estudantes devem identificar, comparar e pesquisar se os laços familiares e de ancestralidade comuns estão presentes na comunidade ou povo investigado pelo grupo.

- > **Atividades** propostas na página 195

- a) Lucas nasceu em uma comunidade tradicional caiçara. A sua vida está intimamente ligada ao mar, e isso impactou a escolha de sua profissão. Ele, como biólogo, pode contribuir para aliar conhecimentos tradicionais e científicos para melhorar a vida de sua comunidade.
- b) Por meio da pesquisa do acesso à escola na comunidade ou povo investigado pelo grupo, pode-se trilhar um percurso de reflexão sobre a importância do acesso ao letramento, educação e universidade para essa população, com base no exemplo de Lucas.

Ampliação

- QUILOMBOS Urbanos. 2018. Vídeo (26min42s). Publicado pelo canal TVE RS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DAstbao2qGA>. Acesso em: 24 jan. 2020.

O que é um quilombo urbano? Como eles se formaram nas cidades brasileiras? Essa reportagem aborda os territórios negros de Porto Alegre (RS), suas histórias e desafios.

- > Páginas 196 e 197

Desenhando o mapa do Brasil

Esse momento é destinado para os estudantes conhecerem um exemplo de mapa pictórico, observando a obra da artista Hilde Weber. Por meio do mapa, é possível perceber como os conceitos e conhecimentos mobilizados durante o itinerário do projeto podem ganhar uma forma artística e estética, utilizando-se de recursos expressivos de outras linguagens. O mapa pictórico pode ser projetado, caso haja essa possibilidade, para que os estudantes visualizem os seus detalhes. É possível perceber os contornos cartográficos que caracterizam o território brasileiro, além de elementos da natureza, de diferentes etnias e culturas.

Se você considerar adequado, pode projetar também para a turma outros tipos de mapas pictóricos, como o “*Terra Brasilis*”, de Lopo-Homem e Reineis, e o “Planisfério de Cantino”. Nesse caso, é importante ressaltar que eles fazem parte do gênero chamado cartografia histórica e foram produzidos no período das Grandes Navegações, reunindo as potenciais riquezas a serem exploradas pelos interessados em colonizar as terras desconhecidas pelos europeus até então. Ambos os mapas são bastante detalhados e, embora tenham sido produzidos com intenções políticas e econômicas, trazem uma estética artística e o olhar dos europeus sobre mundos antes inimagináveis para eles.

> **Atividades** propostas na página 197

1. O mapa é composto de diversos elementos que se diferenciam em cada região do Brasil: fauna e flora, comunidades tradicionais e seus territórios, trabalhos, moradias, biomas, entre muitos outros.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes percebam o olhar de uma imigrante que escolheu o Brasil como sua terra e colocou em sua obra esses sentimentos.

> Páginas 198 e 199

> ETAPA 3: PARA FINALIZAR

Mapa pictórico: povos e comunidades tradicionais

Para a produção do mapa pictórico, os estudantes podem agrupar as carteiras da sala de aula para formar uma grande “mesa” de trabalho, na qual os grupos reunidos possam compartilhar informações e os materiais a serem utilizados. Após esse momento, é importante que os grupos retomem as fichas-síntese desenvolvidas ao longo do projeto e, de acordo com as orientações das páginas 198 e 199, selecionem os elementos que gostariam de inserir no mapa, criando então os desenhos e símbolos relacionados aos povos e às comunidades tradicionais pesquisadas.

Após esse momento, é desejável que eles compartilhem os elementos pictóricos entre os grupos, analisando com-

ponentes que podem estar presentes por todo o mapa e outros relacionados às características mais específicas de cada região ou comunidade, por exemplo.

Depois, eles irão desenvolver a composição completa do mapa, compartilhando os materiais utilizados. É sempre importante estimular o diálogo e a mediação entre os grupos, para que o resultado seja valorizado por toda a turma.

> Avaliação

A proposta pretende que os estudantes avaliem o percurso de forma reflexiva e significativa. Após todo o itinerário de pesquisa, eles serão convidados a produzir símbolos sobre suas próprias culturas. Para ampliar a proposta, você pode questionar oralmente a turma sobre os aspectos que eles consideraram mais marcantes e também desafiadores no desenvolvimento do projeto. Além disso, pode finalizar com uma pergunta: “O que vocês têm em comum com os jovens das comunidades tradicionais estudadas?”.

> Páginas 200 e 201

> Autoavaliação

Essa atividade propõe uma reflexão sobre a conduta dos estudantes ao longo do desenvolvimento do projeto, não apenas avaliando o que é chamado de disciplina, mas a forma como eles reagiram a cada atividade proposta. O objetivo é mobilizar a autocrítica para que eles reflitam sobre seu percurso pessoal e identifiquem aspectos positivos sobre si, além de outros que necessitem de mudanças.

6 POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: QUEM SÃO? > TEMA INTEGRADOR: Protagonismo Juvenil

Objetivo que será desenvolvido no tema integrador:

A proposta pretende investigar os povos e as comunidades tradicionais do Brasil, mapeando a localização, o território, os modos de fazer desses povos e a relação que eles têm com a natureza.

Produto final: produção de um mapa pictórico

Competências gerais da BNCC: 1, 3, 7, 8 e 9

Competências específicas da BNCC: 1, 4, 5 e 6

Habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: EM13CHS104, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS601

ATIVIDADES PROPOSTAS NO DESENVOLVIMENTO DE CADA ETAPA	REALIZOU COM FACILIDADE	REALIZOU	REALIZOU COM DIFICULDADE	NÃO REALIZOU
Etapa 1 – Vamos começar				
Representando os povos tradicionais: Identificar em obras arte <i>naïf</i> elementos que representam os povos tradicionais e produzir símbolos que representam a cultura de jovens da comunidade dos estudantes.				
Território: vida: Observar e analisar fotografias de moradias de comunidades tradicionais para a introdução do tema.				
Povos tradicionais: vamos localizar?: Ler e identificar no mapa os povos e as comunidades tradicionais no Brasil.				

Etapa 2 – Saber e fazer				
Povos e comunidades tradicionais: quem são?: Ler e interpretar informações sobre o conceito de povos e comunidades tradicionais, e pesquisar as suas categorias.				
Os povos tradicionais e seus territórios: Conhecer e relacionar com a pesquisa os significados de território para os povos e as comunidades tradicionais.				
Direitos dos povos e das comunidades tradicionais: Conhecer e interpretar o decreto que estabelece direitos para essa população, relacionando-o à comunidade pesquisada.				
Viver e conviver em uma comunidade: Ler e interpretar relatos e textos sobre a vida de comunidades tradicionais no campo, na floresta e no mar, ampliar os conceitos correlatos e relacioná-los à comunidade pesquisada.				
Os jovens dos povos e das comunidades tradicionais: Conhecer e relacionar aspectos da realidade dos jovens de uma comunidade quilombola com a de pescadores artesanais.				
Desenhando o mapa do Brasil: Conhecer e analisar o gênero cartográfico mapa pictórico.				
Etapa 3 – Para finalizar				
Mapa pictórico: povos e comunidades tradicionais: Conhecer formas de mapear o modo de vida e as culturas dos povos tradicionais por meio de mapa pictórico coletivo, produzir e expor o produto.				
Orientações para aprimorar o desempenho:				

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMENTADAS

ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação**. São Paulo: Paulus, 2002.

- O autor propõe que a racionalidade e as relações humanas tenham como base não a troca individualista, mas a cooperação.

AGUIAR JÚNIOR, Orlando. **Mudança conceitual em sala de aula**: o ensino de ciências numa perspectiva construtivista. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

- A dissertação demonstra como a filosofia de Piaget pode incrementar o ensino de ciências.

ALVES, Maria Zenaide; HERMONT, Catherine. **Estratégias metodológicas de trabalho com jovens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (Cadernos temáticos). Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/colecao-cadernos-tematicos-estrategias-metodologicas-de-trabalho-com-jovens/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

- Caderno temático sobre a aprendizagem e o cotidiano do jovem, com foco em estratégias metodológicas de trabalho com esse público.

ARAÚJO, Ulisses. **Temas transversais, pedagogia de projetos e mudanças na educação**. São Paulo: Summus, 2014.

- A obra discute os temas transversais com vistas ao trabalho com projeto e a interdisciplinaridade.

AUSUBEL, David P. **Educational psychology**: a cognitive view. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

- Nesta obra, Ausubel, iniciador da teoria da aprendizagem significativa, propõe que os materiais e recursos didáticos devem se adaptar à estrutura cognitiva dos estudantes.

BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito**: conferências brasileiras. Tradução de: Emerson Xavier e Gilda Sodrê. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- O filósofo francês preconiza um novo conceito para a ideia de sujeito, que ressoa em áreas como a psicanálise, a política e a poesia.

BERBEL, Neusi A. Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan.-jun. 2011.

- O artigo aborda diferentes metodologias ativas e como elas promovem uma outra relação de ensino-aprendizagem.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 4 jan. 2020.

- Documento oficial que apresenta o currículo comum das escolas brasileiras.

BRASIL. Ministério da Educação. **Competências socioemocionais como fator de proteção à saúde mental e ao bullying**.

Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protacao-a-saude-mental-e-ao-bullying?highlight=WyJlc2NyaXRhIl0=>. Acesso em: 4 jan. 2020.

- Documento do governo federal que discorre sobre como as competências emocionais podem proteger a saúde mental e combater o bullying.

BRASIL. Ministério da Educação. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227009.html>. Acesso em: 8 ago 2018.

- Parceria entre o Ministério da Educação, a Unesco e a Universidade Federal de São Carlos para o desenvolvimento de conteúdos sobre a cultura africana e afro-brasileira.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio**: perguntas e respostas. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 17 fev. 2020.

- O texto apresenta perguntas e resposta sobre o Novo Ensino Médio.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB n. 3/2018 e Resolução CNE/CEB n. 3/2018). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, p. 49, 21 nov. 2018.

- A resolução do MEC atualiza as diretrizes curriculares para o Ensino Médio.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas (SEI). In: LONGHINI, Marcos Daniel (org.). **O uno e o diverso na educação**. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 253-566.

- O autor propõe reflexões e práticas sobre como propiciar ao estudante a oportunidade de se apropriar e dar significado à aprendizagem das ciências.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2011.

- A obra discute a dimensão ambiental como alicerce de práticas político-pedagógicas e de uma ética ecológica.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella (org.). **Metodologias ativas**: aprendizagem por argumentação científica. São Paulo: FTD, 2018.

- O livro é um compilado de diferentes metodologias ativas que podem ser utilizadas no cotidiano escolar.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. Interferência na leitura. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de

Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte, 2014.

- Definição do verbete “inferência na leitura”.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte.** São Paulo: Cortez, 2014.

- O texto discute o papel da arte na formação dos estudantes e como ensiná-la.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- A educação que se baseia na ética, no respeito à dignidade e na autonomia do estudante: essa a é a proposta da obra do eminente teórico da educação.

GAUTHIER, Clemon; TARDIF, Maurice. **A pedagogia:** teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2010.

- O livro traz uma nova visão, bem documentada, sobre a evolução das ideias e das práticas pedagógicas da Antiguidade até nossos dias.

GLASGOW, Neal A. **New curriculum for new times:** a guide to student-centered, problem-based learning. Thousand Oaks: Corwin Press, 1997.

- Para que a aprendizagem baseada na solução de problemas se realize, é preciso que os problemas tenham significação no mundo do estudante: esse o pressuposto que Glasgow apresenta nessa obra.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

- Livro que propõe novas relações de educação com base na colaboração dos diversos atores envolvidos na sala de aula, na escola e na comunidade.

LAMBROS, Ann. **Problem based learning in k-8 classrooms:** a teacher's guide to implementation. Thousand Oaks: Corwin Press, 2002.

- Manual prático da metodologia de aprendizagem baseada em problemas destinado ao educador.

LEITE, Laurinda; ESTEVES, Esmeralda. Ensino orientado para a aprendizagem baseada na resolução de problemas na licenciatura em ensino de Física e Química. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PBL. **Actas** [...]. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.

- Os autores discorrem sobre os desafios de aprendizagem nas áreas de Física e Química.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto; MORALES, Ofelia E. Torres (org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania:** aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. p. 15-33.

- Artigo sobre o uso de metodologias ativas dentro das escolas, abordando modelos educacionais mais inovadores.

NEVES, Iara C. Bitencourt *et al.* (org.). **Ler e escrever:** compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

- O livro é uma coletânea de textos que propõe a integração de conteúdos e a realização de tarefas que agreguem professores de diferentes áreas do conhecimento.

PELOGGIA, Alex. **A literatura no caminho da História e da Geografia:** práticas integradas com a Língua Portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.

- A obra é um compilado de práticas integradoras entre as áreas de Língua Portuguesa, História e Geografia.

PIAGET, Jean. **Fazer e compreender.** São Paulo: Edusp, 1978.

- O autor busca compreender questões relacionadas ao saber e os desafios do conhecimento em escala mundial.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

- O livro é um clássico da pedagogia e se concentra em analisar a relação entre pedagogia e psicologia.

POZO, Juan Ignacio; POSTIGO, Yolanda; CRESPO; Miguel Ángel G. Aprendizaje de estrategias para la solución de problemas en ciencias. **Alambique. Didáctica de las Ciencias Experimentales,** Barcelona, n. 5, ano 2, p. 16-26, jul. 1995.

- O artigo mapeia formas de aprendizagem e propõe estratégias para a aplicabilidade de diferentes aspectos científicos na sala de aula.

RUÉ, Joan. **O que ensinar e por quê:** elaboração e desenvolvimento de projetos de formação. São Paulo: Moderna, 2003.

- O autor discorre sobre os motivos que levam os professores a escolher determinados conteúdos e oferece sugestões de como selecioná-los antes de repassá-los aos alunos.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino fundamental:** ciclo II – Geografia. São Paulo, 2007.

- Documento produzido pela Secretaria de Educação da cidade de São Paulo para orientar o ensino de Geografia no Ensino Fundamental (ciclo II).

SENAC. **Projeto integrador.** Rio de Janeiro: 2015. Disponível em: http://www.am.senac.br/anexos/modelopedagogico/4_Projeto_Integrador.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

- O texto apresenta a metodologia dos projetos integradores desenvolvidos pelo Senac, descreve as etapas de sua elaboração e aponta possibilidades de como formulá-los.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Trad. Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

- O livro faz um compilado de diferentes práticas educativas e reflete sobre a relação entre ensino e aprendizagem.

Referências por projetos

PROJETO 1 Sustentabilidade: que ações contribuem?

16 DICAS de como compartilhar projetos educacionais. **Porvir**, 2016. Disponível em: <https://porvir.org/16-dicas-de-como-compartilhar-um-projeto/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

- O site apresenta 16 dicas importantes de como compartilhar projetos educacionais.

A HISTÓRIA pouco conhecida da Pequena África na zona portuária do Rio de Janeiro. **RioOnWatch**. Disponível em: <https://riononwatch.org.br/?p=20172>. Acesso em: 18 jan. 2020.

- O tema da matéria jornalística é a relação entre escravidão, a cidade do Rio de Janeiro e a zona portuária.

BOAS Práticas. **Programa Cidades Sustentáveis**, 2020. Disponível em: www.cidadessustentaveis.org.br/boaspraticasinicial. Acesso em: 15 jan. 2020.

- A plataforma elenca políticas públicas que contribuíram com melhorias, em relação à sustentabilidade, em diferentes cidades do Brasil e do mundo.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2017.

- O livro aborda o conceito de sustentabilidade e propõe iniciativas que visam promover o desenvolvimento sustentável.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Juventude e Meio Ambiente**. 2. ed. Brasília, DF, 2015. Disponível em: www.mma.gov.br/images/arquivos/responsabilidade_socioambiental/juventude/2edicao_RevistaJuventude.pdf. Acesso em: 16 jan. 2020.

- A revista é uma publicação organizada por jovens estudantes e trata, sobretudo, de assuntos relacionados ao meio ambiente.

CAMARGO, Suzana. Greta Thunberg está na lista da *Time* das 15 mulheres que lideram a luta contra as mudanças climáticas. **Conexão Planeta**, 30 set. 2019. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/greta-thunberg-esta-na-lista-da-time-das-15-mulheres-que-lideram-a-luta-contra-as-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

- O texto apresenta diversas mulheres que atuam na defesa de questões ambientais.

CAROLINA Marcelino, pesquisadora da UFRJ, recebe Prêmio Marie Curie da União Europeia por gerar energia sustentável usando inteligência artificial. **Para Mulheres na Ciência**, 23 dez. 2019. Disponível em: www.paramulheresnaciencia.com.br/noticias/carolina-marcelino-pesquisadora-da-ufjr-recebe-premio-marie-curie-da-uniao-europeia-por-gerar-energia-sustentavel-usando-inteligencia-artificial/. Acesso em: 14 jan. 2020.

- A matéria apresenta o trabalho de Carolina Marcelino, pesquisadora da UFRJ, que desenvolveu um projeto que usa inteligência artificial para gerar energia elétrica sustentável.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Rascunho de família**. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

- A história de um casal que trabalha como catador em um aterro sanitário é o pano de fundo deste livro, que aborda questões como sustentabilidade, consumo e outros problemas das cidades brasileiras.

CARVALHAL, Andre. Consumo consciente é um processo de corresponsabilidade. **Carta Capital**, 18 out. 2019. Disponível em: www.cartacapital.com.br/opiniaio/consumo-consciente-e-um-processo-de-corresponsabilidade. Acesso em: 17 jan. 2020.

- O artigo reflete sobre os impactos da produção e do consumo no mundo atual.

GOOGLE ARTS AND CULTURE. **Museu do Amanhã**. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-do-amanha%C3%A3?hl=pt>. Acesso em: 16 jan. 2020.

- A plataforma disponibiliza diversos materiais do Museu do Amanhã relacionados aos seres humanos e sua relação com o planeta.

INSTITUTO AKATU. Disponível em: www.akatu.org.br. Acesso em: 31 jan. 2020.

- O site elenca uma série de ações para promover o consumo consciente.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- O livro aborda a relação dos seres humanos com os demais seres do planeta, propondo uma resignificação dessa relação e apontando possibilidades para uma convivência mais harmoniosa.

LEGAN, Lucia. **Criando habitats na escola sustentável**: livro de Educador. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Pirenópolis: Ecocentro IPEC, 2009. Disponível em: <http://livraria.imprensaoficial.com.br/media/ebooks/12.0.813.702.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

- O livro traça estratégias e aponta possibilidades para trabalhar a permacultura no ambiente escolar.

MUSEU DO AMANHÃ. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br>. Acesso em: 31 jan. 2020.

- O site traz informações sobre o Museu do Amanhã e matérias sobre diferentes temas.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **5 razões para você se inscrever no prêmio Jovens Campeões da Terra**. Brasília, DF, 30 jan. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/ONU-5-razoes-para-voce-se-inscrever-no-premio-jovens-campeoes-da-terra>. Acesso em: 14 jan. 2020.

- Página da ONU Brasil sobre o prêmio Jovens Campeões da Terra, que celebra e apoia indivíduos com idade entre 18 e 30 anos que tenham um grande potencial para criar um impacto ambiental positivo.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

- O livro aborda o conceito de avaliação e suas implicações.

PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental e sustentabilidade**. São Paulo: Manole, 2014.

- Educação ambiental e sustentabilidade são os temas norteadores desta obra que busca promover alternativas para a construção de um futuro mais sustentável.

PRÊMIO JOVEM CIENTISTA. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2018/pjc/webaulas-guia.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

- A plataforma apresenta informações sobre o Prêmio Jovem Cientista e traz um guia metodológico para desenvolver um

PROJETO 2 Escravidão: somos livres?

A HISTÓRIA da saúde dos trabalhadores. **Portal Educação**, [201?]. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/a-historia-da-saude-dos-trabalhadores/29328>. Acesso em: 29 jan. 2020.

- O texto aborda questões relacionadas à saúde do trabalhador ao longo da história.

BOLOGNESI, Luiz. **Meus heróis não viraram estátua**. São Paulo: Ática, 2012.

- O livro apresenta diversas contradições e conflitos ao longo da História do Brasil.

CAMISASSA, Mara. História da Segurança e Saúde no Trabalho no Brasil e no mundo. **Gen Jurídico**, 23 mar. 2016. Disponível em: <http://genjuridico.com.br/2016/03/23/historia-da-seguranca-e-saude-no-trabalho-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

- O texto apresenta a história da segurança e saúde do trabalhador no Brasil e em outras regiões do mundo.

COMO a lei brasileira define o trabalho análogo ao escravo. **Conectas**, 5 ago. 2019. Disponível em: www.conectas.org/noticias/como-a-lei-brasileira-define-o-trabalho-analogo-ao-escravo. Acesso em: 22 jan. 2020.

- O tema deste artigo é o trabalho análogo ao escravo sob o prisma da lei.

FRIAS JÚNIOR, Carlos Alberto da Silva. **A saúde do trabalhador no Maranhão**: uma visão atual e proposta de atuação. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://portaldesites.iciet.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/friasjrcasm/capa.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

- No capítulo 2 da dissertação, o autor traça um histórico da saúde do trabalhador, desde a Antiguidade até os dias atuais.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

- O livro aborda a questão da diáspora africana no Atlântico e suas peculiaridades.

GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares**. São Paulo: Contexto, 2005.

- O livro conta a história do mais duradouro quilombo da história do Brasil.

IGNACIO, Julia. Tráfico de pessoas: como é feito no Brasil e no mundo?. **Politize!**, 22 mar. 2018. Disponível em: www.politize.com.br/trafico-de-pessoas-no-brasil-e-no-mundo/. Acesso em: 22 jan. 2020.

- O texto apresenta informações sobre o tráfico de pessoas no Brasil e no mundo.

KOUTSOUKOS, Sandra S. Machado. Amas na fotografia brasileira da segunda metade do século XIX. **Unicamp Studium**,

trabalho de pesquisa e elaborar um projeto científico.

SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- O livro aborda questões interessantes sobre a ética, por meio de uma conversa entre pai e filho.

nov. 2007. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/index.html. Acesso em: 22 jan. 2020.

- O artigo aborda como as escravas amas de leite foram retratadas nas fotografias do século XIX.

MANENTI, Caetano. Lista com nomes de navios negreiros escancara cinismo dos comerciantes de seres humanos no Oceano Atlântico. **Geledés**, 24 abr. 2015. Disponível em: www.geledes.org.br/lista-navios-negreiros-cinismo-comerciantes-seres-humanos-oceano-atlantico/. Acesso em: 22 jan. 2020.

- O artigo trata da travessia que os africanos faziam pelo Atlântico, nos navios negreiros, até chegar aos mercados de escravos.

MARQUES, Lorena de Lima. Diáspora africana, você sabe o que é?. **Fundação Cultural Palmares**, 20 fev. 2016. Disponível em: www.palmares.gov.br/?p=53464. Acesso em: 19 jan. 2020.

- A plataforma apresenta diferentes elementos da diáspora e as implicações desse processo em diferentes temporalidades.

MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- Conjunto de textos escritos pela poeta Cecília Meireles.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- O texto aborda o conceito de liberdade para a escritora Cecília Meireles.

NEUMANN, Eduardo. Trabalho na América espanhola: salário, servidão e escravidão. **ANPHLAC-FFLCH-USP**, [201?]. Disponível em: <http://anphlac.fflch.usp.br/trabalho-america-espanhola-apresentacao>. Acesso em: 23 jan. 2020.

- O texto trata do trabalho durante a colonização da América espanhola.

O BRASIL do cordel, rap e repente. **OERJ**, 17 nov. 2012. Disponível em: <https://oestadorj.com.br/brasil-do-cordel-rap-e-repente/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

- O texto traça as diferenças e similaridades entre cordel, rap e repente.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

- A obra busca descortinar a presença da mulher ao longo da História.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- O livro é uma compilação de textos sobre o movimento operário, as mulheres e o sistema carcerário na França.

SANTOS, Luiz Carlos *et al.* (org.). **Antologia da poesia negra brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

- Uma coletânea que reúne textos escritos por poetas negros que tratam de diferentes temas.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- O livro descreve como os escravos eram fotografados e anunciados em jornais na cidade de São Paulo, no final do século XIX.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flavio dos Santos (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- O livro reúne verbetes escritos por diferentes pesquisadores que tratam dos africanos e afrodescendentes no Brasil.

SOARES, Bernardo. Fragmento 317. In: PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- Clássico da literatura mundial, o livro reúne uma série de textos escritos por Fernando Pessoa.

SOUZA, Daiane. Comunidades quilombolas: conceito, autodefinição e direitos. **Fundação Cultural Palmares**, 12 abr. 2012. Disponível em: www.palmares.gov.br/?p=19099. Acesso em: 21 jan. 2020.

- O texto traça um histórico das comunidades quilombolas e os seus desafios no momento atual.

PROJETO 3 Refugiados: como vivem no Brasil?

A VIAGEM de Khalid: uma jornada perigosa – A história real da transformação de um sírio ‘ocidental’ em refugiado na Europa. **TAB UOL**, n. 56, 2015. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/jornada-siria-europa-1/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

- HQ sobre refugiados sírios que fugiram da guerra e chegaram ao Brasil.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

- O texto aborda a questão da xenofobia em diferentes regiões do mundo contemporâneo e propõe medidas para superar a rejeição ao “outro”.

BORGES, Nina. Eu nunca imaginei que iria viver no Brasil. **UNHCR/ACNUR**, 19 set. 2018. Disponível em: www.acnur.org/portugues/2018/09/19/eu-nunca-imaginei-que-iria-viver-no-brasil/. Acesso em: 28 jan. 2020.

- Relato de uma refugiada síria sobre sua vida no Brasil.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em números**. 4. ed. Brasília, DF, 23 jul. 2019. Disponível em: www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_verse%CC%83o-23-de-julho-002.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

- Dossiê que traz diferentes informações sobre os refugiados que vivem no Brasil.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas – 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

- O livro trata dos exilados e expatriados desde a chegada dos europeus às Américas até o período contemporâneo.

CANVA. Disponível em: www.canva.com/pt_br/criar/painel/sala-de-aula/. Acesso em: 29 jan. 2020.

- O site apresenta informações relevantes sobre como elaborar um painel para ser usado em sala de aula.

CARNEIRO, Júlia; SOUZA, Felipe; TEIXEIRA, Fabio. Fugindo da

SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

- O livro trata das culturas africana e afro-brasileira no Brasil, desde o início da colonização até os dias atuais.

WILD, Bianca. Etnocentrismo, estereótipos, estigmas, preconceito e discriminação. **Geledés**, 18 out. 2013. Disponível em: www.geledes.org.br/etnocentrismo-estereotipos-estigmas-preconceito-e-discriminacao/. Acesso em: 21 jan. 2020.

- O artigo aborda questões sobre gênero, religião e raça.

XAVIER, Igor G. O que é *slam*? Poesia, educação e protesto. **PROFS Educação**, 12 nov. 2019. Disponível em: www.profseducao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/. Acesso em: 23 jan. 2020.

- O texto apresenta o *slam* e suas características.

YERUSHALMI, Yosef Hayim *et al.* **Usos do esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

- O livro é uma coletânea de textos que trata da memória, da história e de outros assuntos relacionados ao esquecimento.

guerra, congoleses enfrentam violência, racismo e desemprego para recomeçar no Brasil. **BBC Brasil**, 30 jul. 2018. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-44893024. Acesso em: 28 jan. 2020.

- A matéria apresenta os desafios enfrentado por refugiados congoleses no Brasil.

COMO é ser refugiado em um país de herança escravocrata como o Brasil? **Missão Paz**, 25 jun. 2018. Disponível em: www.missaonspaz.org/noticias/cpmm/25-06-2018/como-ser-refugiado-em-um-pas-de-herana-escravocrata-como-o-brasil. Acesso em: 28 jan. 2020.

- O relato de uma refugiada congolesa sobre seu refúgio no Brasil.

CONHEÇA ONGs que apoiam migrantes e refugiados no Brasil e aceitam voluntários. **MigraMundo**, 28 ago. 2019. Disponível em: www.migramundo.com/conheca-ongs-que-apoiam-migrantes-e-refugiados-no-brasil-e-aceitam-voluntarios/. Acesso em: 28 jan. 2020.

- O site apresenta um conjunto de ONGs que prestam diferentes formas de assistência aos refugiados.

COTINGUIBA, Geraldo C.; COTINGUIBA, Marília L. P. Balanço e reflexões sobre a imigração haitiana no Brasil: um ensaio. **Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, v. 12, n. 12., p. 117-127, 2017. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Caderno-de-Debates-12_Ref%C3%B4gio-Migra%C3%A7%C3%B5es-e-Cidadania.pdf. Acesso em: 29 jan. 2020.

- O texto aborda a situação de imigrantes haitianos no Brasil.

FRANCESCO, Wagner. Por que devemos acolher os refugiados? Um debate sobre a globalização da fraternidade. **JusBrasil**, 2016. Disponível em: <https://wagnerfrancesco.jusbrasil.com.br/artigos/259249432/por-que-devemos-acolher-os-refugiados>. Acesso em: 29 jan. 2020.

- O artigo trabalha a questão da tolerância e da fraternidade em relação aos refugiados.

GENTILE, Paola. Um mundo de imagens para ler. **Nova Escola**, 1 abr. 2003. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1018/um-mundo-de-imagens-para-ler>. Acesso em: 27 jan. 2020.

- O artigo trabalha a cultura visual de leitura de imagens.

GRUJÓ, Danielle Porto S. O infográfico na sala de aula: uma experiência multimodal. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 8, n. 2, p. 372-380, 2018. Disponível em: www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2019/01/RELATO-6-372-380-O-infogr%C3%A1fico-na-sala-de-aula-uma-experi%C3%Aancia-multimodal.pdf. Acesso em: 4 fev. 2020.

- A matéria apresenta possibilidades de trabalhar infográficos na sala de aula.

IDOETA, Paula Adamo. De onde vêm as pessoas que pedem refúgio no Brasil – e qual a situação em seus países? **BBC**, 21 maio 2018. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-44177606. Acesso em: 27 jan. 2020.

- A matéria mapeia os países de origem dos refugiados que chegam ao Brasil e a situação política, econômica e social dos países de onde migraram.

MELLONE, Maurício. Xenofobia é crime. **Instituto Adus**, 15 ago. 2019. Disponível em: www.adus.org.br/xenofobia-e-crime/. Acesso em: 28 jan. 2020.

- O texto explica o que é xenofobia e destaca que essa prática discriminatória é um crime previsto em lei.

NOGUEIRA, Rafael. O direito internacional dos refugiados e os direitos humanos. **Direito Diário**, 3 ago. 2017. Disponível em: <https://direitodiario.com.br/o-direito-internacional-dos-refugiados-e-os-direitos-humanos/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

- O texto aborda o direito dos refugiados e os relaciona com as questões dos direitos humanos.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Mais de 40% dos refugiados no Brasil dizem ter sofrido discriminação, revela pesquisa**. Brasília, DF, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-40-dos-refugiados-no-brasil-dizem-ter-sofrido-discriminacao-revela-pesquisa/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

- O texto apresenta uma pesquisa que revela a discriminação sofrida por refugiados no Brasil.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OMI). **Glossário sobre migração**, n. 22. Genebra, 2009. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

- A publicação reúne diversos verbetes sobre migrações.

PEDUZZI, Pedro. Brasil já reconheceu mais de 11 mil refugiados até 2018, diz Conare. **EBC**, 25 jul. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-07/brasil-ja-reconheceu-mais-de-11-mil-refugiados-ate-2018-diz-conare>. Acesso em: 27 jan. 2020.

- Matéria jornalística que sintetiza informações importantes sobre os refugiados no Brasil.

PEREZ, Francisco; MOREIRA, Mônica; PIMENTA, Vânia. Se fosse um refugiado, o que levaria na mochila? **JPN**, 6 abr. 2016. Disponível em: <https://jpn.up.pt/2016/04/06/fose-um-refugiado-levaria-na-mochila/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

- Campanha lançada em escolas portuguesas para sensibilizar os estudantes sobre a questão dos refugiados.

RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. In: WERNECK, Humberto. (org.). **Bom dia para nascer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 121-122.

- O livro reúne um conjunto de crônicas, entre elas a de Otto Lara Resende, que trata das coisas que não vemos no cotidiano.

SÉRIE de fotos emocionantes retrata o que refugiados de guerras estão levando consigo de suas casas. **Hypeness**, set. 2015. Disponível em: www.hypeness.com.br/2015/09/serie-de-fotos-emocionante-retrata-o-que-refugiados-de-guerras-estao-levando-consigo-de-suas-casas/. Acesso em: 27 jan. 2020.

- A matéria apresenta depoimentos e fotos de refugiados.

SOUSA, Suzyanne V. M. O conceito de refugiado: historicidade e institucionalização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30. **Anais** [...]. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554764413_ARQUIVO_HISTORICIDADEDOCONCEITODEREFUGIADO_ANPUH-RECIFE.pdf. Acesso em: 4 jan. 2020.

- O texto aborda o conceito de refugiado e sua historicidade ao longo da história.

UNHCR/ACNUR. Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

- O site reúne diversas informações que dão suporte aos refugiados que vivem no Brasil.

UNHCR/ACNUR. **Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil**: subsídios para elaboração de políticas. Genebra, 2019. Disponível em: www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Pesquisa-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-Refugiados-ACNUR.pdf. Acesso em: 27 jan. 2020.

- Relatório com dados sobre o perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil.

ZYLBERKAN, Mariana. Vida de refugiado: por uma segunda chance. **TAB UOL**, n. 45, 2015. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/refugiados/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

- A página interativa apresenta questões relacionadas à vida dos refugiados na atualidade.

PROJETO 4 Estatuto da Juventude: por que precisamos conhecer?

7 APLICATIVOS para criação de mapa mental. **Mapa Mental**, 2020. Disponível em: www.mapamental.org/mapas-mentais/7-aplicativos-para-criacao-de-mapa-mental. Acesso em: 26 jan. 2020.

- Página com indicação de sete aplicativos para criação de mapa mental.

ANISTIA INTERNACIONAL BRASIL. **#JuventudePoderAção** – Jovens que estão mudando o mundo e você precisa conhecer! (pt. 1). *Blog*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://anistia.org.br/juventudepoderacao-jovens-que-estao-mudando-o-mundo-e-que-voce-precisa-conhecer-pt-1/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

- Página com depoimentos de jovens ativistas pelos direitos humanos em seus respectivos países.

ASSOCIAÇÃO JOVEM DE ITAPAJÉ. **Cartilha de (in)formação sobre o Estatuto da Juventude**. Itapajé, 26 nov. 2013. Disponível em: https://issuu.com/associacaojovemdeitapaje/docs/cartilha_de_in_forma_o_sobre_o_. Acesso em: 27 jan. 2020.

- Cartilha de divulgação entre os jovens dos direitos do Estatuto da Juventude.

BRASIL. Fundação Nacional do Índio (Funai). **Terras indígenas**: o que é?. Brasília, DF, [2019?]. Disponível em: www.funai.gov.br/index.php/nossas-aco-es/demarcacao-de-terras-indigenas?start=2#. Acesso em: 26 jan. 2020.

- Página do *site* da Fundação Nacional do Índio (Funai) que mostra a missão e as ações da política indigenista do Estado brasileiro.

CORBETT, Claudia. Jovens protagonistas criam *rap* em defesa dos seus direitos. **Fundação FEAC**, 24 fev. 2017. Disponível em: www.feac.org.br/jovens-protagonistas-criam-rap-em-defesa-dos-seus-direitos. Acesso em: 26 jan. 2020.

- Matéria jornalística que aborda o *rap* coletivo composto por 25 jovens sobre a violação dos seus direitos e apresentado no 4º Encontro de Juventudes de Campinas (SP).

GONÇALVES, Albertino. Idades da vida. **Tendências do Imaginário**, 23 dez. 2016. Disponível em: <https://tendimag.com/2016/12/23/as-idades-da-vida>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Artigo que trata da adolescência e da juventude, “fases da vida” de limites não muito exatos.

IANDONI, Rafael; PIMENTEL, Matheus. Estatuto da Criança e do Adolescente: um avanço legal a ser descoberto. **Nexo**, 2 abr. 2018. Disponível em: www.nexojournal.com.br/explicado/2018/04/02/Estatuto-da-Crian%C3%A7a-e-do-Adolescente-um-avan%C3%A7o-legal-a-ser-descoberto. Acesso em: 25 jan. 2020.

- O artigo recupera o contexto histórico da criação do ECA e destaca os direitos contemplados no documento.

IBGE EDUCA. **Conheça o Brasil** – População: pirâmide etária. Rio de Janeiro, [2019?]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Portal do IBGE sobre a demografia brasileira, com dados de natalidade, idade média da população, envelhecimento e outros.

IBGE EDUCA. **Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, [2019?]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html#subtitulo-0>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Indicadores sobre questões de gênero, desigualdade e o cenário atual dos direitos das mulheres brasileiras.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília, DF; Rio de Janeiro; São Paulo, 2020. Disponível em: www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/6537-atlas2019.pdf. Acesso em: 24 jan. 2020.

- O **Atlas da Violência** mapeia os indicadores da violência no Brasil, identificando os grupos sociais que mais sofrem seu efeito.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira (org.). **Juventude e trabalho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (Cadernos temáticos).

Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/colecao-cadernos-tematicos-juventude-e-trabalho>. Acesso em: 26 jan. 2020.

- Caderno com reflexões e atividades didáticas sobre o tema “juventude e trabalho”.

LEFFA, Lisiane Molina. Ocupação das escolas no Brasil: uma origem, a cadeira e outras dobras na ilha de papel. **Jornal GGN**, 9 out. 2017. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/movimentos-sociais/ocupacao-das-escolas-no-brasil-uma-origem-a-cadeira-e-outras-dobras-na-ilha-de-papel-por-lisiane-molina-leffa>. Acesso em: 1 fev. 2020.

- O artigo reconstrói o movimento dos jovens secundaristas na ocupação das escolas públicas, entre 2015 e 2017.

MELO, Marcia Cristina H.; CRUZ, Gilmar de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/22222>. Acesso em: 26 jan. 2020.

- Artigo sobre a roda de conversa como metodologia para uma comunicação dinâmica e produtiva entre estudantes adolescentes e professores no Ensino Médio.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2004.

- Livro com o ponto de vista de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento sobre o jovem brasileiro nos âmbitos de educação, trabalho, família, direitos e políticas públicas, violência e questões ambientais.

O QUE é demografia? **Observatório Juventude C&T**, 2013-2014. Disponível em: www.juventudect.fiocruz.br/categoria-ciencia/ciencias-sociais-aplicadas/demografia. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Página com informações sobre o que é demografia, seus principais pensadores, especializações, áreas de atuação profissional, onde estudar, entre outros dados.

O QUE é preciso para exercer bem os direitos de cidadania. **Rede Mobilizadores**, 1 ago. 2016. Disponível em: www.mobilizadores.org.br/entrevistas/o-que-e-preciso-para-exercer-bem-os-direitos-de-cidadania. Acesso em: 24 jan. 2020.

- A juíza Luciana Leal Halbritter, da Escola Livre de Direito, explica princípios e conceitos de cidadania.

OLIVEIRA, Regiane. Estudante brasileiro sofre *bullying*, é mais solitário e admite problemas de indisciplina nas escolas. **El País**, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2019-12-03/estudante-brasileiro-sofre-bullying-e-mais-solitario-e-admite-problemas-de-indisciplina-nas-escolas.html>. Acesso em: 25 jan. 2020.

- A reportagem mostra dados sobre *bullying* e indisciplina e aspectos sobre bem-estar entre os estudantes brasileiros avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes 2018 (Pisa 2018).

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, n. 1, p. 1-17, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1203#quotation>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- O artigo acompanha a formação do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais e levanta questões atuais sobre o assunto.

PINSKY, Jaime (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

- Coletânea de artigos de especialistas de diferentes áreas da História sobre a luta pela cidadania nos diferentes períodos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Legislação. **Conceitos**, 2012. Disponível em: <https://legislacao.ufsc.br/conceitos>. Acesso em: 25 jan. 2020.

- Página da Universidade Federal de Santa Catarina que apresenta conceitos como lei, estatuto, regimento, portaria e resolução.

WERNECK, Gustavo. Com 20 em 2020: jovens nascidos em 2000 falam sobre o desafio de construir o futuro. **Jornal Estado de Minas**, 1 jan. 2020. Disponível em: www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/01/01/interna_gerais,111506/jovens-nascidos-em-2000-falam-sobre-o-desafio-de-construir-o-futuro.shtml. Acesso em: 23 jan. 2020.

- Reportagem sobre os sonhos e as dúvidas dos nascidos no ano 2000 – jovens que, em 2020, completaram 20 anos.

PROJETO 5 Rádio: como envolver a comunidade?

ARAÚJO, Ed Wilson F. O rádio debate a cidade: a participação dos ouvintes nos programas jornalísticos das emissoras AM em São Luís. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 7. **Anais** [...]. São Luís: UFMA, 2015. Disponível em: www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo5/o-radio-debate-a-cidade-a-participacao-dos-ouvintes-nos-programas-jornalisticos-das-emissoras-am-em-sao-luis.pdf. Acesso em: 2 jan. 2020.

- Análise sobre a participação dos jovens na programação de rádio.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (Abert). **Rádio: credibilidade, resultado e união nacional**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: www.abert.org.br/web/plano/Ra%CC%81dio_Credibilidade_Resultado_e_Unia%CC%83o_Nacional.pdf. Acesso em: 2 jan. 2020.

- Documento produzido pela Abert sobre o rádio no Brasil, seu consumo, destaques e outros dados.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO (Acaert). **Ibope Media divulga infográfico que detalha consumo de rádio no Brasil**. Florianópolis, 5 ago. 2015. Disponível em: www.acaert.com.br/ibope-media-divulga-infografico-que-detalha-o-consumo-de-radio-no-brasil#.XjbyWY7YqIc. Acesso em: 2 jan. 2020.

- Matéria sobre o consumo detalhado de rádio no Brasil em 2014.

CARVALHO, Paula Marques. Rádio na internet: um espaço de experimentação, educação e comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30. **Anais** [...]. Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1194-1.pdf. Acesso em: 1 fev. 2020.

- Artigo sobre as especificidades do novo meio resultante do diálogo do rádio com a internet, abordando suas potencialidades e as possibilidades que surgem dessa nova configuração.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

- Artigo que faz um panorama histórico dos conceitos de indústria cultural e *mass media*, dos pensadores que se debruçaram sobre o tema e dos impactos dessa indústria sobre a sociedade na era da informação.

GIRARDI, Ilza; JACOBUS, Rodrigo (org.). **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Ideias, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012420.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2020.

- Cartilha que conta a história das rádios comunitárias e apresenta um passo a passo para sua implementação.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

- O autor, estudioso norte-americano de mídias, analisa as mudanças nas formas de produzir e consumir conteúdos midiáticos e como as mídias antigas e novas convivem.

LIMA, Carlos A. Mendes de. Como implementar rádio escolar: sua escola antenada nas ondas da comunicação. *In*: LIMA, Carlos A. Mendes de. **Guia de implementação de projeto rádio escolar**. São Paulo: SME, 2006. Disponível em: www.usp.br/nce/manual/paginas/manual1.pdf. Acesso em: 2 fev. 2020.

- Cartilha da Prefeitura Municipal de São Paulo sobre como implementar programas de rádio em escola.

LUZ, Dioclécio. A saga das rádios comunitárias no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 8. **Anais** [...]. Guarapuava: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2011. Disponível em: www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/a%20saga%20das%20radios%20comunitarias.pdf/view. Acesso em: 2 fev. 2020.

- O artigo discorre sobre a história de luta e resistência das rádios comunitárias da clandestinidade à legalidade e o papel social que desempenham.

PODCAST ou rádio escolar: qual utilizar com seus alunos? **Sophia**, 2 abr. 2019. *Blog*. Disponível em: www.sophia.com.br/blog/gestao-escolar/podcast-ou-radio-escolar-qual-utilizar-com-seus-alunos. Acesso em: 2 fev. 2020.

- Texto que apresenta esses dois meios de comunicação como opção de canal de compartilhamento de informação entre os estudantes.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2012.

- O livro traça um panorama sobre a história do rádio no Brasil.

SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil** – República: da *Belle Époque* à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

- Volume da coleção **História da vida privada no Brasil** que mostra o mundo em transformação nas primeiras décadas do século XX e o impacto dessas mudanças na vida cotidiana dos brasileiros, entre elas a chegada do rádio.

SILVA, Ramiro Gregório da. Rádio educativa: o que deve fazer e o que não pode fazer. **Caros Ouvintes**, Florianópolis, 2009. Disponível em: www3.carosouvintes.org.br/radio-educativa-o-que-deve-fazer-e-o-que-nao-pode-fazer/. Acesso em: 2 fev. 2020.

PROJETO 6 Povos e comunidades tradicionais: quem são?

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Corrêa. O lugar da vida – Comunidade e comunidade tradicional. **Campo-Território – Revista de Geografia Agrária**, v. 9, n. 18, p. 1-23, jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/27067>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Artigo sobre a territorialidade de povos tradicionais que amplia o conceito de comunidade.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Arte naif**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5357/arte-naif>. Acesso em: 28 jan. 2020.

- Enciclopédia virtual sobre artes visuais, literatura, teatro, cinema, dança e música. Verbetes “Arte naif”.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In: SALLUM JÚNIOR, Brasílio; SCHWARCZ, Lilia Moritz; VIDAL, Diana Gonçalves; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Identidades**. São Paulo: Edusp, 2016. p. 17-32.

- Artigo do pesquisador jamaicano Stuart Hall que discute aspectos da crise da identidade nacional, como as novas formas de “pertencimento” nos aspectos étnico, racial, linguístico e religioso.

LITTLE, Paul E. (2018). **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002. (Série Antropologia, 322). Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/territorios-sociais-e-povos-tradicionais-no-brasil-por-uma-antropologia-da>. Acesso em: 3 fev. 2020.

- Artigo que mostra como as rádios educativas podem ter como objetivo promover conteúdos educacionais e culturais, seus valores éticos, suas possibilidades e limites de ação.

TAVARES, Paulo C. Souza. **A rádio escola e a educomunicação** – Um espaço para a alteridade: através da educomunicação aprendendo a alteridade. Riga: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

- O autor constrói a relação entre educação, alteridade e cidadania sob a ótica da educomunicação e o auxílio da radiofonia escolar.

- Artigo do antropólogo Paul E. Little que aborda as relações históricas e as dinâmicas contemporâneas na disputa pela terra entre povos tradicionais e o restante da sociedade.

MELLATI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2014.

- Síntese de discussões sobre história, identidades indígenas, organização sociocultural e política dessa parcela da população brasileira.

PAULO, Paula Paiva. 650 mil famílias se declaram ‘povos tradicionais’ no Brasil; conheça os kalungas, do maior quilombo do país. **G1**, 29 out 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/10/29/650-mil-familias-se-declaram-povos-tradicionais-no-brasil-conheca-os-kalungas-do-maior-quilombo-do-pais.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Reportagem sobre o quilombo localizado em Goiás que inclui mapas e gráficos animados e vídeo sobre os kalungas.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL. Disponível em: <http://novacartografiasocial.com.br/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Coleção de artigos, fascículos, livros, mapas de cartografia social e outros materiais do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), que podem ser utilizados também pelos estudantes.

REDE CERRADO. Disponível em: <https://redecerrado.org.br/nossa-atuacao/defesa-de-povos-e-comunidades-tradicionais/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

- Site da Rede Cerrado que disponibiliza informações sobre povos e comunidades tradicionais do cerrado, entre eles quilombolas, extrativistas, comunidades de findo de pasto, vazanteiros, verezeiros e outros.

HI NO NACIONAL

Letra: Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Música: Francisco Manuel da Silva

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

ISBN 978-85-96-02759-5



9 788596 027595